





504

O BRASIL
E OS
BRASILEIROS

981
B823
Y 205

D. P. KIDDER e J. C. FLETCHER

O BRASIL E OS BRASILEIROS

(ESBOÇO HISTÓRICO E DESCRITIVO)

*

Tradução de ELIAS DOLIANITI

Revisão e Notas de EDGARD SÜSSEKIND DE MENDONÇA

*

1.^o VOLUME

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre
1941

Do original Norte-Americano:

BRAZIL AND THE BRAZILIANS
(PORTRAYED IN HISTORICAL AND DESCRIPTIVE
SKETCHES)

7.^a ed. — Childs and Peterson —
1867, Filadelfia E. U. A.

Ampliação da obra de Daniel Parrish Kidder

SKETCHES OF RESIDENCE AND
TRAVELS IN BRAZIL

1845 — Sorin and Ball — Filadelfia — 2 vols.

50-1686

ÍNDICE

Notas bio-bibliográficas	IX
Prefácio	XI
Prefácio da 6. ^a edição	XVII
Informações para quem vai ao Brasil	XXVII

CAPÍTULO I

A Baía do Rio de Janeiro — Reminiscências históricas — Primeira visão dos trópicos — Entrada da baía — Visão noturna: beleza e grandiosidade — Descrições de Gardner e Stewart — A capital do Brasil — Posição de destaque do Rio de Janeiro	1
--	---

CAPÍTULO II

Desembarque, Hotel "Pharoux" — Aspectos e sons novos — O Largo do Paço — Rua Direita — A Bolsa — Carregadores de café musicistas — Alfândega — Opinião do Governador Kent — O Correio — Aversão pelas novidades — Sr. José Maxwell — A Rua do Ouvidor — Flores de penas — Os ônibus — Ruas estreitas e regulamento de Polícia — Sugestão para aliviar Broadway — O Passeio Público — Polidês dos brasileiros — As "gôndolas" — Imperturbabilidade dos brasileiros — Falta de hotéis — Primeira noite no Rio	15
---	----

CAPÍTULO III

Descoberta da América do Sul; Pinzon — Cabral — Gonçalo Coelho, Américo Vespúcio — O nome de "Brasil" — Baía do Rio de Janeiro — Martim Afonso de Souza — Passada glória de Portugal — Colônia huguenote de Coligny — Primeiro pendão protestante desfraldado no Novo Mundo — Traição de Villegagnon — Lutas entre portugueses e franceses — Vitória dos portugueses — Fundação de São Sebastião — Cruel intolerância — Reflexões	44
---	----

CAPÍTULO IV

Primeiros tempos do Rio de Janeiro — Ataques dos franceses — Melhoramentos durante o governo dos Vice-Reis — Chegada da família real portuguesa — Rápidas transformações políticas — Partida de D. João VI, a realza nas mãos de D. Pedro — Descontentamento dos brasileiros — Proclamação da Independência — Aclamação de D. Pedro como Imperador	64
--	----

CAPÍTULO V

Os Andradas — Instruções imperiais — D. Pedro dissolve a Assembléa á força — A Constituição é redigida por Comissão Especial — Considerações sobre a Constituição de 1823 — Governo de D. Pedro I — Motivos de insatisfação — Agitação popular — Abdicação em favor de D. Pedro II	79
--	----

CAPÍTULO VI

Praia do Flamengo — Esplêndido panorama — Um homem que manda cortar uma palmeira — Noite de luar no Flamengo — Os “tigres” — Banhos de mar — O Morro da Glória — Cena noturna — Igreja da Glória — Fusão do Cristianismo com o Paganismo — Sermões em honra de Nossa Senhora — Festa da Glória — Ascensão ao Corcovado — O Pão de Açúcar	95
--	----

CAPÍTULO VII

Irmandades — Hospital de São Francisco de Paula — Santa Casa da Misericórdia — Hospital de Jurujuba — Casa dos Expostos — A nova Misericórdia — José de Anchieta — Igrejas e conventos	122
--	-----

CAPÍTULO VIII

Iluminação da cidade — Polícia — Jogo e loterias — Governo Municipal — Mendigos — Prisões — Escravidão — Em favor da liberdade — Os negros minas — Escravidão condenada	136
---	-----

CAPÍTULO IX

Religião — Tolerância dos brasileiros — Festas de igreja — O entrudo — Procissões — Semana Santa — Santa Preciliana — O cólera e as procissões	156
--	-----

CAPÍTULO X

Sentimento doméstico entre os brasileiros — A casa brasileira — A mulher brasileira — Os mercados — Alimentação diária — Diversões familiares — O menino brasileiro; sua educação — Instrução superior — O moço brasileiro — Os deveres do cidadão — Eleições — Partidos políticos — Estadistas brasileiros	178
---	-----

CAPÍTULO XI

Praia Grande e São Domingos — Ponta da Areia; Ingá — Os tatús — As faluas — O comércio brasileiro — Linhas de navegação para os Estados Unidos — Assistência religiosa aos marinheiros — O cemitério inglês — A Igreja Inglesa — A Tijuca — O Hotel Bennett — Cascatas — A Gávia — Jardim Botânico	210
--	-----

CAPÍTULO XII

O Campo de Santana — Abertura da Assembléa Geral — Recordando a História — A Regência — Maioridade de D. Pedro II — Coroação de D. Pedro II — Casamentos imperiais — Progresso do país	243
--	-----

CAPÍTULO XIII

O Imperador do Brasil — Visita a um navio mercante norte-americano — Exposição de produtos norte-americanos — Visita ao Imperador — Visita ao Palácio de São Cristóvão	268
--	-----

CAPÍTULO XIV

Literatura brasileira — Imprensa — Distribuição de Bíblias — Biblioteca Nacional — Museu Nacional — Academia Imperial de Belas Artes — Conservatório de Música — Associações: Instituto Histórico e Geográfico — Funcionalismo — Justiça	289
--	-----

CAPÍTULO XV

Clima do Brasil — Excursões — Santo Aleixo — Improviso de mestiço — Constância; Serra dos Órgãos — Barreira — A anta ou tapir — O javali — O “Vale Feliz” — O tucano — Os vagalumes — O iguana — Nova Friburgo — Café — Cantagalo — Petrópolis	308
--	-----

DADOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS

DANIEL PARRISH KIDDER — Missionario metodista. Considerado um dos pioneiros do Protestantismo no Brasil. A sua missão foi preparada pelo Rev. F. E. Pitts, que, na sua volta aos Estados Unidos, recomendou o Rio e Buenos Aires para sédes de missões. O Rev. Kidder, em companhia do seu colega o Rev. R. J. Spaulding, chegou ao Rio em 1836; demorou-se no Brasil alguns anos, tendo percorrido o Norte do país em 1837-38. Em 1842, por falecimento de sua Esposa no Rio de Janeiro, regressou aos Estados Unidos, onde, três anos depois, publicou a sua obra: "*Sketches of Residence and Travels in Brazil*" (ed. Sorin & Ball, Filadélfia, 1845), em 2 volumes, obra essa que, com seu assentimento, foi ampliada, refundida e atualizada pelo seu colega o Rev. James Cooley Fletcher e constitue a presente publicação. A primitiva obra de Kidder acaba de ser traduzida por Moacir N. Vasconcelos e editada na "Biblioteca Histórica Brasileira", Livraria Martins, São Paulo, com o título de "Reminiscências de viagens e permanência no Brasil".

JAMES COOLEY FLETCHER — Missionario metodista norte-americano. Nasceu em Indianapolis no ano de 1823. A sua missão evangélica no Brasil foi realizada entre os anos de 1851 e 1865, com interrupção entre 1854 e 55, em que esteve nos Estados Unidos. Fletcher dedicou-se também ao estudo de ciências naturais, tendo, na sua viagem pelo Amazonas, colhido material que enviou ao Prof. Agassiz e de que este se serviu para seus estudos ictiológicos e posteriores observações na mesma região. Durante a sua estada entre nós, em companhia de sua Esposa, conquistou influente círculo de relações, não só no seio da colônia inglesa e norte-americana (foi, por varias vezes, Secretario interino da legação dos Estados Unidos), como entre brasileiros de renome, a começar pelo próprio Imperador. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Posteriormente serviu como consul de seu país na cidade do Porto, de 1869 a 1873, indo depois, como missionario, para Nápolis. Sabe-se (segundo a publicação biográfica norte-americana "Who's who", 1890) que em 1877 ainda residia na sua cidade natal, Indianapolis. Por tal forma se irmanaram os co-autores da presente obra, nos propósitos comuns que animaram a alta missão religiosa e social que ambos empreenderam, que uma voz autorizada dentre os dignos continuadores de sua obra no Brasil proclama-os, a Kidder e Fletcher, como

devido “figurar sempre como pioneiros do Protestantismo no Brasil no século XIX”.

“O BRASIL E OS BRASILEIROS” — Segundo Alfredo de Carvalho (em sua obra “Escritores Exóticos no Brasil”), “Brazil and the Brazilians” é, “ainda hoje, nos Estados Unidos, senão o livro clássico, o mais vulgarizado sobre o nosso país”. Também Alexander Marchant (em “Handbook of Latin American Studies”, 1938) escreve que a obra de Kidder e Fletcher “é, em sua época, certamente, a mais importante obra americana sobre o Brasil”.

Edições: — 1.^a, 1857, Childs & Peterson, Filadélfia.

2.^a, 3.^a, 4.^a e 5.^a — 1858 a 1866, Childs & Peterson, Filadélfia, e Little, Brown, Boston, acresc. de um mapa do Brasil e outro da Baía do Rio de Janeiro por C. B. Colton.

6.^a — 1866 — Childs & Peterson, Filadélfia.

7.^a — 1867 — Childs & Peterson, Filadélfia.

8.^a — 1868 — Childs & Peterson, Filadélfia.

(José Carlos Rodrigues, em “Religiões Acatólicas no Brasil”, refere-se a 9 edições, e Alfredo de Carvalho, em “Escritores Exóticos no Brasil”, fala de 12 edições, não especificando datas).

E. S. M.

De Daniel P. Kidder, possui o Rev. H. C. Tucker um exemplar da obra.

De James C. Fletcher, cita Alfredo de Carvalho: “International relations with Brazil” (Proceedings on the reception of H. E. Senhor d’Azambuja, Envoy Extraordinary and Minister Plenipotenciary from Brazil”, New York, John Ammermann, 1865.

Em “Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano”, ns. 75 e 89 Alfredo de Carvalho publicou uma tradução dos “Sketches” de Kidder sob o título “Impressões de um Missionario Metodista em Pernambuco”.

As notas do tradutor vão no final de cada capítulo.

PREFACIO

A idéia que vulgarmente se faz do Brasil é, de certo modo, a que vem indicada na illustração ao lado. Rios caudalosos e florestas virgens, palmeiras e jaguares, cobras gigantes e crocodilos, macacos roncando e papagaios gritando, minas de diamante, revoluções e terremotos, são as partes componentes do quadro que nos pinta a imaginação. Não seria exagerado dizer que a grande maioria dos leitores está mais inteirada sobre a China e a Índia do que sobre o Brasil. Quão poucos sabem que existe, no



distante hemisferio meridional, uma estavel monarchia constitucional, uma florescente nação, que occupa um territorio de área maior que a dos Estados Unidos, e que os descendentes dos portuguezes occupam na America do Sul a mesma posição relativa que os descendentes dos inglezes na America do Norte. Quão poucos os protestantes que conhecem o fato de que, no territorio do Brasil, foi a religião protesitante pela primeira vez proclamada no Continente Occidental!

A presente obra () escrita por duas pessoas que têm vinte anos de experiência no Imperio do Brasil, pretende traçar um retrato fiel da historia do país, e, pela narrativa dos incidentes relacionados com as viagens empreendidas e durante a residencia dos autores na Terra de Santa Cruz, tornar conhecidos os costumes, os hábitos e o adiantamento do povo mais progressivo que vive ao sul do Equador.*

Si bem que ultimamente hajam sido publicados alguns "Itinerarios" relatando viagens que duraram poucos meses em varias regiões do Império, nenhuma obra de carater geral sobre o Brasil foi dada á luz da publicidade, na Europa ou America, após a publicação do "Esboço" do primeiro dos autores da presente obra D. P. Kidder, que foi muito favoravelmente recebido na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas que está há muito tempo fora do mercado.

Embora o presente volume seja o resultado de um trabalho comum, o desejo de maior uniformidade fez com que o primeiro dos autores entregasse ao segundo J. C. Fletcher a sua contribuição, permitindo que este usasse o seu nome na terceira pessoa do singular. A soma de trabalho devida a cada uma das duas penas é mais igual do que á primeira vista pode parecer.

(*) Ver nota no final dêste prefacio.

Os autores consultaram todas as obras importantes em francês, alemão, inglês e português, que lhes pudesse trazer esclarecimentos sobre a historia do Brasil, assim como varias memorias publicadas e discursos lidos perante a florescente "Sociedade Geografica e Historica" do Rio de Janeiro. Para os dados estatisticos, examinaram pessoalmente os arquivos do Imperio e das provincias, ou fizeram citações directas de publicações officiais.

Os autores têm a satisfação de declarar a sua dívida, em importantes contribuições, ao Conselheiro J. F. Cavalcanti de Albuquerque, Ministro Plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador do Brasil em Washington; ao Cavalheiro d'Aguiar, Consul-Geral do Brasil em Nova York; a S. Exc. o ex-Governador Kent, do Maine, e Fernando Coxe, Esq. de Filadelfia, estes dois ultimos ocupando alta posição diplomatica no Rio de Janeiro; ao Sr. J. U. Petit, magistrado, que foi consul numa das mais importantes provincias no Norte do Brasil; aos Srs. L. A. Cuddehy, (falecido) do Rio de Janeiro e ao Rev. H. A. Boardman, D. D., de Filadelfia. Tambem expressam a sua gratidão ao Sr. H. Bates, Dr. Thos. Rainey e a A. R. Egbert, M. D., pelas varias contribuições que vão no Apendice.

* * *

As numerosas illustrações, com poucas exceções, são ou desenhos ou vistas daguerreotypicas do natural. Foram fiel e cuidadosamente executadas pelos Srs. Van Ingen & Snyder, de Filadelfia. O mapa, que acompanha esta obra, elaborado pelos Srs. J. H. Colton & Cia., é um dos mais

perfeitos até agora publicados sobre um Imperio de que nunca foi feito um levantamento geografico. Em 1855, o segundo autor deste livro percorreu mais de três mil milhas do territorio brasileiro, fazendo correções naquele mapa durante o percurso; apresenta aqui seus sinceros agradecimentos ao Sr. João Lisboa, da Baía, que se devotou inteiramente á geografia de sua terra natal.

Em 1866, J. H. Colton & Cia. publicaram um gigantesco mapa do Brasil, obra de varios anos devida ao Sr. Rensberg, um dos principais litografos do Rio de Janeiro. Os Srs. Fleiuss, Irmãos, editores da "Semana Ilustrada", têm publicado varios mapas importantes no seu estabelecimento, o "Instituto Artistico Imperial" do Rio de Janeiro.

NOTA:

(*) Sobre a presente obra, pudemos colher as seguintes referências, que contêm também alusões á estada de seus autores no Brasil e fatos antecedentes:

"O primeiro missionario que veio ao Rio (da parte dos Metodistas) foi o Rev. F. E. Pitts, que também visitou Buenos Aires. De volta recomendou ambas as cidades para sede de missões. A Igreja Metodista fez, assim, a primeira tentativa no Rio em 1836, quando nos enviou dois de seus missionarios, os Revs. R. J. Spaulding e D. P. Kidder, que aqui estiveram alguns anos, desenvolvendo grande atividade. O segundo desses ministros, de volta aos Estados Unidos, publicou uma obra interessante sobre o nosso país, de que depois, aumentada pelo seu colega o Rev. James C. Fletcher, se tiraram nove edições.

"Aproveitaram-se da liberdade relativa de cultos em nosso país, garantida por D. João VI pelo Tratado de Comércio com a Inglaterra, em 1810...

"Parece que a propaganda dos Srs. Spaulding e Kidder foi bastante enérgica, não só pela pregação verbal como pelo derramamento de Biblias, Testamentos e tratados ou opúsculos religiosos, mostrando o que para eles eram erros da Igreja Católica. Também

da parte desta não houve muito escrúpulo em rebater essa propaganda, armando os preconceitos populares contra ela”.

JOSÉ CARLOS RODRIGUES — *Religiões Acatólicas no Brasil* (Memória do “Livro do Centenario” de 1900).

“Kidder e Fletcher hão de figurar sempre como pioneiros do Protestantismo entre nós no século passado”.

VICENTE THEMUDO — *Anais da Imprensa Evangélica Brasileira*.

“Pouco depois de ter estado em Pernambuco o botânico George Gardner (outubro de 1837), desembarcou no Recife o missionario norte-americano Daniel P. Kidder, em viagem de propaganda evangélica, cujos resultados, de mistura com abundantes notícias históricas e geográficas, informações sobre o estado da religião e da moral e pitorescos quadros de costumes, publicou, em 1845, em Filadélfia, sob o título de “Sketches of Residence an Travels in Brazil”.

ALFREDO DE CARVALHO — *Viajantes Ingleses em Pernambuco*.

“Fountain Elliot Pitts foi comissionado pela Junta de Missões a fazer uma viagem de investigação das condições religiosas na América do Sul e da conveniência de se estabelecer trabalho missionario nestes países. Partiu dos Estados Unidos nos meados do ano de 1835, na idade de 27 anos; celebrou cultos com pregações do Evangelho no idioma inglês no Rio de Janeiro e Buenos Aires... Em artigos publicados no “Expositor Christão” ns. 10, 11, 12 e 13 do ano de 1936, foram noticiados mais detalhadamente a vinda ao Brasil e á Argentina e os trabalhos dos Revs. Justin Spaulding, Daniel P. Kidder, John Dempster, J. F. Thompson e outros pioneiros que de 1836 em diante levaram avante a obra iniciada por Pitts”.

Celebração de quatro aniversários da Igreja Metodista em “Expositor Christão”, n.º 29 de 1936, artigo editorial escrito pelo Rev. H. C. THUCKER.

“...de 1835 a 1842, foi iniciado no Rio um trabalho metodista com a visita do Rev. F. E. Pitts e a estada dos Revs. Spaulding e Kidder, missionarios metodistas, o último dos quais fez viagens de propaganda de norte a sul, escrevendo um livro que alcançou muitas edições e larga circulação. Dez anos depois, fixou-se no Rio o Rev. James C. Fletcher, que era presbiteriano, mas empenhou-se na obra evangélica na antiga Côrte, sob os auspícios da União Christã Americana e Estrangeira e da Sociedade dos Amigos para os Marinheiros. Viveu no Rio de 1851 a 1854. Como o seu colega

Kidder, era homem de elevada cultura e teve ingresso nas altas rodas sociais. Por algum tempo foi secretario da legação americana. Frequentava o paço imperial e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Voltou ao Brasil em 1855 e fez diversas viagens de evangelização pelo interior e pelo litoral. Associou-se a Kidder nas novas edições da obra citada, que foi refundida, tornando-se Fletcher o principal narrador. As viagens de Kidder e Fletcher e sua convivência com personagens da alta roda social serviram até certo ponto para desbravar o terreno, ocupando eles o papel de precursores para surtos mais vigorosos, que iam ser produzidos no terreno da propaganda religiosa, por missionarios congregacionalistas, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais. Quando a missão de Fletcher se aproximava do seu termo, desembarcou no Rio de Janeiro, em 1855, o abnegado médico e missionario escocês, dr. Roberto Kalley... Coube ao dr. Kalley, que, por um tempo, residiu em Petrópolis, a missão de estabelecer o primeiro serviço sistemático de evangelização no país”.

VICENTE THEMUDO — *Anais da Imprensa Evangélica Brasileira*, em “Revista de Cultura Religiosa”, Mço. e Abr. de 1925.

PREFACIO DA 6.^a EDIÇÃO

A favoravel acolhida que tiveram as cinco edições anteriores da presente obra nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil, demonstra um interesse crescente pela maior e mais estavel das nações sul-americanas. Talvez que a illustração que acompanha o Prefacio da Primeira Edição não tenha mais hoje a sua razão de ser como ha dez anos passados, mas a verdade é que ainda impera a maior ignorancia a respeito do Brasil na Europa e na América do Norte. A presente edição dará uma boa idéa sobre o progresso moral e material do Brasil no decorrer dos últimos dez anos.

Si bem que varias obras recentemente publicadas a partir de 1857 tratem em particular de certas regiões do país, nenhuma outra em língua inglesa dá, como esta, uma visita geral do Brasil e dos brasileiros. No que concerne á vida política e social do Império, na medida em que ella se acha centralizada no Rio de Janeiro, a história e a descrição dos acontecimentos e dos negócios na capital exprimem em grande parte, o que se passa em todo o país. Em vista disso, o leitor é chamado a deter-se mais demoradamente na cidade em que reside o Imperador e o Parlamento realiza as suas sessões.

A partir de 1857, um dos autores da presente obra (J. C. F.) visitou o Brasil quatro vezes em anos diferentes, morando longo tempo no Rio de Janeiro, passando alguns dias em plantações e observando os successivos aspectos da escravidão no Brasil; realizando extensas viagens ao longo do litoral, e penetrando no interior. Em 1862, subiu o rio Amazonas até ás fronteiras do Perú, — mais de duas mil

milhas de percurso ao longo do rio mais maravilhoso do mundo.

Era intenção dos autores publicar uma nova edição em 1864, porem compromissos inesperados, neste e no ano seguinte chamaram o segundo dos autores ao Brasil e impediram a realização desse propósito, sendo, porem, de esperar que as vantagens de informes mais recentes hajam compensado, com vantagens, a demora involuntaria.

A experiência dos autores sobre as coisas do Brasil se estende por um longo período de tempo, e foi com toda a consciência e imparcialidade que se esforçaram em manifestar o seu modo de julgar o país e os seus habitantes. Não tinham motivos para proceder de outra fôrma. Si é verdade que não pouparam o que lhes pareceu errado, quer em assuntos de religião quer em assuntos de escravidão, etc., também não regatearam louvores, quando devidos, e não foi intencionalmente que deixaram de enaltecer algum aspeto bom dos brasileiros. Para homens de negocio estrangeiros, mal sucedidos em suas empresas, ou para viajantes apressados que percorrem o país ignorando as línguas portugueza e franceza, sem nunca se associarem á vida dos habitantes, as descrições feitas por quem residiu longos anos no Império, ou percorreu-o demoradamente, poderão parecer exageradas. Deve-se ter sempre em mente a origem dos brasileiros, que o Brasil é um país novo entre os demais países do mundo, e que a única forma verdadeira de comparar o Brasil não é medir o seu progresso pelo dos Estados Unidos, Inglaterra ou França, mas sim pelo das demais nações de raça latina da América.

Para tratar pormenorizadamente das transformações e progressos que o Brasil realizou nos últimos dez anos, seria necessário o espaço de um volume. Assim, foram acrescentadas, em emendas e aditamentos, em notas e apêndices, cerca de cem páginas de matéria nova á presente edição, tendo-se também, em muitos casos, alterado e acrescido o texto. Tanto quanto possivel, foi toda a matéria posta em dia (1866), por

meio de notas colocadas no final dos capítulos. Em alguns casos, cartas e descrições de viagens foram conservadas, sem mencionar datas, pelo fato de se referirem a hábitos e costumes que não sofreram alteração. Quando o assunto exigia maior espaço, preferiu-se trata-lo em Apêndice. Dessa forma, a recente Guerra contra o Paraguai (acerca da qual se tem manifestado, não só nos Estados Unidos como na Inglaterra, tanta ignorância como a da Europa em relação á última Rebelião nos Estados Unidos), encontrará o leitor um resumo de suas origens e acontecimentos no Capítulo XVIII.

A escravidão no Brasil vem tratada no Capítulo VIII.

A emigração para o Brasil tem ultimamente atraído grande atenção, principalmente no Sul dos Estados Unidos, depois de 1865. Sobre esse tema, encontrar-se-ão informações no capítulo XIII, bem como no discurso do Sr. Paula Souza, no último Capítulo.

Intimamente relacionado com esse tema, segue-se o das atividades dos Protestantes, que, no ponto de vista do progresso moral, vem, melhor do que em qualquer outra parte da presente obra, no discurso do Sr. Furquim de Almeida e no artigo do Apêndice I.

Os recursos minerais do Brasil são reconhecidamente valiosos. As fontes principais são as minas de ouro e diamantes, porem até agora se tem notado certa deficiência de minerais uteis. Essa necessidade, entretanto, foi afinal suprida. Foi descoberto carvão em várias das províncias costeiras, sendo que a mais importante dessas descobertas foi realizada pelo Sr. Nathaniel Plant (*1) (do Museu Britânico) no Rio Grande do Sul. Para uma notícia minuciosa dessas ricas minas de carvão, veja-se o Apêndice H. Nesse mesmo Apêndice, ver-se-á que as novas minas de ouro do Sr. Tasso, (*2) no Nordéste brasileiro, demonstram que o precioso metal não se confina em absoluto á região de S. João del Rei.

(*) Este sinal indica nota no final do volume.

Os principais jornais brasileiros da capital vêm referidos no Capítulo XIV, assim como a literatura brasileira e alguns de seus principais representantes, assunto esse que deve interessar a muitos leitores anglo-saxões.

Além das frequentes menções que vêm feitas na presente obra aos méritos e capacidades do Imperador Dom Pedro II, dedicou-se um Capítulo, o Capítulo XIII, especialmente á sua personalidade.

No Capítulo X, encontrar-se-ão referencias a estadistas e partidos políticos.

Em 1865, o conhecido sábio Professor Agassiz, acompanhado por uma comissão científica norte-americana, visitou o Brasil a convite do Imperador. O Professor Agassiz realizou extensas e interessantíssimas explorações, cujo relato em breve será dado a público. (* 3) Suas investigações sobre a região amazônica despertaram grande interesse entre os homens da ciência. O Major Coutinho (* 4) official de engenheiros do Exército brasileiro, por ordem do Imperador, acompanhou o Professor Agassiz nas suas explorações no Amazonas, tendo posteriormente publicado no Rio de Janeiro, em português e inglês, uma descrição parcial da maravilhosa fauna descoberta pelo Professor Agassiz no Norte do Brasil. Damos em Apêndice uma tradução de trechos dessa descrição.

De alguns anos a esta data, têm apparecido varias obras sobre o Império do Brasil, na Inglaterra, França Alemanha e Brasil. Entre elas, merecem menção a de Bates "Naturalist on the Amazons", livro encantador e o melhor até hoje publicado sobre essas maravilhosas paragens. (* 5). A obra "Deux Années au Brésil" de Biard é, afóra as suas belas ilustrações, o mais infiel livro jamais publicado sobre um país. O autor parece não ter refletido seriamente sobre o seu assunto. "Survey of the River San Francisco", por Halfeld, (* 6) é um magnífico e volumoso in-folio, publicado no Rio de Janeiro, a respeito do qual referiu-se Sir Roderick Murchison, perante a "Royal Geographical Society", da se-

guinte forma: “Qualquer país se poderia orgulhar de semelhante obra”. Não pode ser adquirido, porem alguns exemplares do mesmo foram enviados pelo Governo do Brasil ás bibliotecas norte-americanas e européas. Os artigos de Elisée Reclus, publicados na “Revue des Deux Mondes”, em 1862, deixam ver que o autor é um ardoroso amigo da liberdade, mas que foram escritos após uma visita muito rápida ao Brasil, pois as suas conclusões são algum tanto apressadas, mórmente quando se baseiam no livro de Biard e na obra, interessante porem parcial, do Dr. Avé Lallemand “Reise durch sud Brasilien”, Leipsig, 859. Grande número de publicações aleniãs têm surgido relativas á “colonização” dos alemães no Brasil (a qual, em muitos casos, foi uma vergonhosa mistificação), mostrando-se os autores dessas publicações dispostos a não considerar com a mínima vontade todas as coisas do Brasil. Thomas Woodbine Hinchliff escreveu, sob o título “South American Sketches” (Longmans, Londres, 1863), um trabalho muito bem cuidado e de agradável leitura. (*7). O Sr. Pereira da Silva está atualmente escrevendo uma história completa do Brasil em língua portuguesa. O Sr. Aguiar (*8) (de São Paulo), num folheto intitulado “O Brasil e os Brasileiros”, dá-nos algumas apreciações muito cáusticas sobre os seus concidadãos. O Sr. Soares, do Rio Grande do Sul, escreveu uma importante obra estatística sobre os recursos do Brasil. O Sr. M. M. Lisbôa (*9) iniciou, em seu trabalho “Romances Históricos”, um novo rumo literário que seria de desejar fosse explorado pelos escritores brasileiros. O Sr. A. C. Tavares Bastos, em suas “Cartas do Solitário” (*10), deu ao público brasileiro a mais valiosa das contribuições sobre as questões políticas, econômicas e morais que tão profundamente se relacionam com o bem-estar do Império. Uma excelente obra sobre os recursos do Brasil foi publicada em 1863 pelo Barão de Penedo (*11) (Ministro do Brasil na Inglaterra), por ocasião da representação do Brasil na Grande Exposição de Londres, em 1862.

Os autores agradecem, pelas correções e contribuições feitas na presente edição, aos Srs. Robert William Garrett, do Rio de Janeiro, Brambier, do Pará, Sua Exc. o Sr. d'Azambuja, Ministro brasileiro nos Estados Unidos, Cavaleiro d'Aguiar (* 12), Consul-geral do Brasil em Nova York, e aos Professores Gumere e Cope, de Haverford College, Filadélfia.

Outubro de 1866.

NOTAS DO TRADUTOR (*)

(* 1) Nathaniel Plant — "The Brazilian Coal-fields", with a Description of the Plant — Remains by W. Carruthers, in "Geological Magazine", Vol. 6. n.º 4, Abril de 1869. Anteriormente já publicara: "Report on the coal mines of River Jaguarão, in the Province of São Pedro do Rio Grande do Sul", 1867.

(* 2) Jaccomo Tasso, concessionario de minas em Piancó, Paraíba do Norte — ver Apêndice D.

(* 3) "A journey in Brazil" por Louis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz, Edição bras. publicada nesta "Brasiliana" n.º 95, sob o título "Viagem ao Brasil", tradução e notas de Edgar Sussekind de Mendonça.

(* 4) J. M. da Silva Coutinho, major de engenheiros do Exército Brasileiro. autor "Relatório sobre a Exploração do Rio Madeira", 1862; "Relatório sobre a Exploração do Rio Purús", 1862; acompanhou o Prof. Agassiz em sua Expedição ao Amazonas, tendo, em colaboração em esse cientista, feito communicações á Academia de Ciências de Paris.

(* 5) Henry Walter Bates "Naturalist on the Rio Amazon", Londres, 1863, 2 vols., trad. a ser brevemente editada nesta "Brasiliana" sob o título "Um naturalista no Amazonas".

(* 6) Henrique Guilherme Fernando Halfeld "Relatório concernente á exploração do Rio de São Francisco, desde as cabeceiras de Pirapora até o Oceano Atlantico, levantado por ordem do governo de S. M. Dom Pedro II em 1852, 53 e 54", Rio de Janeiro, tip. de Georges Bertrand, 1858. Atlas, Litografia Imperial de Eduardo Rensburg, 1860.

(* 7) Thomas Woodbine Hincliff "South American Sketches, or a Visit to Rio de Janeiro, the Organ Mountains, La Plata and the Paraná", Londres, 1863.

(* 8) Antonio Augusto da Costa Aguiar "O Brasil e os Brasileiros", Santos, 1862.

(* 9) Miguel Maria Lisboa "Romances históricos por um brasileiro", Bruxelas, 1866.

(* 10) A. C. Tavares Bastos "Cartas do Solitário", 3.ª edição publicada nesta "Brasiliana", n.º 115.

(* 11) Barão de Penedo (Francisco Ignacio de Carvalho Moreira).

(* 12) Luiz Ferreira de Aguiar.

(*) *Muitas das referências bibliográficas aqui publicadas foram colhidas na excelente memória de Rodolfo Garcia sobre "História das Investigações Científicas", que constitue o Capitulo XXV do "Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil", publ. pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 1922.*

INFORMAÇÕES PARA QUEM VAI AO BRASIL

A lingua portuguesa é a falada em todo o Brasil. Não é um dialeto do espanhol, porcin uma lingua distinta: como disse Vieyra, é a filha mais velha do latin. O portugûês e o francês são as linguas da Côrte. Um sexto da população das cidades mais importantes fala francês. Os que conhecem as linguas francesa, italiana ou espanhola facilmente aprenderão o portugûês. O inglês é falado em todas as escolas mais adiantadas, e é grato aos americanos saber que, na capital, e em outras cidades importantes, os "Class Readers" de George S. Hillard, Esq., (autor de "Six Months in Italy"), são adotados nas aulas. Si bem que os Srs. Trübner & C., de Londres, e os Srs. Appleton, de Nova York, tenham publicado manuais para o aprendizado da lingua portuguesa, parece-nos vantajoso dizer que, depois de um inglês ou um anglo-americano conseguir dar ás vogais a pronuncia apropriada, do Continente, aprender as contrações, acentos, etc., e as particularidades de duas ou três consoantes, achará o portugûês a mais fácil de todas as linguas estrangeiras. A terminação *ão* deve ser pronunciada quasi como *oun* da palavra inglesa *noun*. As palavras terminadas em *ões* são pronunciadas como si um *n* fosse intercalado entre o *e* e o *s*; assim, *Camões*, em inglês se lê *Camoens*. As terminações *em* e *in* são aproximadamente pronunciadas como *eng* e *ing* em inglês: p. ex., *Jerusalem* se pronuncia *Jerusaleng*. *X* tem o valor de *sh*; assim, um dos grandes afluentes do Amazonas, o *Xingú*, deve pronunciar-se: *Shingú*.

A palavra *Dom* (*dominus*), que sempre precede o nome do Imperador do Brasil, não é usada indiferentemente como o Don dos espanhois, porem é um título empregado pelos portuguezes e seus descendentes exclusivamente em relação aos monarchas, principes e bispos.

Um mil réis vale cerca de 56 centavos, ou 2 shillings e 6 pence em Inglaterra. As quantias em dinheiro no Brasil são representadas pelo sinal do dolar (\$) depois da palavra mil: assim, 5\$500 quer dizer cinco mil e quinhentos réis, cerca de 3 dólares. Um conto de réis corresponde a pouco mais de £ 112.

As vestimentas, como é natural, devem ser adaptadas ao clima; mas leve-se sempre alguma roupa de lã, pois no interior, e ao sul da Baía, o termômetro marca frequentemente 60° Fahrenheit. Quasi desnecessario será dizer que uma casaca é indispensavel para os que vão a palacio. Todos os objetos de uso pessoal, como roupa usada, por exemplo, são livres de imposto; mas os viajantes deverão lembrar-se de que não devem vir providos de charutos. Há muitos reembolsos de fretes pagos na Alfandega por objetos pertencentes a emigrantes, material agrícola, maquinismos, etc.

Quanto ás leis de patentes, modos de obter privilegios de invenções, etc., o Sr. William V. Lidgerwood, Esq., (encarregado de negocios dos Estados Unidos em 1865-66) póde dar melhores informações do que ninguem, sobre o Brasil. Reside no Rio de Janeiro.

Os Srs. Trübner & Cia. (60, Poternoster Row, Londres) estão em condições de fornecer livros brasileiros e portuguezes a qualquer país da Europa e da America. Tivemos satisfação de saber que essa casa editora vai publicar um novo e completo Dicionario Inglês-Português, — idéa de grande alcance, pois todos os lexicos existentes são muitíssimo antiquados.

Publicações inglesas e americanas de obras notaveis e literatura ligeira podem ser obtidas em H. M. Lane & Cia.,

á rua Direita 15, Rio de Janeiro; e em Guelph de Lailhacar & Cia., Rua do Crespo, Pernambuco, e na cidade de São Paulo.

Carrington & Cia., "Expresso Norte-Americano e Brasileiro", apresenta grandes vantagens por ter acompanhado o desenvolvimento das Companhias de Navegação dos Estados Unidos e do Brasil. Os Srs. Carrington & Cia., (30 Broadway, Nova York), encarregam-se de entregar encomendas postais e dinheiro, ou executar ordens no Pará, Pernambuco, Baía, e Rio de Janeiro, e vice-versa. George N. Davis, Esq., Comissario de Mercadorias, Rua Direita, 92, é o seu agente no Rio de Janeiro.

Os hotéis no Brasil não se comparam com os da Europa e Estados Unidos. No Rio todos são caros, variando o preço, conforme o quarto, de 10 shillings a 1 £. O Hotel do Comercio e o Hotel dos Estrangeiros são os melhores hotéis ingleses da capital. O Hotel da Europa é o melhor dos hotéis franceses. O estabelecimento de Bennett, a uma hora do Rio, é o ponto mais agradável do Brasil. Na Baía, o Hotel Furtin é um bom restaurante, que convem muito aos que chegam por mar. Em Pernambuco, o Hotel Universal oferece as mesmas vantagens. Os hotéis de Baía e Pernambuco são pequenos, comparados aos do Rio. Os preços de 1855 aumentaram em 1866 de um terço até metade, — exceto em Petropolis, onde há varios bons hotéis.

CAPÍTULO I

A Baía do Rio de Janeiro.

A Baía de Nápoles, a “Corno de Ouro” de Constantinopla e a Baía do Rio de Janeiro são sempre mencionadas pelos turistas como merecendo ser classificadas juntamente em primeiro lugar, pela sua extensão e beleza e pela sublimidade dos cenários que as rodeiam. As duas primeiras, porém, tem que ceder a palma á última, que, num perpétuo verão, está encerrada num círculo de montanhas singularmente pitorescas, salpicada de ilhas cobertas de vegetação tropical. Quem quer que, na Suíça, haja contemplado do Cais de Vevay, ou das janelas do Castelo de Chillon, o vasto panorama da margem superior do lago de Genebra, pode fazer uma idéa da vista de conjunto da Baía do Rio de Janeiro; e há muita verdade e beleza na observação feita por um Suíço que, vendo pela primeira vez o esplendor selvático da baía brasileira e seu círculo de montanhas, exclamou: “C'est l'Helvétie Méridionale!” (“E' a Suíça Meridional!”).

Reminiscências Históricas.

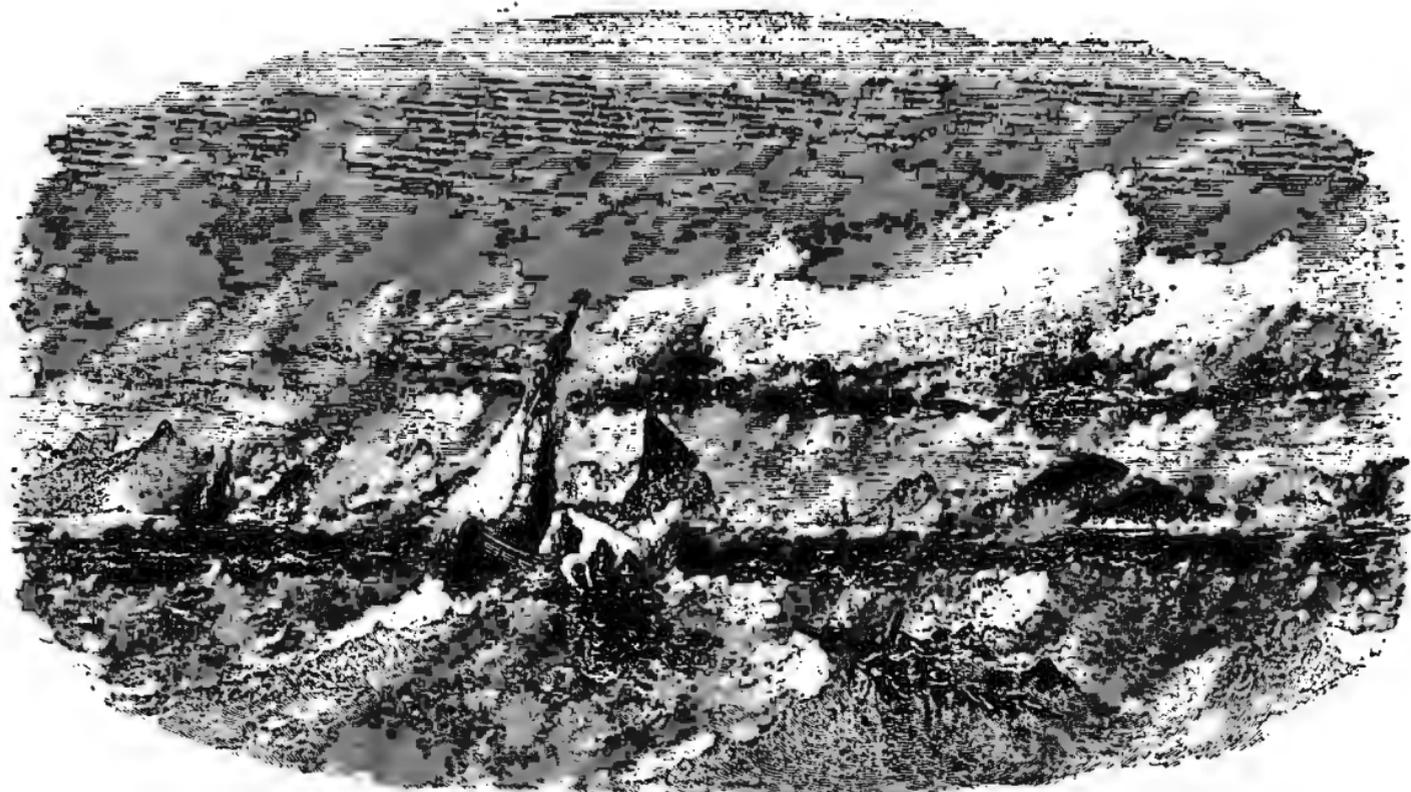
Que espetáculo glorioso não teria ela apresentado aos primeiros navegantes — De Solis, Magalhães, Martim Afonso de Souza — que foram os primeiros europeus que transpuzeram os portais estreitos que constituem a entrada de Niteroi (Água Escondida), como essas águas quasi que inteiramente fechadas pelas terras foram com tanta propriedade e poesia denominadas pelos índios Tamoios! Si bem que as vertentes das montanhas e as margens da baía ainda se apresentem rica e luxuriantemente cobertas de vegetação, naquela época, porém, existiam todas as florestas virgens,

emprestando uma beleza mais selvática e impressionante a um espetáculo natural tão encantador mesmo depois de três séculos da ação devastadora do homem. Martim Afonso de Souza — segundo reza a tradição — supoz que estivesse entrando na embocadura de um grande rio, rival do Orinoco e do Amazonas, e denominou-a Rio de Janeiro, pelo feliz mês de janeiro de 1531 em que fez a sua suposta descoberta. Seja qual fosse a origem desse engano, não deixou de ser aplicado não só á toda a vasta e confortavel baía como também á provincia em que está ela situada e á populosa capital do Brasil, que se assenta como uma rainha sobre as suas luminosas praias.

Primeira visão dos Trópicos.

Todos nós sabemos, por experiência própria ou alheia, o que representa a vista da terra para os viajantes acoissados pela tempestade. Quando o vasto círculo azul do ceu e mar, que durante dias e semanas nos enclausura a vista, é afinal interrompido por uma faixa de terra — mesmo que essa seja desolada e árida como as montanhas de gelo das regiões árticas — domina-nos um vivo interesse que nos arrebatava de encantos não sonhados. Qual, então, deve ser a emoção daquele que, chegando das latitudes de invernos tempestuosos, descortina em torno de si uma terra de perpétuo estio, com suas palmeiras de penachos altaneiros e sua gigantesca vegetação alcatifada de um verde imarcessível!

Em Dezembro de 1851, quando o Hudson e o Potomac estavam enclausurados pelo rei-gelo, e nuvens e neves cobriam o ceu e a terra, o nosso navio mantinha-se sobre um mar tempestuoso. Algumas poucas semanas de ondas tempestuosas e fortes rajadas, alternando com ventos brandos e calmarias, levaram-nos até Cabo Frio. Esse pico solitario ergue-se tão abruptamente como as escarpas calcáreas da Inglaterra, alto como o penedo de Gibraltar, mas coberto de vegetação até o topo. Nenhuma nuvem — como



Entrada da Baía do Rio de Janeiro

eu supunha existir em conexão com a terra-firme, — aparecia sobre essas terras estivais. Soprava a mais balsâmica das brisas e as palmeiras sobre os morros adjacentes sacudiam-se graciosamente por sobre um mundo de vegetação — tão novo para mim — que brilhava á luz quente do sol. Foi no meio desse cenário que o dia, não sem as glórias do crepúsculo, caiu. E o sól da manhã seguinte brilhou resplendentemente, as altaneiras filas de montanhas próximas á entrada do porto ostentando-se num conjunto ao mesmo tempo abrupto, arrojado e cheio de beleza.

Entrada da Baía.

A primeira vez que alguém entra na Baía do Rio de Janeiro marca uma época na sua vida:

“uma hora
onde pode datar para o futuro, eternamente”

Até o mais desanimado dos observadores, dessa data em diante, passa a prezar melhor a múltíplice beleza e majestade das obras do Creador. Vi marinheiros russos dos mais rudes e ignorantes, um aventureiro australiano imoral, incapaz de qualquer reflexão, juntamente com europeus refinados e cultos, ficarem mudos, estáticos, no passado, acordes na admiração da colossal avenida de montanhas e ilhas cobertas de palmeiras, que, como as pilastras de granito na frente do templo de Luxor, formam a digna colunata para o pórtico da mais bela baía do mundo.

De ambos os lados da estreita entrada, tanto quanto a vista pode alcançar, estendem-se as montanhas, cujos recortes pontudos e fantásticos recordam as glórias das terras alpinas. Na nossa esquerda, o Pão de Açúcar se ergue como sentinela gigante da metrópole brasileira. Os cumes arredondados e verdes dos Três Irmãos (* 13) formam um

(*) Ver nota no final do Capítulo.

forte contraste com os picos do Corcovado e Tijuca; enquanto que a Gávia empina a sua massa em fôrma de vela, escondendo a metade da linha descendente de montanhas que se estendem até ás lindes do Rio Grande do Sul. A' direita, outra arrojada cadeia de montanhas nasce próximo á fortaleza principal que comanda a entrada da baía, e, formando baluarte semelhando um anteparo, atinge, através de pitorescas terras altas, o promontório desnudo tão conhecido dos navegantes do Atlântico Sul pela denominação de Cabo-Frio. Ao longe, no fundo oposto á entrada da baía, e em alguns pontos alteando-se mesmo por sobre a escarpada linha litorânea, pode-se avistar o perfil azul da distante Serra dos Orgãos, cujos píncaros arrojados sugeriram um dia a origem de tal nome.

O efeito geral é de fato sublime; e quando o navio se aproxima das margens abruptas, e se pode observar, nas vertentes da dupla montanha que se ergue por traz de Santa-Cruz, a mata de folhagem vicejante peculiar ao Brasil, salpicada do púrpuro vivo das quaresmas, — e quando se distinguem os cactos serpenteantes e as parasitas em flôr brotando e pendentes mesmo do recortado e precipitioso despenhadeiro do Pão de Açucar, — e vislumbram-se em cada grotta e em cada fenda novas evidências de um clima generoso e prolífico, — a emoção, até aí dominada pela vastidão do conjunto, expande-se então em sucessivas exclamações perfeitamente explicaveis de surpresa e admiração.

A briza perpassa sobre as nossas cabeças, e passámos por baixo das brancas muralhas da fortaleza de Santa Cruz. Um soldado preto, vestido com um claro uniforme de invejavel frescura, debruça-se despreocupadamente num dos parapeitos, enquanto mais no alto, nos baluartes, uma sentinella marcha com passo demorado junto á cúpola de vidro que, iluminada á noite, serve de guia aos navegantes que entram. Imediatamente uma enorme trompa é empurrada para fora da cúpola, e o nosso bom navio é saudado por uma voz estentórica que lhe dirige, um inglês aporuguesado, as per-

guntas costumeiras que se fazem aos navios que entram num porto estrangeiro. Logo em seguida deslisamos por baixo dos carrancudos canhões de Santa Cruz e vemo-nos bem em frente do Forte Lage, notabilizado pelo fato de haver sido o primeiro ponto da baía a ser habitado pelo homem civilizado. O cenário que então se descortina a nossos olhos é singularmente belo. Longe, do lado esquerdo, por baixo do Pão de Açúcar, para o lado da cidade, está a fortaleza de São João, visível entre a vegetação circundante. Passando por entre uma pequena frota de graciosas canoas e embarcações de vendedores, manobradas por pretos semi-nús, dirigimo-nos para a margem íngreme da direita, que termina bruscamente revelando-nos a encantadora baiazinha de Jurujuba — a baía das “cinco braças” dos ingleses. Olhando de novo para a margem oposta, além de São João, vemos num relance a graciosa Enseada de Botafogo (Baía de Nápoles em miniatura) e o lindo subúrbio do mesmo nome, que parece uma jóia no meio das meigas práias alvas e o largo círculo da vegetação. Daqui também se tem uma outra vista dos múltiplos aspetos do Corcovado e da Gávia, que, quando se muda de posição, estão sempre variando e sempre belos.

Agora a grande cidade surge diante de nós, estendendo-se, com seus brancos subúrbios, por milhas e milhas ao longo das margens irregulares da baía e recuando até quasi ao pé das montanhas da Tijuca, semeada de verdes colinas que parecem brotar do seio dos bairros mais populosos. Esse conjunto de circunstâncias permite que do mar se tenha uma vista completa do Rio de Janeiro. Quando contemplavamos os zimbórios e campanários que se elevam sobre o branco casario da cidade, e o pujante manto de verdura dos morros da Glória, Santa Tereza e Castelo, fomos interrompidos bruscamente na nossa admiração pela voz de um oficial brasileiro ordenando: “Solta a âncora”. A ordem é obedecida, e ficamos calmamente flutuando sob os formidáveis canhões da Fortaleza de Villegagnon. A nossa em-

barcação sofre um giro que nos deixa ver na margem oposta a cidade da Praia Grande, os leixões em parte coloridos de São Domingos, e num rochedo isolado, que parece um fragmento da práia adjacente, a pequenina igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, onde os viajantes católicos podem pagar suas promessas, e em volta da qual muitas palmeiras graciosas acenam ao sôpro da fresca briza do mar. Enquanto aguardávamos a visita dos oficiais da Alfândega, permanecemos no tombadilho, sem nos cansar do espetáculo tão novo e estimulante. Pequenas embarcações a vapor e graciosas faluas passam e repassam de Práia Grande a São Domingos. Brancas velas ponteiam o mar até onde a vista alcança, enquanto que, em torno de nós, a serrada mastreação dos navios brasileiros e estrangeiros torna evidente que nos encontramos dentro de um vasto empório comercial.

Visão noturna — Beleza e grandiosidade.

A noite em breve sucede ao curto crepúsculo dos trópicos, e a cidade vista de bordo parece uma terra encantada de fadas. O esplendor e a novidade não acabam com o dia. Focos de luz de gás sem conta contornam as imensas margens da cidade até bem á beira da baía, refletindo-se nágua em milhares de reflexos tremeluzentes. Até os contornos dos morros se definem no meio da escuridão por filas de lâmpadas que se estendem por sobre os seus topos de verdura, semelhando as fabulosas pontes de estrelas de um conto árabe. As embarcações a vapor ostentam suas luzes diversamente coloridas e cada navio surto no porto tem uma lâmpada no seu mastro de proa; ao mesmo tempo em que cada giro das rodas sulca um mar de diamantes e cada pancada de remo e cada ondulação produzida pela suave briza noturna revela milhares de brilhantes animaizinhos fosforescentes que iluminam as águas escuras. Quando contemplamos as alturas do céu, novas constelações

brilham no firmamento, com a rainha delas, o Cruzeiro do Sul, guardada por seus silenciosos e misteriosos assistentes, as Nuvens de Magalhães. A Grande Ursa de há muito que se escondeu de nós; mas despontando justamente da muralha natural da Serra dos Órgãos, vemos uma velha amiga nossa na resplendente Orion, que nada perde aqui do seu brilho setentrional, e não empalidece diante de sua rival do hemisfério sul. No meio desse espetáculo, quem pode fechar os olhos e dormir? O Dr. Kidder, certa vez, regressando das provincias do norte, entrou na baía numa noite de borrasca, e assim descreve a cena:

“Passámos bem junto das muralhas da Fortaleza de Santa Cruz; quando justamente o navio estava na parte mais crítica da barra, o vento uivava e as correntes da maré vazante varriam-lhe a prôa e atirava-a intervaladamente de encontro aos rochedos em que se ergue a Fortaleza Lage. O momento era de grande susto e perigo. A nossa situação foi percebida das fortalezas, que deram vários disparos de canhão e acenderam luzes brancas e azuis para nos indicar a sua posição.

“Mais sublime espetáculo difficilmente se pode imaginar. O rouco troar dos canhões ecoava nas escarpas em redor, e os brilhantes focos de luz artificial apareciam mais intensos no meio da escuridão incomum. Felizmente para o navio e todos a bordo, o vento abrandou com o tempo, e achámo-nos galantemente no ancoradouro dos navios-de-guerra, onde, ás nove horas da noite, fomos amarados com uma corrente que media nada menos de setenta braças.

“A lua ainda não tinha nascido, e a noite continuava muito escura. Tal circunstância aumentava a beleza da cidade e o efeito de suas milhares de luzes, que se viam brilhando vivamente a intervalos regulares sobre os morros e as práias de seus estensos subúrbios. Um joven passageiro ficou tão encantado com a novidade e o esplendor da cena, que permaneceu no tombadilho a noite toda para contemplá-la, apesar da chuva que caía de vez em quando.”

Mais de uma pessoa teve que confessar que as suas primeiras vinte-e-quatro horas em frente ao Rio tiveram que ser passadas em posição vertical com os olhos bem abertos. podendo ter exclamado, com ênfase,

“ó mais gloriosa das noites!
não fostes feita para o sôno.”

Tudo é tão vivo, tão novo e despertante, que ficamos como uma criança nas vésperas de um dia de festa ou da primeira vez que se vai visitar uma dessas cidades com cujas maravilhas os livros de histórias e a improvisação de nossas amas enchem por completo a nossa imaginação.

Tenho repetidas vezes entrado e saído a Baía do Rio de Janeiro, quer quando as ondas estão encapeladas quer quando a calmaria cobre a vastidão do espaço, e, tanto á luz purpúrea das madrugadas tropicais, quanto á luz fulgurante do meio-dia, ou ao rápido crepúsculo dessas latitudes do sul, ela sempre patenteou-me aos olhos novas glórias e novos encantos. Tem-me sido dado o privilégio de contemplar alguns dos mais celebrados espetáculos naturais dos dois hemisférios, e nunca encontrei outro, que fosse capaz de combinar tantos elementos dignos de serem admirados como o panorama que estamos tentando descrever. Das alturas de Santelmo, sorvi tanta beleza como naquela baía arredondada do sul da Itália em cujo seio flutuam as ilhas de Capri e Ischia, e em cujas margens se aninha o formoso Vesúvio, o longo braço de terra de Sorrento e a proverbialmente bela cidade de Nápoles. Vi grande variedade de aspectos na Baía de Panamá toda azul e coalhada de ilhas; e assistí nos Alpes e na entrada ocidental do Estreito de Magalhães, onde os Andes negros e ponteagudos se esfacelam, cenas de sublimidade e selvaticueza sem par; porém, consideradas todas as coisas, nunca se me deparou espetáculo que excedesse, em beleza, variedade e grandeza combinadas, Niteroi rodeada de montanhas.

Descrições de Gardner e Stewart.

As impressões acima foram escritas sem que eu tivesse lido, com uma exceção apenas, qualquer das muitas descrições minuciosas que se têm publicado sobre a Baía do Rio de Janeiro; e ocorreu-me a idéa de que aqueles que nunca viram as belezas dessa região poderiam não dar crédito ao meu elogio acima de tantos outros lugares famosos por seus

panoramas naturais. Alguem poderia dizer:” E’ um arrebataado, um exagerado”. Posteriormente tenho manuseado muitos livros, diários, cartas, etc., sobre o Brasil, e todos eles — desde os pesados tomos de Spix e Von Martius, até ás efêmeras linhas de um colaborador qualquer da imprensa — são unânimes no que diz respeito a essa maravilhosa baía. Embora tais publicações sejam referentes á história, ciências, comércio, ou se trate de simples correspondência epistolar entre amigos, todas se assemelham quando tratam desse tema, pois todas traçam o mesmo retrato de um original parecido. E de fato, quando li a descrição feita pelo falecido e saudoso botânico inglês Gardner (* 14), cheguei a supor-me meio plagiário, embora nunca tivesse lido as suas interessantes e verdadeiramente valiosas viagens antes de elaborar a minha descrição.

Descrevendo a entrada da baía, esse naturalista diz:

“Penetrando no magnífico pórtico da baía, chegámos a um ancoradouro situado poucas milhas abaixo da cidade, não sendo permitido seguir além antes da visita das autoridades. E’ totalmente impossível expressar a emoção que nos invade o espírito na ocasião em que a vista contempla o cenário belamente variado que se desdobra ao entrar no porto, — espetáculo que é talvez incomparavel sobre a face da Terra, e para cuja produção a natureza parece ter empregado todas as suas energias. Depois tive ocasião de visitar muitos lugares célebres pela sua beleza e grandiosidade, porem nenhum deles deixou-nos tamanha impressão na memória. Tão para dentro da baía quanto a vista pode alcançar, lindas ilhotas verdejantes e revestidas de palmeiras se vêm emergir do seu fundo escuro; enquanto os morros e escarpadas montanhas que a circundam, doiradas aos raios do sol poente, formam uma apropriada moldura para semelhante quadro. A noite, as luzes da cidade são de lindo efeito, e, quando a briza da terra começa a soprar, um rico perfume de flores de laranjeira e outras espécies olorosas chegam ao mar acompanhando-a, e, pelo menos para mim, ainda são mais agradaveis por terem sido levadas para longe, a certa distância das flores. Ceilão tem sido celebrada por seus perfumes típicos; mas já por duas vezes viajei nessas plagas, com briza soprando de terra, sem experimentar um odor cuja doçura chegasse á metade do que me foi dado sentir na minha chegada ao Rio”.

A descrição dada pelo Rev. C. S. Stewart é valiosa por mostrar as impressões da magnífica baía sobre alguém que, após á sua primeira visita ao Brasil, já contemplara alguns dos mais belos panoramas do mundo:

“Estava ansioso para experimentar a fidelidade das impressões recebidas vinte anos atrás do mesmo espetáculo natural, e verificar quanto a magnífica representação ainda gravada na minha memória se justificava na realidade, ou quanto devera ser atribuída ao entusiasmo da mocidade e ingenuidade de um vijante pouco experimentado. As primeiras luzes da manhã logo permitiram a verificação. Fui chamado ao tombadilho por um bilhete do Tenente R...., que já aí se achava, e que não se recordava ter sentido maior admiração por outro espetáculo em sua vida do que pelo conjunto de montanhas e o aspeto do litoral que meus olhos encontravam para os lados ocidentais da baía. A selvaticidade e sublimidade dos contornos do Pão de Açúcar, Três Irmãos, Gávia e Corcovado, com suas fantásticas combinações, do ponto de vista em que eu os observava, difficilmente podem ser rivalizadas; enquanto que a riqueza e a beleza do colorido espalhado em volta e por cima do conjunto, em púrpura e ouro, rosicler e azul etéreo, eram tudo o que de melhor em variedade e brilho pode ser empregado pelo despontar do sól. O mais imaginoso desenho do país das fadas não poderia ultrapassar essa cena, e deixámo-nos ficar em contemplação como que fascinados pela obra de verdadeira mão de mestre”.

A Capital do Brasil.

A cidade do Rio de Janeiro, ou São Sebastião, é a um tempo o empório comercial e a capital política do país. Si o Brasil abrange maior domínio territorial que outra qualquer nação do Novo-Mundo, e os seus recursos naturais não são rivalizados por nenhuma do mundo, a posição, o aspeto natural, o aumento incessante da grandeza de sua capital torna-a digna metrópole de tal império. O Rio de Janeiro é a maior cidade da América do Sul, a terceira em tamanho do Continente Occidental, a orgulhar-se de uma antiguidade maior do que a de qualquer cidade dos Estados Unidos.

Seu porto está situado exatamente nos limites da zona tórrida sul, e comunica-se, como já dissemos, com o vasto Atlântico, por uma profunda e estreita passagem entre duas montanhas de pedra. Essa entrada é tão segura que dispensa os serviços de um piloto. Tão dominadora, todavia, é a posição das varias fortificações na entrada do porto, ilhas e alturas circumjacentes, que, eficientemente manejadas por uma guarnição de homens experimentados, podem desafiar a entrada hostil dos mais arrojados navios de guerra do mundo.

Uma vez entrado na magnífica baía de Niteroi, o navegante do oceano pode ancorar sua embarcação sem temer a fúria das ondas do mar alto.

O aspeto que o Rio de Janeiro apresenta para o observador não desperta nenhuma semelhança com as compactas paredes de tijolo, os tetos escuros, as altas chaminés, a situação geralmente uniforme das cidades do norte dos Estados-Unidos. Seu solo é entremeado de morros de aspecto irregular e pitoresco, que se estendem em variadas direções, deixando entre si intervalos de maior ou menor tamanho. Ao longo das bases desses morros, e subindo-lhes pelas encostas, erguem-se filas de casas, cujas paredes brancas e tetos de tijolo vermelho formam um feliz contraste com a vegetação verde-escura que sempre os contorna e muitas vezes os cobrem inteiramente.

A mais importante dessas colinas, quasi em nossa frente, é o Morro do Castelo, que domina a vista da entrada do porto e sobre o qual está o alto mastro sinaleiro que anuncia, em ligação com o telégrafo do Morro da Babilônia, a nacionalidade, a classe e a posição de cada navio que surge ao largo. Do lado direito, vemos o morro de São Bento, encimado por um convento; e si pudéssemos ter uma vista "à vol d'oiseau" entre as torres do convento e o posto semafórico do Morro do Castelo, veríamos a cidade distendida a nossos pés, com suas ruas, torres e campaná-

rios, seus edifícios públicos, parques, telhados vermelhos sem chaminés, seus aquedutos abarcando os intervalos entre as sete verdes colinas, que constituem um gigantesco mosaico, limitado de um lado pelas montanhas e do outro pelas águas azuis da baía.

Da parte central da cidade, estendem-se os subúrbios cerca de quatro milhas para cada uma das três principais direções, de forma que a cidade do Rio de Janeiro, contendo 300.000 habitantes, cobre uma área mais vasta que qualquer grande cidade europeia com a mesma população.

Posição de destaque do Rio de Janeiro.

No Rio residem grande parte da nobreza do país e durante parte considerável do ano, os representantes das diversas províncias, ministros de estado, embaixadores e cônsules estrangeiros, e uma misturada população de brasileiros e de estrangeiros de quasi todos os climas. Aquilo que, no entanto, na opinião popular, confere a maior distinção ao Rio, não é a multidão atarefada de forasteiros e homens de negócio, capitães do mar, funcionários do governo, e a mais alta classe da sociedade; porém o fato de residir aí a cabeça imperial do Brasil, o jovem e bem dotado Dom Pedro II, que une o sangue dos Braganças ao dos Habsburgos, e debaixo de cujo governo constitucional as liberdades civis, a tolerância religiosa e a prosperidade pública são mais bem asseguradas do que em qualquer outro dos governos do Novo-Mundo, exceto onde vivem povos anglo-saxões.

Por mais atraentes que sejam as belezas naturais e artísticas que abundam num país, deve-se confessar que a existência humana, com suas dores e prazeres, encerra muito mais vivo interesse. E o viajante cumpriria pobremente a sua missão de delinear o presente, si não dedicasse

sua atenção em esboçar a história do passado como uma introdução às cenas e acontecimentos que vieram cair de baixo de sua observação pessoal. Depois de lançar um golpe de vista sobre alguns dos mais expressivos aspectos e costumes do Rio de Janeiro, intercalaremos um breve apanhado de sua história.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 13) A denominação de "Três Irmãos", dada a um conjunto de montanhas visíveis do Atlântico nas proximidades do Rio de Janeiro, aparece em varias obras publicadas nos meados do século passado; assim, por exemplo, C. F. Hartt, em sua "Geology and Physical Geography of Brazil" o localiza entre o Corcovado e a Gávia; caiu a denominação em desuso e possivelmente duas dessas montanhas receberam o nome de "Dois Irmãos".

(* 14) George Gardner "Travels in the interior of Brazil, principally through the northern provinces and the gold and diamond districts, during the years 1836-1841", Londres 1846. Tradução nesta "Brasíliana" sob o título "Viagens no interior do Brasil", por Origenes Lessa.

CAPÍTULO II

Desembarque — Hotel Pharoux.

O forasteiro que, com anciosa espetativa, passeia pelo tombadilho de seu navio, enquanto este esperava no ancoradouro por traz de Villegagnon, não conhece melhor saudação de boas vindas que a licença da Alfândega e autoridades sanitárias para desembarcar e perambular pela cidade que quatro horas antes os seus olhos visitaram. Os pretos que haviam chegado das praias voltaram de novo, impelindo vigorosamente as suas embarcações pesadas, pois contam na certa com o pagamento triplicado dos recém-chegados. Quem que um dia já tenha visitado o Rio de Janeiro deixará logo de reconhecer a praça de desembarque representada na figura junto? “Hotel Pharoux”, o Palácio das Escadas, o Largo do Paço, estão associados com o Rio de Janeiro na memória de todos os funcionarios navais estrangeiros que fizeram um estágio no Brasil.

Aspetos e sons novos.

Deram-se, porem, algumas transformações, tanto maiores quanto observadas no seio de uma população tão desencansada. O “Hotel Pharoux” ainda conserva as suas paredes cinzentas; mas está modernizado, e o velho restaurante, juntamente com a cavaliariça, que ocupavam o andar térreo, cederam seu lugar a vendedores de ostras e a uma casa de flores de penas, funcionando nos andares de cima um hospital particular. Não desembarcámos mais no “Palácio das Escadas”, onde antigamente as ondas da maré alta batiam, espumantes, de encontro ao parapeito de pedra que, nesse ponto, marcava o limite de seu alcance. A praça foi prolongada pela baía a dentro e, em breve, o gover-

no constuirá um belo çais ao longo de toda a porção á beira-mar desse trecho da cidade.

Em vez dos velhos degraus de granito, subimos os degraus de madeira na extremidade de uma longa ponte de desembarque. O nosso bote aterrou aí, entre exalações que certamente não chegaram da "abençoada Arábia"; infor-



Hotel Pharoux

maram-nos que os despejos são no Rio um negócio portátil e não subterraneo. O sentido da audição, também, é ferido pelo confuso falatorio dos pretos na língua do Congo, os berros dos portugueses donos dos barcos e pelas pragas dos marinheiros ingleses e norte-americanos. Uma vez livres dessa barulheira, que aspetos e sons novos nos surpreendem! Um cocheiro de aluguel, de chapéu de verniz e vestido de vermelho, convida-nos para um passeio ao Jardim Botânico; um mulato janota aponta para a sua carruagem junto do "Hotel de França". Antes que terminem as suas palavras, um rufar de tambores e toques de corneta atraem a nossa atenção para outro lado. Em frente do

velho palácio, está formado um pelotão da Guarda Nacional, composto de todos os elementos imagináveis, desde o branco até o africano; agora, como diariamente ao meio-dia, eles põem seus capacetes, ouvem durante uns segundos com religioso respeito um trecho de música que os corneteiros pretos tocam inchando as bochechas e nisso resumem, com exceção das sentinelas, a sua difícil tarefa de vaguear pelos corredores do enorme casarão, ou aquecer-se ao sol, até que outro som de corneta os chame a mudar a guarda ou entrar em formatura na hora das vésperas.

O Largo do Paço.

Ainda não estamos dispostos a experimentar os veículos do Rio de Janeiro; por isso, dispensámos o nosso pretendente a cocheiro, e demos uma espiadela em volta de nós pelo Largo do Paço. (* 15)

Nessa praça, o forasteiro se vê cercado pela mais diversa multidão em modos de vestir e aspetos, e mais variada em composição e costumes, que a sua imaginação poderia representar. A maioria é de africanos, que se reúnem em volta do chafariz para conseguir água, que corre de uma fila de canos e, recolhida em baldes e pipas, é transportada na cabeça de homens e mulheres.

Os escravos andam descalços, mas alguns vestem roupas alegres. Quando juntos assim, nesses pontos de reunião, a sua sociabilidade é extrema, mas ás vezes terminam em discussões e pancadas. Para evitar desordens dessa natureza, soldados geralmente estacionam perto dos chafarizes, que estão mais ou menos certos de poder manter a sua autoridade sobre os pretos sem resistência. Antigamente havia apenas uma ou outra fonte principal; mas agora ha grandes chafarizes em todas as praças, e nas esquinas de quatro em quatro ruas, aproximadamente, formam-se pequenos riachos do precioso elemento quando se abrem as torneiras.

O Paço é um vasto edifício de pedra, exibindo o velho estilo arquitetônico português. Foi durante muito tempo utilizado como residência pelos vice-reis, e por algum tempo por Dom João VI, mas agora foi adaptado a varios serviços públicos, e possui uma série de quartos em que se aloja a côrte nos dias de festa. As construções que ficam ao fundo do Largo do Paço (representadas á esquerda da gravura) foram todas erigidas para funções eclesiásticas. A mais antiga era um convento franciscano, mas de ha muito que foi ligada ao Paço e utilizada para funções seculares. A velha capela, com a sua torre baixa e larga, ainda se conserva, mas foi sobrepujada, em popularidade e esplendor, pela capela imperial mais recentemente erguida, a qual, sem campanario, fica-lhe á direita. Junto da capela imperial, vê-se a igreja da Ordem terceira de Nossa Senhora do Monte Carmelo, que está diariamente aberta e serve de catedral. As torres dessa igreja são iluminadas durante certas solenidades religiosas, inclusive as cruces, apresentando um esplêndido aspeto, vistas do ancoradouro.

Rua Direita.

As ruas da cidade são geralmente estreitas demais; mas a Rua Direita, (* 16) que se vê na estampa juntamente com o Largo do Paço, é larga e bem calçada com pequenos blocos de pedra trazidos da ilha de Wigth. A Rua Direita e muitas das principais ruas do Rio de Janeiro são agora tão bem calçadas como os mais belos logradouros de Londres ou Viena, apresentando grande contraste com o primitivo calçamento irregular, que estava em uso até 1854. A Rua Direita e o Largo do Rocio são os pontos de estacionamento dos ônibus, que daí partem para todos os pontos da grande cidade e seus subúrbios.

Os edifícios raramente possuem mais de três ou quatro andares; porem uma construção de quatro andares no Rio iguala em altura uma de cinco andares de Nova York. An-

tigamente quasi todas eram ocupadas como residência, e mesmo nas ruas comerciais sómente os primeiros andares eram destinados á armazenagem e exposição das mercadorias, morando as familias em cima. Mas, desde 1850, isso mudou muito nos quarteirões onde se encontram os estabe-



Largo do Paço e Rua Direita, vistos do Paço

lecimentos de commercio por atacado: os seus proprietários e empregados residem agora nos pitorescos subúrbios de Botafogo, Engenho Velho, e, do outro lado da baía, em Praia Grande e São Domingos. Todas as tardes assiste-se ao animado espetáculo de vapores apinhados de gente, ônibus repletos e cavalos e bestas a galope, conduzindo os *nego-*

ciantes e caixeiros (guardalivros) para as suas respectivas residências.

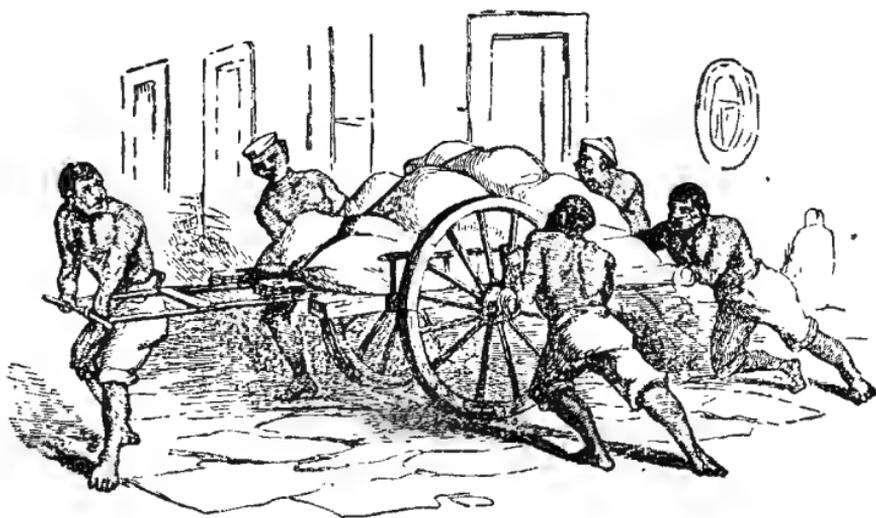
As torres de igreja que se vêem distantes á esquerda da gravura são as da Candelária, situada numa rua estreita por traz da Rua Direita. E' a maior igreja da cidade, e ostenta as mais altas pontas e a mais bela frontaria de todas elas.

A Bolsa.

A Praça do Comércio ou Bolsa (* 17) ocupa uma posição proeminente na Rua Direita. Esse edificio, outrora fazendo parte da Alfândega, foi cedido pelo Governo para as suas funções atuais em 1834. Possui uma sala de leitura, suprida de periódicos nacionais e estrangeiros, e está sujeita aos regulamentos comuns a tais instituições de outras cidades. Debaixo do seu espaçoso pórtico, os vendedores de oito ou nove diferentes nacionalidades encontram-se todas as manhãs, trocam-se saudações e especulam seus negócios em geral. A Bolsa não dista muito da Alfândega, que primitivamente tinha a sua principal entrada próximo dela.

Nada mais movimentado e característico do que as cenas que podem ser presenciadas nessa parte da Rua Direita durante as horas de trabalho, isto é de nove da manhã ás três da tarde. Sómente durante essas horas é que é permitido aos navios descarregar e receber carga, e durante o mesmo intervalo de tempo todas as mercadorias e bagagens devem ser despachadas na Alfândega e daí retiradas. Por conseguinte, devido a tais dispositivos legais, a máxima atividade tem que ser exigida para retirar as mercadorias despachadas e embarcar os produtos do país que diariamente constituem as transações de um vasto empório comercial. Aí estão os negociantes vestidos de preto reunidos nas proximidades da Bolsa. Eis que chegam as carroças com os negros. A turma compõe-se de cinco rijos africanos que

puxam, empurram, fazem as suas manobras e saem gritando para abrir caminho entre a cerrada multidão, sem se importarem com o ilhéu da Madeira, que, soltando uma praga e estalando o chicote, dirige a sua atroadora carroça puxada a burros e carregada de caixotes. Agora é um ônibus que passa trepidante pela multidão, e um vasto veículo de quatro rodas, pertencente ao Expresso Smith para transporte de mercadorias, rola sobre os seus eixos. Antigamente todo esse trabalho era feito a mão, e raramente se usava uma carroça ou qualquer outro veículo mais pesado, a não ser quando



A turma dos carregadores (atualmente abolida)

puxados por pretos. As carroças e outros meios de condução movidos por animais são atualmente comuns; porem para o transporte de pesos leves e mudanças de moveis, pianos, etc., a cabeça do negro não havia sido substituida por qualquer veículo até 1862, quando o Expresso Smith, e grandes carroções denominados *andorinhas*, entraram em voga, exceto para o transporte de pianos.

Carregadores de café musicistas.

Em 1857, quando estávamos atordoados pelo barulho da multidão, tivemos uma nova fonte de surpresa. Acima de toda a confusão da Rua Direita, ouvimos um côro estentório de vozes respondendo num compasso apressado ao estribilho de uma cantiga. E vimos, por sobre as cabeças da multidão, uma fila de sacos brancos correndo e dando a volta da esquina da Rua da Alfândega. Apressámos o passo até esse trecho da Rua Direita, e vimos que cada qual daqueles sacos tinha em baixo um Hércules vivo de azeviche. Eram os famosos carregadores de café do Rio. Costumam correr em tropa, em número de dez ou vinte, dos quais um assume a direção e é denominado o capitão. São geralmente os homens mais corpulosos e fortes que se possa encontrar. Quando em atividade, raramente vestem outra roupa que não seja um par de calções curtos; a sua camisa, com o tempo, é posta de lado como um estorvo. Cada qual deles põe um saco de café em cima da cabeça, pesando cento e sessenta libras, e, quando todos estão prontos, saem correndo num trote compassado, que logo se acelera em rápida corrida. Desde 1860 que se empregam carroças para transportar o café.

Os negros carregadores de pianos e louças de barro frequentemente trazem na mão um instrumento de música, semelhante a uma matraca de criança, que eles sacodem no compasso duplo de alguma canção rústica da Etiópia, que todos cantam juntos quando correm. A música tem um poderoso efeito de diversão sobre a mentalidade dos pretos; e ninguém negará a estes o direito de suavizar a sua pesada tarefa produzindo a harmonia de sons que para eles é doce, embora rude para ouvidos alheios. Disseram-nos, contudo, que se tentou uma vez assegurar maior silêncio nas ruas, proibindo-os de cantar. Em consequência disso eles produziram menor trabalho, ou mesmo nenhum; e a

restrição foi em breve suspensa. O certo é que atualmente se aproveitam de seus privilégios vocais com todo o gosto, quer cantando e gritando para os outros quando correm, quer proclamando em público a qualidade dos vários artigos que carregam para vender. A impressão causada no estrangeiro pelo som misturado de uma centena de vozes ferindo-lhe os ouvidos a um só tempo, não se esquece muito cedo.



Primitivos carregadores de café

Alfândega.

Deixamos agora a multidão atarefada da Rua Direita, e em poucos minutos subimos os degraus de um grande edifício, sobre cujo pórtico se lê, em gigantescas letras verdes: ALFÂNDEGA.

Não me demorarei em descrever a origem dessa e muitas outras palavras que na língua portuguesa começam por *Al*, devido á sua origem árabe, mas informarei logo ao leitor que essa é a primeira palavra que ele aprende no

Brasil, palavra que, em várias línguas, a maioria dos viajantes em países estrangeiros tem ocasião de recordar. É a nossa "Custom-House". Entrámos por um vasto "hall" de bela arquitetura, iluminado por graciosa abóbada. Aí estão centenas de despachantes, negociantes e funcionários. Mas que contraste com a barulhenta multidão da Rua Direita! Todos estão descobertos, e, quando alguém entra no "hall", tira o chapéu e não o recoloca sinão quando de novo alcança a porta. Que disciplina capital para os visitantes anglo-saxões e para os capitães de navio ingleses e norte-americanos, cujos chapéus parecem formar parte integrante de suas existências corpóreas! Ouvi certa vez Albert Smith, numa de suas deliciosas palestras, dizer que em terras estrangeiras um inglês considera como fazendo parte da constituição inglesa não tirar o chapéu, exceto quando o "God save the Queen" acontece soar-lhe aos ouvidos. O brasileiro é muito rigoroso na observância externa da polidês; e, como nunca entra numa casa particular sem tirar o chapéu, considera que também não deve entrar em nenhum dos edifícios pertencentes ao governo do seu Imperador sem demonstrar o mesmo respeito.

No fundo do "hall", num estrado elevado, está o coletor-chefe, constantemente ocupado em assinar despachos e outros papeis alfandegários, que lhe são trazidos em silêncio pelos sub-oficiais e empregados. O inspetor-chefe, que dirigia a Alfândega do Rio em 1855, era o Sr. S. Paio Vianna, da Baía, que, si bem que exigente e mesmo rigoroso na administração de sua repartição, é um cavalheiro de grande inteligência e amenidade de trato. Tomava grande interesse pelas finanças do Império, e seus relatórios anuais eram claros e cheios de importantes informações sobre estatística comercial. Seu predecessor era o Sr. Ferraz, a quem se devem as grandes reformas que foram realizadas na alfândega do Rio de Janeiro. Primitivamente era administrada da maneira mais corrupta; o suborno era então a regra e não a exceção. Contam-se agora as mais incríveis

histórias passadas em 1844, ao expirar o tratado entre a Inglaterra e o Brasil, por prescrição no mês de Novembro. Malas, sacos e caixas passavam pela Alfândega com assombrosa rapidês; e corre a tradição que o carregamento completo de uma escuna entrou pelos fundos da Alfândega e num tempo notavelmente curto emergiu do Portão Grande. Não há mais oportunidade para semelhantes abusos; e a maior das alfândegas do Império é tão bem administrada como as da Alemanha e da França.

A' esquerda do coletor-chefe, no fundo de uma fila de colunas, está o *guarda-mór*, Sr. Leopoldo Augusto Camara Lima, conhecido por todos os capitães de navio por Senhor Leopoldo. Esse cavalheiro, que fala inglês fluentemente, arregimentou-se na ala liberal dos políticos brasileiros nos últimos vinte anos, e esteve na vanguarda dos que condenam o tráfico dos escravos africanos, que foi completamente abolido em 1850. O gabinete do guarda-mor em 1865 era mais próximo do mar.

As vastas dependências da Alfândega estendem-se até á beira d'água (1). Foi conveniente construi-las para o desembarque de mercadorias sob abrigo. Uma vez retiradas dos botes ou barças, são distribuidas e armazenadas em departamentos especiais, até que uma requisição seja feita dentro das formalidades para seu exame e despacho. O transporte dos vários artigos no interior da Alfândega, assim como a sua retirada pela porta de saída, são facilitados por pequenos trilhos de ferro que se estendem por todas as dependências dos múltiplos edificios.

As demoras aborrecidas que ocasionalmente ocorrem no despacho de mercadorias e bagagens não surpreende a

(1) Na "vista do Rio de Janeiro, tomada da Ilha das Cobras", sómente se vê a face do edificio da Alfândega que dá para o mar, estendendo-se por cima de toda a fila das palmeiras que se vêem ao fundo.

quem esteja acostumado com as fastidiosas formalidades exigidas por lei; nem poderá estranhar que, entre a turma de *empregados* ou sub-oficiais pertencentes a esse estabelecimento e pouco remunerados, encontre-se alguns que embaracem nossos negócios a cada passo até que se obtenha o seu favor dando-lhes diretamente ou indiretamente dinheiro; mas isso se dá mais raramente do que outrora.

A maioria das grandes casas comerciais têm um despachante particular, cuja tarefa é tratar das questões com a Alfândega; o estrangeiro que está pouco acostumado com a língua e os costumes do país evitará sempre muitos contratempos contratando os serviços de tais pessoas. Pela minha experiência própria em despachar livros e bagagens pelas diferentes alfândegas do Brasil, estou habilitado a dizer que uma pessoa que compreende e empenha-se por se conformar com as leis do país pode contar que, nessas circunstâncias, encontrará um delicado tratamento e todas as possíveis facilidades. Si, entretanto, uma consulta ao vosso relógio vos diz, quando estais no meio de vossos esforços e dificuldades, que já se aproximam as três horas da tarde, e pretendeis apressar o sub-coletor no andamento do vosso processo, podeis estar certos de receber em resposta: "*Paciência, senhor*". Essa é a nossa segunda lição de português; e a terceira logo virá em resposta á vossa pergunta: "Quando essas coisas poderão ficar despachadas?" — "*Amanhã*" será prontamente respondido. Si conseguirdes sair pelo *portão grande* na ocasião em que essa enorme porta está sendo fechada, assistireis a uma cena cheia de vida. Caixotes, fardos e embrulhos de todos os gêneros de mercadorias, moveis encaixotados, pipas de vinho, rolos de cordas, estão empilhados juntos numa confusão apenas igualada pela multidão de empregados, feitores e negros, que atravancam totalmente a Rua Direita na sua ância de entrar na posse de seus respetivos artigos, vociferando para apressar a remoção de suas mercadorias.

Estavamos talvez querendo apressar os altos negros a quem incubiramos de transportar nossa bagagem para o seu destino. Por sinais com as mãos o nosso desejo foi compreendido, mas recebemos um frio "*Espere um pouco, senhor*", que completou o nosso aprendizado de português por esse dia. E que lição que recebemos!

Paciência, amanhã e espera um pouco! Essas palavras quando em ação surpreendem os nervosos, impacientes, violentos, impertinentes anglo-saxões em toda parte do Brasil.

Opinião do Governador Kent.

O ex-Governador Kent, cujo nome se acha associado ás fronteiras do Canadá bem como á política da Nova-Inglaterra, durante quatro anos residiu no Rio como consul norteamericano, e longo tempo como encarregado de negócios. Era sua firme opinião que o Brasil era o melhor lugar do mundo para esfriar um "yankee" férvido, fazedor de discursos e excitador de multidões. Ri-me francamente da sua maneira ríspida e humorística de falar, quando ele desenvolveu "con amore" o seguinte tema:

"Para um homem disposto ao socego, pacífico, que já transpoz o meridiano da existência, que já viu muitas grosseiras faces da humanidade, há algo de agradável e delectante nos hábitos tranquilos, calmos e pouco barulhentos dos brasileiros. Passar um ano inteiro sem nunca tomar parte numa conspiração ou assistir a um "meeting" de protesto, nada ouvir a respeito de eleições, não ver o povo reunido, não ler cartazes apelando para que o povo soberano se levante para reivindicar seus direitos, não escutar improvisos ou discursos-de-sobremesa, nunca ser importunado para acompanhar a pé ou a cavalo um cortejo político, não ver nenhuma marcha "aux flambeaux" em honra de uma vitória que salvou o país e os empregos — em suma, viver sem política, — é, para quem tem propensão para o repouso e estafou-se no serviço, atraente e delicioso".

Apezar de que a nação se vem tornando cada dia mais ativa, com seus vapores, trens-de-ferro e geral prosperidade, pode-se todavia afirmar que os brasileiros não estão habituados a estremecer e chocar-se com as misérias e as desgraças dos outros povos. Possuindo uma imprensa livre e bem feita, o temperamento deles não pede vibrante edições

noturnas, cheias de longas e minuciosas notícias sobre o último naufrágio, acidentes terríveis ou horripilantes assassinatos. De um modo geral, os brasileiros pensam que os mundos moral, físico e político girarão sobre seus eixos sem a sua interferência. Por esse motivo é que, sem dúvida, alguns estadistas mais clarividentes e argutos do Rio de Janeiro propuzeram que se cobrasse uma multa de 5 dólares de todo cidadão que não comparecesse para votar nas eleições municipais.

O Correio.

Quasi todas as pessoas que chegam ao Rio estão esperando cartas que se lhes anteciparam pelo paquete inglês, e logo que a sua bagagem foi despachada na Alfândega, dirigem-se ao *Correio Geral*, na Rua Direita. Entra-se por um vasto vestibulo, com pavimentação de pedra, ocupado por alguns soldados, ou da guarda ou dormindo em bancos no fundo do salão, e, após indagações, fica-se informado de que o Diretor Geral dos Correios e grande parte dos funcionários trabalham no andar superior. Entra-se pela porta do grande salão que fica junto do vestibulo. Do lado direito, por traz de um alto balcão, ficam as cartas e os periódicos, distribuidos, não em caixas, mas em pilhas conforme os lugares de sua proveniência; como, por exemplo, de Minas, São Paulo, etc. De acordo com isso, dos lados do salão, estão penduradas numerosas listas de nomes, classificados sob os títulos de Cartas de Minas, de São Paulo, etc. As cartas, com exceção das que pertencem a certas firmas comerciais e dos que pagam uma assinatura anual para ter a sua correspondência entregue a domicílio, são misturadas promiscuamente e aquele que chega primeiro tem o privilégio de examinar todo o maço para escolher as cartas que lhe pertencem e a seus amigos. Esse processo tem sido um tanto modificado depois do estabelecimento de linhas de vapores para a Europa. No dia em que chega um paquete, uma imensa multidão acorre ao Correio; mas

as cartas, em lugar de serem, como no caso geral, examinadas por todos sobre o referido balcão, são cuidadosamente colocadas na parte posterior do "hall", onde quatro pessoas são admitidas de cada vez. Há razões para queixas a respeito da entrega da correspondência dos paquetes estrangeiros (exceto dos ingleses). Os vapores ingleses tem seu encarregado próprio de distribuição. Todo o sistema é desnecessariamente primitivo e impróprio de uma cidade de tresentos mil habitantes.

Aversão pelas novidades.

Informaram-me no Rio que alguns anos atraz, o Sr. Gordon, de Boston, que era então consul dos Estados-Unidos, ofereceu ao Governo brasileiro colocar o seu Correio Geral no mesmo pé de eficiência do do seu país. O Sr. Gordon estava admiravelmente qualificado para isso, tendo sido por muitos anos diretor-geral dos correios de cidades marítimas do maior movimento de correspondência na Nova-Inglaterra. Mas o seu oferecimento não foi acceto; os brasileiros, apesar de mais progressivos do que a maioria dos povos sul-americanos, herdaram comtudo muitas características de seus antepassados portugueses, e uma das mais dominantes é a antipatia pelas inovações. A exiguidade do progresso que a mãe-pátria tem feito durante os últimos séculos é admiravelmente ilustrada na bem conhecida anedota seguinte: Uma vez Adão pediu licença para visitar de novo o mundo; foi-lhe dada a permissão, e designado um anjo para acompanhá-lo. Nas asas do querubim, o patriarca apressou-se em chegar á sua terra natal; mas tão mudado, tão estranho lhe pareceu tudo, que não se sentiu mais em casa sinão quando chegou a Portugal. "A', agora sim", exclamou, deixe-me descer; tudo aqui está tal e qual como eu deixei".

As malas postais mais importantes, que seguem ao longo do litoral, são muito frequentes, regulares e ligeiras.

O mesmo se pode dizer da que se destina a Petrópolis pelo vapor, pela estrada-de-ferro ou pela estrada particular da Companhia União e Indústria. Em compensação, os transportes de correspondência para o interior são muito morosos. Quando, porém, a Estrada de Ferro D. Pedro II e outras similares atingirem o interior, far-se-ão naturalmente progressos correspondentes nesse sentido. O correio interno para as províncias distantes parte de cinco em cinco dias, e a volta se dá com o mesmo intervalo de tempo. O seu transporte através do país é lento e difícil, sendo feito a cavalo ou por emissários a pé, numa média, em todo o Império, de vinte milhas em vinte-quatro horas. As taxas postais são moderadas, e um viajante para qualquer zona do país tem licença de levar consigo tantas cartas quanto lhe deem os seus amigos, comtanto que tenham os selos do Governo colados sobre as mesmas.

Há, comtudo, uma exceção na geral barateza do correio. Dá-se frequentemente o fato de livros e pacotes que deviam passar pela Alfândega encaminharem-se para o Correio, e então as despesas são extravagantes. Há também um erro clamoroso que precisa ser remediado: refiro-me ás taxas impostas pelos funcionários postais a cartas que já foram pagas adiantadamente. Isso assume as proporções de verdadeiro assalto legal. Si os funcionários não recebem um salário suficiente, que o Parlamento reforme as tabelas, para que a extorsão não se dê mais.

Sr. José Maxwell.

Há anos passados, nós, logo em seguida ao Correio, visitámos o grande *trapiche* comercial dos Srs. Maxwell, Wright & C. Esse estabelecimento era de há muito conhecido das principais casas de consignações do Rio de Janeiro. Fora fundado sob a direção do vigilante e operoso Sr. Joseph Maxwell, de Gibraltar, e varios membros de sua família, em colaboração com os Srs. Wright, de Balti-

more. Poucos são os norte-americanos e ingleses que têm visitado o Rio e que não receberam atenções de alguns dos principais chefes ou empregados' dessa firma. Na mesa abundantemente servida da sala de refeições do trapiche, muitos deles travaram seu primeiro conhecimento com os pratos da comida brasileira e com as refrigerantes frutas dos trópicos.

Em setembro de 1854, faleceu o Sr. José Maxwell, socio mais antigo dessa importante firma; e provavelmente não houve um enterro de outro qualquer particular na capital do Império que houvesse tido maior acompanhamento do que o que levou para a sepultura os restos mortais desse bondoso pai e respeitavel cidadão. A firma não mais existe.

A Rua do Ouvidor.

Voltámos, pela Rua do Rosário, novamente á Rua Direita, e continuámos o nosso passeio subindo a Rua do Ouvidor, que é a Rue Vivienne, Regent Street e Broadway combinadas do Rio. Não é, porém, nem comprida nem larga, mas as suas lojas são vistosas e de bom gosto. Não há parte da cidade mais atraente para um recém-desembarcado do que essa rua, com suas tipografias, lojas de flores de penas, e joalherias. Os diamantes, topázios, esmeraldas podem ser aqui adquiridos em qualquer quantidade, e estão tentadoramente arrumados por traz de ricas vitrinas. As flores de penas e insetos manufaturadas no Brasil são originais e bellissimas. Os primeiros colonizadores portuguezes viram que os índios se adornavam com as ricas plumagens dos pássaros inxcedivelmente brilhantes das florestas. Na região amazônica, os aborígenes não perderam o gosto e a habilidade de seus antepassados, e, como os cultivadores de rosas, não se contentam com o vistoso colorido que a natureza pintou, e por meios artificiais produzem novas variedades. Assim é que, no Rio Negro, os índios Uapés

possuem um ornato de cabeça que é altamente estimado, e só se separam dele sob a pressão da maior necessidade. Esse ornamento consiste numa corôa de penas vermelhas e amarelas dispostas em fileiras regulares, firmemente presas numa forte tira franzida. As penas são todas dos ombros da grande arara vermelha; mas não são inteiramente as penas que as aves possuem naturalmente, pois os índios conhecem uma curiosa arte pela qual mudam as cores da plumagem de muitas aves. Arrancam algumas das penas, e nos vazios assim produzidos introduzem a secreção leitosa da pele de um pequeno sapo. Quando as penas crescem de novo, apresentam um colorido amarelo ou alaranjado vivo, sem mistura de verde e azul como o das aves em estado natural; e dizem que as penas amarelas tão cubiçadas se reproduzem daí em diante sem precisar nova introdução da secreção leitosa.

No Museu Nacional do Campo de Sant'Ana, muitos desses curiosos adornos de cabeça e mantos de penas das tribus aborígenes atraem a atenção dos visitantes.

Flores de penas.

Poucas curiosidades são tão estimadas na Europa e nos Estados-Unidos como as flores de penas do Rio de Janeiro e da Baía. São feitas com penas naturais, embora, de quando em vez, alguns novatos tenham sido impingidos com um ramo delas em que as flores, ao emvez de serem feitas com penas de papagaio, foram roubadas da parte trazeira da branca ibis, e depois tintas. Essa decepção pode ser evitada observando si a haste das penas é colorida de verde, o que não se dá no natural. Nenhum passageiro dos navios ingleses deve apressar a aquisição dessas belas lembranças das brilhantes aves do Brasil logo que chegue a São Vicente, pois os numerosos vendedores de miudezas dessa ilha oferecem um artigo inferior feito de penas artificialmente coloridas. O Rio de Janeiro é o melhor mer-

cado para esse gênero de artigos. Nenhum enfeite excede em esplendor as flores feitas com as penas do colo e do pescoço dos beija-flores. Uma senhora, cujo chapéu ou gorro seja adornado com semelhantes penas, parece cercada dos lampejos do mais vistoso e variado brilho. Os cravos e outras flores feitas da feliz combinação das penas do ibis escarlata e da colheireira côr-de-rosa, são também muito naturais e altamente estimados. Bourget, Ouvidor 115, é o melhor naturalista do gênero.

Nessas lojas encontram-se também flores de escamas de peixe, outras feitas com asas de insetos, e alfinetes de peito fabricados incrustando em ouro um pequeno bezouro muito brilhante.

Da Rua do Ouvidor quebrámos para a Rua dos Ourives, onde há uma série de joalherias repletas de grande quantidade de objetos de ouro e prata, desde um par de esporas até um crucifixo.

Os ônibus.

Dirigimos agora os nossos passos, através do Largo de São Francisco de Paula, para o Largo do Rocio, (Largo da Estátua, como o chamam os ingleses), onde tomámos um ônibus para Botafogo. Os ônibus no Brasil são muito semelhantes ao tipo geral de qualquer parte do mundo, com essa singular e importantíssima exceção: — não são *elásticos*. Em Nova-York ou Filadélfia um ônibus proverbialmente nunca “está cheio”, mas o mesmo gênero de veículo no Rio *pode* ficar cheio, e, quando um deles está *completo*, o condutor fecha a porta, e grita “*Vamos embora*”, sacudindo o cocheiro a sua longa tira de couro e metendo a galope a sua dupla parrelha de mulas. E vamos para frente, barulhentemente passando por cima das valetas como si estas não existissem, e rolando por estreitas ruas como si os negros carregadores d’água não estivessem nelas. E’ curioso observar os escravos sobrecarregados de peso dar

livre passagem nas ruas, escapando-se para as portas abertas das lojas quando surgem os ônibus. Ocorrem poucos acidentes; e quando tal se dá, é pronta a reparação. Certa vez, estávamos numa "gondola" na estreita Rua de São José. Nossas quatro bestas orelhudas cram dirigidas em terrível velocidade, e, como são mais difíceis de dominar que os cavalos, não puderam ser puxadas antes das rodas dianteiras terem esmagado as pernas de uma pobre mulata velha. Esta ficou seriamente, mas não mortalmente ferida, e foi intantaneamente socorrida. O cocheiro da gondola, porém, nunca mais o vimos segurando as rédeas. A Casa de Correção, ou outra das muitas prisões, foi, sem dúvida, a sua moradia durante alguns meses.

Ruas estreitas e Regulamento da Polícia.

As ruas, com suas diminutas calçadas, são tão estreitas que em muitas delas só pode passar um veículo de cada vez. Por mais de uma vez lembrei-me de Herculano e Pompéia, não sómente pelos utensílios de uso corrente e instrumentos mecânicos, nos mostruários das lojas, como nas residências brasileiras, que pedem um belo vestíbulo (o "atrium"), e onde ainda se dorme numa alcova sem janela como uma cela de calabouço; nada, porem, lembrava mais visivelmente a semelhança que as ruas estreitas, que, sem dúvida, devem sua origem ao desejo de obter sombra. O Sr. George S. Hillard, no seu sugestivo livro "Seis meses na Itália", refere-se á estreiteza dos logradouros de Pompéia: "como cada veículo deve ocupar o espaço entre dois meio-fios, isso nos deixa sem poder conjecturar qual o expediente empregado, ou qual o regulamento policial em vigor, quando duas carruagens, movendo-se em sentidos opostos, encontram-se nessas ruas". Si esse competente autor houvesse visitado o Rio de Janeiro antes de sua excursão ás cidades desterradas da Grecia Maior, teria resolvido o mistério. Nas estreitas ruas do Ouvidor, Rosário,

Hospício, Alfândega, São José, e outras, os ônibus e carros nunca se encontram; e tão admiráveis são os regulamentos policiais que nenhum engano pode se dar. Na esquina de cada uma dessas ruas, no ponto de encontro com as outras, vê-se pintado, distintamente visível, um index logo em baixo do nome da rua. Assim, duas das mencionadas ruas são adjacentes e paralelas com cada uma das outras, e são atravessadas pelas Ruas Direita e Quitanda. Nas esquinas com a Rua Direita, vêem-se as seguintes placas:

RUA DO ROSARIO.



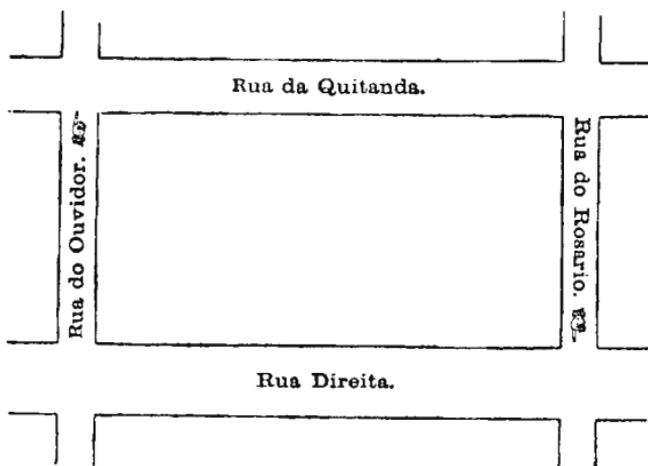
RUA DO OUVIDOR.



Ora, si eu estou num carro no ponto de encontro das ruas Direita e Rosário, e desejo visitar uma loja na esquina da última rua com a Rua da Quitanda, embora seja mais direto para mim subir pela rua do Rosario, o meu Jehú sabe que si contrariar o índice se sujeitará a uma pesada multa e á cassação de certos privilégios dos cocheiros. Ele portanto roda pela Rua Direita abaixo, sobe a Rua do Ouvidor, e vai pela Rua da Quitanda, percorrendo as três esquinas do quarteirão mas evitando um encontro.

Sugestão para aliviar Broadway.

Na cidade de Nova York, durante muitos anos se imaginaram soluções para aliviar o trânsito de Broadway, e dificilmente se encontrará nessa vasta metrópole um cidadão ou visitante que não tenha tido mais de uma ocasião de ser



sujeito a grandes transtornos devidos ao “bloqueio” regulamentar instituído diariamente na parte baixa daquele imenso logradouro, tudo isso podendo ter sido evitado pela simples aplicação do plano brasileiro, fazendo com que os incontáveis ônibus, caminhões, carroças e carros *descessem* Broadway e que os veículos que se dirigissem para o centro da cidade *subissem* Greenwich Street.

O Passeio Publico.

O nosso ônibus lá vai tocando para frente em marcha rápida. Damos um giro pela Fonte da Carioca, e, antes que pudéssemos lançar uma segunda vista para as verdes encostas do Morro de Sto. António, já vamos sendo rodados por baixo dos muros ajardinados do alto edifício do Convento da Ajuda. Tudo aí parece lúgubre, exceto as folhagens

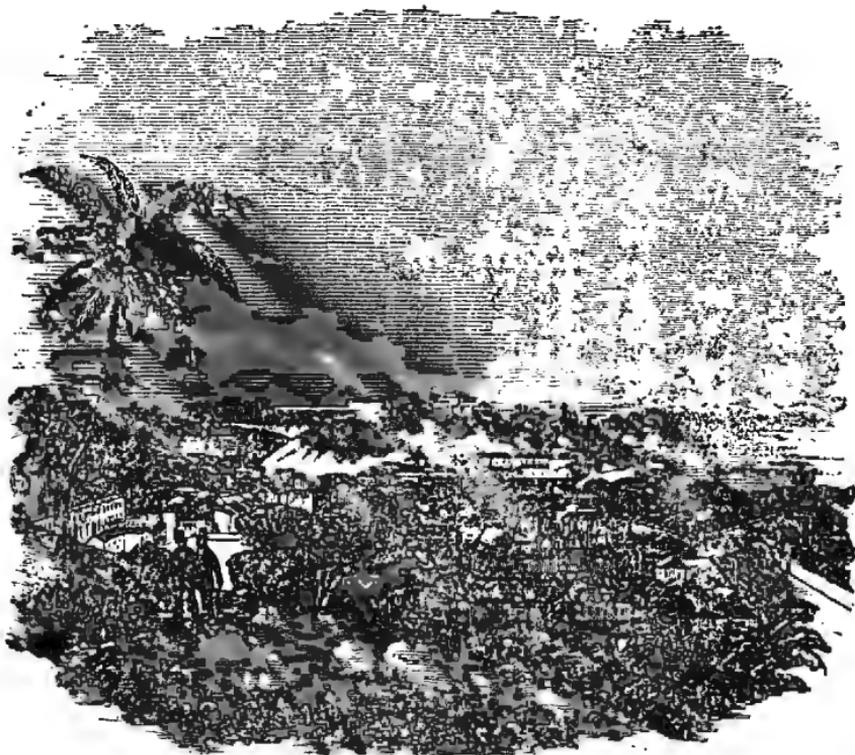
que surgem por cima do alto recinto enclausurado. Uma volta nos leva ao Largo da Ajuda, onde, num relance, temos a maravilhosa vista — para os olhos de um homem do norte, pelo menos — do Passeio Público, tendo diante de nós as verdejantes escarpas do Morro de Santa Tereza. Por baixo das árvores tropicais que as cobrem, espreitam lindas e alvas casas de campo, nenhuma outra elevação, dentro da cidade, sendo preferível a Santa Tereza para residência. O Passeio Público, por onde estamos passando, foi o meu lugar de reunião favorito no Rio de Janeiro; a qualquer hora — quer á noite, quando se mostra brilhantemente iluminado, quer á luz mais intensa do dia — é um dos mais agradáveis passeios dentro dos limites da cidade. Nele se vêem altíssimas árvores, parasitas em flôr, plantas raras, alamedas sombrias e fontes cheias de frescura. Do lado que dá frente para a baía, há um amplo terraço, donde se tem uma vista magnífica do Morro da Glória, do Pão de Açúcar ao longe e, ainda mais ao fundo, o ondulante oceano.

Passado o jardim público, achamo-nos no logradouro denominado Largo da Lapa. O edificio apalacetado á nossa direita foi adquirido há alguns anos para a Biblioteca Nacional, sendo considerado até então como uma das mais luxuosas moradias particulares do Rio.

Numa rua soberbamente pavimentada, o nosso ônibus apressa mais a marcha; mas de vez em quando um portão aberto ou um alto pinheiro do Cabo da Boa Esperança nos dizem que há jardins por traz dos muros que nos proibem de vê-los. Vamos atravessando o que é aqui chamado a “Costa d’África” — uma fila comprida de casas baixas á direita, enquanto que, á esquerda, a baía está diante de nós, donde, portanto, sendo a rua privada de sombra, a propriedade do tórrido cognome. Esse grande edificio de três andares, que foi outrora a Embaixada Inglesa, tambem alojou uma casa dos expostos. (*18) O chafariz de Santa Tereza foi construido encostado a uma porção rochosa do morro que lhe deu o nome.

Polidez dos brasileiros.

Depois de passar em frente aos jardins do falecido Barão de Meriti e pelo Morro da Glória, os passageiros do nosso ônibus começam a descer nas diferentes ruas transversais á do Catete, que é o mais largo logradouro dessa



Aqueduto, Largo da Lapa e Passeio Público, vistos de Santa Tereza

parte da cidade. Cada qual que se levanta para sair tira o chapéu e o cumprimento é correspondido por todos no ônibus, mesmo que nenhum deles se conheça. Ninguém entra num grande veículo público no Rio sem saudar os que estão dentro e receber em resposta um polido acolhi-

mento á sua presença. Frequentemente uma pitada de rapé vos é oferecida por um vosso vizinho desconhecido. Vi cavalheiros recentemente regressados do Brasil entrarem num ônibus em Nova York e cumprimentarem com deferência os demais passageiros; os polidos estrangeiros foram recebidos com um riso de debique ou olhados com desprezo.

Cada ônibus traz pintada em grandes letras ao lado a sua lotação: por exemplo, "14 pessoas", quer dizer que o veículo está registrado na Polícia como podendo conter esse número de pessoas, e um passageiro a mais sujeitará a companhia a uma pesada multa. Nunca vi mais passageiros num ônibus que aqueles que os algarismos ao lado determinam.

As "Gôndolas"

Mais de uma vez nos referimos a "*gôndolas*", — nome associado aos romances amorosos e a Veneza, "luars, noitadas, e vozes de sonhos". Quando ouví pela primeira vez esse melífluo nome no Brasil, supuz que as esbeltas e graciosas embarcações da Rainha do Adriático tivessem sido transportadas para as iluminadas águas do Rio de Janeiro; logo, porem, percebi o meu engano, e verifiquei que essa doce palavra italiana era empregada para designar o menos poético dos veículos, de quatro rodas, puxados por outras tantas mulas escoceantes e teimosas! A gondola se assemelha a um ônibus em tudo, menos em não ser acompanhada por um condutor. Paga-se adiantadamente ao Senhor Bernardo ou a um Senhor Fulano no Largo do Paço; e, quando há muitos passageiros, são recebidos pelo cocheiro.

Imperturbalidade dos brasileiros.

A gondola não tem a vantagem que os ônibus de Nova York possuem, isto é, uma correia de couro com que os passageiros fazem o cocheiro parar o veículo á vontade. Em lugar disso, os passageiros da gondola fazem livre uso

de bengalas, guarda-chuvas e punhos, batendo em rápido compasso na parte da frente da gondola próxima ao cocheiro; ou ás vezes a perna deste é mais forte do que carinhosamente puxada pelo passageiro que se senta junto da última janela. Algumas vezes a gondola não pode ser impedida pelos seus remos de carne e osso; e, em tais circunstâncias, quando um escocês, um "yankee" ou um francês descarregaria a sua impaciência com pesadas palavras sobre o infeliz Jehú, os brasileiros se mantêm perfeitamente calmos, nenhum deles descendo para ver o que succedeu, conversando uns com os outros filosoficamente como si nada houvesse acontecido. Certa vez fui testemunha de uma cena que custa ser acreditada. Quando uma gondola cheia de passageiros estava virando uma esquina na Rua dos Ourives, desgraçadamente "empacou". O cocheiro berrou com as mulas, bateu-lhes com o seu comprido chicote de couro crú, fez "chii...u" (2) para elas, bateu com os pés na plataforma do carro, tudo ineficazmente: os animais não podiam fazer o carro andar. Nenhum passageiro se retirou, mas todos ficaram olhando das janelas como si aquilo fizesse parte do programa para que haviam pago seus *dois tostões* (cinco pence), e estavam decididos a fazer jús a tal despesa. O pobre cocheiro estava em profundas aperturas: quasi que toda uma multidão se achava reunida junto da gondola, mas ninguém se oferecia para ajuda-lo, até que afinal ele, por alguns *vintens*, alugou o serviço de varios africanos, cujos largos hombros applicados ás rodas, em combinação com o arranco das mulas, moveram o veículo, os passageiros, e tudo mais.

Devido a uma certa inclinação para a filologia, indaguei por que motivo esses veículos públicos eram chamados

(2) Som irrepresentavel por meio de letras, semelhante ao empregado nos Estados Unidos para chamar as galinhas, e que, no Brasil, todas as classes sociais, empregam para atrair a atenção dos outros. 1866 — tôdas as gôndolas tem agora condutor.

gondolas. Informaram-me logo que havia sido concedido um dado monopólio a determinadas companhias de ôníbus, que foi considerado oneroso, mas como o governo municipal não podia em consciência abolir o contrato ou conferir nova autorização a mais uma companhia de *ônibus*, todos os escrúpulos estariam finalmente resguardados concedendo-se privilégio a uma companhia de *gondolas* para transportar passageiros!

Terminámos a nossa corrida na Ponta do Catete, e daí nos dirigimos para o Hotel dos Estrangeiros, no começo do Caminho Velho de Botafogo (* 19); ou poderíamos dar mais uns passos e entrar no Hotel Johnson, no Caminho Novo. O Hotel dos Estrangeiros é um grande casarão dirigido á moda francesa; o Hotel Johnson é onde os ingleses costumam reunir-se e onde se pode encontrar maior conforto que em qualquer estabelecimento para acomodar hóspedes na cidade. Ambos estão cercados de vegetação, quer consideremos os jardins em volta deles quer os morros adjacentes, cujas encostas estão cobertas de árvores de luxuriante folhagem e plantas trepadeiras. O Hotel Johnson já não existe mais.

Falta de hotéis.

O estrangeiro no Rio de Janeiro fica geralmente surpreso ante a escassez de hospedarias e casas de pensão. Ha varios hotéis franceses e italianos com apartamentos para alugar; esses são sustentados principalmente pelos numerosos forasteiros que chegam constantemente e ficam só temporariamente no lugar. Mas entre a população nativa, e pertencentes a brasileiros, ha apenas oito ou dez pensões numa cidade de tresentos mil habitantes, e raramente essas ultrapassam as dimensões de uma casa particular. E' quasi inconcebível como os numerosos visitantes dessa grande metrópole encontram as necessarias acomodações. Pode-se seguramente supor que o consigam mediante uma pesada contri-

buição da hospitalidade dos seus habitantes, junto aos quais, em muitos casos, uma carta de recomendação garante uma moradia. Na falta desse recurso, o forasteiro tem que alugar um quarto, e, com auxílio de seu criado e alguns moveis, consegue manter-se, recorrendo mais ou menos frequentemente a alguma *casa de pasto* ou restaurante. A maioria dos membros da Assembléia Nacional montam casa particular durante a sua estadia na capital. Em consequência dessa falta de hotéis e pensões, algumas firmas comerciais mantêm uma mesa para seus empregados e hóspedes. Isso já foi mais comum, faz tempo; depois, porem, de 1850, a maior parte daqueles que assim se acomodavam associaram-se e alugaram casa em Botafogo, Praia Grande ou Santa Tereza, e mantem casa própria.

Primeira noite no Rio.

Tendo servido de cicerone, até aqui, do leitor nesse rápido giro através desta cidade tropical, não encontro melhor meio de terminar o dia do que imaginar-se ele num dos amplos quartos do Hotel dos Estrangeiros.

Durante tantos dias, num beliche estreito, a gente vem sendo rolada pelos vagalhões do oceano, e esta é a primeira noite passada em *terra firme*, em confortavel leito. As janelas do quarto estão totalmente abertas e, fechando os olhos, sente-se a brisa da terra, que docemente murmura, trazendo em suas asas não sómente o suave e fresco perfume da terra, como, roubando em sua passagem pelos jardins próximos a fragrância dos jasmims, o delicado aroma da florapondia e o perfume das flores recém abertas das laranjeiras, enriquece o ambiente da noite com os mais ricos aromas. O gemido distante das vagas, que se veem quebrar na Praia do Flamengo, é uma suave melodia, que acalenta o sono para se sonhar com cenas não mais deleitosas que aquelas que nos rodeiam nas quais existem.

"As maiores constelações brilhando, suaves luares e felizes céus,
Variedades de matizes tropicais, palmeiras em grupos, trechos de
[paraiso."

uma terra onde

"Deslizam os pássaros sobre matas luxuriantes, pendem as trepadei-
[ras dos píncaros.
Arqueiam as abóbadas cobertas de flores, erguem-se as árvores car-
[regadas de frutos, —
Ilhas estivais do Eden repousando nas esferas purpuras do mar." (3).

(3) Nota de 1866 — As gravuras das páginas 21 e 23, embora graficamente representem as coisas como eram em 1855, não estão mais adequadas. Foram conservadas como documento histórico. O governo proibiu esses exaustivos e cruéis trabalhos da parte dos escravos. O café é atualmente carregado em carroças. A municipalidade do Rio deve dar mais um passo a frente e cobrar o triplo da licença para as carroças que não tiverem molas. Não tratar do peso imenso do veículo atualmente em uso, que só encontra paralelo em Portugal, é deixar que ele esfarele em pedaços o calçamento das ruas, agindo sobre ele como um malho de grande peso. Um carro de molas pode ter a mesma força com a metade do peso, um só animal pode fazer o mesmo trabalho que ora exige dois para o peso brutal destruidor de ruas que atualmente se emprega. Ficamos satisfeitos de ver no Rio já algumas carroças de molas de Nova-York. Venham outras, e os fluminenses terão que pagar menores taxas de calçamento.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 15) Atual Praça 15 de Novembro.

(* 16) Atual Rua 1.º de Março.

(* 17) Edifício atualmente ocupado pelo Banco do Brasil.

(* 18) A "roda dos Expostos", antes de ocupar o seu lugar atual na rua Marquez de Abrantes e depois de ocupar o edifício aqui mencionado na Praia da Lapa, esteve na antiga rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga, até a data em que o governo comprou á Misericórdia os edifícios em que funcionou, para ampliar o quartel dos Barbonos, nome por que era então conhecido o quartel da Força Policial que ainda aí existe.

(* 19) Atuais ruas Senador Vergueiro e Marquez de Abrantes.

CAPÍTULO III

Descoberta da América do Sul — Pinzon.

Si bem que a baía e a cidade do Rio de Janeiro encerram grande interesse para o estudante de história em geral, e ainda mais para o cristão protestante como sendo a porção do Novo Mundo onde a bandeira da Reforma foi pela primeira vez desdobrada, julguei mais conveniente incluir aqui um breve resumo da descoberta e primeiras colonizações do Brasil.

Guanihani — o posto pioneiro do Novo Mundo — foi avistado por olhos europeus seis anos antes da descoberta da América do Sul. Em 1498, Colombo desembarcou próximo ás bocas do Orinoco. Ele registrou, em palavras entusiásticas, “a beleza da nova terra” e declarou que ele desejava “não poder mais ausentar-se de tão encantadora região”. A honra, todavia, da descoberta do Hemisfério Ocidental ao sul da linha do equador deve ser atribuída a Vicente Yanez Pinzon, companheiro de Colombo e que comandava a “Niña” na gloriosa primeira viagem que tornou conhecida a existência do Novo ao Velho Mundo. Pinzon partiu de Palos em Dezembro de 1499, e, atravessando o equador, seus olhos se regosijaram com a vista de um verde promontório, a que denominou Cabo Consolação. Este é atualmente conhecido como Cabo de Sto. Agostinho, ponta de terra situada imediatamente ao sul da cidade de Pernambuco. Daí seguiu para o norte, descobrindo a vasta embocadura do Amazonas, e tocando em varios pontos até alcançar o Orinoco.

Cabral.

Quando Pinzon avistou os palmeirais e as espessas florestas e sentiu as perfumadas brizas que sopram dessas

práias, supoz que estivesse visitando a Índia além do Ganges, e acreditou ter viajado para lá da celebrada Catai. Em nome de Castela tomou posse da formosa terra; porém, antes que voltasse á Espanha, Pedro Alvares Cabral, ilustre navegador português, havia reivindicado o território para o seu soberano. No regresso de Vasco da Gama a Portugal, em 1499, com a certeza de haver descoberto o caminho para as Índias pelo Cabo da Boa Esperança, o rei Dom Manuel resolveu mandar uma grande frota áquelas famosas paragens, com instruções para entrar em relações comerciais com os soberanos orientais, ou, em caso de recusa, fazer-lhes guerra e submetê-los. O comando dessa expedição foi conferido a Cabral, e, no dia 9 de Março, a grande frota, com seus 1.500 homens, soldados e marinheiros, zarpou entre grandes cerimônias militares e religiosas, tendo o próprio rei honrado a partida com a sua augusta presença. Com esse punhado de homens, destinados a trazer á força o Oriente para os designios comerciais de Portugal, Cabral dirigiu-se ao arquipélago de Cabo Verde, e, daí, afim de evitar as calmarias que prevalecem nas costas africanas, afastou-se tanto para oeste que, sem intenção alguma de sua parte, descobriu, a 21 de abril de 1500, as mesmas terras que, noventa dias atrás, haviam sido visitadas por Pinzon. A descoberta de Cabral deu-se entretanto na actual província do Espírito-Santo, próximo ao Monte Pascoal (* 20), que está situado a 8 graus ao sul do Cabo de Sto. Agostinho.

Alguns autores brasileiros mencionam com má vontade a viagem de Pinzon; outros a ignoram, desejando aparentemente attribuir toda a glória a um de seus antepassados portugueses. Não resta dúvida que Cabral foi levado pelos ventos alízeos e pelas correntes — de que não tinha conhecimento — até ás costas do Brasil, realizando assim a sua afortunada descoberta. Presentemente, os navios que saem da Europa para as Índias Orientaes podem (como bem o demonstram as cartas dos ventos e correntes do Tenente

Maury) apressar as suas viagens prevalecendo-se dos maravilhosos ventos alízeos, que se dirigem primeiro para a América do Sul e depois na direção do Cabo da Boa Esperança. Pinzon partiu de Palos com a intenção de realizar descobertas no Ocidente; Cabral saiu de Lisboa com instruções para prosseguir nas descobertas orientais de Vasco da Gama; mas, porque um feliz acidente (afirmam alguns que forte tempestade) forçou a sua frota na direção do Brasil, e isso meses depois do desembarque do navegador espanhol no Cabo de Sto. Agostinho, não há razão nem justiça para que o orgulho nacional empenhe-se em tirar a prioridade da descoberta a Vicente Yanez Pinzon.

No Domingo da Páscoa foi celebrada missa; e a 1.º de maio, repetiu-se a solenidade, tendo-se, na presença de milhares de aborígenes, erguido uma alta cruz, com as insígnias de Dom Manuel, e tomado posse solene em nome do Rei de Portugal, da terra a que deram o nome de Vera-Cruz (4).

Foi Frei Henrique, de Coimbra, quem celebrou as cerimônias religiosas, no que foi piedosamente acompanhado (assim rezam as crônicas) pelos indígenas "*imitando os gestos e movimentos dos portugueses*".

Dois degredados foram aí deixados com os nativos, tendo um deles mais tarde se tornado de grande utilidade como intérprete. Cabral despachou Gaspar de Lemos para Lisboa, afim de informar o soberano da descoberta e posse da nova terra da Vera-Cruz, e depois prosseguiu na sua rota para as Índias Orientais. O Papa de Roma lançou uma bula regulando o direito de posse das regiões descobertas por Espanha e Portugal, e assim se resolveu a questão entre Pinzon e Cabral.

(4) Historia do Brasil, pelo Gen. J. I. de Abreu Lima. Rio de Janeiro, 1843.

Gonçalo Coelho — Américo Vesputio.

O Rei Dom Manuel ficou profundamente interessado pelas informações trazidas por Gaspar de Lemos, e, em maio de 1501, enviou a seus novos domínios três caravelas sob o comando de Gonçalo Coelho (5). Numa delas veio Américo Vesputio. Tal expedição teve mais insucessos que sucessos, e foi substituída, em 1503, por uma segunda, que, composta de um número duplo de navios, partiu, segundo alguns autores, sob o comando de Cristovão Jacques, e, segundo outros, do mesmo Gonçalo Coelho, (6) acompanhando-a novamente Américo Vesputio. Quatro das caravelas se perderam, com o comandante-em-chefe; mas o venturoso florentino escapou e viveu para, indiretamente, privar as novas terras do nome que lhes deu Cabral.

As duas naus restantes penetraram numa baía, que se supõe hoje ser a espaçosa Baía de Todos os Santos, tendo em seguida percorrido 216 milhas para o sul ao longo da costa, ficando ancorada próximo da terra durante cinco meses, entabulando relações amistosas com os indígenas. Eri-giram aí uma fortificação, deixando nela 24 homens.

O nome de "Brasil".

A mais valiosa parte do carregamento que Americo Vesputio levou de volta para a Europa foi a muito conhecida madeira de tinturaria, *Cesalpinia brasiliensis*, denominada em português *pau brasil*, em razão de sua semelhança com a *brasa*, carvão incandescente, tendo a terra donde ela provem sido denominada "terra do pau brasil" e, finalmente, resumindo a denominação, *Brasil*, que usurpou completamente os nomes de *Vera-Cruz* ou *Santa-Cruz*. Essa mu-

(5) Ibid. vol. I, capt. II.

(6) Epitome da História do Brasil, por José Pedro Xavier Pinheiro. Baía, 1854, capítulo I, pag. 27.

dança não se deu sem protestos da parte de alguns, — não que o seu gosto pela eufonia se houvesse chocado, mas sob o fundamento de que a causa da religião requeria um título sacro para as belas possessões da fiel Luzitânia no Novo-Mundo. Um dos “reverendíssimos” declarou que foi pela expressa intervenção do demônio que uma terra tão escolhida e formosa se teria chamado Brasil em substituição á piedosa designação dada por Cabral. Um outro — devotado Jesuita — produziu uma jeremiada sobre o assunto, concluindo, com ênfase, por assegurar que vergonha era “a cupidez dos homens, por um tráfico indigno, poder mudar o lenho da cruz, tinto de vermelho pelo sangue verdadeiro do Cristo, nessa outra madeira que só se lhe assemelhava na côr”!

Baía do Rio de Janeiro.

Outras viagens foram empreendidas por ordem de Espanha e Portugal, tornando desse modo conhecido todo o litoral éste da América do Sul desde o Amazonas até o estreito de Magalhães. Entre os navegantes que comandaram tais expedições figuram De Solis e Magalhães. Em 1515, De Solis partiu para a sua viagem ao sul, descobrindo o Rio da Prata, que a princípio teve o seu nome. Quando para lá se dirigia, penetrou na baía hoje conhecida como do Rio de Janeiro. Fernando de Magalhães, português a serviço de Carlos I, de Espanha, partiu, em 1519, para descobrir a passagem pelo oeste para as Índias. A 13 de Dezembro entrou na baía anteriormente visitada por De Solis, onde se demorou até 27 do mesmo mês, tendo-lhe dado o nome de Baía de Santa Luzia, pela data de sua entrada coincidir com o aniversário da santa. Em seguida percorreu o litoral do continente até penetrar nós estreitos que ainda teem seu nome, e que, durante séculos, foram a única passagem conhecida para o Pacífico. Magalhães foi o primeiro a circumnavegar o globo.

Martim Afonso de Souza.

A versão comum da origem do nome *Rio de Janeiro*, tão impropriamente dado a uma baía, já foi por nós referida. Os fatos parecem contrariar a explicação geralmente aceita de que Martim Afonso de Sousa descobriu essa vasta porção d'água — que ele supoz ser um rio — a 1.º de janeiro de 1531. É incontestável que essa baía tenha sido visitada pelo menos duas vezes antes de sua partida de Portugal. Martim Afonso de Sousa era um fidalgo português de alta linhagem, em grande estima junto á côrte de Dom João III. Tendo esse rei recebido informações das visitas dos espanhóis ás plagas que ele considerava de seu domínio, resolveu enviar uma expedição comandada por Martim Afonso ao Brasil. Deu-lhe plenos poderes sobre terra e mar, tendo o mesmo vindo para fortificar e proceder á partilha das novas terras. Foi o primeiro donatário português no Brasil, tendo saído de Lisboa no dia 3 de Dezembro de 1530. Poucas semanas depois, avistava o Cabo de Sto. Agostinho, próximo do qual encontrou três naus francesas. Deu-lhes combate, venceu-as e trouxe-as em triunfo para o atual porto de Pernambuco. Após reparos, chegou á Baía de Todos os Santos, onde estava localizada a pequenina povoação do naufrago Diogo Alvares Correia (Caramurú) cuja romântica história vai narrada em outro trecho deste livro. Após uns dias de demora, zarpou de novo em direção ao sul, e na data de 30 de abril de 1531, entrou na baía que já havia sido denominada Santa Luzia e Rio de Janeiro. Refletindo-se um momento sobre a data, 3 de dezembro de 1530, em que Martim Afonso de Souza partiu de Lisboa, e os vários acontecimentos e demoras da viagem, pode-se facilmente compreender que seria impossível percorrer mais de 5.000 milhas (e não se tratava das modernas embarcações...), combater e capturar três naus, reabastecer-se sucessivamente em dois portos diferentes, e chegar á Baía

do Rio de Janeiro a 1.º de janeiro de 1531. Além disso, temos o direto e singelo testemunho de Pero Lopes de Souza, irmão do comandante da expedição, de que não só dá a data da chegada, como o fato de que a baía ou o suposto rio já era anteriormente conhecido como Rio de Janeiro: — “sábado, 30 de abril às quatro horas da madrugada, estávamos na foz do Rio de Janeiro”.

Martim Afonso não fundou qualquer estabelecimento nas margens da esplêndida baía em que penetrou, contentou-se apenas em permanecer nela alguns meses, construindo aí três bergantins, e partiu para o litoral da atual província de São Paulo. Num local que não possuía nenhum predomínio natural para isso iniciou a primeira colonização européa no Brasil (o punhado de homens de Vespúcio e as palhoças indígenas de Caramurú não podem ser consideradas as primeiras colonizações), denominando-a *São Vicente*. São Vicente não existe presentemente, a não ser que se possa basear a sua existência nuns poucos casebres miseráveis e numa fonte quebrada que assinala o local em que foi lançada a primeira pedra da orgulhosa colônia de Portugal. Nas margens da espaçosa e segura baía do Rio de Janeiro, que Martim Afonso rejeitou por um exposto braço de mar, brotou a primeira cidade comercial da América do Sul, terceira do Novo-Mundo.

Passada glória de Portugal.

Não seria desinteressante lançar uma vista rápida para a situação, nessa época, do reino que enviou Dias, Vasco da Gama, Cabral, Cristóvão Jacques e Martim Afonso de Souza para novas e ousadas viagens de descobertas. O território de Portugal europeu não era então maior do que hoje, mas seus ambiciosos monarcas e seus destemerosos navegadores haviam levado suas conquistas e descobertas não só ao longo de toda a costa oriental e ocidental da África, mas até á longínqua Índia. Bartolomeu Dias descobriu o Cabo da

Boa Esperança seis anos antes de Colombo descobrir a America; e Vasco da Gama dobrou o mesmo cabo antes que o grande genovês desembarcasse na foz do Orinoco. Portugal possuía prósperas colônias em Angola, Loango, e Congo, antes que Cortez houvesse incendiado suas naus no Golfo do México. Antes que a respeitavel Companhia da Índias Orientais fosse sonhada, os vice-reis e as empresas comerciais de Portugal já dominavam sobre milhões no Indostão e no Ceilão. Traficavam com os distantes Peguans e os pouco conhecidos Burmeses, nas margens do Irrawaddy, tresentos anos antes que Judson proclamasse, junto do mesmo rio, o evangelho do abençoado Salvador. Séculos antes dos ingleses possuirem Hong-Kong ou os norte-americanos abrirem o Japão por meio de tratados comerciais, Portugal já possuía Macau, mantinha relações com os curiosos chineses, comerciava com o Japão, e, por intermédio de seus sacerdotes, levava mais de um milhão desses ilhéus de olhos amendoados a abraçar o credo de Roma. De suas imensas aquisições por meio de conquistas e descobertas, o Brasil certamente não seria a menor em importância e futuro. Quando se considera o que Portugal já foi e o que é presentemente, pode-se apenas exclamar: — “Como pode decair o poder!” Portugal foi pesado na balança e foi encontrado na miséria. Tosquiado em todas as suas possessões no Oriente, exceto um territorio comprehendendo Goa e algumas poucas ilhas sem importância, menores do que o estado de Carolina do Sul, o seu comércio é atualmente apenas conhecido nos mares da Índia. Seus dominios a oeste da Ásia limitam-se ao pequeno território de seu reino na Europa, a colônias decadentes na África e a umas raras ilhas no Atlântico. Não possui uma polegada de território no Mundo Ocidental, onde já possuiu um quarto do continente. Não contou para tanto com o sal conservador de um puro Cristianismo para preservar a sua moralidade e grandeza. Como a Espanha, tornou-se um dia patrono e protetor da Inquisição; e, si bem que os portuguezes sejam

muito mais tolerantes que os espanhóis, ainda assim o governo de Portugal ajudou a maldita arma da intolerância romana até 1821. O contraste entre a Holanda e Portugal impõe-se á atenção de todo mundo. Ambos têm aproximadamente a mesma população e superfície, ambos foram grandes nações marítimas no século XVI e fizeram extensas conquistas no Oriente. Mas, quando os países vizinhos criavam uma frota marítima depois dessa época, a Holanda, nesse particular, ainda se coloca como terceira potência da Europa e quarta do mundo, não tendo declinado a sua prosperidade interna. Seu crédito tem-lhe mantido sempre a mais elevada posição entre as nações do Globo, ao passo que Portugal tem-se visto mais de uma vez á beira da bancarrota. A Holanda governa atualmente 22 milhões de súditos, prósperos e progressivos, tanto no Hemisfério Ocidental como no Oriental. Portugal, em todos os seus domínios, governa menos de um terço. Aquela nação se distingue pela sua tolerância e inteligência; esta, sob a sombra crescente do Papado, tem, mesmo na última metade do século XIX, manifestado estreiteza de vistas e intolerância, e a sua população, em média, é a mais ignorante da Europa. Os últimos anos tem sido, podemos certificar, precursores de melhores tempos para Portugal. Seu jôvem e esclarecido monarca veio ao trôno com vistas ampliadas, e espera satisfeito que os seus súditos se elevem, e que Portugal assuma uma posição mais de acordo com as tradições históricas dos tempos em que seus reis eram enérgicas e seus navegadores depositavam a seus pés os tesouros do mundo.

Voltando dessa nossa digressão, vejamos o progresso dos acontecimentos nas novas aquisições de Portugal no Novo-Mundo.

Colônia Huguenote de Coligny.

Outros olhares, além dos navegadores espanhóis, estavam observando o Brasil, e justamente para aquela porção

do mesmo que fôra desdenhada por Martim Afonso de Souza. Entre os aventureiros de França, figurava Nicolas Durand de Villegagnon, cavaleiro da ordem de Malta, homem de notavel capacidade e de certa distincção no serviço da França. Havia sido mesmo designado para o galante posto de comandante do navio que conduziu Mary, Rainha dos Escoceses, da França para o seu reino. Villegagnon aspirava á honra de estabelecer uma colônia no Novo-Mundo, e o Rio de Janeiro foi o local escolhido para sua tentativa. Teve a habilidade de, logo de saída, assegurar-se do patrocínio do grande e bondoso Almirante Coligny, cuja perseverante intenção de implantar a religião Reformada nas duas Américas foi seu traço fundamental de vida até o momento em que as vésperas de São Bartolomeu fossem escritas em caracteres de sangue.

Villegagnon propoz-se fundar um asilo para os huguenotes perseguidos. A influencia do Almirante Coligny garantiu-lhe um respeitavel numero de colonos. A côrte de França estava disposta a ver com satisfação não pequena o plano de fundação de uma colônia, segundo o exemplo dos portugueses e espanhois.

Foi no ano de 1555 que Henrique II, então reinante, forneceu três pequenas naus, cujo comando foi assumido por Villegagnon e que saíram do Havre de Grace. Um tufão ocorreu quando ainda se achavam perto da costa, que obrigou a frota a entrar em Dieppe, o que fizeram com grande dificuldade. Nessa ocasião, muitos dos artezãos, soldados e nobres aventureiros haviam contraído o mal do mar e abandonaram a expedição mal desembarcaram.

Primeiro pendão protestante desfraldado no Novo Mundo.

Após longa e perigosa viagem, Villegagnon entrou na Baía de Niteroi, e começou por fortificar uma pequena ilha junto á barra da mesma, hoje denominada Lage e que é occupada por uma fortaleza. As suas fortificações,

porem, por serem de madeira, não puderam resistir á ação das vagas e foi obrigado a remove-las mais para o interior da baía, para a ilha hoje denominada Villegagnon, onde construiu um forte, a princípio denominado Coligny, em honra de seu patrono. Essa expedição havia sido bem planejada, e o local da colônia apropriadamente escolhido. As tribus nativas eram hostis aos portugueses, mas negociaram



Fortaleza e Ilha de Villegagnon

amistosamente com os franceses. Algumas centenas de índios reuniram-se na práia á chegada dos navios franceses, acenderam fogueiras em sinal de regosijo e ofereceram tudo o que possuíam a seus aliados que os vinham defender dos portugueses. Uma recepção assim inspirou aos franceses a idéa de que eram senhores já do continente, e denominaram-no França Antártica.

Foi nessa ilha que eles erigiram sua tosca casa de culto, onde os Puritanos franceses ofereceram suas orações e cantaram seus hinos quasi setenta anos antes que um Pilgrim puzesse seus pés em Plymouth Rock e mais de meio

século antes que o Livro das Orações apparecesse nas margens do Rio James.

Com a volta das naus á Europa para uma nova remessa de colonos, foi empregado muito zelo para a implantação da religião Reformada nessas longinquoas plagas. A Igreja de Genebra interessou-se pelo assunto, enviando dois de seus ministros e quatorze estudantes, dispostos a afrontar todas as difficuldades de um clima desconhecido e de uma nova vida em benefício da causa. E' interessante considerar o fato de que, quando a Reforma ainda estava em sua infância, o propósito de propagar o evangelho em regiões distantes do mundo preocupava o ardor dos cristãos na cidade de Genebra, ainda em vida de Calvino, Farel e Teodoro de Beza. Dificilmente se encontraria mais remoto exemplo do esforço missionário dos protestantes.

Como a situação dos Huguenotes na França longe estava de ser favoravel, o duplo motivo de procurar libertar-se da opressão e fazer progredir a fé parece ter dominado francamente e induzido muitos a embarcar. Quando consideramos os primeiros passos incipientes dessa tentativa, sem considerar o seu epílogo, muita razão se teria para desejar que os princípios da Reforma tivessem tomado raizes no Brasil, como mais tarde na América do Norte, onde produziram uma colheita de tão admiraveis resultados.

Mas o revéz parecia espreitar cada passo do empreendimento. Em Harfleur, a população Papista atirou-se contra os colonos, e estes, depois de perderem seus melhores officiais no conflito, viram-se obrigados a procurar salvação na retirada. Tiveram uma exaustiva travessia, soffrendo outrossim violenta tempestade; ao aproximarem-se da costa brasileira, tiveram um ligeiro encontro com os portuguezes. Foram, entretanto, recebidos com aparente cordialidade por Villegagnon, que tomou efetivas medidas para a instalação dos novos colonos. Mas não tardou que certas

circunstâncias desagradáveis se dessem para patentear o caráter de verdadeiro vilão do chefe.

Traição de Villegagnon.

Tendo conquistado para sua absoluta influência certo número de adeptos não muito dados á piedade espiritual, Villegagnon, sob o pretexto de modificar a sua religião e voltar á verdadeira fé, iniciou uma série de perseguições. Aqueles que haviam vindo à França Antártica para desfrutar liberdade de consciência, viram-se diante de condições ainda peores do que dantes. Foram sujeitados a um tratamento abusivo e grandes privações. Essa inesperada defecção consumou a prematura ruína da colônia. Os colonos recém-chegados pediram licença para regressar, o que lhes foi assegurado, porem numa nau tão mal suprida de recursos que alguns recusaram-se a embarcar, e a maioria, que aceitou, sofreu posteriormente as agruras da fome. Villegagnon, na forma do costume, fez-lhes entrega de uma caixa com cartas, envolta em pano impermeavel. Entre essas cartas, havia uma dirigida ao principal magistrado do porto em que tivessem a sorte de desembarcar, na qual o digno amigo dos Guises denunciava aqueles que convidara para desfrutarem no Brasil o exercício tranquilo da religião Reformada, como heréticos mercedores do patíbulo. Aconteceu que os magistrados de Hennebonne, onde desembarcaram, eram favoráveis á Reforma, tendo-se assim frustrado a malignidade de Villegagnon e posto a descoberto a sua traição. Dentre os que receberam confiar suas vidas a uma embarcação tão mal provida e tão imprópria para a travessia, três foram condenados á morte pelo seu perseguidor. Outros fugiram dele para o lado dos portuguezes, onde foram obrigados a apostatar e professar uma religião que detestavam.

Os colonos obrigados a regressar ao seu país viram-se reduzidos ás mais extremas privações, e, por falta de ali-

mento, não só devoraram todo o couro, — até mesmo o revestimento de seus baús —, como, em desespero, tentaram mastigar o duro e seco pau-brasil que havia a bordo. Alguns morreram de fome e já haviam tomado a resolução de se entredevorarem, quando surgiu terra a vista. Chegaram justamente a tempo para desiludirem um grupo de aventureiros flamengos prontos a embarcar para o Brasil, assim como dez mil franceses, que teriam emigrado si o plano de Coligny fundando sua colônia não tivesse sido tão malvadamente atraído.

Lutas entre portugueses e franceses.

Si bem que os portugueses se mostrassem tão ciosos do comércio do Brasil a ponto de tratarem como pirata a todo aquele que, sem licença, se interpuzesse em seu tráfico, permitiram no entanto, por inadvertência, que a colônia dos franceses não sofresse molestação durante quatro anos; e, não fosse a traição de Villegagnon ao seu partido, o Rio de Janeiro teria sido hoje, provavelmente, a capital de uma colônia francesa ou de um estado independente onde teria predominado o elemento huguenote.

Os Jesuitas estavam bem cientes do perigo, e Nobrega, seu chefe provincial, conseguiu afinal despertar a atenção da côrte de Lisboa. Um mensageiro foi mandado espionar o estado das fortificações francesas. Baseado em suas informações, foram expedidas ordens a Mem de Sá Barreto, governador da colônia e que residia em São Salvador, para que atacasse e expulsasse os intrusos que ali permaneciam. Tendo aprestado duas naus de guerra e varias mercantes, o governador, assumindo em pessoa o comando, embarcou, levando Nóbrega como seu principal conselheiro. Surgiram á barra do Rio de Janeiro nos primeiros dias de 1560, com a intenção de surpreender a ilha ao cair da noite. Assinalados pelas sentinelas, falhou o plano. Os franceses ime-

diatamente se aprestaram para a defesa, abandonaram seus navios, e, com oitocentos índios armados de flechas, retiraram-se para suas fortificações.

Com reforços recebidos de São Vicente, Mem de Sá conquistou os pontos de desembarque, e, desalojando os franceses de suas mais importantes posições, intimidou-os por tal forma que, sob as trevas da noite, estes recuaram, fugindo para as suas naus ou para o continente.

Os portugueses, não se sentindo suficientemente fortes para conservar as posições que haviam tomado, demoliram as fortificações, levando consigo a artilharia e as munições que encontraram. Pouco tempo depois, novos combates, dessa vez levados a efeito pelos índios, contra os mesmos, obrigaram-nos a se acolherem em diversos pontos onde foram perseguidos com grande ferocidade durante vários anos. Entrementes, os franceses recobravam força e influência. Fizeram-se novos preparativos para expulsá-los. Uma força armada, composta de portugueses e índios amigos, sob o comando de um Jesuíta indicado por Nóbrega, desembarcou junto à base do Pão de Açúcar e, tomando posição no local hoje conhecido por Práia Vermelha, sustentou uma série de escaramuças indecisas com o inimigo por mais de um ano. Certa vez, vitoriosos, entoaram, com triunfante esperança, um versículo das Escrituras, que diz: "Os arcos do poderio foram quebrados", etc. Bem podiam eles referir-se aos arcos do poderio dos Tamoios, pois as setas por eles enviadas se fixavam nos escudos e alcançavam o braço que os sustinha, e às vezes atravessavam o corpo, prosseguindo na sua trajetória com tal força que se fincavam nas árvores fazendo tremer os troncos.

Vitória dos portugueses.

Nobrega afinal veio a campo, e a seu pedido Mem de Sá novamente surgiu com todos os recursos que conseguiu em São Salvador. Tudo se deu com presteza, e o ataque

foi adiado para 48 horas depois, para coincidir com o dia de São Sebastião. O dia auspicioso chegou — 20 de janeiro de 1567. A fortaleza dos franceses foi tomada. Nenhum tamóio escapou.

Southey observa, com muita justeza, nunca se ter dado outra guerra em que tão pouco esforço se tenha feito e tão poucos homens empregado de ambas as partes e que fosse seguida de tamanhas consequências. A côrte de França estava por demais empenhada em queimar e massacrar huguenotes para poder pensar no Brasil, e Coligny, depois de seus generosos planos terem sido arruinados pela traição vil de Villegagnon, não mais olhou para a colonia; a época da emigração terminara, e aqueles que haviam colônizado o Rio de Janeiro sustentaram a sua luta, contra um inimigo sanguinário e implacavel, em defesa de todas as coisas que são caras ao homem. Portugal tinha para com o Brasil quasi que a mesma attitude de desatenção; de forma que, mesmo pouco numerosos e desarmados como eram os franceses antárticos, si Mem de Sá não tivesse sido tão enérgico no cumprimento de seu dever, ou Nóbrega menos habil e infatigavel em sua opposição, estes últimos teriam conservado suas posições, e, em lugar de a Portugal, talvez á França tivesse pertencido todo o país.

Fundação de São Sebastião.

Imediatamente após a vitória, o governador, de acordo com as suas intruções, traçou os planos da nova cidade, a que chamou São Sebastião, em honra do santo sob cujo patrocínio a batalha se vencera, e também do rei de Portugal. O nome de São Sebastião foi suplantado pelo de Rio de Janeiro.

Cruel intolerância.

Relacionado com os acontecimentos acima narrados, conservou-se o registo de uma melancólica prova de cruelda-

de e intolerância dos vencedores. Segundo os anais dos Jesuítas, Mem de Sá manchou de sangue inocente as fundações da cidade. “Entre os Huguenotes que se viram obrigado a fugir da perseguição de Villegagnon, havia um João Boles (* 21), homem de consideravel saber, muito versado tanto no grego como no hebráico. Luiz de Gram fez com que ele fosse aprisionado, com três de seus companheiros, tendo um deles fingido convertendo-se ao Catholicismo; os demais foram levados para a prisão; e aí passou Boles oito anos, quando foi mandado ao Rio de Janeiro para ser martirizado, a fim de inspirar terror aos seus concidadãos, si qualquer deles ainda andasse errante por essas paragens” .

Os Jesuítas são os únicos a historiarem esse assunto. Pretendem haver Boles apostatado, tendo sido convencido de seus erros por Anchieta, padre grandemente celebrado nos anais do Brasil. Porem, pela própria narrativa deles, não é muito provavel que um homem que, durante oito longos anos, firmemente recusou renunciar á religião de suas convicções tivesse então cedido. Boles com certeza, deve ter-se mostrado um tenaz e inflexivel Protestante, e por isso sofreu morte cruel. E não obstante a afirmação de que ele devia ser sacrificado como um exemplo para seus concidadãos, “si qualquer deles ainda andasse errante por essas paragens”, não era do costume de Roma condenar á morte os que renunciavam a seus erros e se punham sob o seu manto protetor.

Quando Boles foi trazido ao local da execução, e o executor titubeou no seu sanguinario officio, “Anchieta apressadamente interveio, instruindo-o como despachar um herético o mais depressa possivel, — no receio de que, diz, pudesse este se impacientar, sendo como era um homem obstinado, e por ser um recém-convertido, com isso a sua alma se poderia perder. O padre que, de qualquer modo, accelera uma execução de morte é por esse motivo suspenso de suas funções; mas os biografos de Anchieta enumeram essa como uma das virtuosas ações de sua vida”.

Reflexões.

Embora o Rio de Janeiro haja sido fundado com sangue, não há nação Católica Romana no mundo mais libertada de fanatismo e intolerância que o Império do Brasil.

Assim fracassou o estabelecimento da colônia de Coligny, sobre a qual, durante um curto tempo, se concentraram as esperanças da Europa Protestante; mas o Rio de Janeiro será para sempre memorável como o primeiro ponto do hemisfério Ocidental em que a bandeira da Reforma foi desfraldada. E' verdade que a tentativa se fizera num território de que Portugal já se apropriara; mas uma dúvida poderia ser levantada quanto ao direito de prioridade na descoberta desse trecho do Brasil, pois que é certo que os espanhois De Solis e também Magalhães, Rui Faleiro e Diogo Garcia, navegantes portuguezes a serviço de Espanha, penetraram na Baía de Niteroi muito antes de Martim Afonso de Souza. De qualquer modo, o fato do fracasso desse esforço dos Huguenotes é rico de materia para reflexão; podemos plenamente simpatizar com as observações seguintes do autor de "O Brasil e o Prata", em relação á traição de Villegagnon, e consequente descalabro das intenções dos primeiros colonizadores franceses:

"Lembrando-me do fracasso da implantação da religião Reformada aqui, e da causa direta que levou a isso, fico ás vezes meditando sobre os possiveis e provaveis resultados que se teriam seguido ao sucesso da instituição do Protestantismo, nos tresentos anos que se seguiram. Diante da opulência, o poder e a crescente prosperidade dos Estados Unidos, fruto que foram no fim de duzentos anos de colonização de algumas fracas mãos de Protestantes nas regiões litorâneas relativamente mais áridas e despidas do continente Setentrional, não é exagerado acreditar-se que, tivesse um povo de fé semelhante, semelhante moral e habitos de trabalho e empreendimento, conseguido habitar num clima tão generoso e num solo tão exuberante, há muito

já que a selvaticidade ainda inexplorada e impenetrável do seu interior teria florescido e frutificado em civilização, e o Brasil, desde o litoral até os Andes, ter-se-ia transformado num dos jardins da Terra. Mas a semente que poderia ter produzido isso, foi esmagada pela má fé e perversidade de Villegagnon; quando contemplo o local que conserva o seu nome, e, pelo menos aos olhos de um protestante, perpetua o seu opróbrio, as três palmeiras solitárias que sacodem seus tufosos cimões sobre as ameias do forte, como a única amostra de vegetação da ilha, parecem, ao emvez de guerreiros emplumados no meio de suas defesas, sentinelas da dôr lamentando as esperanças perdidas de um passado distante.”

Não devemos, porém, lamentar demais o passado; porquanto, si bem que pelos designios da Providência nenhuma nação Protestante, com seu consequente vigor e progresso, impere sobre essas terras férteis e salubres, não podemos, até certo ponto, deixar de considerar a tolerante e justa Constituição do Império do Brasil, e o seu bom governo, prosperidade geral e progresso dos brasileiros e admiti-los superiores, em todos os pontos de vista, aos das demais nações Sul-Americanas, como uma resposta satisfatória ás fervorosas preces com que aqueles piedosos Huguenotes batizaram o Brasil há mais de três séculos? (7)

(7) Nota de 1866 — O atual Imperador se tem mostrado um partidario da tolerancia. Tem auxiliado a construção de igrejas protestantes para os colonos; o governo prontamente dominou três levantes tentados contra os protestantes brasileiros (no Rio de Janeiro e na Praia Grande), podendo-se citar outros atos para demonstrar que temos razão em ser gratos pela situação atual da tolerancia religiosa no Brasil. A legislação brasileira deve dar um passo a frente e admitir no Parlamento todos os homens capazes, sejam quais forem as suas crenças religiosas. O Brasil estará em dia com o século XIX.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 20) Por inadvertencia, figura no texto o Monte Pascoal como situado no Espirito Santo; como todos sabem, o primeiro ponto do Brasil avistado pelos descobridres situa-se na Baía.

(* 21) Sobre o martírio de João Boles, mais propriamente Jean Jacques Le Balleur, vítima da intolerância religiosa em nossa terra, ver: "O Martir Le Balleur" por Alvaro Reis e "A tragédia da Guanabara" de Crespín, trad. de Domingos Ribeiro.

CAPÍTULO IV

Primeiros tempos do Rio de Janeiro.

Durante cento e quarenta anos depois de sua fundação, a cidade de São Sebastião desfrutou tranquila prosperidade. Essa calma representava um feliz contraste com o espírito turbulento da época e, principalmente, com a situação das principais cidades e regiões colonizadas do Brasil; quasi todas estas, durante tal período, foram atacadas por ingleses, holandeses ou franceses. Consequentemente, a população e o comércio da cidade aumentaram consideravelmente.

Nos começos do século XVIII, foram descobertas pelos Paulistas, habitantes de São Paulo, as principais minas de ouro do interior. Deram eles o nome de Minas-Gerais á vasta provincia, que se tornou posteriormente, como até hoje, tributária do porto do Rio de Janeiro. A exploração do ouro produziu aí efeitos semelhantes aos das colônias espanholas. A agricultura se viu quasi abandonada, tendo o preço dos escravos — introduzidos desde os primeiros tempos — aumentado enormemente e a prosperidade geral da região descrescido; enquanto todo aquele que poudo partiu em busca de minas, na esperança de enriquecer rapidamente. Acreditamos que as condições anormais e singulares da Califórnia de 1848 tiveram o seu símile três séculos antes no Brasil.

Até o Governador do Rio, esquecido de sua posição official e das suas obrigações, foi a Minas e entregou-se com avidéz á busca de tesouros.

Ataques dos franceses.

A fama das douradas descobertas chegou ao estrangeiro, e despertou a cupidez dos franceses, que, em 1710, en-

viaram uma esquadra, comandada por M. Du Clerc, com o fim de capturar o Rio de Janeiro. A expedição foi total e ingloriamente derrotada pelos portugueses, sob as ordens de Francisco de Castro, Governador da cidade. Esse chefe não possuía qualquer habilidade militar, mas vencendo desordenadamente os franceses, permitiu horríveis crueldades praticadas para com os prisioneiros. A França não se demorou em demonstrar seu ressentimento pela deshumanidade com que foram tratados os seus filhos.

M. Duguay Trouin, um dos mais habéis marinheiros de seu tempo, conseguiu permissão para vingar seus compatriotas e saquear o Rio de Janeiro. Encontrou particulares dispostos a custear as despesas da expedição, na espetativa de lucros. O projeto foi aprovado pelo Governo e uma imensa força naval foi posta á disposição de Trouin.

Essa expedição foi eminentemente bem sucedida; a cidade foi assaltada, tomada, e em seguida resgatada por pesada soma. Foi durante o bombardeio que o convento de São Bento foi atingido, sendo ainda visíveis as marcas das balas de canhão.

O saque e o tributo foram tão grandes, que, não obstante na viagem de volta alguns navios franceses terem naufragado com 1.200 homens e a parte mais valiosa da presa, ficou para os aventureiros um lucro de noventa por cento sobre o capital arriscado.

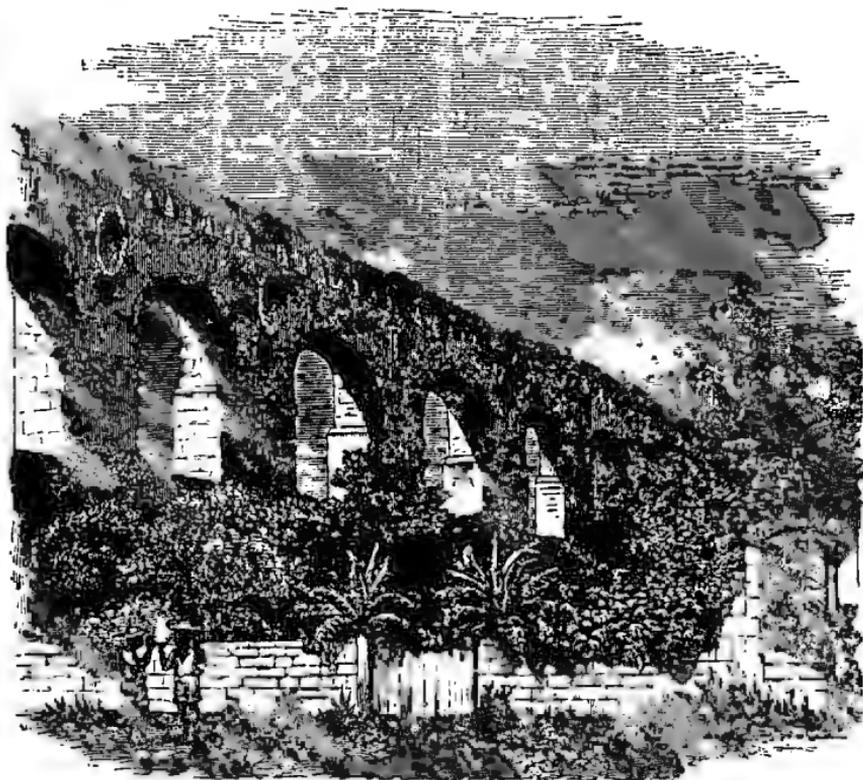
Depois que Duguay Trouin com a sua esquadra voltaram para a sua pátria, nenhuma outra inimiga entrou no porto do Rio de Janeiro. Grandes transformações se operaram então nas condições dessa cidade.

Melhoramentos durante o Governo dos Vice-Reis.

Em 1763 o Rio substituiu a Baía como séde do governo, tornando-se residência dos vice-reis.

Nesse período foram realizados importantíssimos melhoramentos na capital. Os pântanos, que cobriam consi-

deravel extensão do solo onde a cidade atualmente está edificada, foram drenados e canalizados. As ruas foram calçadas e iluminadas. Os carregamentos de escravos africanos, que até então eram expostos á venda nas ruas, exibindo cenas de tristeza e horror, bem como expondo os habitantes ás piores doenças, foram obrigatoriamente removidos para o Valongo, designado como mercado geral desses infelizes seres.



Grande Aqueduto — Rua dos Arcos

Multiplicaram-se as fontes de água corrente. O grande aqueduto que domina toda a rua dos Arcos foi construido nessa época; e por esses e outros vários meios, a saude, o

conforto e a prosperidade da cidade foram promovidos sob as sucessivas administrações do Conde da Cunha, do Marquez do Lavradio e de Luiz de Vasconcellos.

O sistema de governo mantido durante esses tempos em todo o Brasil era de extremo absolutismo, e, de modo algum, imaginado para desenvolver os grandes recursos do país. Não obstante isso, os mais esclarecidos estadistas de Portugal previam que a colônia eclipsaria um dia a glória da mãe-pátria. Ninguém, porém, seria capaz de prever a aproximação de acontecimentos que viriam levar a família real (a Casa dos Braganças) a procurar asilo no Novo-Mundo e estabelecer a sua côrte no Rio de Janeiro. O final do século XVIII testemunhou o desenvolvimento desses fatos.

A Revolução Francesa e o espírito orientador que com ela se formou envolveram o sonolento reino de Portugal nas lutas do Continente. Napoleão determinara que a côrte de Lisboa se declarasse contra a sua velha aliada, a Inglaterra, concordando com o bloqueio continental adotado pelo ditador Imperial da França. O Príncipe-Regente prometeu mas hesitou, protelou e, finalmente, declarou guerra á Inglaterra, mas já muito tarde. A vacilação do Príncipe-Regente apressou os acontecimentos, produzindo-se a crise. Uma esquadra inglesa, sob o comando de Sir Sidney Smith, estabeleceu o mais rigoroso bloqueio na foz do Tejo, e o Embaixador inglês não deixou outra alternativa a Dom João VI do que ou entregar á Inglaterra os navios de guerra portugueses, ou aproveitar-se da própria divisão inglesa para proteção e transporte da família real para o Brasil. O momento era crítico: o exército de Napoleão havia penetrado pelas montanhas da Beira; só uma partida imediata salvaria a monarquia. Não restou ao Príncipe-Regente sinão a alternativa de escolher entre um trôno vacilante na Europa e um vasto império na América. A sua indecisão chegara ao fim. Por um decreto real, anunciou sua intenção de retirar-se para o Rio de Janeiro, até á conclusão de

uma paz geral. Os arquivos, os tesouros, e os mais preciosos bens da corôa, foram transferidos para os navios portugueses e ingleses; e, a 29 de novembro de 1807, acompanhado de sua família e de uma multidão de fiéis servidores, o Príncipe-Regente fez sua partida entre as salvas combinadas dos canhões da Grã-Bretanha e de Portugal. Nesse mesmo dia, o Marechal Junot atirava com seus canhões das alturas de Lisboa, e, na manhã seguinte, tomava a cidade. Desde os primeiros dias de Janeiro que as notícias de tão surpreendentes acontecimentos chegaram ao Rio, despertando o mais vivo interesse.

O que os brasileiros teriam sonhado como uma remota possibilidade estava agora em vias de realização. A família real era esperada a qualquer dia, e os preparativos para a sua recepção ocupavam a atenção de todos. Preparou-se imediatamente o palácio do Vice-Rei, e todos os edifícios públicos do Largo do Paço foram evacuados para acomodar a comitiva real. Não se julgando isso suficiente, os proprietários das casas particulares situadas nas vizinhanças foram convidados a abandonar suas residências e mandar as respetivas chaves ao Vice-Rei.

Eram tais os sentimentos do povo em relação á hospitalidade devida a seus ilustres hóspedes, que nada parece ter sido esquecido; muitas pessoas, mesmo de famílias menos opulentas, ofereceram voluntariamente quantias em dinheiro e objetos de valor para aumentar o conforto dos recém-chegados.

Chegada da Família Real portuguesa.

Tendo a frota sido dividida por um temporal, os navios principais aportaram á Baía, onde Dom João VI assinou a carta-régia que abria os portos do Brasil ao comércio internacional. Finalmente, toda a esquadra deu entrada no porto do Rio de Janeiro, a 7 de março de 1808. Em sinal de alegria, todas as casas ficaram vazias e os morros cobertos

de espectadores. Os que o puderam fazer, tomaram embarcações e saíram barra afora para receber a esquadra real. O Príncipe, logo que desembarcou, encaminhou-se para a catedral, afim de publicamente render graças pela sua feliz chegada. A cidade se iluminou nove noites seguidas.

Rápidas transformações políticas.

Para que se possa fazer uma idéa das transformações que se deram no Brasil durante os últimos cincoenta anos, deve ser lembrado que, antes do período de tempo que estamos considerando, todo comércio e quaisquer relações com os estrangeiros haviam sido rigidamente proibidos pela política estreita de Portugal. Sómente navios pertencentes ás nações aliadas á mãe-pátria tinham ocasionalmente permissão para ancorar nos portos da gigantesca colônia; mas nem os passageiros nem os tripulantes tinham licença de desembarcar, a não ser sob a vigilância de uma guarda de soldados. A política adotada pela China e pelo Japão era apenas um pouco mais rigorosa e proibitiva.

Para impedir toda possibilidade de comércio, os navios estrangeiros — quer tivessem aportado para fazer reparos ou em busca de provisões e água — logo depois de sua chegada eram guarnecidos com uma guarda da alfândega, e o prazo para a sua demora era fixado pelas autoridades de acordo com as necessidades do caso. Como consequência desses regulamentos opressivos, um povo rico em ouro e diamantes, não tinha possibilidade de adquirir os elementos essenciais para a sua agricultura e seu conforto doméstico. Um rico plantador em condições de usar a mais rica baixela de prata massiça numa festa, não podia oferecer a cada um de seus hóspedes uma faca em sua mesa. Um simples copo tinha necessidade de fazer repetidas voltas em torno dos convivas. A imprensa periódica não fizera ainda seu aparecimento. Livros e leitores eram igualmente raros. A população era por todos os meios obrigada a sentir a sua dependên-

cia; e o espírito de iniciativa e produção industrial era como que desconhecido.

Com a chegada do Príncipe-Regente abriram-se os portos. Fundou-se uma tipografia, sendo publicado um jornal oficial. Instituíram-se academias de medicina e belas-artes. A Biblioteca Real, contendo 60 mil volumes, foi aberta para a livre consulta do público. Convidaram-se personalidades estrangeiras, e fixaram residência no Rio de Janeiro os embaixadores da Inglaterra e da França.

Nesse período datam decisivos melhoramentos nas condições e aspétos da cidade. A capital se viu acrescida de novas estradas e novos cais, foram edificadas esplêndidas residências nas ilhas e morros circunvizinhos, aumentando pela ampliação da cidade, as belezas pitorescas da paisagem circundante. O rápido e continuado influxo dos portugueses e estrangeiros não só se manifestou sobre a população do Rio de Janeiro, como também penetrou no interior, produzindo novas vias de comunicação, novas cidades e remodelação das antigas. Na verdade, foi o país inteiro a receber grandes e rápidas transformações.

Os costumes do povo experimentaram também uma transformação correlata. Introduziram-se as modas europeas. Da reclusão e restrições do isolamento, o povo emergiu nas cerimônias festivas da côrte, cujas recepções e festas de gala atraíam multidões de toda parte. Na sociedade misturada que a capital então ostentava, espanou-se o pó do retraimento, desapareceram antiquados costumes, novas idéas e modos de viver foram adotados, propagando-se de círculo em círculo e de cidade em cidade.

Os negócios também mudaram de aspéto. Abriam-se casas de comércio estrangeiras, tendo-se estabelecido artistas estrangeiros no Rio e noutras cidades.

O Brasil não podia permanecer por mais tempo colônia. Em dezembro de 1815, um decreto foi promulgado que o

elevava á categoria de reino, formando, daí em diante, parte integrante do Reino Unido de Portugal, Algarve e Brasil. E' difficil imaginar o entusiasmo despertado por essa transformação inesperada em toda a vasta estensão da América Portuguesa. Enviaíram-se mensageiros para levar a boa nova recebida com espontâneas luminárias do Prata ao Amazonas. Apenas se dera tal acontecimento e a rainha, Dona Maria I, falecia. Era mãe do Príncipe-Regente, e durante anos permanecera em estado de demência, de formas que a sua morte não influiu sobre os negócios políticos. Seus funerais foram realizados com grande pompa, e o seu filho, em respeito por sua memória, adiou a aclamação de seu acesso ao trôno por mais um ano. Foi finalmente coroado, com o título de Dom João VI. As cerimônias da coroação foram celebradas com digna magnificência no Largo do Paço, na data de 5 de fevereiro de 1818.

Entre as vantagens decorrentes do novo estado de coisas no Brasil, havia muitas circunstâncias apropriadas a provocar descontentamentos políticos. Assim foi que irromperam sentimentos de animada aversão contra os portugueses natos, que, si bem que bastante modificados, ainda se notam em todo o Império, e fizeram com que, mais tarde, a separação do Brasil de sua mãe-pátria se processasse com mais facilidade que a das treze colônias da Norte-América em relação á corôa da Grã-Bretanha. Houvera sempre, mais ou menos desenvolvida, certa rivalidade entre os brasileiros natos e os portugueses; agora, porem, a antiga rivalidade encontrava uma nova causa de irritação. O Governo se sentia na obrigação de encontrar lugares de emprego para mais de vinte mil necessitados e aventureiros sem princípios que acompanharam a família real ao Novo-Mundo. Esses homens pouco cuidavam do bem-estar do Brasil, quer no que dizia com a administração da justiça, quer no que se relacionava com os atos em benefício do público. Seu máximo interesse tão só se manifestava no ardente desejo de tosquiar o país para a si mesmos se enriquecerem. Os títulos honoríficos se

acumularam sobre os brasileiros que haviam dado suas casas e seu dinheiro ao Príncipe-Regente, o qual, como só dispunha de decorações para lhes dar em retribuição, viu-se cercado de fidalgos que nunca demonstraram hábitos de cavalaria e cultura. Exaltaram-se as ambições pelas distinções honoríficas num país que, até então, quasi as desconhecia por completo. Cada qual aspirava tornar-se *cavalheiro* ou *comendador*, e o mais degradante servilismo foi posto em prática para obter o favor do Rei. Indivíduos que haviam sido bons negociantes importadores, ou vendedores bem sucedidos de mandioca ou café, uma vez condecorados, não podiam mais voltar ás suas casas de negócio ou ao humilhante convívio da vida comercial, e tiveram que viver ou de suas fortunas previamente acumuladas ou de empregos públicos.

Nesse terreno foi que os brasileiros natos e os portugueses recém-chegados travaram suas primeiras batalhas. Eram rivais dos empregos, e, uma vez conseguidos estes, os brasileiros se mostravam tão passíveis de toda espécie de suborno e corrupção como os mais venais parasitas da côrte de Lisbôa. Os brasileiros levavam, contudo, uma vantagem sobre os seus adversários. Os naturais do país simpatizavam mais com seus irmãos recém-afidalgados e ouviam as suas queixas com ouvidos mais amigos. Tais fatos, juntamente com a deploravel moralidade que prevalecia na côrte, contribuíram para aumentar o ciúme contra aquilo que os brasileiros consideravam como uma dominação estrangeira sobre eles. A independência das colônias inglesas da Norte-América e as lutas revolucionárias vitoriosas de algumas das vizinhas províncias Espano-Americanas, aumentaram ainda a intranquilidade pública; e a consciência desse crescente descontentamento e o receio de que o Brasil pudesse ser levado a imitar o exemplo de seus revoltados vizinhos espanhois, tiveram sem dúvida poderosa influência sobre o Governo para fazer as concessões acima enumeradas.

A' elevação do Brasil á categoria de parte constituinte do reino se seguira inegavel tranquillidade; mas essa foi de curta duração. O descontentamento estava agindo. A projetada revolução de Pernambuco em 1817 foi denunciada ao Governo, razão pela qual os insurrectos foram prematuramente levados a pegar em armas e derrotados pelas tropas mandadas contra elles pelo Conde dos Arcos. Dessa época parece datar a sistemática exclusão dos brasileiros natos dos postos de comando no exército.

As queixas se foram avolumando; mas não encontravam eco — como nas colónias da América do Norte; — por parte da imprensa que, juntamente com as escolas populares, acompanharam o despertar das colónias inglesas. A primeira, e, até então, única tipografia do país fôra trazida de Lisboa em 1809, e estava sob a directa fiscalização das autoridades régias. Suas colunas fielmente registravam para o público brasileiro o estado de saude de todos os príncipes da Europa. Estavam cheias de editais do Governo, odes natalicias e panegiricos da familia real; porem as suas páginas conservavam-se immaculadas pelas ebulições da democracia e pela exposição de seus agravos. Como bem disse Armitage: “a julgar-se o país pelo tom de seu único jornal, deve ele ser proclamado um paraíso terrestre, onde nenhuma palavra de queixa ainda pudera encontrar motivo para se expandir”.

Partida de D. João VI — A Vice-Realeza nas mãos de D. Pedro.

Mas finalmente chegou o dia em que a monotonia do jornal da Côrte foi interrompida, e o povo encontrou vozes para os seus protestos e ulterior solução.

A revolução que ocorrera em Portugal, em 1821, em favor de uma Constituição, teve sua similar no Brasil.

Após grande excitação e alarma provocados pelos tumultos populares, o Rei Dom João VI conferiu a seu filho Dom

Pedro, Príncipe Real, as funções de Regente e Representante de Sua Majestade no Reino do Brasil. Apressou em seguida a sua partida para Portugal, acompanhado pelo resto de sua família e a principal nobreza que o tinha acompanhado. O desiludido monarca embarcou a bordo de um navio de guerra a 24 de abril de 1821, deixando a mais vasta e bela porção de seus domínios entregue a um destino na verdade não previsto por Sua Majestade, mas que se cumpria muito mais breve que os seus melancólicos preságios haviam suposto (8).

Rápidas como foram as transformações políticas no Brasil durante os últimos dez anos, maiores mudanças ainda estavam para suceder. Dom Pedro, que então gosava das dignidades de Príncipe-Regente e Representante de Sua Majestade o Rei de Portugal, contava nessa época vinte e três anos de idade. Possuía muitas das condições essenciais para a popularidade. Sua beleza pessoal não era mais notória do que suas maneiras francas e afáveis, e seu temperamento, si bem que caprichoso, era entusiástico. Tinha decisão de carater, e era alguém que parecia conhecer quando era a ocasião apropriada para acalmar a população, como se deu quando, no Rio, enquanto o Rei se conservava no Palácio de São Cristovão, apenas a três milhas de distância, deu ao povo e ás tropas um decreto de sua exclusiva autoridade, pelo qual lhes assegurava uma irrestrita aceitação da futura Constituição das Côrtes Portuguesas. Sabia também como salvar as suas prerrogativas. A esposa do Príncipe era, por linhagem e talento, digna de sua mão, pois Dona Leopoldina era arquiduquesa d'Austria; corria em suas veias o sangue de Maria Tereza, e era irmã de Maria Luiza, noi-

(8) Quando o navio estava justamente para sair, o velho rei apertou o filho de encontro ao peito, pela última vez, e disse-lhe: — “Pedro, o Brasil, eu estou vendo, vai em breve separar-se de Portugal; si tal se der, coloca a corôa na tua própria cabeça antes que ela possa cair nas mãos de algum aventureiro”.

va de Napoleão. Não era possuidora de grande beleza pessoal, mas a bondade de seu coração e sua atitude despretenhiosa tornavam-na admirada por todos os que a conheciam.

Descontentamento dos brasileiros.

Dom Pedro deixara Portugal ainda muito jovem, e era voz corrente que as suas mais altas aspirações estavam associadas á sua terra de adoção. Nas funções de Príncipe Regente encontrou certamente alvo para suas mais ardentes aspirações; mas compreendeu que o rodeavam numerosas dificuldades políticas e financeiras. Tão embaraçosas eram essas, que, passados alguns meses rogou a seu pai que lhe consentisse resignar seus títulos e funções. As Côrtes de Portugal por esses tempos mostrou-se ciumenta da posição do Príncipe no Brasil, votou uma lei ordenando-lhe que regressasse á Europa, e ao mesmo tempo abolia os tribunais reais do Rio de Janeiro. Semelhante resolução foi recebida com indignação pelos brasileiros, que imediatamente se uniram em torno de Dom Pedro, persuadindo-lhe de permanecer no Brasil. Seu assentimento deu ocasião ás mais entusiásticas demonstrações de júbilo tanto entre os patriotas como entre os realistas. As tropas portuguesas desde logo demonstraram sintomas de rebeldia.

Parecia inevitavel um conflito; porem o comandante portugûes vacilou em vista da decidida opposição inanimada pelo povo, que correu ás armas, propondo capitular com a condição de os seus soldados não serem desarmados. Isso foi concedido, diante de sua aceitação em retirarem-se para Práia Grande, cidade que fica do lado oposto da baía, até que houvesse meios para transporta-los para Lisboa, o que subseqüentemente se realizou. As medidas das Côrtes de Portugal, que continuavam a ser extremamente arbitrárias em relação ao Brasil, acabaram por apressar no país a declaração de absoluta independência. Essa solução desde muito era ardentemente desejada pelos mais esclarecidos brasileiros, al-

guns dos quais haviam já instado com Dom Pedro para que este assumisse o título de Imperador. Até então havia recusado, reiterando sua fidelidade a Portugal. Mas afinal, quando em viagem pela província de São Paulo, recebeu da mãe-pátria mensagens tais que tiveram por efeito cessar todas as delongas, levando-o a pronunciar-se pela independência de forma tão decisiva e explícita que daí em diante quaisquer medidas retrógradas seriam impraticáveis.

Proclamação da Independência.

No dia 7 de setembro de 1822, D. Pedro, ao ler aquelas mensagens, estava rodeado de seus cortejãos, nessas belas campinas que ficam á vista da cidade de São Paulo, que sempre fôra, como até hoje, celebrada no Brasil pelo liberalismo e inteligência de seus habitantes. Foi aí que, ás margens de um insignificante riacho, o Ipiranga, soltou a exclamação: "*Independência ou Morte*", que se tornou a palavra de ordem da Revolução Brasileira; a independência do país teve no 7 de setembro a sua data oficial. Foi uma memorável circunstância aos olhos de todo o mundo civilizado, e deve constituir uma época na história do Continente Ocidental.

Tratava-se, realmente, de um grande acontecimento, que levaria ás mais vastas consequências. Uma grande revolução se dera, iniciada por quem, pelo seu nascimento e posição, teria levado os filósofos e estadistas contemplativos a afirmar ser impossível que ele se tornasse o guia de uma causa popular. Descendia de uma longa série de monarcas europeus aquele que iniciou o movimento que veio separar a última — e mais fiel — das grandes divisões da América do Sul dos seus senhores de além-mar.

O Príncipe Regente apressou-se a voltar ao Rio de Janeiro, empreendendo rápida viagem; e nessa cidade, logo que foi conhecida a sua decisão, o entusiasmo pela sua pessoa não conheceu limites.

Aclamação de D. Pedro como Imperador.

A municipalidade da capital baixou uma proclamação, com data de 21 de setembro, declarando sua intenção de interpretar os desejos manifestos do povo em proclamar Dom Pedro "Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil". A cerimônia da proclamação foi realizada a 12 de outubro, no Campo de Sant'Ana, na presença das autoridades municipais, funcionários da Côrte, tropas e imensa concorrência de povo. Sua Alteza aí publicamente declarou a sua aceitação do título que lhe fora outorgado, pela convicção que tinha de assim obedecer aos desejos do povo. As tropas dispararam suas armas na saudação do estilo, e a cidade iluminou-se á noite. José bonifácio de Andrada, primeiro ministro do Governo, promulgou nessa mesma ocasião um decreto solicitando que todos os portuguezes que estivessem dispostos a abraçar a causa do povo manifestassem o seu assentimento usando no braço a senha do Imperador "Independência ou Morte", ordenando outrossim que todos os dissidentes poderiam deixar o país dentro de um certo prazo, estabelecendo as penalidades impostas aos que, por alta traição, dessa data em diante atacassem, por atos ou palavras, a causa sagrada do Brasil.

O primeiro ministro era o mais velho de três irmãos, todos notáveis pelo talento, cultura, eloquência e (embora ás vezes facciosos) ardoroso patriotismo. Não se deixavam levar nem pela adulação da população nem pelo favor do Imperador. José Bonifácio de Andrada combinava, em grau eminente, as várias excelências exigidas na emergência dos primeiros passos do Império.

A Revolução Brasileira foi relativamente uma revolução sem sangue. A gloria de Portugal já empalidecera, seus recursos estavam exaustos e suas energias comprometidas por dissensões internas.

A nação portuguesa nada fizera de esforço sistemático e perseverante para manter sua ascendência sobre a sua longamente oprimida e agora rebelada colônia. As medidas insultuosas das Côrtes se consumiram em sua própria vacuidade. Apenas na Baía e alguns outros portos, manteve-se por algum tempo o domínio portuguêz, tendo sido ocupados pelas tropas reais. Mas logo depois essas tropas foram obrigadas a se retirar e deixar o Brasil entregue ao seu próprio governo. Tão pouco contestada e tão rápida fôra realmente essa revolução, que em menos de três anos da data em que a independência foi proclamada nas planícies do Ipiranga, o Brasil foi reconhecido independente pela côrte de Lisboa. Entrementes, o Imperador foi coroado sob o nome de Dom Pedro I, e uma assembléa de representantes das provincias foi convocada para a elaboração de uma Constituição.

CAPÍTULO V

Os Andradas.

O novo estado de coisas não se processou, comtudo, com facilidade e pressa. Ódios políticos, invejas e lutas partidárias entraram em ação. O ministério dos Andradas (9) era acusado de arbitrariedade e tirania. O Brasil deveu sua independência e Dom Pedro I sua corôa á ação deles; mas a sua administração não pode de modo algum ser considerada como isenta de censura. Suas vistas eram realmente largas e patrióticas as suas intenções; mas o espírito impaciente e ambicioso tornava-os, quando no poder, intolerantes para com os adversários políticos. Foram atacados com grande energia, e finalmente constrangidos a resignar; mas tais foram os tumultos populares e ação violenta de seus partidários em seu favor, que foram reintegrados, tendo José Bonifácio sido carregado em sua carruagem pelo povo através da ruas do Rio de Janeiro. Oito meses mais tarde, uma coligação de todos os partidos novamente produziu a exclusão dos irmãos Andradas do ministério, porem não do poder. Tornaram-se os opositores mais facciosos do Imperador e do ministério que lhes succedeu. Não os poupavam em seus ataques quer na Assembléa quer na imprensa.

Instruções Imperiais.

A Assembléa Constituinte pouco mais fez que discutir. Seus membros eram na maioria homens de vistas estreitas e pouca habilidade; razão pela qual os Andradas tiveram tanto poder sobre as suas mentalidades, pela sua eloquência e conhecimento da tática parlamentar. O Imperador, com gran-

(9) José Bonifacio era o primeiro ministro, e Martim Francisco de Andrada estava á frente do Departamento das Finanças.

de dose de bom senso, dissera, na abertura da sessão legislativa, que a recente "Constituição fundada nos moldes das de 1791 e 1792 fôra reconhecida por demais abstrata e metafísica para ser executada. Provavam-no os exemplos da França e, mais recentemente, de Espanha e Portugal". Sua Majestade Imperial parece ter tido uma alta compreensão das excelências constitucionais, mas desejou um tipo que julgamos difícil, e talvez impossível, de estar ao alcance do povo brasileiro. "Necessitamos", disse ele na sua fala do trôno, "uma Constituição na qual os poderes possam ser tão bem divididos e definidos, que nenhum ramo do poder possa arrogar-se as prerrogativas de outro; uma Constituição que possa ser uma barreira intransponível contra qualquer invasão da autoridade real, quer pela aristocracia quer pelo povo; que evite a anarquia, e trate com zelo da árvore da liberdade; debaixo de cuja sombra possamos ver a união e a independência do Império florescentes. Numa palavra, uma Constituição capaz de despertar a admiração das demais nações, até dos nossos inimigos, e que virá consagrar o triunfo dos nossos princípios adotando-os" (Da "Fala do Trôno", 3 de maio de 1823).

Não obstante tais instruções, a Assembléia Constituinte não contribuiu para o progresso do país elaborando um estatuto que dêsse os resultados imaginados pelo Imperador. Os Andradas continuaram sua oposição a várias medidas tomadas pelo Governo. Sua Majestade se mostrava irritada com as frequentes estocadas que davam nos portugueses incorporados no exército brasileiro. Uma violência praticada por dois oficiais portugueses sobre um suposto autor de um ataque a eles, foi, no estado de excitação do sentimento público, elevado á altura de um ultrage á nação. A vítima pediu justiça á Câmara dos Deputados, tendo os Andradas em alto som reclamado vingança contra os agressores portugueses. O jornal sob a direção deles, o "Tamôio", (nome tirado de uma tribo de índios que foram os inimigos rancorosos dos primeiros colonizadores portugueses), mostrava-se

igualmente violento. Chegou mesmo a ponto de insinuar que o Governo não saberia desviar-se desse seu caminho anti-nacionalista, que seu poder era de curta duração, e, como uma adventência ao Imperador, aludiu em indesfarçáveis termos ao exemplo de Carlos I, da Inglaterra.

D. Pedro dissolve a Assembléa à fôrça.

Dom Pedro I, porem, não se mostrou fraco e vacilante como o Stuart. Possuia de preferéncia o temperamento de Oliver Cromwell ou do primeiro Napoleão. A Assembléa, levada pelos três irmãos, declarou-se em sessão permanente. O Imperador, verificando que os Andradas ainda conservavam sua predominância, montou o seu cavalo, e, á frente de sua cavalaria, marchou sobre a Câmara, mandou postar seus canhões diante do edifício da Assembléa, e enviou o General Moraes para ordenar-lhe immediata dissolução.

A Assembléa estava dissolvida. Os três Andradas foram presos, bem assim como os Deputados Rocha e Montezuma (* 22), e, sem qualquer julgamento ou exame, transportados para a França. Assim terminava, pelo menos por algum tempo, a carreira política dos eloquentes, patrióticos e facciosos Andradas.

O Imperador lançou uma proclamação, afirmando que havia tomado as medidas acima referidas apenas tendo em vista evitar a anarquia, mas lembrava ao povo que, “embora o Imperador, em bem da tranquillidade do Império, tivesse julgado conveniente dissolver a dita Assembléa, no mesmo decreto convocava uma outra, de conformidade com os reconhecidos direitos constitucionais do seu povo”.

A Constituição é redigida por Comissão Especial.

Uma comissão especial de dez membros foi convidada a 26 de novembro de 1823, a fim de elaborar uma Constituição que deveria ser mandada á aprovação Imperial. Os membros dessa comissão iniciaram desde logo os seus tra-

balhos, sob a direção pessoal de D Pedro I, que lhes forneceu as bases do estatuto que desejava ver composto, dando-lhes quarenta dias para a execução desse objetivo.

Os dez conselheiros, em conjunto, eram mal indicados para a importante tarefa que lhes fôra cometida; si bem que alguns deles fossem notáveis pela excelência de suas qualidades privadas, e dois por sua erudição. Um destes, Carneiro de Campos (*23), foi felizmente incumbido da redação da Constituição, e atribuem-lhe o fato de contar o Brasil algumas das mais liberais disposições nesse seu código, — disposições que ele insistiu em introduzir contra a vontade de muitos de seus colegas.

Evidentemente, semelhante Comissão elaboradora não estava em condições de aquilatar quão liberais eram os dispositivos da Constituição, pois em sua grande maioria era composta de ferrenhos realistas; contudo, várias circunstâncias providenciais levaram a que produzissem um justo e liberal instrumento de governo.

Considerações sobre a Constituição de 1823.

Seus mais importantes dispositivos podem ser referidos em poucas palavras. A fôrma de governo do Império é a monárquica, hereditária, constitucional e representativa. A religião do Estado é a Católica Romana, mas todas as demais são toleradas. Os julgamentos judiciais são públicos, havendo o direito de “habeas-corpus” e o juri. O poder legislativo compete a uma Assembléa Geral, que corresponde ao Parlamento Imperial da Inglaterra ou ao Congresso dos Estados Unidos. Os senadores são eleitos vitaliciamente, e os representantes da Câmara por quatro anos. Os presidentes das províncias são designados pelo Imperador. Existe uma Assembléa legislativa para cada província, a que compete elaborar as leis locais, impostos e administração: o Brasil é, assim, um Império *descentralizado*. Os senadores e representantes da Assembléa Geral são escolhidos por meio de eleitores, como o Presidente dos Estados Unidos, sendo os legis-

ladores provinciais eleitos por sufrágio universal. A imprensa é livre, não havendo também proscricção no que respeita á côr.

A Constituição assim redigida foi logo aceita pelo Imperador, e, a 25 de março de 1824, jurada por Sua Magestade Imperial e pelas autoridades e povo de todo o Império. É um código verdadeiramente notavel, considerando-se a fonte de que emanou, e não podemos continuar a nossa reseinha histórica do país sem dedicar-lhe aos méritos algumas poucas reflexões passageiras.

Essa Constituição começou por ser o mais liberal de todos os documentos similares oferecidos a um povo Sul-Americano. Em seus sábios e tolerantes princípios, e em sua adaptação ao país para que foi elaborada, só é secundada pela da Confederação Anglo-Saxônica da América do Norte. As nações e os indivíduos podem exhibir, em suas cartas constitucionais, belas sentenças relativas á igualdade e ao direito; mas si fallam na praticabilidade e garantia dos verdadeiros elementos da justiça, estabilidade e progresso, as frases eloquentes não passam do “latão sonante de um par de címbalhos”. A Constituição Brasileira assegurou, em largo sentido, a igualdade, a justiça e a consequente prosperidade nacional. A nação ainda é hoje governada pela mesma Constituição com que faz mais de trinta anos iniciou a sua plena carreira de nação independente. Ao passo que as nações espano-Americanas tem sido cenário de sangrentas revoluções, enquanto o mundo civilizado contempla com horror, surpresa e piedade as regras espontaneamente constituídas dos direitos do povo repetidamente conspurcadas sob os pés de facções turbulentas e fanatismos clericais, ou pela tirania dos mais estreitos ditadores, — a única nação Luso-Americana (embora tenha tido revoltas locais de pequena duração), sustentou apenas duas revoluções, e essas mesmo pacíficas, — a primeira em defesa da Constituição, (10) — a se-

(10) A abdicação de Dom Pedro I em favor de seu filho, Dom Pedro II, atual Imperador.

gunda, a proclamação da maioria de Dom Pedro II, pela suspensão de um simples artigo do estatuto governamental.

O México, que, em extensão territorial, população e recursos naturais, mais propriamente se pode comparar ao Brasil do que qualquer outra nação espano-americana, estabeleceu a sua primeira Constituição apenas um mês (fevereiro de 1824) mais cedo que a adoção da carta brasileira. Mas o pobre México tem sido preza de cada demagogo inescrupuloso que pode temporariamente comandar o seu exército. Sua Constituição foi repetidamente violada; os soldados victoriosos de uma nação mais forte collocaram-no á mercê de um governo estrangeiro; foi despojado de seu território; seu comércio estropiado e reduzido por sua própria inércia; sua política estreita; a segurança pessoal e a prosperidade nacional são desconhecidas, e seu povo presentemente não se encontra mais adiantado do que quando a Constituição foi pela primeira vez posta em prática em 1835.

O Brasil, pelo contrário, tem continuamente progredido. A cabeça coroada do Império está na mesma família, governando sob a mesma Constituição promulgada em 1824. Seu comércio duplica de dez em dez anos; possui cidades iluminadas a gas, longas linhas de navegação, e os primórdios da viação férrea se desenvolvem do litoral para o fertil interior; dentro de suas fronteiras, a educação e os recursos intelectuais constantemente progredem.

Esse grande contraste não pode ser attribuido conjuntamente ás diferenças entre os dois povos e suas diferentes fórmulas de governo. E' inegavel que a Monarquia é mais apropriada para as nações Latinas do que a República; e é igualmente evidente que existe uma grande dissemelhança entre os espanhoes e os portuguezes e seus respectivos descendentes. Os espanhoes afetam desprezar os portuguezes, e estes com efeito, ultimamente se depreciaram aos olhos do mundo. (11) Os filhos de Castela, tomados indistintamente,

(11) "Prive um espanhol de todas as suas virtudes, e fará dele um bom portuguez", (provérbio espanhol),

são ambiciosos, dados a cavalarias, intolerantes, fátuos, extravagantes e indolentes. Os filhos da Luzitânia não são isentos de vaidade, porem mais tolerantes e menos turbulentos que seus vizinhos, e também mais econômicos e trabalhadores.

As razões pelas quais, sob os desígnios da Providência, notam-se as grandes divergências entre os resultados das Constituições Brasileira e Mexicana, podem ser assim brevemente resumidas: — o Brasil, conservando mesmo uma corôa monárquica hereditária, compreendeu mais plenamente o elemento democrático; reconhecendo embora estabelecida pelo Estado a religião Católica Romana, garantiu, com a simples limitação dos campanários e sinos, os irrestritos direitos de culto para todos os credos; estabeleceu processos de julgamento público, o “habeas-corpus” e o juri.

O México, na sua Constituição, copiou a dos Estados-Unidos, mas afastou-se desta em dois pontos particulares da maior importância, lembrando os atores ambulantes que se desviam da tragédia original quando avisam que o “Hamletto” vai ser representado *menos o papel* do Príncipe da Dinamarca. A Constituição mexicana institue uma religião exclusiva com todo o rigoroso fanatismo da Velha Espanha; e omitiram nela os julgamentos públicos e a intervenção do juri. Os pontos de partida do Brasil e do México foram inteiramente diferentes: o primeiro favorecido de começo com uma fórmula de governo e princípios liberais ultrapassou o segundo em tudo aquilo que constitue a verdadeira grandeza de uma nação.

O Brasil, comtudo, não atingiu a sua honrosa posição atual na América do Sul sem passar por dias de hesitante e dura experiência. Os corruptos e sem princípios eram em maior número do que os que possuíam austeras e patrióticas virtudes. O povo ignorava e não estava acostumado com o governo de si próprio, deixando-se utilizar por chefes inescrupulosos para o conseguimento de seus propósitos pessoais.

Governo de D. Pedro I.

O governo de Dom Pedro I se continuou por dez anos, e, durante esse período, o país inquestionavelmente fez maiores progressos intelectuais do que nos três séculos que vão da descoberta á proclamação da Constituição Portuguesa em 1820. Todavia, não deixou de ter suas faltas e dificuldades. Dom Pedro, embora não fosse tirânico, era imprudente. Enérgico, porem inconstante; admirador da forma representativa de governo, porem hesitante na sua execução prática.

Elevado a herói durante as lutas da independência, parece se ter deixado guiar mais pelo exemplo de outros potentados do que por uma madura consideração do estado real e das exigências do Brasil; daí, talvez, a sofreguidão com que se aventurou a uma guerra contra Montevideo, que certamente teve suas origens numa agressão e, depois de paralisar o comércio, pôr em cheque a prosperidade e exaurir as finanças do Império, terminou pela cessão completa e sem restrições da província em litígio.

Pode-se dar a entender que a derrota dos brasileiros na Banda Oriental, através de uma aparente desgraça, foi uma das maiores bençãos que pode ser conferida ao Império. Parece-nos que essa guerra e seus desastrosos resultados serviram de meio para preservar o Brasil de introduzir em sua Constituição medidas que, uma vez postas em execução, teriam levado ao abandono de alguns de seus mais valiosos institutos. O insucesso das armas quasi aniquilou a sêde das distinções militares que estava sendo despertada; e as energias das gerações nascentes foram portanto desviadas de preferência para as realizações civís, de que resultaram as melhorias que serviram para consolidar a boa situação do Estado.

Motivos de insatisfação.

Somando-se á imprudência a inconstância do Imperador, dizia-se, — e não sem alguma verdade —, que os seus hábi-

tos eram extravagantes e sua moral extremamente deficiente. (12) Mas, contudo, a principal causa de sua impopularidade pessoal parece ter consistido em nunca ter sabido tornar-se o homem de seu povo, tornando-se inteira e verdadeiramente um brasileiro.

Ouviram-no sempre expressar a opinião de que a única verdadeira força de um governo reside na opinião pública; mas, infelizmente, não soube conciliar-se com opinião pública do povo sobre o qual foi seu destino reinar. Durante todo o período da Revolução, demonstrara, sob a excitação do entusiasmo, sentimentos calculados para lisongear o nascente espírito nacionalista, e acreditaram em sua sinceridade; mas o subsequente emprego de força estrangeira, sua contínua interferência nos negócios de Portugal, a criação de um gabinete secreto, e a nomeação de portugueses naturalizados para as mais altas funções do Estado, com a visível exclusão dos naturais do país, deram, ao povo ciumento, a impressão geral de que o próprio monarca continuava ainda português de coração.

Os brasileiros natos acreditavam que eram olhados com suspeição, e por isso tornaram-se pouco confiantes num Governo que supunham sustentando interesses e partido estrangeiros. Deram-se varias oportunidades para manifestarem a sua insatisfação, sendo tais manifestações correspondidas por medidas mais atentatórias. Finalmente, após infrutíferos esforços para suprimir o espírito de rebeldia em diferentes partes do Império, Dom Pedro encontrou-se em condições tão penosas e humilhantes como as que haviam forçado seu pai, Dom João VI, a retirar-se do Brasil. A opposição que

(12) Os habitantes mais velhos do Rio de Janeiro não se esqueceram por certo do lugar que a Marqueza de Santos ocupou no afeto do primeiro Imperador; e o seu desdenhoso tratamento para com a sua propria esposa, — filha da altiva casa dos Habsburgos — era notorio. Dizia-se, porém, que, embora um mau esposo, era um bom pai.

estivera encoberta por longo tempo, tornou-se indesejada e sem tréguas. Os atos mais insignificantes do Imperador eram desvirtuados contra ele, e todas as irregularidades de sua vida privada foram trazidas a público. Pessoas a quem tinha beneficiado abandonaram-no, percebendo que a sua estrela empalidecia, cometendo a baixezça de contribuir para a sua queda. O próprio exército que ele tinha erguido com imenso sacrifício, e mantido com grande prejuizo de sua popularidade, tendo nele depositado mais confiança do que no povo, traiu-o no final.

Agitação popular.

Após várias agitações populares, que tiveram por efeito constante alargar a brecha entre o partido Imperial e os patriotas, reuniu-se o povo do Rio de Janeiro no Campo de Sant'Ana no dia 6 de abril de 1831, e começou a reclamar a demissão do novo ministério e a reintegração de certas personalidades que haviam sido demitidas naquela mesma data. Dom Pedro I, ao tomar conhecimento da reunião do povo e de seu objetivo, lançou uma proclamação, assinada por ele e seu ministério, assegurando que o seu governo era perfeitamente constitucional e que os membros do gabinete se regiam por princípios constitucionais. Um juiz de paz foi despachado para ler ao povo essa proclamação, mas apenas tinha concluído a leitura, e o documento foi arrancado de suas mãos e pisado com os pés. Os gritos de reintegração do gabinete tornaram-se mais fortes; a multidão rapidamente avolumou-se, e, cerca de seis horas da tarde, três juizes de paz (na América Espanhola teria sido um batalhão de soldados) foram despachados para a residência imperial para pedir que "o ministério que merecia a confiança do povo" — era assim que se referiam ao último gabinete — fosse chamado novamente ao poder.

O Imperador ouviu ler a petição, porem recusou-se a ceder ao pedido. E exclamou: "Tudo farei para o povo, mas nada pelo povo!"

Logo que essa resposta foi dada a conhecer á multidão reunida no Campo, ouviram-se os mais sediciosos gritos, e as tropas começaram a reunir-se aí para fazer causa comum com o povo. Outras representações foram enviadas ao Imperador, mas foram inúteis. Ele declarou que preferiria ser morto a receber ordens da população.

O batalhão denominado “do Imperador”, aquartelado na Boa Vista, foi juntar-se a seus camaradas no Campo, onde chegaram cerca de 11 horas da noite; até a Guarda de Honra Imperial, que fora chamada a palácio, acompanhou-o. O povo, já reunido, começou a armar-se para formar barricadas. O partido portuguez, nesse meio tempo, julgando-se proscrito e abandonado, não se aventurou mais a sair á rua. O Imperador, nesse momento de provação, dizem que demonstrou dignidade e magnanimidade desconhecidas nos dias de prosperidade. De um lado, a Imperatriz chorava amargamente, prevendo as mais funestas consequências; de outro, um ajudante militar da concentração formada pela tropa e pelo povo, instava com ele por uma resposta final.

Dom Pedro I mandara vir á sua presença o Intendente da Polícia, desejando que ele fosse procurar Vergueiro (*24), um nobre patriota, que já fôra um favorito do povo, e que reunia moderação e austera integridade. Vergueiro não pôde ser encontrado. O emissário da tropa e do povo instava para que Sua Majestade lhe dissesse a sua imediata decisão, ou seriam cometidos excessos pela idéa de que ele, o emissário, tivesse sido assassinado ou aprisionado. O Imperador replicou, com calma e firmeza: — “Certamente que não hei de nomear o ministério que eles pedem: minha honra, juntamente com a Constituição, proibem-no, e eu abdicaria, ou mesmo me deixaria matar, antes que consentir em semelhante nomeação.” O ajudante partiu para dar a resposta a seu general, mas D. Pedro, (que parecia estar em luta com alguma grande resolução), disse-lhe que ficasse para uma resposta final.



Vista do Rio de Janeiro, da Ilha das Cobras

Abdicação em favor de D. Pedro II.

Não se teve notícia de Vergueiro. A multidão estava se tornando cada vez mais impaciente, e o Imperador continuava firme na sua convicção de que era aquilo que o seu posto e a Constituição dele exigiam num momento tão crítico. Mas afinal, como o nobre veado de Landseer, perseguido pela matilha, ele ficou só. Abandonado, hostilizado, irritado e fatigado acima de qualquer descrição, triste porem elegantemente, rendeu-se ás circunstâncias, e tomou a única medida compatível com a sua convicção e a dignidade de suas funções imperiais. Eram duas horas da madrugada, quando se sentou, e, sem pedir conselho a ninguém ou mesmo comunicar ao ministério a sua resolução, redigiu a sua abdicação nos seguintes termos:

“Usando dos direitos que a Constituição me concede, declaro que voluntariamente abduco em favor de meu muito amado e estimado filho, Dom Pedro de Alcantara

“Boa Vista, 7 de abril de 1831, 10º ano da Independência do Império”.

Ergueu-se em seguida e, dirigindo-se em pessoa ao emissário do Campo de Sant'Ana, disse-lhe: “Aqui está a minha abdicação: seja feliz! Retirar me-ei para a Europa, deixando o país que tanto amei e ainda amo”. Lágrimas misturavam-se ás suas palavras, e ele rapidamente retirou-se para uma sala adjacente, onde estavam a Imperatriz e os embaixadores de Inglaterra e França. Posteriormente demitiu todos os ministros, exceto um, e, num decreto com a data de de 6 de abril, resolveu nomear José Bonifácio de Andrada (que, juntamente com seus irmãos, tinha tido permissão para voltar do exilio em 1828), tutor de seus filhos.

Foi uma eloquente demonstração da ingratidão com que havia sido tratado na hora da adversidade, esta de, entre todos aqueles a quem conferira títulos e riquezas, ser obrigado

a apelar de novo para o ancião enfermo que, anteriormente, tinha demitido e cruelmente injustiçado. Finalmente, depois de arranjar seus negócios particulares, embarcou num navio de guerra inglês, o Warspite, acompanhado pela Imperatriz (13) e sua filha mais velha, a falecida Rainha de Portugal.

Foi uma sorte para o Brasil ter usufruído daquilo que nenhum país Sul-Americano alguma vez experimentou — isto é, um estado de transição. Não foi precipitado de uma situação de colônia — etapa infantil — num auto-governo, que só pode ser um estado normal para nações adultas. Teve, como vimos, o Rei de Portugal, Dom João VI, com todo o seu prestígio, como primeiro guia de sua existência como nação; em seguida, o filho do rei, que, por circunstâncias especiais, foi por algum tempo o ídolo do povo, auxiliou o Brasil a atingir a maioria para poder se aprestar para as instituições de um governo representativo melhor do que todos os países seus vizinhos, que perfizeram suas independências em datas anteriores. Si a transição houvesse sido mais violenta, a permanência de tais instituições teria periclitado. Dom Pedro foi certamente, nas mãos de Deus, o agente proeminente que deu ao Brasil a forma de governo que hoje tão sabiamente dirige o Império.

Com todas as suas faltas, Dom Pedro I foi um grande homem, que possuiu algumas nobres aspirações, somadas a uma presteza de ação que será lembrada muito tempo depois de os seus erros serem esquecidos. Sómente um grande homem podia ter voltado á Europa para tomar parte na grande batalha da monarquia constitucional contra o absolutismo, como ele o fez em oposição ao seu irmão, Dom Miguel. Seu breve, porem cavalheiresco e heróico devotamente á causa das liberdades civís e religiosas em Portugal exige a nossa mais alta admiração; e a bem sucedida elevação ao

(13) A segunda Imperatriz era filha do Príncipe Eugénio Beauharnais, com quem D. Pedro I se casou em 1829.

trono da jovem Rainha Dona Maria trouxe calma ao reino, e foi um dos maiores triunfos na Europa do liberalismo sobre o absolutismo.

Com o correr dos anos, os verdadeiros méritos de D. Pedro I vão sendo reconhecidos pelos brasileiros. Estátuas e monumentos públicos se erguem em sua memória; e, embora não seja totalmente applicavel, contudo não é nenhuma adulação exagerada, tão comum nos climas meridionais, o fato de o intitular em o "Washington do Brasil".

Amou o seu país de adoção; e poucos dias depois da memoravel noite de sua abdicação, contemplando pela última vez a cidade do Rio de Janeiro, sua magnífica baía e a alta-neira Serra dos Orgãos, escreveu de todo o coração a seguinte despedida a seu filho, Dom Pedro II, na qual não só se manifesta a sua afeição paterna, como um profundo carinho para com a terra cujo destino por algum tempo tão estreitamente se uniu ao seu:

"Meu amado filho e meu Imperador, muito me agradaram as linhas que me escrevestes. Pude lê-las a custo, pelas lágrimas copiosas que me turvaram os olhos. Agora que estou mais refeito, escrevo-vos esta para agradecer a vossa carta e declarar que, tanto quanto me dure a vida, a afeição por vós nunca se ha-de extinguir no meu dilacerado coração.

"Deixar filhos, pátria, amigos é o maior dos sacrificios; mas levar consigo a honra imaculada, — não pode haver maior glória. Sempre lembrai-vos de vosso pai; amai a vossa e a minha pátria; seguí os conselhos daqueles que teem o encargo da vossa educação; e ficai certo de que o mundo vos admirará, e que eu ficarei cheio de alegria por ter um filho tão digno da terra do seu nascimento. Retiro-me para a Europa; isto é necessário á tranquillidade do Brasil, e que Deus possa fazer com que ele atinja o grau de prosperidade de que tanto é capaz.

Adeus, meu queridíssimo filho! Receba as benções de vosso afeiçoado pai, que parte sem a esperança de vos ver de novo.

D. Pedro de Alcantara

"Bordo da fragata Warspite, 12 de abril de 1831".

No dia seguinte D. Pedro I foi para bordo da corveta inglesa "Volage". Antes de cair da noite, o Pão de Açúcar foi transposto e o ex-Imperador deixou para sempre o Brasil.

Tendo assim brevemente narrado a história do Império até a abdicação do primeiro Imperador, voltaremos a nossa atenção novamente para o Rio de Janeiro, onde a maioria dos acontecimentos se passou. A instituição da Regência e os vários progressos e transformações sob o governo do novo monarca, D. Pedro II, virão mencionados no Capítulo XII.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 22) Os companheiros de exílio dos Andradas aqui citados são Joaquim José da Rocha, depois Ministro do Brasil em Paris, durante a regência, e Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, a quem coube posteriormente grande papel político no Senado do Império.

(* 23) José Joaquim Carneiro de Campos, Marquez de Caravelas, membro da Regência Provisória, redigiu a Constituição do Império de 1823.

(* 24) Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, membro da Regência Provisória.

CAPÍTULO VI

Práia do Flamengo.

A minha residência no Rio era na Práia do Flamengo, — assim denominada por ter sido em tempos primitivos frequentada por essas lindas aves. Imagine o leitor as praias de Newport, Rhode Island, ou a de Hastings, famosa pela memorável batalha, transferidas para os perímetros urbanos de Londres ou Nova York, de modo que, tomando-se um ônibus em Charing Cross ou Union Square, em quinze minutos se esteja sobre alvíssimas areias e em presença das grandes ondas do mar, e fará uma idéa do que seja a Práia do Flamengo. Entrando-se numa das “Gôndolas Fluminenses”, no Largo do Paço, depois de barulhentemente percorrer algumas ruas, encontra-se a gente junto ao Morro da Glória, onde, si se deseja uma excursão morro acima, desce-se da condução e passeia-se por uma estrada que percorre pitorescas alturas, sentindo-se desde logo a briza fresca que sopra do mar; ou, si se prefere um passeio mais plano, salta-se na Rua do Príncipe. (* 25) As rodas e as vozes igualmente barulhentas, impediram que até então quaisquer outros sons ocupassem a nossa atenção; porem agora o majestoso choque das ondas vem ferir o nosso ouvido. Assombra-nos a vista o espetáculo dessas ondas quando, como monstros crispados e espumantes, se erguem em sua violência e parecem dispostas a devorar toda a linha de construções na sua furiosa arremetida. O próprio solo treme a nossos pés, e o ar vibra com suas poderosas pancadas. Mas não ha perigo a temer. O litoral, a poucos pés de distância da areia, é guarnecido de rochedos, e, ao longo de toda a práia o governo e os particulares mandaram construir fortes muralhas de pedra. Assim mesmo, ás vezes, o velho Neptuno afirma seus direitos com tão tremenda



O maço de três homens

tadas de cores alegres, e, ao mesmo tempo, no recuo, solapando a face da muralha do lado da terra, de tal fôrma que, numa extensão de centenas de pés entre a Rua da Princeza e a do Príncipe, a municipalidade teve que encarregar de pesada tarefa certos empreiteiros de sua preferência. (O calçamento das ruas foi uma infalível fonte de diversão para mim durante o meu primeiro ano de residência no Rio. Veja-se, na figura, os calceteiros trabalhando na Rua São José. O maço de calçar é o “pilão-de-três homens”, de que nos fala Shakespeare. Um trio de escravos é chamado para pôr mãos á obra entoando um solo executado com um malho batendo numa barra de ferro. Os três seguram o maço: um deles — o “maestro”, reconhecível pelo chapéu — geme uma cantiga, que os outros acompanham em

energia, que os blocos dos rochedos, pesando toneladas, teem sido arrastados do seu enrocamento. Em maio de 1853, um temporal durou vários dias, tendo-se levantado um vento forte que atuando sobre as ondas do oceano dirigiu-as de encontro á muralha protetora, e o embate foi o mais forte a que assistí na natureza em luta. Quando batiam de encontro ao paredão, erguiam-se as ondas a oitenta pés de altura, varrendo e alagando as vivendas pin-

côro, ao mesmo tempo em que suspendem o maço do solo e deixam-no cair pesadamente. Segue-se um descanso de alguns momentos, e, em seguida, a cantiga, o côro e a pancada sobre as pedras se repetem: mas, como bem se pode imaginar, as ruas do Rio de Janeiro não são calçadas depressa). Os estragos causados na Práia do Flamengo exigem mais de um ano de reparos. Uma luta entre o mar e a terra, como a de 1853, não ocorre frequentemente: a regra é a paz e a amabilidade, pois as próprias ondas maiores, que parecem espumar tão furiosamente, brincam apenas em gigantesca diversão, e, ao tocarem as miríades de grãos de areia, beijam-nos o mais gentilmente possível, e recuam até de novo misturarem-se á suas turbulentas companheiras.

Esplêndido panorama.

Em frente á minha morada, vêem-se a baía até Jurujuba e Práia Grande (* 26), e domina-se um panorama de toda a extensa Práia do Flamengo, do Posto Sinaleiro da Babilônia, o escarpado Pão de Açúcar e a entrada da baía. Ao longe, vêm-se, nesta, ilhas verdejantes, e, no último plano, domina a altaneira Serra dos Órgãos, ora iluminada pelo sol, ora meio encoberta de neblina, porém constituindo sempre o mais grandioso aspeto da paisagem. Da minha janela dos fundos, á direita, posso observar a íngreme encosta sul do Morro da Glória, e, á esquerda, por cima dos tetos de telha vermelha, ergue-se o alto Corcovado, cuja vertente voltada para a cidade é coberta de florestas.

Um homem que manda cortar uma palmeira.

Junto de nós, ao meu lado, no jardim de meu vizinho, um laborioso português, vindo de Braga. Esse homem começou sendo um desses ignorantes e pobres trabalhadores da mãe-pátria, que no Brasil e em outros países, á custa de

muita economia e regularidade de vida, adquirem propriedades, mas raramente bom gosto. Tinha no centro de seu jardim uma bela e altiva palmeira. Durante sucessivas noites, estive ouvindo a música da fresca briza da tarde brincando em suas longas e franjadas folhas. A vista dela era verdadeiramente refrescante quando os raios do sol ao meio-dia faziam vibrar o ambiente. Era um "pedaço de beleza", um "regalo", mas não "para sempre". Um dia, de manhã bem cedo, ouvi o bater do machado; correndo á janela, vi o Sr. M. dando ordens a um preto, que, com vigorosos golpes, enterrava o instrumento cortante dentro do caule da nobre árvore, e cada golpe sucessivo fazia tremerem o gracioso cimo e os frutos pendurados da palmeira.

"O implacavel machado que desbasta o argênteo tronco
Corta os laços que, como trepadeiras, ligavam
O meu amor a essa árvore; e quando ela tomba no solo
Meu coração tomba com ela.
Ó lenhador, poupa essa árvore".

Esses versos, cantados por um anjo, não teriam feito cessar a obra de destruição; e a rainha das florestas tropicais caiu sob ignominiosas mãos. O Sr. M., o regicida, dirigiu-se essa manhã para o seu armazem de "toucinho" e "carne seca", da Rua do Rosário, congratulando-se consigo mesmo, enquanto enche as ventas com uma pitada de "arcia preta", de ter conquistado um pouco mais de terra batida de sol para os seus canteiros de couve, derrubando uma palmeira que só um século poderia reproduzir.

Noite de luar no Flamengo.

A' noite, a vista da varanda em frente da minha casa é a mais encantadora possível. Nas noites claras, o céu se mostra iluminado pelo Cruzeiro do Sul, por Orion e outras brilhantes estrelas; e ás vezes, quando as nuvens escondem as luzes menos celestiais, o seio da baía parece um mar de fogo. O mais esplendoroso espetáculo noturno é, porem,

contemplar a lua cheia erguendo-se acima dos morros coroados de palmeiras que ficam para os lados da Baía de São Francisco Xavier. Suaves raios de luz anunciam a aproximação da rainha, e pouco depois a sua forma completamente redonda, emergindo, espalha sobre as águas distantes de Jurujuba seus argênteos reflexos, enquanto as vagas que banham toda a estensão da Práia do Flamengo parecem suntuosos festões bordados de luar.

Os “tigres”.

Estamos no auge da admiração; talvez mesmo repetindo

“Numa noite como esta...”

e pensando em alguma coisa como castas Dianas “que se movimentam em nossa imaginação, livremente divagando”, quando somos bruscamente chamados á triste realidade de que estamos neste mundo sublunar. Saímos ás pressas da varanda, para apanhar um frasco de água da colônia, “bouquet”, amônia, ou outra coisa qualquer que nos socorra o olfato. Os “tigres” (14) também tem direito a contemplar a lua que se levanta. Batendo oito horas da noite, essas odoríferas — para não dizer selvagens — feras descem correndo a Rua do Príncipe, e, pelo espaço de duas horas, tornam a noite uma coisa apavorante, não pelos seus rugidos, mas com perfumes que certamente foram importados da Arábia Infelix.

Conta-se ao estrangeiro recém-chegado ao Rio uma curiosa anedota acerca de um fluminense que, visitando Paris, adoeceu gravemente. Todos os recursos médicos lhe foram applicados em vão, até que foi chamado um médico

(14) Os serviços de esgoto do Rio de Janeiro eram antigamente muito deficientes, e escravos, apelidados “tigres”, transportavam todas as noites para a beira das práias as imundícies acumuladas na cidade, até que a próxima maré as levasse para o largo.

francês bem familiarizado com a capital do Brasil que prontamente opinou ser impossível esperar salvar o paciente salvo si este pudesse respirar de novo o seu ar nativo; mas, como não podia regressar ao Rio, o médico prescreveu que se queimasse no quarto do doente uma cocção composta dos mais desagradáveis cheiros. Para encurtar a história, o doente se salvou!

Na data em que escrevemos estas linhas, semelhante contratempo é mais tolerável do que antigamente, pois adotaram-se barris hermeticamente fechados, que são recolhidos por carroças durante o dia, sendo o seu conteúdo levado para pontos distantes da cidade. Em breve o Rio contará com um bom serviço de esgoto, cujos planos já foram submetidos ao Ministro do Império em 1854. Quando isso tiver sido executado, nenhuma outra cidade tropical ultrapassará o Rio como cidade agradável e sadia para se morar. (1865: a "Rio City Improvements Company" está realizando o serviço).

A Práia do Flamengo, salvo esse atrazo que se nota quando o vento está em direção desfavorável, é um dos mais deliciosos arrabaldes para um estrangeiro residir. Uma hora depois dos tigres terem terminado a sua tarefa, o ambiente fica livre de todo cheiro desagradável como si apenas a fragrância das laranjeiras em flôr viesse da Glória e dos jardins da vizinhança; e a manhã desponta sobre uma práia toda branca.

Banhos de mar.

Durante cinco meses no ano, a Práia do Flamengo é o ponto escolhido por ambos os sexos para banhos de mar. Na estação dos banhos (de novembro a março), assiste-se todas as manhãs a cenas cheias de vida. Antes que o sol desponte acima dos morros, uma fila de homens, mulheres e crianças desce as ruas para tomar banho nas claras águas salgadas da baía. As *senhoras* que veem de lugares mais distantes, se fazem acompanhar de escravos, que carregam

as barracas, armando-as na práia; as senhoras vestem então as suas roupas de banho e soltam suas longas tranças pretas. Homens e mulheres, de mãos dadas, entram no espumoso elemento, e, assim, os que não são bem adextrados em natação podem resistir ao embate das ondas mais fortes que caem sobre eles. As senhoras se mostram elegantemente vestidas, com roupas feitas de um tecido escuro; mas não exibem o coquetismo das praias de banho francsas, em que as damas estudam a vestimenta que devem pôr no mar com o mesmo apuro que o fazem para um salão de baile. Os cavalheiros são obrigados pelo regulamento da policia a se vestirem decentemente, o que até agora não tem impedido de nadar os que preferem esse exercício ás “duchas” das ondas.

E' divertido verem-se as moças e os rapazes brasileiros entregando-se, pelo menos uma vez, a alguma atividade, — correndo pela práia, soltando gritos de prazer toda vez que uma onda mais pesada rola por cima de um grupo e os atira cambaleando por sobre a areia. Os banhistas derrubados fincam os pés nervosamente na areia, para não serem arrastados pelo recuo das ondas. De vez em quando, algum gaiato grita: “Tubarão! tubarão!”, molhando as senhoras, para provocar o riso dos garotos que o grito despertou. Costuma-se contar certos feitos desses canibais de péle áspera, mas nunca ouvi falar de um caso autêntico de banhista da Práia do Flamengo que tenha servido de repasto aos temiveis “lobos do mar”.

As sete horas, já o sol está alto, e toda a movimentada multidão foi-se embora. Vêm-se, ainda, porém, algumas cabeças crespas balançando-se aqui e ali no seio das ondas, seus cabelos lanosos desafiando o medo do “coup de soleil”. As pretas que acompanham as senhoras geralmente entram nágua ao mesmo tempo que as suas amas. Nas noites de luar, o mar se anima com vários pontos pretos, que são as cabeças dos escravos da redondeza, que se espanejam nágua, rindo e gritando á vontade. Todos eles nadam notavelmen-

te bem, e dá satisfação ouvir as suas vozes satisfeitas, soltas alegremente como si não conhecessem tristezas.

Os habitantes do Rio teem paixão pelos banhos de mar, e são por isso chamados "*cariocas*", que alguns traduzem por "patos". Muitas pessoas andam milhas para toma-los. Há um flutuante para banhos no interior do porto, não longe do Hotel Pharoux, para aqueles que teem a coragem necessária para afrontar o elemento que aí chamam de água-salgada, mas que, para um narrador fiel, devido ao sistema improvisado de esgotos, deve ser estigmatizado por um nome bem diverso.

Não são os bípedes os únicos animais que gosam dos benefícios das abluções na Práia do Flamengo. Os cavalos e as mulas têm, reservados para elles, certos trechos da práia, onde nas primeiras horas da madrugada são lavados e escovados. E' reconfortante saber que as pobres creaturas teem essa oportunidade de lavar-se, pois do contrário muito sofreriam com a preguiça dos seus tratadores. Os senhores que teem cuidado com os seus cavalos esforçam-se por encontrar empregados de cavalaria ingleses, por serem os pretos proverbialmente maus tratadores de animais. Os belos cavalos importados do Cabo da Boa Esperança ficam logo avariados nas mãos de um preto. Julga-se que o clima do Brasil lhes é desfavoravel e custa-se a acreditar que semelhantes animais, gordos e frageis, sejam da mesma raça, meio sangue inglêz, meio árabe, que no Cabo da Boa Esperança aguentam uma viagem de 60 ou 70 milhas por dia sem outro alimento sinão uma ração de aveia, seguida de um giro sobre terreno arenoso (15). Para uso comum, os cavalos do país são melhores, mas não são tão ageis e elegantes como os importados.

(15) Quando Napoleão se achava em Santa Helena, deram-lhe cavalos dessa raça que se adaptavam muito bem ao seu modo de montar. Os velhos generais ingleses que deviam acompanhar o "perverso prisioneiro" muitas vezes tiveram razão de se queixar do "passo" dos cavalos do Cabo.

O Morro da Glória.

A poucos passos da minha porta, está a entrada do lado sul para a Glória. Aí, quando o mar não está muito forte, podem atracar as embarcações, sendo muitas vezes as nossas noites animadas pela presença de inteligentes oficiais de marinha dos navios de guerra cujo ancoradouro é do outro lado da Fortaleza de Villegagnon.

Uma vez entrando-se no portão que fica ao pé do morro, vê-se um trecho estreito e plano de terra, ocupado por uma ou duas residências isoladas e um belo jardim particular cheio de flores. A base da escura rocha, que se ergue verticalmente na face que dá para o mar, é escondida por grandes bananeiras balouçantes e trepadeiras penduradas. O alto do morro apresenta uma vista variada, onde, como que num tabuleiro de xadrez, se misturam aspectos urbanos e campestres. Passagens estreitas circumdam o morro em diferentes altitudes, levando a muitas belas residências e jardins de que o morro está coberto até em cima. De ambos os lados dos caminhos, veem-se cerradas sebes de mimosas floridas, altivas palmeiras e os singulares cajueiros, com seus frutos refrigerantes em forma de garrafa, assim como outras árvores copadas, com esplêndidas parasitas penduradas, reinando em todo o ambiente uma quietude e um frescor, que dificilmente se poderia esperar dentro do recinto de uma cidade situada sob um sol tropical.

A mais linda residência do morro é a do Consul inglês, Sr. John J. C. Westwood, cavalheiro que mais vi cooperar em todas as obras de caridade ou beneficência que lhe fossém dadas conhecer. O Sr. Westwood faleceu em 1864.

Entre os moradores do Morro da Glória, figuram duas famílias, (de ingleses e suíços), que, pelo seus gostos e preocupações, se colocam muito além da classe de meros negociantes tão frequentemente encontrados num país estrangeiro. Em sua agradável companhia, sentia-se a



O morro da Glória visto do Passeio Público

gente ás vezes consolado da ausência da família tão distante alem dos mares. O amigo inglês era um naturalista amador de primeira qualidade, possuindo ambas as famílias, os melhores periódicos e livros de literatura geral ingleses e franceses. Após as fadigas do dia, era um delicioso descanso pãssar as tardes em tal companhia, cercado de um panorama tão grandioso. Em muitas noites de luar, pude penetrar no sentimento que, anos antes, o Dr. Kidder experimentou, podendo, como ele, dizer que “desfrutava os encantos de uma cena noturna descrita assim com tanta felicidade por Von Martius (* 27)”:

Cena noturna.

“Uma névoa delicada e transparente se eleva sobre a terra; a lua brilha entre nuvens pesadas e extranhamente agrupadas. Os contornos dos objetos iluminados por ela são nitidos e bem definidos, enquanto um mágico lusco-fusco parece apagar da vista os objetos na sombra. Apenas ligeira aragem se faz sentir, e as mimosas vizinhas, que enrolaram as suas folhas para dormir, ficam imoveis ao pé da escura copa das mangueiras, das jaqueiras e das árvores que fornecem os sublimes jambos. Às vezes sopra um vento brusco, e as folhas succulentas do cajueiro se agitam; as grumixamas e as pitangueiras deixam cair uma cheirosa chuva de flores côr-de-neve; as coróas das majestosas palmeiras ondulam lentas sobre o teto parado de verdura que elas dominam como um símbolo de paz e tranquillidade. Os gritos estrídulos das cigarras, dos gafanhotos e das rãs fazem um incessante zunido, produzindo com a sua monotonia uma agradável melancolia. Diferentes balsâmicos aromas enchem o ambiente, e as flôres, abrindo alternadamente suas pétalas, á noite, deleitam o olfato com seu perfume, — aqui os caramanchões de paulínias e suas vizinhas, as laranjeiras, — ali tufoes espessos de eupatorias, ou os cachos das palmeiras em flôr, que, subitamente se abrindo, desprendem as suas flores, mantendo uma sucessão de fragrâncias; enquanto o mundo vegetal enche a noite de deliciosos odores, iluminado por uma profusão de vagalumes que semelham milhares de estrelas errantes. Brillhantes relâmpagos faiscam incessantemente no horisonte, elevando o pensamento para a alegre contemplação das estrelas que, cintilando no silêncio solene do firmamento, enchem a alma do pressentimento de maravilhas ainda maiores”.

Igreja da Glória.

Muitas vezes, enquanto apreciavamos o espetáculo tão eloquentemente descrito pelo grande naturalista alemão, fui despertado das minhas meditações pelo toque dos sinos da igreja da Glória. Si bem que o culto d'Aquele que fez as belezas naturais que me rodeavam fosse ainda mais sublime do que a simples contemplação do grandioso e maravilhoso no mundo material, ainda assim o som daqueles sinos me enchiam de penosas reflexões. Em todas as ocasiões que entrei na linda igreja de Nossa Senhora da Glória e vi a multidão ajoelhada e as provas de um Cristianismo mal compreendido, não pude acreditar que Deus fosse aí cultuado "em espírito e verdade".

No interior da igreja, as paredes octogonais são revestidas, na extensão de alguns pés, por grandes ladrilhos holandeses, representando paisagens e cenas relacionadas com o paganismo clássico. Acteon e seus cães perseguem a tímida côrça ou a célere lebre; Cupido, também, com as suas frechas na mão, toma parte na função. No alta-mór, Nossa Senhora da Glória, vestida como uma dama da moda, de laços e sedas, contempla a cena a seus pés. Recebeu muitas jóias de seus devotos, e não ha gema cujo custo seja julgado excessivo para merecer os seus favores. Suas mãos estão cheias de cintilantes anéis, e as mangas de seu vestido são fechadas com botões de diamantes. Seu colo e suas orelhas estão enfeitados com colares de brilhantes e ricos pingentes. Um imenso broche de diamantes se espalha por todo o seu colo: foi oferecido em promessa á Virgem por Dona Francisca, esposa do Príncipe de Joinville, para a esperada recompensa de ver restabelecida a saude de Sua Alteza. Os cachos e ondulações de cabelo que circumdam a fronte da Nossa Senhora são tambem oferendas,

cortadas por alguma mãe aflita dos cachos dourados de um filho dileto (16).

Fusão do cristianismo com o paganismo.

Penetremos na sacristia que fica nos fundos da igreja. Aí podemos apreciar alguns espécimes do que se pode ver em todas as igrejas do Brasil, e que outrora podia ser testemunhado em quasi todos os templos pagãos da antiga Itália, antes de Constantino o Grande. Dentre todos os aspetos por onde se poderia traçar com segurança a fusão do Cristianismo com o paganismo, nenhum mais curioso que o processo dos "ex votos". Os antigos, quando afetados de oftalmia, reumatismos, furúnculos, falta de membros, etc., etc., rezavam a seus deuses e deusas para obterem suas curas, oferecendo, para o escrínio da divindade favorita, ou suspendendo junto a seus altares, "placas" votivas, em que inscreviam uma descrição da doença e o nome do inválido. Reconhecimentos de gratidão e curas milagrosas eram assim tornados públicos para a edificação dos crentes e confusão dos incrédulos. Também no Brasil, as igrejas estão cheias de "placas" votivas contando as maravilhosas curas de Nossa Senhora e inúmeros santos de nomes complicados.

(16) Essa "deusa" de pau tem uma esplêndida cabeleira. Representa o último rapto de cabelos feitos em seu benefício. Quando um irmão do Sr. P. L., cavalheiro das minhas relações, completou sete anos, seus cabelos chegavam até o meio do corpo. Sua mãe, sendo muito devota de Nossa Senhora, juntou os cachos cortados, e ofereceu-lhos como uma prova de fé, sem supor que estava imitando a prática das mulheres pagãs. Os cachos foram mandados a um cabeleireiro francês, que preparou a cabeleira. Foi essa então levada para a igreja e devidamente colocada em Nossa Senhora, depois do padre ter tirado reverentemente a antiga cabeleira, que serviu para cobrir as madeixas flutuantes de Absalão de Laranjeiras (Ewbank — "Sketches of Life in Brazil") (*28).

Os piedosos pagãos não se limitavam apenas a agradecimentos escritos e a descrições das partes afetadas pelas doenças, porem penduravam em seus templos as produções manuais de seus mecânicos e artezãos, constituídas pelas pinturas e esculturas de mãos, pernas, olhos, e outras partes do corpo soffredor. Na Igreja da Glória tambem se pode ver certa quantidade de modelos em cera de braços, pés, olhos, narizes, seios, etc., etc.. Quando a moléstia é de natureza interna, e a séde da afecção não pode ser modelada, o assunto é representado genaralizadamente por um paciente acamado; o perigo no mar por um naufrágio. Todos proclamam a mesma coisa: — a cura milagrosa operada por Nossa Senhora e outros santos, através do “ex voto” oferecido.

Temos exemplos muito antigos do mesmo modo de proceder entre os pagãos. Os deuses dos Filisteus, que se apossaram em combate da Arca da Aliança, foram com o seu povo batidos; e quando a arca voltou aos filhos de Israel, os pagãos filisteus fizeram “ex-votos” de ouro para acompanhar seus temiveis cativos: (Sam. VI. 4).

O Sr. Ewbank, que parece ter dedicado grande atenção á arqueologia e mitologia comparadas, faz a seguinte citação de Tavernier, um dos primitivos viajantes católicos na Índia: — “Quando um peregrino se dirige a um pagode para a cura de uma enfermidade, leva comsigo uma imagem da parte afetada, feita de ouro, prata ou cobre, e oferece-a ao seu deus”. No segundo volume de Montfaucon (tambem um escritor católico), ha uma longa lista de “ex-votos”, “alguns oferecidos a Neptuno para segurança nas viagens, a Serapis para a saude, a Juno Lucina para crianças e partos felizes: pinturas de doentes no leito, e de olhos, mãos, membros, bem como placas sem número, oferecidas a Esculápio e outros santos médicos populares entre os pagãos”.

Esse triste espetáculo do moderno paganismo no Rio de Janeiro é algum tanto atenuado pelo fato de, sempre

que os "ex-votos" se encontram nas igrejas consagradas a Nossa Senhora ou algum santo, a maioria das oferendas se mostram escurecidas e empoeiradas pelo tempo. Às vezes aparece um par recente de olhos ou de seios, porem tais modelos de cera são menos frequentes na capital que antigamente. Deve haver entretanto certa procura dos mesmos da parte de certas regiões do Império, pois um terço dos vendedores de cera e sebo, nos lugares em que tais artigos são encontraveis no Rio, tem uma secção especial de "ex-votos" em suas fábricas. Na Tijuca, um plantador, Sr. M., informou-me que acabara de visitar um seu vizinho cujo braço ficara tão imprestavel que perdera toda a utilidade para ele, até que um dia foi aconselhado por algum "santo" vivo a que fosse procurar uma casa vendedora de velas e comprasse um modelo em cera de seu membro inutilizado para offerece-lo á Virgem. Não é preciso dizer que o braço ficou inteiramente curado.

Aos sábados, frequentemente eu passeava pelo Morro da Glória, quando voltava dos navios e hospitais, onde fôra prestar serviços ou visitar doentes. Num dia de festa, subi ao morro como de costume, e quando me achava junto á larga plataforma em que assenta a igreja, ouvi compassos musicais que muito diferiam dos cantos solenes e dos grandiosos cânticos da comunidade Romana. Eram "polcas" e dansas, executadas por uma banda militar contratada para aquella solenidade! Informaram-me recentemente que esse e outros abusos semelhantes foram remediados pela intervenção directa do Imperador.

Sermões em honra de Nossa Senhora.

O Dr. Kidder dá-nos o seguinte relato de algumas práticas religiosas na Glória, que se pode aplicar em geral aos officios religiosos nas igrejas do Brasil:

A pregação não é incluída entre os officios semanais da igreja; porem duas vezes ouvi sermões feitos aqui em oca-

siões especiais. Um pequeno púlpito elevado se vê na parte léste do edificio, intercalado num vestibulo entre as paredes interna e externa. Neste púlpito, num dos officios da Quaresma, appareceu o pregador, depois de acabada a missa. O público, immediatamente voltou-se para a esquerda do altar-mór, que era para onde a sua attenção se voltara até então. O sermão foi apaixonadamente exaltado. No meio, o orador fez uma pausa, e, erguendo em sua mão um pequeno crucifixo de madeira, caiu de joelhos e começou a orar para o mesmo como sendo seu Senhor e Mestre. O público, na maioria ajoelhado em filas sobre o chão coberto de folhas, curvou a cabeça, parecendo acompanhá-lo em sua devoção. O padre prosseguiu e, terminado o sermão, todos começaram a bater nos peitos, como que imitando os antigos publicanos.

Festa da Glória

Numa outra ocasião, o discurso foi na festa anual de Nossa Senhora da Glória e foi todo uma apologia do carater da santa. Haviam procurado um dos mais populares pregadores da época, e ele parecia estar inteiramente convencido de ter um tema capaz de lhe proporcionar ilimitados recursos. Não saiu dos superlativos: "As glórias da Sacratíssima Virgem não são para ser comparadas com as dos homens, mas tão sómente com as do Creador". "Ela fez tudo o que Cristo fez, menos morrer como ele". "Jesus Cristo era independente do Pai, mas não de sua Mãe". Tais sentimentos, entoados em conjunto, não deixavam oportunidade para se penitenciar diante de Deus ou para a expressão da fé para com o Senhor Jesus Cristo em toda a duração do sermão.

Em 1852, por ocasião de uma festividade soleníssima em honra de Nossa Senhora, um dos *padres* mais eloquentes do Rio foi convidado para pronunciar o sermão na Igreja de Nossa Senhora do Monte Carmelo, que fica ao lado

da Capela Imperial. Na noite dessa mesma data, um cavalheiro católico me fez um resumo do sermão, que eu transcrevo para uso do leitor: — “Os magos de Leste e os reis do Oriente fizeram penosas caminhadas de terras distantes, e, prostrando-se aos pés de Nossa Senhora, ofereceram-lhe suas coroas em troca da sua mão; mas ela regeitou a todos, e deu-a ao obscuro, ao humilde mas piedoso São José”.

Por ocasião das festas de igreja, os fiéis (e também os outros, nesse particular) podem obter o número que desejem de objetos piedosos, sob a forma de *medidas* e *bentinhos*, — pinturas, imagens, medalhas de santos e do Papa, etc., etc.. São “trocadas” — nunca vendidas — na igreja, e produzem bons preços. Uma “medida” é uma fita cortada da altura exata da Nossa Senhora ou do santo padroeiro do lugar. Quando usadas de encontro á pele, curam toda espécie de doenças e realizam os diferentes desejos de seu feliz possuidor. Há certas e determinadas cores que se julgam próprias de cada Nossa Senhora; uma vez contaram-me o importante fato que, quando um fluminense piedoso faz um voto a Nossa Senhora, deve tomar muito cuidado para evitar que seja empregada uma côr errada. Uma senhora da minha família, desejando fazer um pequeno presente a uma de suas amigas — uma jovem mãe católica — enviou um lindo vestido côr de rosa para o filho; mas o embrulho voltou, com muito pezar porque o presente não podia ser recebido, uma vez que a mãe fizera uma promessa que se relacionava particularmente com o filho. Tinha prometido a Nossa Senhora (cujas cores favoritas eram as da neve caindo e a do ceu nas alturas) que si seu filho ficasse curado só se vestiria de azul e branco até completar seis meses! No fim desse prazo, acrescentou a resposta, o presente poderia ser aceito.

Os “bentinhos” são duas almofadinhas com as imagens pintadas de Nossa Senhora ou de um dos santos pa-

droeiros. São também usados sobre a pele, aos pares, amarrados por uma fita, um no peito e outro nas costas. São os mais eficazes para proteger a quem os usa contra os inimigos externos, pela frente e pelas costas.

Visitei a Igreja da Glória durante um desses dias de festa, e a "troca" de imagens e "medidas" foi imensa. O preço nem sempre, porém, é pago em dinheiro. Verifiquei que velas de cêra, oferecidas à Virgem, valiam tanto como moedas de prata e de cobre. O calor e o aperto da multidão na igreja eram tais que procurei refúgio na esplanada em frente; e o contraste do ar fresco da noite e os doces aromas que se desprendiam dos jardins em baixo era o mais agradável e reconfortante.

A multidão, como logo me certifiquei, não se confinava na igreja. Formavam-se grupos em volta da fonte, e milhares de pessoas se achavam na estrada denominada a "*Ladeira da Glória*", ou empregavam o tempo comendo *doces*, fumando e conversando no *Largo*. Estavam aguardando os fogos de artifício que encerrariam a festa. Os brasileiros apreciam enormemente a pirotécnica, e todas as festas principiam e terminam com a queima de foguetes e rodinhas. O fogo final excede a tudo o que no gênero jamais presenciei na América do Norte; e duvido que haja qualquer outro país no mundo, exceto a China, onde a pirotécnica seja tão variada e esplêndida como no Brasil. Não são apenas as rodinhas, cones, sóis, luas, estrelas, triângulos, polígonos, vasos, cestas, arcos com letras e os arranjos comuns conhecidos entre nós, mas alteados em grandes postes, são figuras humanas do tamanho natural, representando serradores de madeira, dansarinos em córda, amoladores de facas, bailarinas e todas as profissões que exijam movimentação característica. Por um engenhoso mecanismo, essas efigies movem suas diferentes partes com admirável presteza, imitando os movimentos naturais. Nada de "gauche". As figuras são bem vestidas, até mesmo com luvas quando representam senhoras. O lenhador faz

saltar centelhas, e o amolador-de-facas faz girar uma roda que expelle uma verdadeira auréola de cintilações!

Não há *festa*, durante todo o ano, que seja mais apreciada pelos fluminenses amantes de diversões do que essa de Nossa Senhora da Glória. Na véspera, é queimada certa quantidade de rodinhas, — provavelmente para despertar a atenção da Virgem para a homenagem que lhe será tributada no dia seguinte, afim de que ela, na multiplicidade de suas preocupações, não se esqueça da aproximação do seu aniversário; pois deve ter uma assombrosa memória para se poder lembrar de cada data festiva em que a sua companhia é implorada, dado que a quarta parte das igrejas do Rio é dedicada a uma Nossa Senhora.

No dia da festa, desde manhã cedo, as proximidades da branca igrejainha estão apinhadas de devotos em suas alegres vestimentas; nada nessa festividade exige as roupas escuras comuns; as próprias borboletas e os colibrís de peito doirado, que voam por sobre os entre-abertos jasmims e rosas em torno, não se mostram mais vistosos em suas cores que as *senhoras* e *senhoritas* de todas as idades que passam e repassam pela estrada da Glória, vestidas com todas as cores do arco-iris, e com suas longas tranças cuidadosamente penteadas e adornadas de flôres naturais, entre as quais sobressaem os cravos. Entram na igreja para ouvir missa; e feliz do que tem suficientes forças, pulmões e nervos, para conseguir abrir caminho até o altar através da multidão que a natureza vestiu de luto perpétuo. Uma vez chegados ao desejado lugar, ajoelham-se no chão, e, depois de dizer suas orações e ouvir a missa, divertem-se conversando no círculo das belas, que, em tais ocasiões, estão sempre na ansiosa espera do formoso objeto de sua adoração. Note-se que, como na França, a maioria dos devotos é de mulheres; e provavelmente por isso, todo homem fica ansioso para angariar o afeto de algumas belas devotas, que lhe suprirão a falta de fervor.

Depois que elas pacientemente exibiram seus encantos e seus brilhantes, durante algumas horas, um frêmito de animação perpassa pela multidão, e salvas de artilharia anunciam a chegada da comitiva Imperial, que, quando o tempo o permite, deixam as suas carruagens no começo da ladeira e lentamente a sobem até o alto da igreja. A ladeira foi previamente coberta de flores e de folhas de canela silvestre.

Em certas ocasiões, bandos de crianças, vestidas de branco, dos diferentes pensionatos, estão esperando, no alto do morro, para beijar as mãos de Suas Majestades. E' o mais lindo número do espetáculo — o Imperador, com sua estatura majestosa, e a Imperatriz, com seu sorriso amavel, passando lentamente pelas fileiras de meninas que, com os olhinhos brilhando, não deixam de fazer idéa da parte importante que estão representando.

Após a cerimônia na igreja, a comitiva imperial desce até á casa do Senhor Bahia (* 28 bis) rico banqueiro brasileiro que mora nas imediações do local, onde foi preparada uma esplêndida colação, e a tarde termina por um baile e fogos de artifício. As exhibições pirotécnicas são feitas na estrada do lado oposto da casa; desgraçado daquele que se arriscar a conduzir um cavalo feroso por ali. Não há outro caminho para ir de Botafogo ao centro da cidade; de formas que tem que tomar a filosófica resolução de ficar apreciando, o melhor que possa, as rodinhas de Catarina e as ardentes dansarinas piruetando no meio das chispas de fogo.

Um aspeto que distingue esses ajuntamentos no Rio é que, entre milhares de pessoas presentes, não se dá nenhuma cena de brutalidade nem nenhuma briga. Reina uma perfeita calma; e, si, no aperto inevitavel, alguém sai pisado ou empurrado, um pronto pedido de desculpas immediatamente se ouve, com o inseparavel tirar do chapéu. Como só se bebe agua, nada há que inflame as baixas paixões da multidão. Os escravos não só se mostram respeitosos em suas maneiras, como tambem demonstram um alegre senti-

mento de liberdade, para aquela ocasião; e procuram ambiciosamente os melhores lugares para ver, lugares que os seus senhores menos ativos procuram conseguir em vão.

A' meia-noite está tudo terminado, e as quietas estrelas derramam seu brilho sobre a Glória coroada pela igreja e coberta de vegetação.

Descida a Ladeira da Glória, voltando-se para a esquerda, entra-se numa bem calçada — em alguns pontos mesmo macadamizada — via pública denominada Catete, larga e importante rua que leva da cidade a Botafogo. A meio-caminho entre o centro da cidade e o mencionado bairro, está o Largo (do) Machado, que é onde principia

Laranjeiras. Havia outrora muitas arvores de *laranja da terra* (17) nesse vale encantador, e, embora a maioria delas tenha desaparecido, o lugar das mesmas foi ocupado com suas mais doces aparentadas, as *laranjas seletas*, ficando o ambiente de noite referido do rico perfume de suas flores. Alguns dos mais lindos jardins — que, em vez de muros de pedra, são cercados de grades de ferro — e as mais belas casas residenciais do Rio abrigam-se nesse vale.



Lavadeiras

(17) Gardner é de opinião que a "laranja da terra", ou a laranja amarga, não é indígena.

Um riacho sombrio porem limpido deixa correr suas águas borbotantes através de largos leitos escavados nos barrancos, que ficam entre dois esporões a pique da montanha do Corcovado. Passando por suas margens, veem-se grupos de *lavadeiras* dentro d'água ou batendo roupa sobre as pedras que se espalham em blocos ao longo do riacho. Muitas delas veem da cidade, de manhã muito cedo, carregando suas pesadas trouxas de roupa suja na cabeça, e, á tarde, voltam com roupas limpas na água corrente e coradas ao sól. Veem-se vários pontos fumegando fogo, onde cosinham a comida; e grupos de criancinhas brincam em volta delas, algumas bastante crescidas para engatinhar até junto de suas mães; a maior parte, porem, foi carregada até ali nas costas das sobrecarregadas lavadeiras. Mulheres escravas, de varios officios, podem ainda ser vistas carregando seus filhos; mas as lavadeiras não trabalham mais semi-nuas como trabalhavam.

Fazem lembrar as "pappoose" cavalgando as costas de suas mães, índias da América do Norte; porem o modo diferente de amarrar as crianças em posição fixa produz um efeito bem diverso. A estreita tábua sobre a qual a criancinha índia é atada, dá-lhe a sua forma proverbialmente erecta, ao passo que a posição encurvada que conservam as pernas da criancinha preta em volta da cintura materna produz-lhe membros arqueados para toda a vida.

Na parte superior do vale das Laranjeiras, existe uma mina de agua mineral, muito frequentada em certas estações do ano. Denomina-se Água(s) Ferrea(s), nome que indica as propriedades ferruginosas das suas águas. Proximo desse local pode-se tomar a estrada que conduz ao alto do Corcovado.

Ascensão ao Corcovado.

A excursão ao cume dessa montanha é uma das primeiras que devem ser feitas pelos visitantes do Rio. Pode-se subir a cavallo até a uma curta distância do cume; a excursão deve ser iniciada de manhã muito cedo, quando o

ar está fresco e balsâmico e o orvalho ainda humedece as folhas. O declive não é muito forte, mas as passagens são estreitas e irregulares, desgastadas como foram pelas águas das chuvas. A maior parte da montanha se mostra revestida de mataria espessa que varia de carater com a altitude, mas sempre é abundantemente provida das mais raras e luxuriantes plantas. Perto do cume, rareiam as grandes árvores, ao passo que se tornam numerosos os bambús e os fetos. Arbustos floridos e parasitas se estendem por todo o percurso da ascensão.

Fiz uma vez a excursão na companhia de alguns poucos amigos. Os nossos cavalos foram deixados num rancho não muito distante do alto, e poucos passos depois, atravessávamos a espessura da floresta. Acima desta, a pedra é apenas recoberta por delgada camada de terra, e aqui e ali um arbusto se abriga entre as fendas da rocha. O que se vê da planície como um simples ponto é, na realidade, uma rocha nua, bastante espaçosa para aguentar cinquenta pessoas que em cima dela podem ver de todos os lados ao mesmo tempo, porquanto, exceto na direção em que é galgada as encostas da montanha são extremamente escarpadas. Afim de proteger as pessoas contra acidentes, foram fincados postes de ferro, sustentando trilhos do mesmo material, em volta da beirada do precipício. Isso foi feito á custa do Governo. Si excluirmos essa ligeira amostra de arte, tudo em volta exhibe a primitividade e a sublimidade da natureza.

A altitude da montanha — 2.360 pés — é sufficiente para permitir uma clara vista “à vol d’oiseau” de um dos mais ricos e grandiosos panoramas que é dado ao olhar humano contemplar. A baía com as suas ilhas; as fortalezas, o ancoradouro; toda a cidade, de São Cristovão a Botafogo; o Jardim Botânico, a Lagôa Rodrigo de Freitas (*), a Gávia, a Tijuca, o Pão de Açucar, as olhas fóra da barra, o largo e ondulante oceano de um lado e, do outro, o círculo

(*) Lagôa das Freitas, no original.

desmesurado de montanhas e praias, tudo em volta de nós e a nossos pés. A atmosfera estava belamente transparente, e fiquei contemplando e recontemplando com crescente interesse o panorama admirável, magnífico.

Dos flancos do Corcovado, saem vários filetes d'água que correm para Laranjeiras. Por meio de canais artificiais, são reunidos para suprirem o grande aqueduto. Na descida, acompanhamos esse interessante curso d'água até atingirmos a cidade, junto dos arcos que ligam os Morros de Santa Tereza e Santo Antonio. Esse trecho da estrada não tem o menor interesse para quem ama a natureza. De quando em quando, encontram-se negros, agitando no ar seus cestos á caça de borboletas e outros insetos que se veem voejando de um lado para outro da estrada, escondendo-se nas flores e nas folhas próximas.

Antigamente exercitavam-se muitos escravos, desde menino, para colher e conservar especimes de entomologia e botânica, os quais, praticando essa tarefa continuamente, organizavam imensas coleções. São essas matas local favorito para naturalistas amadores, que, si animados pelo entusiasmo característico de seus atrativos, podem ainda vir a acha-los tão cheios de interesse como um Von Spix ou um Von Martius, cujas eruditas obras podem ser comparadas ás de Humboldt e Bonpland sobre o México e a Colômbia.

O aqueduto é um canal abobadado de alvenaria, passando ora por cima, ora por baixo, da superficie do solo, com declividade suave e orifícios para entrada do ar de distância em distância. O panorama que se pode apreciar ao longo desse aqueduto é muitíssimo variado e cheio de interesse. Ora, olhando para o lado direito, vêm-se o vale de Laranjeiras, o Largo do Machado, o Catete, a entrada da baía e o oceano; ora, voltando a vista para a outra encosta do morro, podem-se distinguir o Campo de Sant'Ana, a Cidade Nova, o esplêndido subúrbio do Engenho Velho, e, ao longe, o fundo da baía, circumdado de montanhas e salpi-

cado de ilhas. Prosseguindo em nossa rota, justamente por cima do Convento de Santa Tereza, parámos para contemplar uma bela vista da cidade. No estreito intervalo entre os Morros de Santo Antonio e Castelo, pode-se descortinar a parte mais importante da cidade. O panorama que se consegue ver daí, entre as duas elevações, basta para que o olhar descance com especial prazer numa combinação singularmente feliz das coisas da natureza e da arte.

Provavelmente nenhuma outra cidade do mundo pode comparar-se ao Rio de Janeiro no que respeita á variedade e interesse dos panoramas sublimes que apresenta em suas redondezas. A baía semi-circular de Botafogo, com o grupo de montanhas que a rodeia, formam uma das mais pitorescas vistas que se possa contemplar. Do alto do Corcovado, em frente, erige-se o famosíssimo Pão de Açucar; e, mais longe ainda, aparece um imenso cone truncado de granito; visto á distância, essa montanha parece-se com o posto de observação do mastro de um navio, donde a sua denominação de *Gávia*. Entre esta e o Pão de Açucar, há um grupo de duas outras, tão parecidas entre si que justificam o nome de *Dois Irmãos*. A cabeça de um dos irmãos eleva-se acima do outro, o mais moço, e olha orgulhosamente para o oceano em baixo que lhe lava os pés. No sopé do Pão de Açucar, está a Práia Vermelha á esquerda, assim chamada pela côr avermelhada de suas areias; estende-se até á fortaleza de São João, do lado direito, e até ás fortificações da Práia Vermelha, do lado esquerdo do Pão de Açucar. Nesta última, há um importante quartel para os recrutas do exército, onde muitos são os pobres índios do Alto-Amazonas que são exercitados no manejo das armas. Foi também cenário de uma sangrenta revolta dos soldados alemães no tempo do primeiro Imperador.

A baía oceânica que fica para além do Pão de Açucar, chama-se Copacabana (*). Algumas poucas cabanas esparsas de pescadores e velhas residências dos proprietários

(*) No original: Copa Cabana.

da terra acomodam todos os atuais habitantes do local. Já foi mais povoado, conforme afirma em suas memórias o Sr. Domingos Lopes. — alegre sexagenário com que travou relações o Dr. Kidder numa das visitas que aí fez, e que minuciosamente lhe relatou as monstruosas mudanças que se tem feito desde a sua infância, quando ainda o local hoje ocupado por São Francisco de Paula era um charco, não lhe ficando atraz toda a porção da cidade que ficava para dentro desse sítio, embora coberta em certa extensão por casas humildes e baixas. As areias da praia de Copacabana são brancas como a espuma que as cobrem. Quem deseje entreter-se com o surdo porem passado roncar das ondas, quando rolam no verde Atlântico, não encontrará melhor ponto para observa-las e quem já gosou a sublime companhia das ondas, que aqui se espriam a seus pés, rendendo-lhe homenagem, não se demorará em visitar novamente o local.

O Pão-de-Açucar,

Quando eu pela primeira vez contemplei o Pão de Açucar, fui dominado por um desejo quasi irresistivel de galgar o seu cume. Mas esse desejo nunca se realizou. Como os meus concidadãos tem compartilhado comigo essa ambição, devo ser facilmente perdoado.

Afirmam algumas pessoas que foi um official da marinha "yankee" quem primeiro concebeu e executou o ousado projeto de galgar seus flancos de pedra. Entretanto, essa honra é disputada por outros em beneficio de um official da marinha austríaca. Seja como fôr, estava reservado a Dona América Vespucci ser, em 1838, a primeira mulher que pode tentar a proeza; mas sem poder levar a efeito o que seu espírito ambicioso concebera. Varias pessoas dos dois sexos, depois desse fracasso, renovaram a tentativa, e, com perigo de sua integridade e de suas vidas, algumas delas conseguiram chegar mesmo no topo. No dia 4 de julho de 1851, Burdell, um dentista americano,

acompanhado de sua esposa, juntamente com um cabeleireiro francês "et sa dame", e uma jovem escocesa, realizaram a ascensão. Desta última, recebi uma narração da aventureira noite, na qual, por vezes, pareciam estar prestes a precipitar-se no espumante oceano que se abria a seus pés. O cansaço e o perigo não eram pequenos, quando, afinal, o sucesso veio coroar-lhes a louca temeridade, e eles atiraram foguetes e acenderam uma fogueira, com grande pasmo dos espectadores fluminenses. A última ascensão á singular montanha, que é quasi tão escarpada como o Bunker Hill Monument, foi realizada por um jovem norte-americano que, sem um companheiro nem o aparelhamento e prática de um mestreiro, abriu caminho até o cimo da escarpa, sob a ação de um ardente sol a pino. Ficou, porém, tão mal impressionado com a aventura, que pediu a seus amigos não mais lhe tocassem no assunto (18).

(18) Nota de 1866: — Grandes melhoramentos se fizeram ultimamente no estado das ruas. Deve-se isso a um melhor sistema de calçamento, com pedras retiradas das pedreiras que existem abundantemente nos morros da cidade. A "Rio City Improvements Company", lutando com grandes obstáculos, está atualmente construindo os esgotos da cidade, os quais, uma vez concluidos, farão do Rio a mais bela cidade dos trópicos. Não podemos também esquecer as obras officiaes e as docas, sob a direção de Charles Neat Esq., em frente ao edificio da Alfândega, na ilha das Cobras e suas proximidades. Um dos mais efficientes auxiliares do Sr. Neat é o Sr. Bullman, de Newcastle, Ingl., a quem devo alguns dados meteorológicos.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 25) Rua do Principe do Catete, depois Rua Bela do Principe, é a actual Rua Silveira Martins.

(* 26) Praia Grande, actual Niteroi.

(* 27) Karl Friedrich Philipp von Martius "Reise in Brasilien", 1828-1831; excertos dessa obra foram publicados nesta "Brasiliiana": n.º 118 "Através da Baía", trad. e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.

(* 28) "Sketches of Life in Brazil" or a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm (ou diário de uma visita á terra do cacau e da palmeira), por Thomas Ewbank.

(* 28bis) José Lopes Pereira Baía, filho do Visconde de Meriti; o seu palacete estava situado no local, hoje occupado pelo Palacio do Cardeal, á rua do Catete.

CAPÍTULO VII

Irmandades.

Voltar da contemplação da natureza para os trabalhos do homem, não é sempre uma agradável troca; e as palavras sempre citadas e muito conhecidas do Bispo Heber,

“Embora as scenas naturaes agradem sempre
Somente o homem é vil,”

parecem duplamente verdadeiras para a America do Sul, onde o grande, o bello tão profusamente espalhados estão em contraste tão forte com a ultima das creaturas apparecidas na terra. Porem, o cristianismo filantrópico e práctico corporificado nos hospitais do Rio de Janeiro, estão em feliz contraste com os disfarces e puerilidades que a igreja catolica espalhou no Brasil. Estas instituições, por sua extensão e eficiencia merecem o nosso respeito e admiração.

Entre os hospitaes da capital ha muitos que pertencem a diferentes *Irmandades*. Essas instituições não são parecidas com as associações beneficentes da Inglaterra e dos Estados Unidos, embora, mais difundidas. Compõem-se geralmente, de leigos, e denominam-se “Ordens Terceiras”, como por exemplo a Ordem Terceira do Carmo, da Boa Morte, do Bom Jesus do Calvario etc... Usam uma especie de vestimenta semelhante à do clero, aos domingos e dias santos, com distinctivos, pelos quais se conhece cada Irmandade. Uma joia razoavel e uma subscrição anual são exigidas de todos os membros, cada qual ficando com o direito de ser auxiliado pelo fundo geral em caso de doença e pobreza, assim como para os funerais em caso de morte. Os irmãos contribuem para a construção e conservação das Igrejas, providenciam para o socorro dos enfermos, enter-

ram os mortos e mandam dizer missas pelas almas. Em resumo, logo depois do Estado, são os mais eficientes auxiliares que sustentam os estabelecimentos religiosos do paiz. Muitos deles, no decorrer dos tempos, tornaram-se ricos, pelo recebimento dos donativos legados, sendo muito considerado fazer parte de tais instituições.

Hospital de São Francisco de Paula.

O grande hospital particular de S. Francisco de Paula pertence à Irmandade deste nome. Está localizado numa posição elevada e foi construído solidamente. Cada doente tem uma alcova reservada em que recebe as visitas do medico e os necessarios cuidados dos enfermeiros. Quando podem andar, dispõem de compridos corredores que dão a volta do edificio, pelos quais passeiam, e janellas por onde gozam do ar e da vista do panorama em volta. Ha tambem parlatorios onde os membros convalescentes da Irmandade encontram-se para conversar.

O hospital dos lazarus está localizado em S. Cristovão, a varias milhas da cidade, e é inteiramente destinado a pessoas atacadas de "elefantiasis" e outras doenças da péle, do tipo leproso. Taes doenças são infelizmente muito communs no Rio, onde não é raro ver um homem arrastando a sua perna inchada, que attinge o dobro das dimensões naturaes, ou sentado no chão com o seu membro gangrenado exposto como um apelo à caridade. O termo elefantiasis se deriva dos enormes tumores, que a afeção causa nos membros inferiores, tumores estes que se formam em pregas circulares e dobradas, fazendo os membros parecerem com as pernas de um elefante. A deformidade já é horrivel em si mesma, porem a crença dominante de que a doença é contagiosa aumenta ainda o temor que inspira.

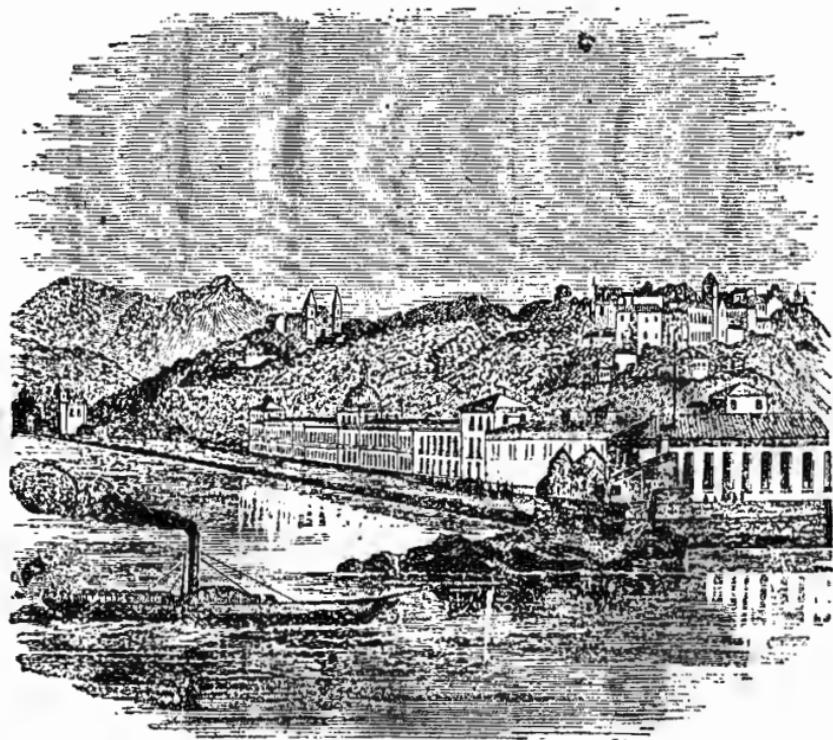
Foi um ato de verdadeira beneficência o que o Conde da Cunha, realizou adaptando um antigo convento de Jesuitas ao uso de um hospital para tratamento dessas doenças.

Foi colocado e, desde então assim se conserva, sob a direcção da Irmandade do SS. Sacramento. O numero medio de seus internados é de cerca de oitenta. Poucos são aqueles, cuja doença esteja tão adiantada que exija a sua remoção para o hospital, que se conseguem curar. Não faz muito tempo houve quem pretendesse ter feito a descoberta de que a elephantiasis do Brasil era uma doença que podia ser comparada àquela que os antigos gregos ciravam com mordedura de cobra. Publicou varios artigos sobre o assunto, despertando assim a atenção publica para a sua singular teoria. Logo ofereceu-se uma oportunidade para tirar a prova das suas afirmações. Um internado do hospital, que estava doente havia cerca de seis anos, resolveu submeter-se á arriscada experiencia. Marcou-se um dia e varios medicos e amigos estiveram presentes para testemunhar o resultado. O doente tinha 50 anos de idade, e, seja por sua confiança na cura ou pela sua anciedade de um mais feliz resultado, mostrava-se impaciente diante da tentativa. A serpente foi trazida numa gaiola, e dentro dela o paciente introduziu sua mão, com a mais perfeita presença de espirito. O reptil parecia encolher-se ao contacto da mão, como se houvesse alguma cousa que neutralizasse o veneno. Quando tocada, a serpente chegava mesmo a lambar as mãos sem morde-las. Tornou-se necessario afinal que o paciente segurasse e apertasse a cobra, firmemente, afim de receber uma fígada de suas presas. A mordidela desejada foi afinal conseguida, perto da base do dedo minimo. Tão pequena foi a sensação, que o paciente não se deu conta de ter sido mordido, até que disso o avisaram as pessoas presentes. Uma pequenina gota de sangue exsudou da ferida, e uma leve inflamação appareceu quando a mão foi retirada da gaiola, mas nenhuma dor ele sentiu. Momentos de intensa anciedade se seguiram, quando se esperava verificar si a extranha applicação teria sido para bem ou para mal do doente. O efeito tornou-se aos poucos evidente, embora visivelmente retardado pela

doença que tinha invadido o organismo. Em menos de 24 horas o lazaro era um cadaver!

Santa Casa da Misericórdia.

O mais vasto hospital da cidade, e tambem do Imperio, é o denominado, Santa Casa da Misericordia. Este estabelecimento está localizado na praia que fica por baixo do



Misericórdia

Morro do Castello, e está aberto dia e noite aos doentes e necessitados. A melhor assistencia que está ao alcance dos administradores é dada a todos, mulheres e homens, pretos e brancos, mouros e cristãos, nenhum dos quais, mesmo

os mais miseráveis, tem necessidade de procurar pessoas influentes ou recommendações para ser recebido.

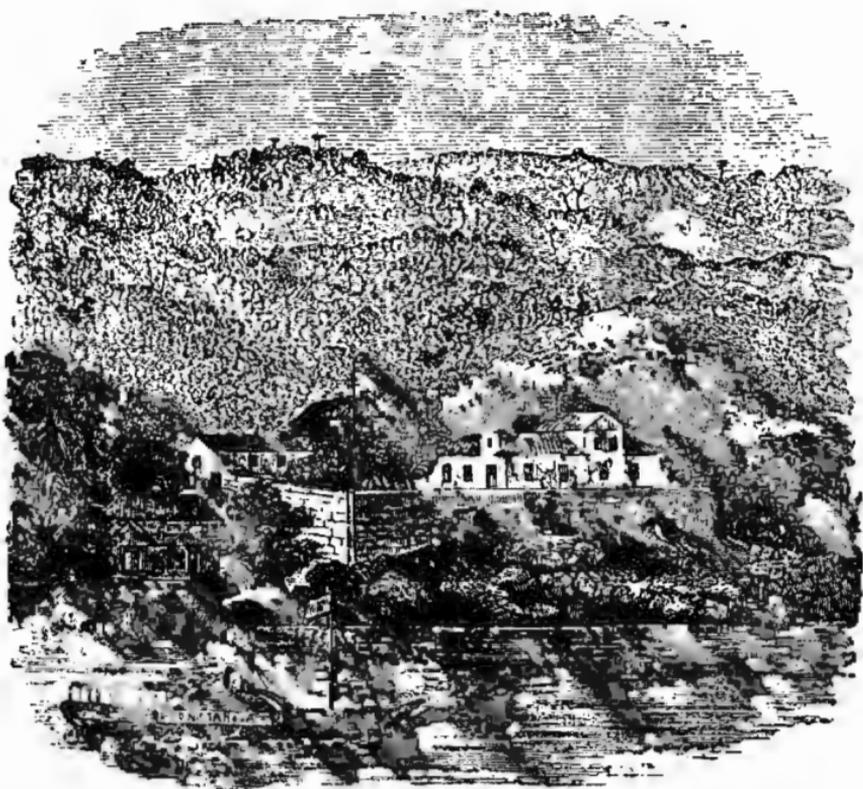
Pelas estatísticas deste estabelecimento, vê-se que sete mil pacientes dão, anualmente, entrada; destes, mais de mil morrem.

Neste hospital são tratados numerosos marinheiros ingleses e norte americanos, sujeitos a doenças ou accidentes á sua chegada ao Rio, ou durante a sua estada no porto. Ha poucas nações do mundo não representadas entre as pessoas internadas na Santa Casa do Rio de Janeiro. Sendo permitido livre acesso ás suas salas, estas fornecem um amplo e interessante campo para atos de beneficência a favor dos doentes e dos moribundos.

Os annos de 1850, 51, 52 e 53, foram de grande mortalidade entre os estrangeiros por causa da primeira e unica visita da febre amarella ao Rio de Janeiro, e ao litoral do Brasil. O numero de obitos entre os nacionais foi muito grande mas, em parte alguma do Imperio, foi a mortalidade maior do que nas regiões dos Estados Unidos, tão frequentemente visitadas pela mesma doença. Em 1854, 55 e 56, nenhum caso de febre amarella occorreu, e o seu aparecimento e desaparecimento foram igualmente misteriosos.

Novos hospitais, foram construidos para o recebimento de marinheiros estrangeiros atacados pela cruel doença; mas nenhum tão bem aparelhado, bem dirigido, e com tantos casos de cura, como o hospital de Jururuba, sob a direção de uma competente junta médica, cujo chefe é o Dr. Paulo Candido. O principal medico assistente visitador, era o Dr. Corrêa de Azevedo, cavalheiro de grande afabilidade e experiencia, falando dez diferentes linguas fluentemente e que era o preferido pelos doentes de todas as partes do mundo. Todo dia, o pequeno vapor ("Constancia") trazendo o medico e seus assistentes, atravessa o ancoradouro, recebendo doentes para transportal-os em seguida para a margem sul da baia de S. Xavier, ou Jurujuba. O hospital está situado no meio de perpetua vegetação,

onde o oceano e a brisa da terra não são contaminados pelas muitas impurezas de uma vasta cidade. Ha aí excelentes e boas enfermeiras que cooperam com os medicos na cura dos doentes. O Dr. Azevedo reside agora em Teresopolis.



Hospital de Jurujuba

Hospital de Jurujuba.

O hospital de Jurujuba foi para mim um lugar de frequente visitaçào, durante o surto da mortifera febre amarela. Quantos pobres viajantes para o abismo vi eu, aí e a bordo, longe de sua patria, de seu lar e de seus parentes,

descerem à sepultura! Quantas vezes, também, assistí ao poder dessa "esperança que não cessa" ao recolher dos lábios moribundos a ultima mensagem de amor e carinho dirigida aos pais, mães ou irmãs distantes, e os hinos triunfantes que proclamavam a vitória sobre o ultimo inimigo do homem.

Embora haja livre trânsito para todos os que desejam ir ao hospital, nunca encontrei um único padre brasileiro ou português nas minhas frequentes visitas a Jurujuba. Não pode ser alegado como desculpa que era o hospital uma instituição para marinheiros ingleses e norte americanos, pois grande proporção dos doentes era constituída de portugueses, espanhóis, franceses e italianos. O unico padre católico de certa categoria que vi, em Jurujuba, foi um devotado capuchinho italiano, que, no Rio, viveu sempre esmolando, debaixo do sol e das chuvas tropicais, enquanto que os bem tratados frades de Sto. Antonio, de S. Bento e do Carmo vivem folgadoamente nos seus enormes conventos, situados nos mais belos e saudáveis pontos da cidade.

Antes da construção do hospital de Jurujuba, quasi todos os doentes estrangeiros necessitados eram acomodados na Misericórdia. A beneficência desse ultimo hospital não se limita ao interior de suas enfermarias, porem se estende às diferentes prisões da cidade, cuja maior parte dos internados recebe alimento e remedio das provisões da Santa Casa.

Casa dos Expostos.

Alem do hospital publico, a instituição mantem uma casa para expostos, e um recolhimento ou asilo, para orfãs. A Casa dos Expostos, é tambem chamada "Casa da Roda" (19), em alusão a uma roda onde as crianças são de-

(19) A Casa dos Expostos primitivamente ocupava o grande edificio de três andares que se vê do lado direito da "Vista da Glória tirada do terraço do Passeio Público". Agora está na rua dos Barbons.

positadas do lado da rua, e que, por uma meia volta, dá entrada às mesmas para dentro do edificio. (Vide nota * 18).

Esta roda occupa o lugar de uma janela dando face para a rua e gira num eixo vertical. E' dividida em quatro partes por compartimentos triangulares um dos quaes abre sempre para fora, convidando assim a que dela se aproxime toda mãe que tem tão pouco coração que é capaz de separar-se de seu filho recém-nascido. Tem apenas que depositar o exposto na caixa, e por uma volta da roda faze-lo passar para dentro, e ir-se embora sem que ninguem a observe.

Que tais instituições sejam fonte de mal comprehendida filantropia, é tão evidente no Brasil como em qualquer outro país; não só encorajam a licenciosidade, como estimulam a mais evidente deshumanidade. Das 3.630 crianças expostas na roda, durante dez anos anteriores a 1840, somente 1.024 estavam vivas no fim desse periodo. No ano de 1838, 39.449 crianças, foram depositadas na roda, das quais seis foram encontradas mortas, quando retiradas. Muitas morreram no primeiro dia em que chegaram, e 239 logo depois.

O relatorio do Ministro do Imperio para o ano de 1854, da-nos a seguinte alarmante estatistica, com os comentarios do Ministro:

"Em 1854, 588 crianças, foram recebidas, somadas a 68, já no estabelecimento. Total 656: — Mortas 435; Restantes 221.

Em 1853, o numero de expostos recebidos, foi de 630, e mortos 515 (1)

Foi portanto menor a mortalidade, no passado do que nos ultimos anos. Todavia o numero de mortos ainda é aterrador.

Até o presente não foi possivel verificar as causas exatas dessa lamentavel mortandade, que com mais ou menos intensidade sempre se verifica entre os expostos, não obstante os maiores esforços empregados para combater o mal".

Bem pôde um dos medicos do estabelecimento, em cuja companhia um cavalheiro de minhas relações visitou

varios departamentos da instrução, exclamar: "Monsieur, c'est une boucherie!"

Qual seria a condição moral ou os sentimentos humanos dessas numerosas pessoas que deliberadamente contribuem para expor a vida das crianças? Uma circumstancia peculiar ligada a esse estado de coisas é o facto alegado de que muitos dos expostos são productos das mulheres escravas, cujos senhores, não desejando os aborrecimentos e as despesas da manutenção das crianças ou desejando os serviços das mães como amas de leite, exigem que as crianças sejam enviadas á *Engeitaria*, onde, si conseguem sobreviver, serão livres. Um grande edificio para a acomodação dos expostos está sendo construido no largo da Lapa.

O asilo para orfãos é um estabelecimento muito popular. E' principalmente sustentado pela Casa dos Expostos. A instituição não só cuida da protecção das meninas a seu cuidado, durante os seus mais tenros anos, como também providencia sobre o seu casamento, conferindo dotes de 200 a 400 mil réis a cada uma. No dia 2 de Julho de cada ano, na data em que a Igreja Catolica celebra o aniversario da Visitação de S. Izabel, com procissões, missas, etc... o estabelecimento é aberto ao publico, e fica cheio de visitantes (entre os quaes SS. Magestades Imperiaes), alguns dos quaes levam presentes para as recolhidas, e outros pedem algumas delas em casamento.

A nova Misericórdia.

O novo edificio da misericórdia foi construido com grandes proporções, e o seu aspeto, quando se entra no porto, é, no ponto de vista arquitetônico, verdadeiramente magnifico. E' construido de pedra, medindo 600 pés de comprimento. E' somente a metade dele que se vê no desenho junto, tirado de um daguerreotipo; o leitor ficará admirado das dimensões desse benemerito edificio, quando lhe dissermos que é duplo, e que ha, por traz do representado na fi-

gura, um edificio gêmeo, tudo ligado por varias galerias quadrangulares. Com as suas modernas instalações, assegurando uma ventilação superior, luz e asseio, — com os seus jardins floridos e grupos de pequenas arvores, para recreio e exercicio dos convalescentes, — com suas fontes frescas, seus espaçosos apartamentos, bondosas enfermeiras e bela situação, esse hospital é, como foi muito bem dito, “um padrão para a civilização da epoca, e um esplendido monumento da munificencia e beneficencia da irmandade da Misericordia.”

O hospital de loucos, ou, como é oficialmente chamado, Hospicio de Pedro II, situado na graciosa bacia de Botafogo, é uma construção esplendida e apalacetada, inaugurada em 1852. A acomodação para os loucos é ai tão confortavel e luxuosa que é somente igualada pela da Santa Casa, cujo nobre cúpula se ergue na praia de Santa Luzia. Irmãs de caridade, francesas, são as suas enfermeiras, da mesma forma que no estabelecimento dos irmãos da Misericordia. O Imperador, cujo nome foi dado ao hospital de Botafogo, é um dos mais liberais mantenedores.

As despesas annuais da Misericordia são de cerca de 150.000 dolares. Uma pequena parte de sua receita é devida a certos impostos da alfandega, outra parte devida às loterias, e o equilibrio da renda é feito à custa de donativos e rendimentos de propriedades, que pertencem, por compra e legados, à instituição. A Casa dos Expostos e o Recolhimento já existem aproximadamente a um seculo. O edificio primitivo da Misericordia data de 1582, e foi feito sob os auspicios desse celebre jesuita que foi José de Anchieta. Por aquele tempo, chegou ao porto uma esquadra espanhola, formada de 16 navios de guerra, tendo a bordo 300 espanhóis que se dirigiam ao estreito de Magalhães. Durante a viagem, experimentaram fortes tempestades, com as quais os navios muito sofreram, tendo as doenças grandemente se manifestado a bordo. Anchieta, nessa epoca, estava como visitador no collegio da sua ordem, fundado alguns anos an-

tes, e cujas torres ainda dominam o morro do Castelo. Movidamente por compaixão pelos espanhoses soffredores, elle providenciou para que fossem socorridos e, com isso, lançou a fundação de uma instituição que, até o presente, continua a ampliar a sua caridade e aumentar os seus meios de aliviar o soffrimento humano.

José de Anchieta.

E' impossivel contemplar os resultados de um tal acto de filantropia, sem sentir respeito para com o seu autor. Quantas dezenas de milhares de pessoas, durante o periodo de mais de 250 annos, encontraram asilo dentro das paredes da Misericordia do Rio de Janeiro, e quantos milhares o tumulo! Anchieta fez parte dos primeiros jesuitas enviados ao Novo Mundo, e o seu nome enche um grande espaço da historia dessa ordem. Os seus primeiros trabalhos foram dedicados aos indios de S. Paulo, e, ao longo do litoral, onde elle soffreu grandes privações e exerceu poderosa influencia; voltou finalmente ao Rio de Janeiro e aí terminou seus dias.

Sua abnegação como missionario, seu esforço em adquirir e metodizar uma lingua barbara e seus serviços ao Estado, foram suficientes para assegurar-lhe uma honesta fama e uma preciosa memoria; mas, na ultima parte do século seguinte, foi feito candidato a Santidade, e suas virtudes reais se viram diminuidas diante do poder que pretenderam afirmar que elle tinha de realizar milagres. Simões de Vasconcellos, Provincial do Brasil, historiador da provincia, compôs uma narrativa de sua vida, que é uma série dos maiores exemplos de extravagancia que se conhece.

Igrejas e Conventos.

Ha dentro da cidade do Rio de Janeiro e seus suburbios, cerca de 50 igrejas e capelas, contam-se geralmente, entre os mais custosos e imponentes edificios do país, embora

muitas delas tenham pouco imponência aparente, quanto ao seu plano e ao seu acabamento. São de varias formas e estilos, algumas octogonais, outras no formato das cruces romana e grega e outras simplesmente retangulares. A igreja da Candelaria (20) foi originalmente destinada a servir de Catedral para a Diocese do Rio de Janeiro. Foi iniciada ha cerca de 70 anos, e não está inteiramente concluida. Como quasi todos os outros edificios de finalidade ecclesiastica do país, conserva-se como uma recordação das passadas gerações. A ereção de uma nova igreja, no Brasil, não é muito frequente.

As capelas dos conventos são em muitos casos maiores e provavelmente mais custosas do que as das igrejas. A do convento de S. Bento (21) é uma das mais antigas, tendo sido restaurada, de acordo com inscrição que ostenta, em 1679. O exterior do edificio é rude porem massiço; suas janelas são pesadamente cerradas com grade de ferro, parecendo mais uma prisão do que um lugar de culto. As paredes da capela estão cheias de imagens e de altares. O teto e as paredes exibem pinturas destinadas a ilustrar a historia do Santo Padroeiro, cujas reliquias milagrosas são aí cuidadosamente conservadas. Inumeras figuras de anjos e querubins, esculpidas em madeira e cobertas de um dourado pesado, olham de cima, para o visitante, de cada canto em que estão penduradas. — Quasi todo o interior é dourado. — A Ordem dos Benedictinos é a mais rica do Imperio, possuindo casas e terras de vasta extensão, embora o numero de frades seja presentemente muito diminuto.

Um apartamento, de facil acesso, é destinado à biblioteca, que se compõe de cerca de 6.000 volumes. O ar sombrio e melancolico que domina o casarão monástico guarda

(20) As altas torres dessa igreja podem ser vistas na "Vista geral do Rio de Janeiro, tomada da ilha das Cobras" erguendo-se à direita da palmeira que se vê no centro.

(21) As torres desse convento são as que se vêem, ao fundo, do lado direito, na vista referida na nota anterior.

um perfeito contraste com o esplêndido panorama, que se desdobra em frente dele, e com o aspeto moderno do arsenal de Marinha, localizado ao pé do morro em que está construído o convento (22).

Uma notavel peculiaridade, no aspeto do Rio de Janeiro deriva-se da circunstancia de que todos os lugares mais



Frades de Santo Antonio

elevados e dominantes da cidade e dos arredores são ocupados por igrejas e conventos. Entre esses podemos em seguida mencionar o convento de Sto. Antonio uma ordem mendicante, cujos frades usam um chapéu em forma de pá de ferro, e que, apesar de jurarem eterna pobreza, conseguiram obter um lugar muito valioso para erigir seu luxuoso edificio. Esse edificio, uma vez que a ordem nada pode possuir, pertence ao papa de Roma. Ha, nele, duas imensas capelas e um vasto claustro com numero apenas suficiente de frades para conserva-lo em ordem.

No morro oposto ao de Sto. Antonio, está o convento de Sta. Tereza, ocupando uma situação talvez ainda mais pitoresca do que a de qualquer outro mosteiro acima mencionado; todavia, como para tornar o aspeto da construção mais

(22) Na ilha das Cobras, quasi em frente ao Convento de São Bento, existe um enorme argolão de cobre, perto da praia, aí colocado pelo célebre Capitão Cook em sua última viagem.

agressivo ainda no seio da paisagem onde sempre perpassa a fragrância das flores, que se abrem em sorriso de beleza, as suas janelas cerradas são, não só gradeadas de ferro, como essas grades de ferro são eriçadas de pontas.

O convento de N. S. da Ajuda, que se avista do morro de Sta. Tereza, completa a lista das instituições monasticas da capital do Brasil. No convento da Ajuda, antigamente, existiam muitas internadas, que não tomavam véu. O ciu-me dos portugueses e seus descendentes era tal, que, ha anos passados, não era incomum que um cavalheiro, quando ia a visitar a mãe patria, encarcerasse, ou, mais delicadamente, procurasse pensão para a sua esposa, no convento, onde ela permanecia durante toda a sua ausência. Soube que essa vergonhosa pratica foi proibida pelo atual Imperador. Os mosteiros não são muito populares, e por isso nunca mais se erigiram novos pelo mesmo custo.

As igrejas de toda a especie estão geralmente abertas pela manhã. A essa hora, rezam-se missas na maioria delas. Comumente ha poucas pessoas assistindo à missa, na sua maioria mulheres. Nos grandes dias santificados, varios dos quaes durante a Quaresma, as igrejas ficam apinhadas de gente, sendo por essa ocasião realizados alguns sermões; mas, nada que se pareça com uma predica regular aos sabados ou em qualquer outro dia, se ouve em qualquer cidade do país (23).

(23) Nota de 1866: — Como os assuntos de saude estão estreitamente ligados com o de hospitais tratado neste capítulo, acrescento aqui o que nos informa o relatório para o ano de 1864, sobre as condições sanitarias do Império, publicado pelo Presidente (Dr. J. P. Rego) da "Junta Central de Higiene Publica". Mostra-se que pelos cuidados e competência da faculdade médica brasileira, o cólera e a febre amarela desapareceram do Brasil. Deve ao Dr. Manuel Pacheco da Silva, do Rio de Janeiro, essa valiosa publicação. O Brasil acaba de sofrer a maior perda em assuntos de medicina com a morte do Dr. Paulo Candido, que mais do que ninguém fez e publicou as mais minuciosas observações das molesias epidêmicas em seu país. Faleceu em Paris, em 1864, tendo a sua perda sido sentida nos círculos médicos europeus tanto como no Brasil.

CAPÍTULO VIII

Iluminação da cidade.

As ruas de poucas cidades são mais bem iluminadas do que as do Rio de Janeiro. O gasômetro do Aterrado envia as suas canalizações para os mais remotos suburbios da cidade, assim como atravez de muitos dos intrincados logradouros da cidade velha e da cidade nova. Aqui não existe o eufemismo que muitos governos municipais empregam nos Estados Unidos — isto é — que a lua brilha durante a metade do ano —; pois no Rio, quer Cíntia esteja cheia ou esconda seus raios por sob nuvens tempestuosas, as lâmpadas continuam a brilhar, com toda a intensidade de sua luz. O carvão para o gaz vem da Inglaterra.

Depois de 10 horas da noite, pouca gente se vê nas ruas. Os brasileiros são eminentemente um povo que vae cedo para a cama e cedo se levanta. Quando o sino bate dez horas, todos os escravos se somem; e ai, daquele que for colhido na rua após o badalar, annunciando a hora em que a lei prescreve que já devia estar em casa do seu senhor; si se atraza, a policia prende-o e leva-o para a prisão comum até que o seu proprietario venha resgatal-o por bom preço.

A mesma regra não se applica aos homens livres; contudo, podia-se pensar que igualmente exerce a sua força sem consideração de classe, uma vez que os fluminenses, em geral, recolhem-se às 10 horas. Nada é mais surpreendente, para um estrangeiro do Norte, para quem as noites são tão atraentes, com seu frescor, sua fragrância, e seu brilho, do que ver as ruas e os belos suburbios da cidade quasi tão abandonados e silenciosos como as ruinas de Teba ou Palmira.

Polícia.

A policia do Rio de Janeiro é militarizada e bem disciplinada por oficiais do exercito. Seus componentes são dotados de plena autoridade, e fazem questão de usal-a. Grandes dificuldades ocorrem às vezes entre os beleguins e os estrangeiros, quando, em certas ocasiões, estes merecem ser censurados; mas, é bom para um "Young America", quando em viagem pelo Cabo Horn em rumo à California, sofrer a coacção total desses "brasileiros amarelos" que eles afetam desprezar. A policia é armada. Durante o dia, podem ser vistos isolados ou aos pares, guardando seus postos nos lugares convenientes para fiscalizar os escravos e todas as outras pessoas suspeitas de promover desordens. Aqui é o policial acompanhado de tres ou quatro de seus companheiros, estrangeiros, acolá, com um simples colega, permanece de pé junto à fonte da Carioca; ou então, com o



Polícia e venda

seu boné tombado, seu uniforme azul, espada, cinturão e pistolas, exibem-se numa venda da esquina, onde o Sr. Antonio do Faial, com seus tamancos (24), vende cachaça, fumo em rolo, carne seca com farinha, vinho tinto de Lisboa e fei-

(24) Uma espécie de chinelo com sola de madeira muito usado pelas classes pobres dos brancos e dos pretos livres.

ção preto. Os artigos acima mencionados estão em estoque, e servem para o consumo das classes mais baixas, que formam a freguezia dessas pequenas vendas. Às vezes, melhora a lista dos artigos a venda e a ela se somam a manteiga, trazida da Irlanda, o toucinho vindo dos Estados Unidos, cebolas de Portugal, sardinhas, e, em menor quantidade, presunto e salchichas. Esses vendeiros também negociam em lenha, que vendem sob a forma de rachas de madeira finamente cortadas, que juntamente com o carvão é o pequeno complemento do material de cozinha no Brasil. Em todas essas vendas, vêm-se as únicas pessoas que no Rio bebem muito, salvo os ingleses e americanos, e que são os escravos. Frequentemente os “congos” e “moçambiques” tornam-se eloquentes sob a ação da cachaça, e, nessas ocasiões, o polícia é o árbitro eficiente.

Poucas cidades encontrei mais ordeiras do que o Rio de Janeiro; a polícia aí é, geralmente, tão alerta, que, em comparação com Filadélfia e New York, raramente ocorrem brigas. Senti mais segurança pessoal, altas horas da noite, no Rio, do que quando estive em New York. Entretanto, há ocasiões em que a polícia recebe fortes censuras pela imprensa por causa do seu descuido. O trecho seguinte, transcrito de um “Correio Mercantil” de data recente, é um bom exemplo: — “Na noite de ante-hontem, depois das oito horas, um individuo de nome Mauricio foi atacado por um bando de *capoeiras* (25) que caíram de cacete sobre ele, ferindo-o na testa e contundindo a sua coxa de tal maneira que chegaram a lesar a arteria. A vítima, banhada em sangue, foi socorrida pela farmacia do Sr. Pires Ferrão, tendo aí recebido os necessarios socorros, que lhe foram ministrados pelo Dr. Thomaz Antunes de Abreu, que correu a socorrer o pobre homem assim que foi chamado. Nenhuma autoridade policial appareceu para tomar conhecimento do criminoso fato!”

(25) Africanos, que, armados de punhal, praticavam tropelias pelas ruas, mas que atualmente são mais raros no Rio.

Tais atentados são exceções, e alguns artigos, baseados em factos como o acima narrado, chamam a policia ao seu dever.

Jogo e loterias.

Ha, porem, uma ofensa ao bem publico, a que a policia costumava fechar os olhos por ocasião da minha permanência no Rio, e que era o jogo. Parece ser um habito inveterado entre alguns brasileiros; quando estive retido em quarentena com alguns brasileiros, tive oportunidade de verificar quando todas as classes, representadas no "Lazareto", entregavam à paixão do jogo, logo que o padre se retirava. No Rio, as leis são muito severas contra as casas de jogo; e ha vezes em que os seus proprietarios são prontamente presos pela policia. Entretanto, na rua Princeza, durante os anos de 1852 e 1853, um certo advogado, todas as noites de sabado, transformava sua casa em ponto de reunião de jogadores profissionais, (inclusive o advogado) e da nova vitima que vinha ser depenada. Quando saia, todos os sabados para o meu serviço religioso, às nove horas da manhã, as suas carruagens ainda estavam em frente á porta, e os seus criados somnolentos, bocejavam e rogavam pragas. Os policiais desciam regularmente a rua do Catete, todas as horas da noite e do dia, e mesmo assim passavam-se meses e meses sem que o antro fosse fechado, até que a suas operações foram afinal suspensas pelo suicidio de um dos parceiros.

Ha uma outra especie de jogo, mais deletéria em seus efeitos, favorecida e sustentada pelo governo. Refiro-me às loterias. Não se trata de "trapaça", pois os premios existem, e, quando ganhos, são pagos. Se se pretende erigir uma igreja, um teatro, ou qualquer outro edificio publico o governo garante a extração de uma loteria. Ha sempre 6.000 bilhetes, a 20\$000 cada um, sendo o mais alto premio 20 contos, e o segundo premio metade dessa soma;

seguem-se mais 2.000 bilhetes, que conferem premios de 20\$000 para cima. Por toda a parte da cidade, ha pontos de venda dos bilhetes e, no interior do paiz, vêm-se vendedores de bilhetes a cavallo, que vão de casa em casa. Não ha fraude na distribuição dos premios, e tal é a procura, por essa especie de jogo, que os bilhetes são vendidos em poucos dias. Os efeitos são maus, pois os brancos mais pobres e os pretos mais miseraveis raspam, trapaceiam e roubam até que consigam a quantia suficiente para adquirir uma fração do bilhete, correndo imediatamente a comprá-los no ponto em que se ostenta o letreiro: “anda a roda hoje” —, escrito por cima de uma figura representando a roda da Fortuna. Quando um tal estado de coisa é obra do próprio Estado, torna-se difficil, para as autoridades municipais, combater o jogo particular.

O quartel general da Policia está localizado num antigo edificio publico da rua do Conde.

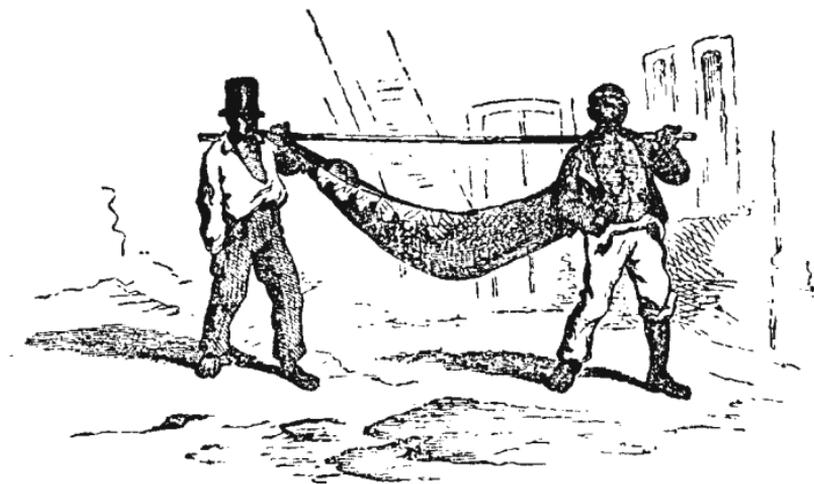
Governo Municipal.

O governo da cidade, composto de nove vereadores, que formam a Câmara Municipal, é eleito pelo povo do Rio, (isto é pelas pessoas que possuem 100\$000 de renda — cerca de 50 dollares) — de quatro em quatro anos.

A Câmara Municipal está situada no Campo de Sant' Ana. O governo obriga a vacina, e, no andar terreo desse edificio todos devem se apresentar, às quintas e aos sabados, para serem vacinados gratuitamente: Os pacientes são obrigados a voltar passados oito dias. Um trecho do relatorio do Ministro do Imperio é dedicado ao assunto, e, no relatorio de 1854, o Ministro afirma que, nas grandes cidades, é facil cumprir a lei, mas nas aldeias e no interior é difficil vencer os obstaculos, que a superstição põe no caminho.

Mendigos.

Eis uma classe, que não pertence em especial a qualquer região do mundo, e que está sob a especial vigilância da policia. Todos os sabados os mendigos fazem a sua coleta. O Sr. Walsh (*29) notou, em 1828, que os mendigos são raramente vistos nas ruas do Rio de Janeiro. Isto esteve longe de se verificar em 1838, quando o Dr. Kidder aqui esteve. Pela



Mendigo

indulgência ou descuido da policia, grande numero de vagabundos perambulam continuamente pelas ruas, importunando os transeuntes por esmola; e mendigos de toda especie fazem ponto nos logradouros do centro da cidade, onde regularmente ficam aguardando os transeuntes, que saudam com uma triste supplica: “Favoreça o seu pobre por amor de Deus.” Si alguém, ao envez de dar-lhe esmola lembra-se de responder á formula “Deus lhe favoreça”, não está seguro sempre de poder escapar sem ouvir um insulto. Quando esse estado de coisa atingiu o auge, e verificou-se que numerosos farçantes se disfarçavam como mendigos, o che-

fe de policia pregou-lhes uma peça. Ofereceu aos agentes de policia uma recompensa de 10\$000, por cada mendigo que eles prendessem e entregassem à Casa de Correção. Em poucos dias, foram presos nada menos de 171 vagabundos, dos quaes 40 foram empregados no Arsenal de Marinha. O resto, foi obrigado a trabalhar na penitenciaria, até liquidar as custas da sua apreensão. Essa medida surtiu o mais feliz efeito, e as ruas ficaram, dai em diante, relativamente livres de mendigos, embora as pessoas realmente necessitadas da caridade publica pudessem pedir esmolas à vontade.

Em 1855, porem, o mal se tornou novamente escandaloso. Todas as especies de mendigos surgiram por toda a cidade, e finalmente descobriu-se que os escravos pobres e velhos — inclusive os doentes de elephantiasis e os cegos — eram mandados esmolar pelos seus proprios senhores. Um novo chefe de policia, entretanto, ordenou uma investida contra tais mendicantes: prendeu-os e sujeitou-os a exame. Nenhum escravo, de então em diante, foi mandado esmolar, pois o publico admitiu que o proprietario que havia usufruido do fruto do trabalho, de um escravo durante os seus dias de saude, estava na obrigação a cuidar dele quando chegasse aos dias de velhice ou de doença (26). Doze mendigos foram considerados objeto real da caridade publica, e tiveram licença para mendigar. Esses mendigos, cegos e aleijados, tem agora o monopolio de viver de esmolas do bom povo fluminense; e, acredito, que não encontrariam melhor profissão. Alguns são carregados em rede por dois escravos, ou puxados por um. Outro, dignamente resfatelado num pequeno carro, puxado por um gordo carneiro, e um outro, pernetta, montado num cavallo branco. Às vezes no

(26) O provérbio português é muito expressivo: — “Quem comeu a carne, que coma os ossos.”

interior do país, mendigos cujas extremidades, — os pés — estão livres de qualquer enfermidade, fazem-se cavaleiros, desdenhando andar a pé, e não deixando de receber por isso menor caridade do que si se estivesse arrastando de porta em porta. Certa ocasião uma mendiga, com uma pluma enfeitando o seu chapeo e montada a cavalo, aproximou-se de um amigo meu, em Santo Aleixo, e, ao pedir-lhe esmola, ficou muito indignada com os comentarios que ouviu ao disparate da sua vestimenta. O proverbio inglês não é notavelmente lisongeiro para tais mendigos; mas uma applicação apropriada do mesmo nunca foi bem ouvida na terra de Santa Cruz.

Prisões.

A Casa de Correção, a que nos referimos em pagina anterior, está localizada junto de um alto morro, entre os suburbios de Catumbí e Mata Porcos (*30). Os terrenos a ela pertencente são cercados por altas muralhas de pedra, construidas pelos presidiários, que são utilizados em varios melhoramentos do local. Na encosta do morro existe uma pedreira, e numerosos presos são empregados em britar pedra, para prolongar as muralhas e construir novos edificios. Outros são obrigados a carregar terra, em gamelas de madeira na cabeça, de uma parte do terreno para outra, ou a encher uns carros que, sobre trilhos de ferro, correm das muralhas interiores até às bordas de um alagadiço a quasi uma milha de distancia, o qual, por esse processo, está sendo conquistado ao mar e convertido em valiosos terrenos. Os criminosos mais refratarios são acorrentados juntos, geralmente de dois em dois, e, às vezes, aos quatro e aos cinco, em fila, levando uma corrente comum, presa na perna de cada um deles.

A Casa de Correção é um belo edificio, que, no ponto de vista arquitetural não tem similar nos Estados Unidos. O diretor, Sr. Falcão, encontra porem falhas no seu plano.

Este ainda não foi completado, e é grato saber que o governo brasileiro está tomando medidas para realizar uma completa reforma no edificio da prisão e em sua disciplina. É uma dessas demonstrações de progresso inegaveis numa nação. Em 1852, o Sr. Antonio J. de M. Falcão, — que, por sua intelligencia e largas vistas, está admiravelmente apropriado para as suas funções, — foi mandado aos Estados Unidos para estudar alguns dos nossos sistemas penitenciariorios. O relatorio do Sr. Falcão ao Ministro da Justiça, (Sr. J. Thomaz Nabuco de Araujo) — vem incluso numa das mensagens Imperiais para o ano de 1854, e contem grande interesse. Parece estranho ler-se, numa mensagem official de um ministro brasileiro, opiniões a respeito dos sistemas de Auburn, e Pennsylvania; e é para louvar o Sr. Falcão, que o seu habil relatorio tenha sido integralmente publicado nos Estados Unidos, no “*Jornal of Prison Discipline*” tão proficientemente dirigido pelo Sr. F. A. Packard, Esc. de Philadelphia. O Sr. Falcão dá a sua preferencia ao sistema da Pennsylvania. O relatorio do Ministro da Justiça, relativo ao ano supra, está referto de detalhes instrutivos referentes ás penitenciarrias e ás prisões. Não é, contudo, uma méra narração seca de factos, porem contem sabias sugestões e exequiveis melhorias, expostas à nação, de uma forma ao mesmo tempo clara, atrativa e convincente.

A prisão da cidade conhecida por “Aljube” (*31) e o Xadrez de Policia, estavam ambas num triste estado: — má ventilação, má alimentação, e miseraveis células humidas mereceram a denuncia do Sr. Falcão, e outros filantropos esclarecidos do Rio, e esses males serão em breve remediados.

Alem das prisões enúmeradas, ha lugares de segregação em diferentes fortalezas; as de Sta. Cruz, Ilhas das Cobras são as principaes. A maioria dos prisioneiros é de escravos, si bem que as leis brasileiras não distinguam cor e

condição social. No relatório do Ministro da Justiça, relativo ao ano de 1854, verifiquei que, de 7 de Setembro de 1853 a 16 de Março de 1855, quarenta escravos e 21 homens livres, (incluindo brancos e pretos) foram condemnados a morte, por assassinato. As penas de 14 escravos foram comutadas assim como as de 4 homens livres. Um departamento da Casa de Correção é apropriado ao castigo dos escravos, que para aí são mandados afim de serem punidos por desobediencia ou por faltas pequenas. São recebidos a qualquer hora do dia e da noite, e retidos livres de despezas, tanto tempo quanto os seus senhores o quizerem. Seria de estranhar que não se dessem, aí, as vezes, cenas de extrema crueldade.

As punições da Casa de Correção não são, entretanto, o unico castigo que recebem os escravos insubmissos. Ha punições especiais, e, entre as mais comuns, figuram — a mascara de estanho, o collar de ferro, e os pesos e correntes. — As ultimas duas se destinam aos fujões; porem a mascara de estanho é muitas vezes colocada no rosto para evitar que os escravos da cidade bebam cachaça, e os escravos do interior comam terra, medida que se aplica tambem a muitos negros do campo. Essa *mania*, pois não se pode chamar de outra maneira, quando não dominada, causa moleza, doença e morte.

Escravidão.

O assunto da escravidão no Brasil é um dos que permitem maiores esperanças, e mais cheios de interesse. A Constituição Brasileira não reconhece, nem direta nem indirectamente, a cor como base dos direitos civis; portanto, uma vez livres, os homens brancos ou mulatos, si possuem energia e talento, podem erguer-se às mais altas posições sociais, das quais a sua raça está excluida nos Estados Unidos. Até 1850, data em que o trafego dos escravos foi realmente abo-



O peso, o colar de ferro e a máscara

plantações: — parecem mais alegres, mais brincalhões, e têm maiores oportunidades de alforria. Mas, assim mesmo, ainda se verificam crueldades em alguns casos, pois os suicídios entre eles, — escravos — quasi desconhecidos em nossos Estados do Sul, são muito frequentes nas cidades do Brasil. Pode isso todavia ser atribuído à crueldade? Um negro nos Estados Unidos decende de homens que, por varios modos, adquiriram o conhecimento das esperanças e dos temores, dos premios e castigos que as Escrituras conferem ao bem e ao mal: — evitar o crime do suicidio é tão fortemente aconselhado como evitar um assassinato —. O negro norte-americano tem, por isso, um senso moral mais elevado do que o seu irmão recém saído da floresta virgem e do paganismo da Africa. Por isso, este ultimo, atormentado pela crueldade, ou quando o seu altivo espirito recusa

lido, considerava-se mais economico, nas plantações do interior, usar um escravo, apenas durante cinco ou sete anos, e depois adquirir outro, sendo isto preferivel a cuidar dos primeiros. Informaram-me disso no interior, e alguns brasileiros e as minhas proprias observações o confirmaram. Desde que, porém, cessou o deshumano tráfico com a Africa, o preço dos escravos se elevou, e aumentaram os motivos egoistas para se tomar maior cuidado com os mesmos. Os escravos da cidade são tratados melhor do que os das

curvar-se ao branco, dá o temeroso salto que o leva ao mundo invisível.

Em favor da liberdade.

No Brasil, tudo é a favor da liberdade; (27) e tais são as facilidades que encontra o escravo para se emancipar, que, quando emancipado, si possui qualidades próprias, pode galgar as mais altas eminências do que um preto simplesmente livre, em nosso país, por isso, um “fuit” poderá ser escrito contra a escravidão neste Imperio antes que ocorra a segunda metade deste século. Alguns dos homens mais inteligentes que encontrei no Brasil — homens educados em Paris e Coimbra, — eram descendentes de africanos cujos antepassados foram escravos. Assim si um homem tiver liberdade, dinheiro e merito, não importa de que côr seja a sua pele, não encontrará posição nenhuma que lhe seja recusada na sociedade. E' surpreendente tambem observar a ambição e os progressos dos homens, que têm sangue preto correndo em suas veias. A Biblioteca Nacional fornece não somente



Preto de ganho e quitandeira

(27) Uma senhora do Sul dos Estados Unidos (esposa do estimadíssimo consul norte-americano do Rio, durante a administração do Presidente Pierce) costumava dizer: “O verdadeiro paraíso dos negros é o Brasil”, pois neste país eles encontram um clima quente, e, si quizerem, poderão abrir caminho na vida.

salas socgadas, grandes mesas, e grande coleção de livros para os que procuram conhecimentos, como também papel e penas para os que precisam desse auxilio em seus estudos. Alguns dos mais assíduos estudantes que aí se encontram, são mulatos. Antigamente uma grande e prospera tipografia do Rio de Janeiro — a do Sr. F. Paulo Brito — pertencia e era dirigida por um mulato (*32). Nos colégios, nas escolas de Medicina, Direito e Teologia, não ha distincção de cor. Deve-se entretanto admitir que exista um pouco — embora nunca muito pronunciada — havendo sempre certo preconceito em todo o país a favor dos homens de pura descendência branca.

Em certos casos de herança, um escravo pode comparecer diante de um magistrado, ter o seu preço fixado e adquirir-se a si proprio; fui informado de que um homem, bem dotado de intelligencia, embora haja sido escravo, não podê ser excluído de nenhuma posição official, por mais alta que seja, exceto a de senador do Imperio.

O aspeto dos escravos brasileiros é muito diferente dos de sua classe nos Estados Unidos. Naturalmente os servidores domésticos, nas grandes cidades, vestem-se decentemente por via de regra; mas, mesmo neste caso, andam quasi sempre descalços. E' uma especie de estigma da escravidão. Nas tabelas de preços de passagens para as barcas, vê-se um preço para pessoas calçadas e um mais baixo para as descalças. Nas casas de muitos dos fluminenses ricos, pode-se atravessar uma fila de crianças de cabeça lanosa, na maioria despidas de qualquer roupa, que têm licença de correr por toda a casa e de se divertirem vendo as visitas. Nas familias que têm alguma tintura de costumes europeus, esses desagradaveis pequeninos bipedes são conservados no quintal. Um dos meus amigos costumava jantar frequentemente em casa de um velho general, da alta sociedade, em torno de cujo mesa pulavam dois pequeninos pretos de azeviche, que quasi se penduravam no "pai"

(como eles o chamavam) até receberem o seu bocado de comida das mãos deste, e isso se dava antes mesmo do general principiar a jantar. Onde quer que as senhoras da casa se dirijam, esses animaizinhos de estimação são colocados nas carruagens, e considerar-se-iam muito ofendidos em serem esquecidos como qualquer filho espoliado. Eles são filhos da ama de leite da dona da casa, a que ela concedeu alforria. E, de fato, toda ama fiel é, geralmente, recompensada com a alforria.

O aspeto da população preta masculina, que vive ao ar livre, é tudo menos agradável, a sua indumentaria é a mais grosseira e suja que se possa imaginar. Centenas de pretos vagueiam pelas ruas, com grandes cestos redondos de vime, prontos a carregar tudo o que se deseje. Tão barato e rápido é esse serviço, que um criado branco raramente dispõe-se a carregar um embrulho para casa, por menor que este seja, e considerar-se-iam insultados si se lhes recusasse um "*preto de ganho*", para alivia-lo de uma peça de chita ou de uma melancia. Esses pretos são mandados pelos seus senhores servir na rua e deles exigem uma quantia diaria que devem trazer para casa. São descontados de uma parte de seus lucros para comprar o alimento, e, de noite, dormem numa esteira ou taboa nos porões da casa. Frequentemente se vêm horribeis casos de elephantiasis, e outras doçças, sem duvida geradas ou agravadas pelo poucó trato que lhes dão os senhores.

Os negros minas.

Antigamente, os carregadores de café pertenciam à melhor raça negra; eram quasi todos da tribu dos Minas, da Costa de Benin, atleticos e inteligentes. Trabalhavam semi-nus, e suas formas ageis e sua péle preta de azeviche deixavam-se ver admiraveis quando se apressavam num trote ligeiro, parecendo não darem conta de suas pesadas cargas. Essa tarefa era bem paga, mas breve dava cabo

deles. Tinham entre si um sistema de comprar a liberdade uns dos outros, daqueles que lhes mereciam maior respeito. Depois de terem pago aos senhores a soma que estes diariamente lhes exigiam, juntavam o excedente para libertarem o favorito. Houve um preto mina, no Rio, notavel pela sua altura, que era chamado pelos outros o "Principe", sendo de fato do sangue real de seu país natal. Fôra feito prisioneiro de guerra e vendido para o Brasil. Dizem que os seus "*subditos*", no Rio, uma vez libertaram-no à sua custa: — ele voltou para a Africa, empenhou-se numa guerra e foi feito prisioneiro pela segunda vez, tendo sido recambiado para o Brasil. Se foi novamente entronizado, não sei, mas a perda de sua realeza não deveria ter pesado muito em seu espirito, pois foi um excelente carregador, e, quando um dos meus amigos embarcou, o "Principe" e sua tropa incumbiram-se de transportar a sua bagagem para bordo. Ele carregou o caixote maior na cabeça, num trajeto de duas milhas e meia. Esse mesmo caso não se daria em Filadelfia, com as forças conjugadas de quatro negros americanos, e seria necessario aliviar o caixote de metade de seu conteudo antes que os mesmos pudessem subir uma escada com o mesmo.

De tempos a tempos, o viajante encontra negros daquela região da Africa, de que muito pouco se sabe, a não ser pelos relatos de exploradores como Livingston, Barth e Burton. Julguei que os escravos dos Estados Unidos descendessem das menos nobres estirpes africanas, e que mais de um seculo de escravidão tivesse produzido sobre eles os mais degeneradores efeitos. Endontrei, porem no Brasil, africanos de mentalidade muito inferior, e outros quasi indomaveis. O negro Mina, raramente dá um bom criado, pois só se contenta em respirar o ar livre. Os homens se fazem carregadores de café, e as mulheres *quitadeiras*.

Esses Minas são abundante sna Baía, e em 1838, mergulharam essa cidade numa sangrenta revolta, — a ultima a que essa florescente municipalidade assistiu. Tor-

nou-se a mesma temível por causa das combinações secretas desses Minas, que são Maometanos, e usam uma lingua não compreendida por outros africanos ou pelos portuguezes.

Quando uma delegação da "English Society of Friends" visitou o Rio de Janeiro, em 1852, veio ao seu encontro uma deputação de oito ou dez negros Minas, que haviam juntado dinheiro com grande trabalho, e, tendo conquistado sua liberdade, queriam regressar à sua terra natal. Tinham fundos para pagar a passagem de regresso para a Africa, mas desejavam saber se a costa da mesma estava realmente livre da escravidão. Sessenta de seus companheiros haviam deixado o Rio de Janeiro, rumo a Badagry (costa de Benin) um ano antes, e haviam desembarcado em segurança. Os bons "Quakers" deram pouco credito a esta ultima informação, pensando ser quasi impossivel que alguém que algum dia tivesse sido escravo "pudesse ser capaz" e tivesse a sufficiente coragem para fazer tão perigosa experiencia; porem a afirmação dos Minas foi confirmada por um armador do Rio de Janeiro, que pôs nas mãos dos Irmãos uma copia do documento com o qual os sessentas Minas viajaram, e que mostrava que eles haviam pago quatrocentos dólares pela passagem. Poucos dias após esse encontro, os senhores Candler & Burgess receberam desses belos exemplares de humanidade, uma carta lindamente escrita em arabe por um dos seus chefes, que era maometano".

No Rio de Janeiro os pretos pertencem a muitas tribus, algumas inimigas entre si, com diferentes usos e linguagens. Os negros Minas conservam-se ainda maometanos, porem os outros se dizem catholicos. Muitos deles entretanto continuam suas praticas pagãs. Em 1839, o Dr. Kidder assistiu a um enterro no Engenho Velho, que era da mesma especie dos curiosos costumes de enterramento, que os viajantes africanos contemplaram no Rio Gaboon. E' raro não se ver, nos balaios onde as quitandeiras carregam suas frutas, um feitiche. O mais comum é um pedaço de

carvão, com o qual, informava-nos confusamente a sua dona preta, o “máo olhado” era afastado. Ha uma singular sociedade secreta entre os negros, nas quais os mais altos postos são destinados ao homem que destruiu maior numero de vidas. Não são tão numerosas como antigamente, mas às vezes atacam os inocentes. Esses pretos se denominam a si proprios *capoeiras*, e, durante uma festa, saem aos bandos pelas ruas, á noite, e atiram-se sobre os pretos que por ventura encontram em seu caminho. Raramente atacam os brancos, talvez por saberem quanto isso lhes custaria caro.

Os brasileiros não são os unicos proprietarios de escravos no Imperio. Ha muitos ingleses que possuem escravos cativos ha muito tempo, — alguns ha muitos anos e outros que adquiriram escravos até 1843, ano em que foi votado o chamado ato de Lord Brougham. Por esse ato foi considerado ilegal os ingleses venderem ou comprarem escravos em qualquer país e, caso adquirissem propriedade sobre homens, quando de volta à Inglaterra, se tornariam culpados por tal ato, e, por conseguinte, seriam processados pela justiça. As companhias inglezas de mineração, cujos proprietarios estão na Grã-Bretanha, mas cujo campo de operação é S. João D’El Rey no Brasil, possuem cerca de oitocentos escravos, e alugam um milheiros deles.

1865, o governo ingles, pôs termo a essa situação.

Os franceses e os alemães tambem compram escravos, embora sem a permissão dos seus respectivos governos.

Escravidão condenada.

Si se perguntar “quem trabalhará no Brasil, quando não houver mais escravos?” a resposta será, que, mesmo que os laços da escravidão sejam partidos, *o homem* e um homem melhor, ainda existe; virão imigrantes da Alemanha, de Portugal, dos Açores e da Madeira.

1865, muitos estão emigrando do Sul dos Estados Unidos.

E' um facto notavel a assinalar que os emigrantes começaram a chegar da Europa, aos milhares, depois de 1853. Em 1850-51, foi cessado o trafico de escravos africanos, e, no ano seguinte, iniciou-se a presente colonização relativamente rigorosa. Cada anno, o numero de colonos aumenta, e os estadistas do Imperio estão atualmente dedicando muita atenção para descobrir o melhor meio de por esse meio promover o progresso do paiz.

Quasi todos os passos para o progresso do Brasil têm sido preparados por um avanço prévio gradativo: — esse país não deu de uma vez o salto para se governar por si. Ergueu-se da condição colonial pela residencia da côrte de Lisboa, e gosou durante anos a situação de parte constitutiva do Reino de Portugal. A actual situação de paz do Imperio, sob o governo de D. Pedro II, foi precedida por uma decada em que as capacidades do povo para se governar a si proprio se desenvolveram sob a Regência. A efectiva cessação do tráfico de escravos africanos é apenas o passo precursor de outro mais importante.

A escravidão está condenada no Brasil. Como já se disse, uma vez obtida a liberdade, não ha em geral entrave social, como nos Estados Unidos para manter em baixa posição qualquer homem de merito. Tais entraves, existem realmente, nos Estados Unidos. Das quentes regiões do Texas aos extremos frigidissimos da Nova Inglaterra, os pretos livres, por mais dotados que sejam, sofrem obstaculos à sua ascensão social, que são de fato insuperaveis. Do outro lado da linha imaginaria que separa a União Norte Americana das possessões da Inglaterra, a condição dos africanos, socialmente falando, não é muito superior. A raça anglo-saxônia, nesse ponto, difere essencialmente da latina, aquella pode ser movida a uma generosa piedade pelo negro, mas não o ajuda pessoalmente. Esta, tanto na Europa como nas duas Americas, sempre colocou o merito acima da côr. Dumas, o novelista mulato, é tão estimado em França como

Dickens ou Thackeray na Inglaterra. Soube de um exemplo, por mim mesmo testemunhado, que confirma fortemente a observação feita acima. Em 1849, tive o privilegio de assistir, em companhia de grande numero de estrangeiros, a uma reunião em Paris, dada pelo Sr. Tocqueville, Ministro das Relações Exteriores da França. Fui apresentado, então, a um pastor que estava de visita aos Estados Unidos e que, pela primeira vez, contemplava os aspetos da alegre capital. Dirigimo-nos à sala de bebidas, de braços dados. Achei que esse pastor por sua intelligencia, bom senso e modestia, conquistava admiração de todos com que se punha em contato. Poucas semanas, depois disso, uma Universidade Europeia de alta reputação honrava-o com o grau em teologia. Na Inglaterra, ele era observado com interesse e curiosidade; mas, tivesse ele proposto uma aliança social compativel com a sua propria situação, duvido que tivessem aceito a sua oferta. Em 1856, o mesmo pastor foi nos Estados Unidos expulso de um onibus, por um condutor que, diariamente, permitia sem a menor observação de sua parte, que estrangeiros sujós das mais baixas classes europeias occupassem os lugares do mesmo omnibus. Quando o assunto foi submetido aos tribunaes, a decisão foi a favor do condutor e tal decisão não teve por justificativa outro qualquer argumento a não ser que o paciente era um homem que decendia de africanos (28).

(28) Nota de 1866: — As leis e o tratamento dos escravos melhoraram grandemente depois de 1850. Calcula-se que, pela emancipação espontanea, pela compra pelo escravo de sua própria liberdade, e pela emancipação dos que se chamam "africanos livres" (os capturados em navios negreiros e postos como aprendizes durante 14 anos), o número de escravos decresceu de um milhão, de modo que atualmente não chegam a 2 milhões. A escravidão está limitada principalmente ás provincias marítimas centrais. Os negros emancipados não foram perdidos para o trabalho, como alguns defensores da escravidão nos quizeram dar a entender. De 1850 a 1860, inclusive, as grandes plantações tropicais de café, açúcar,

algodão, e fumo, realmente aumentaram em mais de 30%. Um dos mais recentes e notáveis casos de alforria foi praticado pelo Imperador, que, por ocasião do casamento (16 de outubro de 1864) da Imperial Princesa com o Conde d'Eu, libertou os escravos que lhe cabiam por dote. O Sr. Silveira da Mota, senador por Goiás, tem-se mostrado um estadista esclarecido a esse respeito. Vem repetidamente apresentando projetos para limitar a escravidão, e na legislatura de 1865, depois da derrota dos denominados "Estados Confederados" da Norte America, seus esforços, com os do venerando Senador Visconde de Jequitinhonha, trouxeram a questão mais fortemente aos olhos do povo brasileiro; e a escravidão (no caso da "instituição" ter durado mais tempo nos Estados Unidos) teria desaparecido em vinte anos sem legislação especial, e será sem dúvida tão restringida pela lei que se virá a extinguir em data muito próxima. A. C. Tavares Bastos, na Câmara dos Deputados, tem sido um perseverante defensor da emancipação. A solução tem muitos aspectos difíceis de resolver; os votos de todos os filântropos é para que os brasileiros tenham bastante sabedoria para que possam remover essa úlcera do seu organismo político.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 29) Rev. R. Walsh "Notices of Brazil in 1828 and 1829", Londres, 1830.

(* 30) Rua Mata-Porcos, nome derivado de Mata dos Porcos, atual Estácio de Sá.

(* 31) Prisão do Aljube, na então Rua da Prainha.

(* 32) Loja de Paula Brito na antiga Praça da Constituição, depois Largo do Rocio, hoje Praça Tiradentes, lado do Teatro São Pedro, atual Teatro João Caetano, a meio caminho das então ruas do Cano e dos Ciganos. Poder-se-ia supôr que "o mulato que a dirigia", referido por Fletcher, seja Machado de Assis; este, porém, foi apenas empregado e colaborador da casa, sendo a referência ao próprio Paula Brito, também mestiço escuro.

CAPÍTULO IX

Religião.

A religião "*Católica, Apostólica, Romana*" é a religião do estado no Brasil; comtudo pela liberal constituição do país e sentimentos igualmente liberais dos brasileiros, todos os demais credos religiosos têm o direito de cultuar a Deus, como bem o entendam, quer em publico, quer em particular, com a simples restrição, de que o edificio da igreja não deve apresentar um "*exterior de templo*", o qual foi definido pelos juizes superiores como sendo um edificio "sem campanarios e sem sinos". O catolicismo romano no Brasil nunca foi sujeito às influencias com que teve de lutar na Europa, desde a Reforma. Foi introduzido simultaneamente com os primeiros colonizadores do país, e, por mais de trezentos anos, teve perfeita liberdade e gosou de uma existência sem perturbações. Teve oportunidade de exercer as suas melhores influencias sobre a mentalidade do povo, e de chegar ao mais alto grau de sua perfeição. Em pompa e ostentação não é ultrapassado nem na Italia. Os maiores defensores da Igreja de Roma devem admittir que a America do Sul foi um ótimo campo para a sua política eclesiástica; e si a sua religião pudesse ter feito esse grande povo esclarecido e bom, teria tido o poder de transformar a America Portuguesa e Espanhola num paraíso moral, elas que são um paraíso natural. A Espanha e Portugal, ao tempo da apropriação de suas possessões no Novo Mundo, igualavam si é que não eram superiores à Inglaterra, em todos os grandes empreendimentos dos seculos XV e XVI, mas, quão diferentes foram os resultados obtidos nas colonias que ambos fundaram! o Brasil é, a todos os respeitos, o maior estado da America do Sul, justamente

na medida em que soube abandonar o exclusivismo do Romanismo. Desde a Independencia, o poder sacerdotal foi quebrado, e a poderosa hierarquia de Roma não governou sobre as consciencias e os atos dos homens como no Chile e no Mexico. Em numerosas ocasiões, tomaram-se medidas na Assembleia Geral para cortar as ambições do Papa; e, certa vez, (29) pelo menos, foi proposto tornar-se a Igreja Brasileira independente da Santa Sé.

Dizem que os progressos sem liberalismo que o Imperio apresentou têm sido devidos a considerações politicas. De accordo: — porem cada leitor da historia sabe que o começo da reforma ingleza grandemente se relacionou com a politica, e que a independencia inglesa do poder papal foi o começo da sua grandeza como estado e preparou o caminho para o rapido progresso moral, que caracteriza a Inglaterra de hoje.

No Brasil, todavia, outras que não as vistas politicas devem ser consideradas na atual liberdade contra o fanatismo.

Tolerância dos brasileiros.

Não ha nenhum outro país na America do Sul em que os filantropos e os cristãos tenham campo mais livre para fazer o bem do que no Brasil, embora, seja verdade que um pastor protestante é sempre “taboo”, e que o povo mantem um sentimento em relação a ele quasi de satisfação, — como um escritor brasileiro já o exprimiu; posso testemunhar a forte amizade formada com brasileiros, em varias regiões do Imperio, amizade que não se enfraqueceu pelo contato de anos, ou pelas minhas manifestações em defesa das minhas crenças; posso subscrever as observações feitas pelo meu collega Dr. Kidder, em 1845, quando disse:”

(29) Isso se deu durante a Regência, quando o *Padre Antonio Maria de Moura* foi nomeado para o bispado vago no Rio de Janeiro.

“E’ minha firme convicção, que nenhum outro país católico do globo existe, onde prevaleça maior grau de tolerancia e liberalidade de sentimento para com os protestantes. Posso afirmar que, durante toda a minha estada e viagens no Brasil, na qualidade de missionário protestante, nunca recebi a mais leve opposição ou afronta do povo. Como se podia esperar, alguns poucos padres fizeram toda opposição que lhes foi possível, mas o fato mesmo dessa opposição ter sido incapaz de excitar o povo, mostra a pequena influencia que possuem; por outro lado, tambem, a maioria do clero e os mais respeitaveis homens do Imperio manifestaram em relação à nossa pessoa e à nossa obra favor e amizade.

Deles, assim como das inteligentes autoridades leigas, ouvi as mais severas repreensões contra os abusos que eram tolerados, no sistema religioso, e nas práticas do país, juntamente com sincero pezar de que não mais dominasse maior espiritualidade na mentalidade publica.”



O padre

mas, temos fé em que Deus, que abençoou o Brasil tão altamente em outros pontos não lhe negará as suas maiores da-

Para aqueles que consideram exclusivamente os ritos vazios e exibicionistas da Igreja oficial do Brasil, não ha bons prognósticos quanto ao futuro do país. Mas quando consideramos os sentimentos liberais e tolerantes, que prevalecem, — quando refletimos na liberdade de discussão, na inteira liberdade da imprensa na difusão da instrução e nos frutos de sua admiravel Constituição, — não podemos acreditar que as futuras gerações de brasileiros haverão de retrogradar. A intelectualidade sem moralidade é, estamos certos, um engenho de tremendo poder a que falta um regulador;

divas por mais imprevisível que presentemente possa ser a perspectiva de tal beneficio.

Um fiel narrador não pode passar por cima desse assunto sem dar uma breve noticia de algumas das particularidades relacionadas com o culto no Rio de Janeiro, o qual até certo ponto é o que se verifica em todas as provincias do Imperio.

Não ha como confundir um padre ou outra qualquer especie de eclesiastico no Brasil. *Os frades*, as irmãs de caridade, assim como os sacerdotes, usam vestimentas caracteristicas, — a maioria deles excessivamente improprias para um clima quente. Não se pode estar mais de uma hora nas ruas do Rio de Janeiro sem ver um padre, com o seu grande chapéu e sua comprida batina abotoada por inteiro, movendo-se com perfeita compostura debaixo de um sol que faria suar a qualquer um. Nas igrejas, onde geralmente predomina uma atmosfera fresca, os padres com a sua cabeça tonsurada e descoberta com as suas vestes leves e rendadas, parecem preparados para o clima tropical; mas, quando acabam de dizer a missa e terminam os seus deveres, cobrem-se de vestimentas espessas e de aparatos que só seriam confortaveis num clima nordico.

A profissão de padre não é onerosa no Brasil, a não ser que eles a queiram assim fazer; mas muitos poucos são aqueles que assim o fazem. Não ha aqui familias pobres a visitar através de rudes tempestades de neve, não há cura particular das almas, nem o que tenham que fazer alem de rezar missa nas horas frescas da manhã, carregar o Santissimo para os moribundos, acompanhar os enterros, cuja caruagem e despesas são sempre pagas. Os confessantes não o perturbam muito, porque o povo não é muito dado a confissões, sabendo muito bem o carater do confessor. Si o padre tiver o espirito ambicioso, candidata-se à Camara dos Deputados, — oportunidade que, quando bem sucedida, lhe garante uma cadeira no Senado — e aí manifesta a sua melhor eloquencia, num portuguez “Ore Rotundo”,

como nunca usou no pulpito. Talvês que antigamente seus mais pesados encargos fossem promover festivais. Estes, porem, foram em muito diminuidos, mas ainda se realizam em respeitavel numero, que dá trabalho aos padres e aos coletores de esmolas, e proporciona dias santos aos funcionarios, aos escolares e aos escravos.

O bispo Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, quando professor em Olinda, publicou um compendio de Moral Teológica, onde afirmou que o numero de dias santos observados no Imperio do Brasil é o mesmo que foi decretado pelo Papa Urbano VIII em 1642, adicionado de um em honra de cada santo padroeiro de provincia, cidade, vila e parquia, sobre o qual a bula de Urbano não falava. Esses dias feriados são divididos em duas classes. *Dias santos de guarda*: — ou dias santos totais, em que a lei não permite trabalhar; e *dias santos dispensados*, ou meios dias santos, em que as leis ecclesiasticas exigem que se assista à missa, mas permite que se trabalhe. O numero dos primeiros varia de vinte a vinte e cinco, conforme certos anniversarios caíam num sábado ou num dia de semana; ao passo que o numero dos últimos é de dez a quinze. A celebração desses feriados por festivais e procissões desperta a atenção geral em todo o país; lembrando aos norte americanos a comemoração da sua data de 4 de Julho, menos o entusiasmo patriótico. O numero de dias de festa foi diminuido de poucos anos para cá; ainda assim, uns cinco ou seis, durante o ano, interrompem o curso do commercio e dos deveres materiais em geral.

Festas de Igreja.

E' particularmente notavel que todas as celebrações religiosas sejam julgadas interessantes e importantes na proporção da pompa e do esplendor que ostentam. O desejo de ter toda a exhibição possivel é geralmente o argumento decisivo pelo qual se pede o patrocínio governamental e que

se emprega em todos os apelos, para conseguir o auxilio e a liberalidade do povo.

A imprensa diaria do Rio de Janeiro deve ganhar annualmente enormes somas pelos avisos religiosos, de que damos alguns exemplos.

O anuncio de um festival na Igreja de Sta. Rita, termina assim: “Esta *festa*, deve se celebrar com missa solemne e sermão, a custa dos devotos da Virgem, a Sacratissima mãe do Salvador, os quais são convidados pela comissão para emprestar com a sua presença esplendor à solenidade, recebendo por isso a devida recompensa de N. Senhora”.

Segue-se o aviso de uma festa, realizada numa cidade que fica por traz da baía do Rio, em Estrela: “O juiz e alguns devotos da Igreja de N. S. da Estrella, erigida na vila do mesmo nome, resolveram realizar um festival, com missa cantada, sermão e procissão á tarde e “te-deum” — tudo na maior pompa possivel — no proximo dia 23, havendo á noite uma bela exhibição de fogos de artificio. Os promotores da festa solicitaram, do diretor da companhia de vapores de Inhomirim, um vapor extraordinario, que levará os convidados da praia dos mineiros, às 8 horas da manhã, para o local, voltando depois dos fogos de artificio. Pedese que todos os devotos se dignem assistir a este acto solene afim de tornal-o o mais brilhante possivel — Assinado, Francisco Pereira Ramos, secretario — Estrela, 17 de Setembro de 1855”.

O que se segue será tão novo quanto irreverente para um cristão do Norte: “A irmandade do Divino Espirito Santo de S. Gonçalo (pequena vila do outro lado da baía), realizarão a festa do Espirito Santo no proximo dia 31, com todo brilho possivel. As pessoas devotas, são convidadas a assisti-la, dando maior pompa a esse ato de religião. No proximo dia 1.^o se realizará a festa do SS. Sacramento, com uma procissão á tarde, te-deum, e sermão. No dia 2, a festa do Padroeiro de S. Gonçalo — ás 3 da tarde have-

rá uma brilhante corrida de cavalos; após esta, será realizado o te-deum e soltados magníficos fogos de artifício:”

Mas não é só a Igreja que avisa as festas. Os negociantes, com o olho no negócio, livremente dão a conhecer seus artigos eclesiásticos por intermédio dos jornais. Eis um exemplo:

“Aviso aos ilustres promotores do festival do Espírito Santo. Na rua dos Ourives n.º 78 poderão encontrar um belo sortimento de imagens do Espírito Santo em ouro, com diademas a 80 vintens cada uma; de menor tamanho, sem diadema a 40 vintens; imagens de prata, com diadema a 13\$000 o cento; dito, sem diadema, 7\$000 o cento; imagens de estanho do Espírito-Santo, imitação de prata, 75 vintens o cento”.

A linguagem desses dois últimos avisos nos soa como uma blasfêmia mas para o público brasileiro, que considera com certa frivolidade e falta de veneração as coisas sagradas, tais coisas não chocam como aqueles cujos sentimentos religiosos se derivam da palavra de Deus.

Em certos aspetos, os festivais de todos os santos se parecem. São todos eles anunciados, na véspera, por foguetes á noite e pelo toque de sinos á tarde. Durante a festa, quer dure um ou nove dias, ouve-se frequente foguetaria. Esses foguetes são feitos de modo a explodir muito alto no ar, soltando um estouro, e em seguida, descem descrevendo belas curvas de fumaça branca, si é de dia, ou chuvaeiros meteoricos de noite. O Dr. Walsh, que residiu varios anos na Turquia, acha que os brasileiros rivalizam perfeitamente com os turcos de Constantinopla, na sua paixão pela explosão de polvora nas ocasiões festivas. Dá também uma avaliação pela qual se vê que “cerca de setenta e cinco mil dollares, são anualmente gastos no Rio de Janeiro em polvora e cêra, — os dois artigos que entram tão grandemente em todas as exhibições de pompa e esplendor”. A cêra é consumida em grande quantidade de velas

conservadas acesas diante dos diferentes altares, de mistura com flores artificiais e outras decorações.

Grande carinho é dedicado ao adorno de igrejas, tanto de dia como de noite. Muitas vezes vêm-se filas regulares de cirios acesos, arrumados em frente do altar mór, tomando a forma de semi cones e pirâmides de luz, que se erguem do chão até o teto do templo. Esses cirios são todos feitos de cêra importada da costa d'Africa expressamente para isso. Não se usa nenhum oleo animal nas igrejas do Brasil: — o que alimenta as lampadas é fabricado de oliveira, ou de coco. Os cirios são todos fabricados de cêra vegetal, ou de abelha.

Nada é mais imponente do que o altar-mór da igreja da Candelaria, quando iluminado por mil cirios perfumados, que derramam sua luz, entre vasos das mais vistosas flores. O Dr. Walsh, afirma que, em certa ocasião, contou na igreja de Sto. Antonio, 830 grandes tochas de cera, acesas ao mesmo tempo, e, na mesma noite, na igreja da Ordem Terceira do Carmo, 760; porem, levando-se em conta o pequeno numero de igrejas, que simultaneamente estão iluminadas desse modo, a sua avaliação não parece exagerada.

Algumas vezes, por ocasião desses festivais, levanta-se um palco na igreja, ou, ao ar livre, proximo dela, onde se realiza uma especie de representação dramatica, para diversão dos espetadores. Outras vezes, realiza-se um leilão, onde grande variedade de objetos, conseguidos para essa ocasião por compra ou donativo, são vendidos ao mais alto lance. O leiloeiro geralmente se esforça por manter a multidão em volta em riso constante, e, como é presumivel, consegue os preços em proporção desse divertimento.

A Epifania é celebrada em Janeiro, e é chamada Dia de Reis. A passagem desse dia santo se faz de modo a não escapar da lembrança dos mais indifferentes, pois, de manhã cedo, o açougueiro bondosamente nos manda a carne gratis. A festa dessa data se realiza na capela Imperial, na presença do Imperador e da Côrte, que lhes em-

prestam verdadeiro carater majestoso. A data de 20 de Janeiro é o dia de S. Sebastião, em que se costuma honrar o glorioso patriarca, sob cuja proteção foram derrotados os indios e os francezes e lançados os fundamentos da cidade. Os membros da Camara Municipal tomam especial interesse por essas celebrações, e em virtude de suas funcções, têm o privilegio de carregar a imagem do Santo em procissão, desde a capela Imperial até a velha Cathedral.

O Entrudo.

O entrudo, que corresponde ao Carnaval na Italia, estende-se por tres dias antes da Quaresma e é geralmente considerado pelo povo como uma visivel determinação para compensar por meio de divertimentos, o longo retiro que irão guardar na Quaresma.

O entrudo entretanto não é mais celebrado como quando estive pela primeira vez no Rio. Dava-se então uma saturnal do mais liquido aspeto e todos — homens, mulheres e crianças — entregavam-se a ele, com *abandono* que constituia o mais forte contraste com a sizudês e a inação habitual dos mesmos. Antes de ser suprimido pela policia, constituia um notavel acontecimento. Não era com chuva de confeitos, que as pessoas se saudavam nos dias do entrudo, mas com chuviros de laranjas e ovos, ou antes com bolas de cera feitas com a forma de laranjas e ovos, cheias dagua. Esses artigos são preparados antes em grande quantidade, e expostos á venda nas lojas e nas ruas. A casca era forte bastante para permitir que fosse lançada a grande distancia, mas, no momento do choque, fazia-se em pedaços, espalhando agua por onde caisse. Diferentemente de qualquer brincadeira análoga de bolas de neve, nos paises frios, esse *jogo* não se limitava às crianças ou às ruas, mas era feito na alta roda, tanto quanto na classe inferior, fora e dentro de casa. O consenso geral parecia permitir que cada um se divertisse à vontade, molhando o próximo, quer quando uma visita entrava em casa, quer

quando o transeunte passava pela rua. De fato, todo aquelle que saísse nesses dias experimentava uma ducha, e, achava melhor levar consigo um guarda chuva; pois no entusiasmo da brincadeira, as bolas de cera logo se consumiam, e, seguiam-se-lhes as seringas de brinquedo, bacias, tigelas e, às vezes mesmo, baldes d'água, que eram usados sem piedade, até que ambos os partidos ficassem totalmente en-sopados. Os homens e as mulheres lutavam entre si, nas varandas e janelas, das quais não só combatiam uns aos outros, como também os transeuntes. Tão grandes eram realmente os excessos que provinham desse brinquedo, que foi proibido por lei. Os magistrados dos diferentes distritos formalmente se declaravam de ano para ano contra o entrudo, porem com pouco efeito até 1854, quando um novo chefe de policia, com grande energia, pôs fim ao violento entrudo, seus combates e duchas. O entrudo agora se realiza de um modo seco, porém ainda divertido, no estilo de Paris e Roma. A origem do entrudo foi por muito tempo considerada como tendo remotas ligações com o batismo; porem o Sr. Ewbanck, foi o primeiro a traçar claramente os seus primordios, num artigo archeologico muito interessante, no qual veio tratando do assunto desde a India, essa fornecedora de muitas das praticas da igreja latina.

Procissões.

A procissão de Quarta-Feira de Cinzas é dirigida pela Ordem Terceira dos Franciscanos, que partem da Igreja da Misericordia, através das principaes ruas da cidade, até o Convento de Sto. Antonio. Nada menos de vinte ou trinta andores com imagens são carregados nos hombros. Algumas dessas imagens vão sozinhas, outras em grupo, pretendendo ilustrar varios acontecimentos da historia biblica ou da mitologia catolica romana. As vestimentas e ornamentos dessas imagens são do mais pomposo aspeto. Os estrados, sobre os quaes são colocadas, são muitissimo pesa-

dos, exigindo quatro, seis ou oito homens para carregá-los, e, nem mesmo assim, estes suportam o peso por muito tempo: exigem substituição por outros, que, vão andando ao lado como pegadores extra de alças de caixão nos enterros. As ruas estão apinhadas de milhares de pessoas, entre as quais se vêem numerosos escravos, que parecem muito se divertirem por verem os seus senhores empenhados, pelo menos uma vez, em trabalho pesado. Os senhores realmente ficam exaustos sob o peso do andor. As imagens passam no meio da rua, os acompanhamentos formando filas simples dos dois lados, cada qual conduzindo uma vela acesa, de cêra, com varios pés de comprimento; antes de cada grupo de imagens vem marchando um *anjinho*, conduzido por um padre, e espalhando folhas e pétalas de rosa pelo caminho.



O anjinho

grandes dimensões, utilizando-se para isso rodas e armações de vime, nas quais flutuam sedas, gazes, fitas, ren-

Como o leitor pode estar ansioso em conhecer que especie de anjo é esse que toma parte no espectáculo, devo explicar que ha uma classe de anjos criada para a ocasião, e que agem sob a tutela dos santos exibidos. Pequerruchas de oito a dez anos, são geralmente escolhidas para servirem de anjinhos, sendo para isso preparadas com as mais fantasticas vestimentas. O principal objetivo dessas vestimentas é exhibirem um corpete e duas asas; a saia e as mangas são de

das, lantejoulas e plumas de diversas cores. Na sua cabeça colocam uma especie de tiara. Seus cabelos caem em aneis pelo rosto e pelo pescoço, e o ar triunfal com que marcham mostra como plenamente compreendem a honra de ser o principal objeto de admiração. Companhias e bandas de musica militares abrem e fecham a procissão, e sua marcha é compassada e lenta com pausas frequentes, como para dar, aos irmãos que carregam o andor, tempo para respirar, assim como para proporcionar ao povo nas ruas e janelas oportunidade para contemplar e admirar. Poucas pessoas parecem olhar a procissão com sentimentos elevados. Todas podem ver as mesmas imagens ou outras parecidas nas igrejas quando quizerem: si o proposito é de edificar o povo uma maneira ao mesmo tempo mais eficiente e menos barulhenta poderia ser adotada. Parece haver pouca solemnidade ligada a essas cenas, e é compartilhada quasi só pelos pobres irmãos, que se cançam e transpiram debaixo dos andores: mesmo estes, as vezes, se distraem com conversas divertidas, quando, substituidos em suas funções, descansam ao lado dos andores.

Quando o Santissimo é carregado em publico nessa e noutras ocasiões, apenas uma pequena parte do publico se ajoelha à sua passagem, e, não ha obrigação para quem não deseje manifestar esse grau de reverencia (30).

Não ha classe que tome parte nessas paradas santas com mais zelo do que a gente do povo. Ficam, alem disso, especialmente satisfeitas, de vez em quando, em avistar um santo de cor, uma Nossa Senhora representada em imagem que tem pele côm de azeviche. "*Lá vem o meu parente*", foi a exclamação ouvida de um preto pelo Dr. Kidder, quando uma imagem de côm com cabello lanoso e labios e beiços grossos, surgiu à vista; nessa manifestação de alegria, o velho preto exprimiu precisamente os sentimentos

(30) Em 1852, John Candler e Wilson Burgess, dois filantropistas ingleses, pertencentes á Sociedade dos Amigos, vieram ao Brasil com o propósito de apresentar ao Imperador "um manifesto

causados por esses apelos aos sentimentos e à mentalidade dos africanos.

O Dia de Ramos no Brasil é celebrado com um gosto e um efeito que não podem ser ultrapassados por qualquer ornamentação artificial. Os brasileiros nunca se mostram indiferentes às belezas vegetais que o rodeiam, fazendo uso de folhas, flores e galhos de arvores em quasi todas as solenidades publicas; mas, no Domingo de Ramos, a exhibição de galhos de palmeiras reais constitue um espetáculo não só belo como grandioso.

Semana Santa.

A Semana Santa, pela qual termina a Quaresma, é principalmente consagrada aos serviços religiosos que comemoram a historia de Nosso Senhor, mas tão modificados pela tradição e pelo excesso de cerimoniaes, que poucas pessoas, através deles, podem fazer uma idea apropriada do que

sobre a escravidão e o tráfico de escravos". O seu modo singular de vestir chamava muita atenção nas ruas, "e, em certa ocasião", contam eles em sua narração da viagem, "quando passavamos pela rua Direita, um cavalheiro brasileiro chegou-se a nós e, num incorreto inglês, informou-nos de que tinha estado na Inglaterra e conhecia os "Quakers". Eles (os brasileiros), me perguntaram: — "quem são esses?" — e eu respondo: — "Amigos, gente muito boa". Reconhecendo-lhe as boas intenções, perguntámos-lhe onde ficava a Biblioteca Nacional, que estavamos procurando. "Vou até lá com os senhores". E tomando-nos nos braços, levou-nos por uma estreita viela, que nós acabavamos de evitar. Uma igreja católica dava as portas para esse logradouro e numerosas pessoas estavam paradas, de cabeça descoberta, em frente a elas. Pedimos-lhe que não nos levasse por ali, pois não poderíamos tirar o chapéu como prova de respeito pela missa, e não queríamos ofender os sentimentos de ninguem. "Não se importem com isso", foi a sua resposta, "deixem isso comigo", e, dirigindo-se para onde estavam as pessoas, passou de cabeça descoberta entre elas, dizendo: — "São meus amigos; devem ser dispensados", e fomos tolerados, podendo passar sem obstaculo. Semelhante dispensa não é permitida em Portugal". "Narrative of a recent visit to Brasil", por John Candler e Wilson Burgess. Londres, 1853. Edw. Marsh.

realmente aconteceu antes da crucificação de Cristo. Os dias são designados no Calendario como Quarta-feira de Trevas, Quinta-feira da Agonia, Sexta-feira da Paixão e sabado da Alcluia.

A Quinta-feira da Agonia, da mesma forma que os inglezes a celebram, é guardada da meia noite desse dia, até à meia noite do dia seguinte. Suspendem-se todos os toques de sinos, explosões de foguetes. A luz do dia é eliminada de todas as igrejas; os templos são interiormente iluminados com cirios de cera, no meio dos quais, no altar mór, é exposto o Santissimo. Dois homens ficam de pé em roupagens de seda vermelha ou purpura, para guarda-lo. Em algumas igrejas a effigie do Corpo de Cristo é colocada deitada por baixo de uma pequena redoma, com uma das mãos à mostra para que a multidão a beije, depositando esmolos numa safva de prata, que se acha ao lado. A' noite, o povo passeia pelas ruas, visitando as igrejas. E' tambem ocasião para troca geral de presentes, que revertem principalmente em beneficio das mulheres escravas, que têm então ocasião de preparar e vender doces, para seu lucro.

A Sexta-feira continua silenciosa, e uma procissão funebre, carregando uma representação do Corpo de Deus, percorre as ruas. A' noite, realiza-se um sermão e uma outra procissão, em que anjinhos, todos ataviados da forma dos anjos já descripta, trazem emblemas alusivos à crucificação. Um traz os pregos, outro o martelo, um terceiro a esponja, um quarto a lança, um quinto a escada, e um sexto o galo que deu o aviso a Pedro. Nunca as varandas se apinham mais de gente do que nessa ocasião. Ha um interesse geral em cada um ver a sua propria filha executando o seu papel, interesse este que leva a assistirem o ato centenas de familias que, de outra forma, teriam ficado em casa. Não ha procissão mais bela e imponente do que esta. Quando estava contemplando a longa fileira dos homens de opa, conduzindo nas mãos uma imensa tocha, e pela outra um anjinho brilhantemente vestido, — quando, de tempos em

tempos, eu via as imagens daqueles que foram espetadores ativos ou silenciosos dessa triste cena, que se realizou no Calvario havia dezoito seculos passados. — quando contemplava os soldados com seus capacetes na mão, e suas armas voltadas para baixo, marcharem com passo lento e compassado, — quando ouvia o canto solene saído das vozes das crianças, ou, os acordes menores majestosos da marcha funebre, gemendo no ar da noite, — meus sentimentos esteticos foram poderosamente excitados. Mas quando se fazia um alto na procissão, e eu verificava a frivolidade e a indiferença dos atores, o efeito se me esvaecia, e eu podia ver que os esforços feitos sobre a multidão das ruas e dos balcões do Rio haviam sido inteiramente perdidos (31).

O Sabado de Aleluia e mais conhecido como dia de Judas, por causa das inumeras formas por que o "Inglorio Patriarca" é posto a sofrer a vingança do publico. Os preparativos são feitos previamente, e atiram-se foguetes em frente das igrejas, numa das fases do officio matutino. Esses tiros de foguete indicam que a Aleluia está sendo cantada. Começa então a brincadeira na rua, em todas as partes da cidade. Efigies do desgraçado do Judas, tornam-se objeto de toda especie de tormentos. São penduradas, estranguladas e afogadas; em suma, o traidor é levado à fogueira e as mais fantasticas figuras, juntamente com dra-

(31) No Brasil a familiaridade com as coisas da nossa sagrada religião aboliu toda espécie de veneração. Na Baía, contou-me um cavalheiro católico o seguinte fato, ocorrido na provincia de Sergipe del Rey, no ano de 1855. Foi durante uma festa de igreja, num sermão sobre a crucificação. Um índio civilizado, pela promessa de ganhar *muita cachaça*, consentiu em representar Jesus Cristo sobre a Cruz. A sua posição era bastante incômoda, e junto á base da cruz estava um balde cheio de cachaça, e mergulhada nesta uma esponja amarrada na ponta de uma vara comprida. A pessoa que se incumbira de refrescar o *caboclo*, esqueceu-se da incumbência, toda embebida na eloquência floreada do padre. O índio, porém, não se esqueceu do contrato, e, com grande surpresa e hilaridade da assistência, gritou: "*Ó senhor judeu, SENHOR JUDEU, mais fell*"

gões, serpentes e o demonio e seus diabinhos, se precipitam sobre ele.

Alem dos preparativos mais formaes e dispendiosos, que são feitos para essas celebrações por meio de subscrições publicas, têm tambem as crianças e os negros os seus Judas, que por eles são maldosamente arrastados pelas ruas, surradas a cacete, pendurados, batidos, espetados, apedrejados, queimados e afogados com toda a alegria.

Terminada a Quaresma, o Domingo de Pascoa é anunciado por alegres trechos de musica, por bandas e grandes orquestras, pela iluminação das igrejas, com brilho fora do comum, e pelas descargas triunfais de foguetes no ar, e da artilharia dos fortes e baterias.

No domingo de Pentecostes, a grande festa do Espirito Santo é celebrada. Em preparação para ela, bandos precatórios vão pelas ruas, muito tempo antes, para angariar fundos. Nessas expedições, os angariadores vestem uma capa vermelha nos ombros: — fazem grande exhibição de emblemas, em cujas dobras se vê uma pomba rodeada por um halo ou diadema. São esses emblemas carregados à mão e suspensos até às janelas para que as pessoas os possam beijar; levam os "irmãos" uma salva de prata ou um saquinho de seda, para recolher os donativos esperados de todos, ou pelo menos daqueles que beijam o emblema; o publico é devidamente notificado da aproximação desses



Coleta para festas de igreja

augustos personagens por uma banda de musica de negros maltrapilhos, ou pelo acompanhamento de tambor das alegres crianças, que as vezes carregam o estandarte. Coleções dessas imagens, são muito frequentes nas cidades do Brasil. Sempre que alguma festa se prepara, uma imagem em miniatura do Santo, em cuja honra se realiza a festa é geralmente carregada a mão, com muita formalidade, para servir de argumento em favor dos donativos. Os devotos se apressam em beijar a imagem e às vezes chamam as crianças e fazem-nas beijar. Esses coletores de esmolos e uma classe de mulheres chamadas *beatas*, tornam-se às vezes, provocadores de barulhos. Às vezes, um ou dois desses individuos, saem à rua gritando em voz nazal, em cada esquina "Esmolas para N. Senhora" dessa ou daquela Igreja (1866 esse pedido de esmolos foi grandemente diminuido). Em pagina anterior, vem representado um par desses cavalleiros pedintes, meio eclesiasticos que aí se vêm caminhando ao longo da praia de Sta. Luzia depois de uma de suas excursões esmolantes.

As procissões do Espirito Santo assumem um carater muito peculiar e grotesco nas regiões remotas do Imperio. O falecido Senador Cunha Matos, (*33) descreve-as no interior, com o nome de "Foliões Cavalgadas". Menciona em seu itinerario uma delas, a que assistiu, entre os rios de S. Francisco e Paraiba, composta de 50 pessoas, tocando violões, bombos e outros instrumentos de musica para despertar a liberalidade, sinão a devoção do povo; tambem levando sacos de couro e mulas para receber e carregar porcos, galinhas e tudo aquilo que se lhes possa dar.

Entre os indios do longinquo interior, os animaes vivos são frequentemente prometidos de antemão a algum santo particular; e muitas vezes quando o viajante deseja comprar alguma provisão deles, declaram-lhe: "Este porco é de S. João" ou, "Estas galinhas pertencem ao Espirito Santo".

A procissão de “Corpus Cristi” é diferente da maioria das outras: a unica imagem exposta é a de S. Jorge, designado no calendario como “o defensor do Imperio”. Como este “Santo Cavalheiro da Capadocia” tornou-se o defensor do Brasil não sou capaz de atinar; porem o seu festival, caindo como cae no dia de “Corpus Cristi”, é celebrado com



Matando o judas

grande pompa, numa festa realizada de dia, e que dá a volta de toda a cidade. Tem um aspeto rubro e formoso, com sua cabeleira de cachos cor de linho, flutuando sobre os hombros. Ostenta armas e um manto vermelho de veludo. Para esse dia, alguns devotos, de seu nome, emprestam ao santo as suas joias, mas, quando termina a festa, ele é despojado das suas glorias e entregue às traças, até o ano seguinte. Não se faz notar pela sua boa maneira de andar a cavalo, com as pernas duras, esticadas de cada lado, e com dois homens segurando-o no selim. Si o seu protótipo não tivesse sido melhor cavaleiro, até hoje o dragão não teria sido destruído.

O imperador passa de cabeça descoberta, carregando uma tocha, nessa procissão, inuitando a piedade de seus antepassados, seguido pela corte, os cavalheiros e a Camara Municipal em grande aparato, com suas insignias e bordados. Onde quer que o Imperador passe nessa ocasião, os moradores das ruas rivalisam uns com os outros na ostentação de tapeçarias, de ricas sedas e damasco, penduradas das janélas e balcões de suas residencias.

Santa Prisciliana.

Em 1846, um distinto brasileiro teve a honra de transportar de Roma para o Rio, os restos sagrados da virgem martyr Sta. Prisciliana. Pareceu a todos a mais auspiciosa aquisição que a cidade poderia fazer, mas por alguns foi altamente condenado como uma solene mistificação. Apesar de tudo, inauguraram o seu relicario. Para que os ossos não parecessem tão repulsivos, como os das celebres Onze mil virgens da Igreja de Sta. Ursula em Colonia, as frageis reliquias de Sta. Prisciliana, foram modeladas em cera, por algum habil artista de Roma, na ocasião em que, segundo dizem, a santa foi removida das catacumbas, onde estava enterrada havia mais de mil anos! Os traços de Sta. Prisciliana foram gravados, e a sua imagem pode ser "trocada". A Santa vem representada com uma espada desagradavelmente atravessada na sua delicada garganta, o que significa, como o bispo do Rio de Janeiro o afirma, (32) que o Imperador Juliano, o Apostata, mandou matal-a desse modo! O erudito bispo não nos dá as razões da sua afirmação; mas os fieis não põem a menor duvida no que um alto prelado afirma. Não sei que milagres ela tem feito no Rio, pois muito pouco

(32) Carta pastoral publicada em Março do ano de 1846, no Rio de Janeiro. Ver tambem "Noticia Histórica de Santa Prisciliana", no "Anuário do Brasil" de 1846.

ouvi falar a respeito, mas o certo é que não evitou a febre amarela e o colera, que visitam às vezes a capital do Imperio. Pode-se contudo afirmar por outro lado que esta não era a missão de Sta. Prisciliana, pois S. Sebastião é considerado como tendo a cidade sob sua especial protecção.

O colera e as procissões.

Quando o colera visitou as costas do Brasil, si bem que não tão fatalmente como na Europa e nos Estados Unidos, as suas calamidades foram maiores entre os escravos, que escaparam da febre amarela, nos ultimos anos em que esta atacou os brancos. Quando o colera fez o seu aparecimento no Rio, a cidade se converteu num vale de terror; rezas e amuletos foram ansiosamente procurados, e a toda hora se inventavam preventivos supersticiosos. As orações dos santos eram pregadas sobre a pele, como entre os maometanos da Arabia e os pagãos da India. Pinturas, mal executadas, foram "trocadas" por alguns vintens, e uma estrella contendo uma prece à Virgem Maria, chamada, "A miraculosa estrella do céu" foi considerada como um resguardo certo para todas as pessoas que a possuissem. Avissos como os seguintes, apareceram na Imprensa diaria:

"ORAÇÃO PARA BENZER AS CASAS"

Contra a epidemia reinante, ornada de emblemas religiosos, troca-se por oitenta reis, na rua dos Latoeiros n.º 59.

O anuncio seguinte, entretanto, deve ter sido feito por algum ganhador, sem levar em conta o regulamento da Igreja, pois, do contrario teria no seu aviso colocado um "troca-se" em vez de "vende-se".

"PALAVRAS SANTISSIMAS E ARMAS DA IGREJA"

Contra o terrivel flagelo da peste, com a qual se tem aplacado a Divina Justiça, como se viu no caso que succedeu no Real Mosteiro de Santa Clara de Coimbra em 1480. Vende-se na rua da Quintanda n.º 174, Preço 320 reis.

O que os Drs. Paulo Candido, Meircles, Sigaud, Pacheco da Silva, e outros eminentes medicos, pensam de tais remedios, eu não sei; mas acredito que elles, juntamente com muitos dos habitantes do Rio de Janeiro, sabem julgar na forma devida esse charlatanismo religioso. Diga-se em bem da verdade que, durante o pânico geral, a Igreja militante fez uma intimação contra isso, e os jornais de Setembro de 1855 estão cheios de noticias circunstanciadas sobre vários processos penitenciarios.

Esses apelos aos fieis não foram feitos em vão. As imagens eram transportadas através das ruas; imensas procissões de velas acesas, em que se notavam delicadas senhoras descalças, eram frequentemente realizadas. Com todas essas precauções a peste não cessou, apesar da cidade não haver perdido o seu aspeto normal de negocios. O senso comum porem, não abandonou o Rio, apesar do panico que então prevaleceu. As autoridades seculares, instadas pelos habéis directores dos principais jornais da cidade acabaram por proibir as procissões, pois expunham os seus frequentadores à disseminação da doença; assim os santos não tiveram mais procissões, e as jovens damas só ficaram descalças em casa.

E' uma satisfação ver-se, nessa crise, a attitude do monarca. O Imperador e sua familia não abandonaram o palácio próximo da cidade, afim de animar com a sua presença o povo, embora, fosse a época habitual de sua ida para a residencia de verão em Petropolis. S. Magestade visitava os hospitais, superintendia as medidas sanitarias, alem de contribuir largamente para o fundo em beneficio dos doentes pobres.

Não podemos dedicar maior espaço à religião no Brasil, — interessante mas penoso assunto, — penoso, para todo verdadeiro cristão, amigo do povo brasileiro. Si nós considerarmos o Brasil do ponto de vista religioso, ficaremos admirados da soma de ignorancia e superstição que aí domina. Que se leiam os "Sketches" do Sr. Ewbank e ver-se-á,

arqueologicamente considerado, como são estreitas as relações entre a Roma pagã e a Roma cristã. Si temos certeza que essa Igreja um dia receberá as luzes da sabedoria, não haverá necessidade dela permanecer na escuridão, ou nos lampejos de uma pequena lampada, quando poderia ter o clarão de um sol meridiano. Possa essa luz cair sobre o Brasil! (33).

(33) Nota de 1866 — Há atualmente varios templos protestantes brasileiros no país. Os pastores regularmente ordenados por essas egrejas podem legalmente executar a cerimonia do casamento. A clausula constitucional relativa á tolerância religiosa foi posta á prova por três vezes e demonstrou não ser letra morta. A "Imprensa Evangélica" é o periódico quinzenal dos protestantes do Rio, e tem tido razoavel successo. Varios fieis pregadores do Evangelho, europeus e norte-americanos, estão atualmente trabalhando com êxito animador.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 33) Raimundo José da Cunha Matos, brigadeiro, escreveu: "Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas provincias de Minas Gerais e Goiás" — Rio de Janeiro, 1836; um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

CAPÍTULO X

Sentimento doméstico entre os brasileiros.

Os alemães, os ingleses, e seus descendentes não possuem característico mais notável que o seu sentimento doméstico. O círculo em volta da lareira, com suas alegrias e cuidados, não pertence propriamente aos gauleses ou aos italianos. O europeu do sul possui muitas coisas no seu delicioso clima que o torna um ser que vive fora de casa. Os antigos romanos eram um povo que vivia em público. A sua existência parecia fazer parte do "forum", dos banhos públicos, dos círculos e teatros. "Sem livros, revistas e jornais, sem cartas para escrever, e com um belo clima sempre os atraindo para o ar livre, nada os prendia à casa, a não ser as necessidades de comer e dormir". A cidade de Pompéia, provavelmente, não contava, mais de 25.000 habitantes, e somente um sexto de sua área foi exumado. Nesse pequeno espaço foram encontrados vários edifícios públicos para diversões teatraes, podendo conter cerca de 1.700 espectadores.

A maioria das nações que descendem dos romanos não têm, como eles, instituições estreitamente relacionadas com a palavra lar. Há, contudo, uma importante exceção a essa regra, que é o caso da nação portuguesa, que, sob todos os demais aspectos, é mais romana do que qualquer outro povo da atualidade. A casa e a família aí existem, e, sem dúvida, os lusitanos devem-nos aos Mouros, que somaram à tradição latina algo de seu exclusivismo oriental. Os portugueses e seus descendentes sul americanos, até hoje, fiscalizam com ciúme as suas casas particulares, e, passando muitas horas do dia dentro dos recintos fechados das mesmas, que são seus verdadeiros castelos, onde as ligações

domesticas e as instituições de familia têm sido ampliadas e perpetuadas.

A casa brasileira.

Proponho-me neste capitulo estudar a residencia e a familia, — traçar a educação das crianças desde a infancia até quando vão ocupar as posições da idade adulta.

A casa da cidade não é um lugar atraente: as cocheiras e as cavalariças ficam no primeiro andar, emquanto que a sala de visitas, as alcovas e a cozinha ficam no segundo. Não é raro existir uma pequena área ou pateo ocupando o espaço entre a cocheira e a cavalariça, e esse espaço separa, no segundo andar, a cozinha da sala de jantar.

A gravura junto representa uma das mais velhas residências de cidade no Rio, o acesso à escada se dá por uma grande porta pela qual a carruagem entra barulhentamente, nos dias de festa e dias santos. À noite é fechada com grades de ferro, das dimensões das que são usadas nas prisões. Todos os seus ferrolhos, trancas, fechaduras, ou outro qualquer gênero de ferragem, parecem ter sido trazidos da secção pompeana do museu Bourbonico de Napoles.



Velha moradia brasileira

As paredes, compostas de blocos de pedra, cimentados por argamassa comum, são tão espessas como as de uma fortaleza.

Durante o dia, entra-se pela grande porta e para-se no começo da escada; nenhuma aldraba ou sineta anuncia a presença do visitante. E' preciso que a gente bata com

as mãos juntas, rapidamente e, a não ser quando a família pertence à mais alta classe, pode-se estar certo de ser saudado por um escravo, do alto da escada, com um "Quem é?". Se acontece ver-se um amigo no balcão da janela, deve-se, havendo intimidade, cumprimentar-se o mesmo tirando-lhe o chapéu, e também movendo se rapidamente os dedos da mão, como si se estivesse acenando para alguém.

O mobiliario da sala de visitas varia em preço, de acordo com o estilo adotado; mas, o que se pode sempre esperar encontrar é um sofá forrado de palhinha, a um canto da sala e três ou quatro cadeiras arrumadas em filas rigidamente paralelas, estendendo-se de cada uma das pontas do sofá até o meio da sala. Em sociedade, é proprio as senhoras ocuparem o sofa, e os cavalheiros as cadeiras.

As residencias urbanas, nas velhas cidades, pareceram-me excessivamente tristes, porem o mesmo não pode ser dito das novas residencias urbanas, das lindas "vilas" suburbanas, cercadas por jardins, cobertos de folhagens, muitas flores e frutos pendentes. Alguns trechos de Sta. Tereza, Laranjeiras, Botafogo, Catumbí, Engenho Velho, Praia Grande e S. Domingos, não podem ser ultrapassados na beleza e pitoresco de suas casas. Cito, em particular, as casas do Sr. Maximo de Souza (* 33 bis) e do Sr. Ginty.

Ha diferentes classes sociais no Brasil, como em qualquer outro país, a descrição de uma não podendo servir para as outras; mas, tendo esboçado a descrição da casa, devo agora tentar descrever os moradores desde as crianças até os adultos.

A mãe brasileira quasi invariavelmente entrega o seu filho a uma preta para ser criado. Assim que as crianças se tornam muito incômodas ao conforto da senhora, são despachadas para a escola; e coitado do pobre professor que tem de impor-se a esse espécime irrequieto do genero humano! Acostumado a dominar suas amas pretas, e com a ilimitada indulgencia de seus pais, mete-se na cabeça tudo

poder e dever fazer para frustrar os esforços feitos para disciplina-lo. Não fazem isso por maldade, mas por falta de disciplina paterna. São afetivos e doces, embora impacientes e apaixonados, dotados de intelligencia, embora extremamente preguiçosos e incapazes de prolongada atenção. Rapidamente adquirem uma tintura de conhecimentos: o francez e o italiano, são faceis para eles, por serem linguas irmãs da portugueza. A música, o canto e a dança, adaptam-se bem aos seus temperamentos voluveis; raramente tenho ouvido um amador italiano cantar melhor do que os amadores do Rio de Janeiro e da Baía. Pianos, vêm-se abundantemente em cada rua, e ambos os sexos se tornam seus executantes consumados. A ópera é mantida pelo governo, como na Europa, e os principais artistas vêm ao Brasil. Thalberg triunfou no Rio de Janeiro antes de visitar Nova York.

A mulher brasileira.

As maneiras e costumes das damas brasileiras são gentis, e seu porte gracioso. E' verdade que não teem uma base de conhecimentos variados para tornar agradável e instrutiva a sua palestra; mas tagarelam insignificâncias de modo sempre agradável, exceto pelo alto tom de sua voz, que eu supponho lhes venha das ordens frequentes que dá aos congos e moçambiques. Suas reservas literarias consistem principalmente em novelas de Balzac, Eugenio Sue, Dumas pai e filho, George Sand, em intrigas de pacotilhas e folhetins dos jornaes. Assim elas se preparam para esposas e mães.

O Dr. P. da S. (*34) — cavalheiro que toma um profundo interesse por todos os assuntos de educação e cujas idéas applica com successo aos seus proprios filhos, e que possui sólidos conhecimentos somados a belos dotes de espirito, disse-me uma vez “Desejo de todo meu coração ver o dia em que as nossas escolas para meninas sejam de tal natureza que uma jovem brasileira nelas se possa preparar, por

sua educação intelectual e moral, a tornar-se uma digna mãe, capaz de ensinar aos seus próprios filhos os elementos da educação e os seus deveres para com Deus e os homens: para esse objetivo, Sr., é que estou me esforçando”.

Escolas como essa estão aparecendo, e algumas excelentes; mas, em oito casos em dez, os pais brasileiros pensam ter cumprido seu dever mandando sua filha cursar, durante alguns anos, uma escola da moda, dirigida por estrangeiro: — quando completam treze ou quatorze anos, são daí retiradas, acreditando o pai que a sua educação está completa. Si é rica, está desde logo preparada para a vida, e pouco depois disso o pai apresenta-lhe algum dos seus amigos, com a consoladora observação. “*Minha filha, este é o teu futuro esposo*”. A perspectiva dos diamantes, das rendas e das carruagens, ofusca a sua imaginação; ela sufoca a pequena parte do coração, que ainda lhe deixaram e, passivamente aquiesce ao arranjo do pai, provavelmente consolando-se com a reflexão de que não lhe é exigido dar o afeto total ao seu futuro companheiro, justamente como já se deu com os seus avós. Agora os pais ficam à vontade, o cuidado de fiscalizar essa ambiciosa moça está entregue ao seu marido, e, daí em diante, este é o unico responsável. O marido, porem, coitado, tendo uma justa compreensão da sua incapacidade para tal tarefa, arranja uma antiga parenta, como *ducinna*, da sua jovem esposa, e sai de casa para o seu escritorio, satisfeito e seguro. A’ noite volta para casa, e leva a esposa à Opera, onde exhibe o preço que seus contos (34) conseguiram obter, e recebe os cumprimentos dos amigos pela amavel esposa que comprou. “Isso é uma velha historia”. Nem o Brasil tem o monopólio de semelhantes casamentos.

Começa em seguida o mesmo ciclo de erros: seus filhos sentem o efeito do proprio sistema que tornou a mãe um

(34) Um *conto de réis* equivale a *mil réis*, ou sejam 500 dólares. Um brasileiro nunca se refere a um homem rico dizendo: — “possue tantos mil réis”, mas sim: “Tem tantos contos”.

ser frívolo e de aparências. Sae de casa aos domingos e dias de festa, de braço dado com o marido ou o irmão, precedida das crianças, de acordo com a idade, toda vestida de seda preta, com o colo e os braços geralmente descobertos, ou, no maximo, com uma leve mantilha ou capa sobre eles, seus cabelos luxuriantemente belos, bem arranjados e ornamentados, e, às vezes, cobertos por um veu de renda preta, um livro de missa na mão, caminhando para a igreja. Terminada a missa, e colocada a esmola numa caixa, elas voltam para casa na mesma ordem em que foram.



A caminho da missa

E' muitas vezes motivo de surpresa para os homens do Norte, a forma pela qual as damas brasileiras podem suportar descobertas os raios do sol, as europeias andam debaixo da proteção de chapéus e de sombrinhas; porem, esses grupos no seu trajeto para a igreja, passam sem parecer que estão sentindo o sol. Todavia o chapéu vae-se tornando uma moda dominante.

O leitor pode notar, nestas moças vestidas de preto e de cintura estreita, um contraste com a gorda matrona que

as segue. Uma matrona brasileira torna-se em geral extraordinariamente gorda em poucos anos — provavelmente devido à ausencia de exercicios ao ar livre, de que as privam os habitos nacionais; pois não se pode attribuir a sua gordura a qualquer falta de temperança, pois devemos sempre lembrar que as senhoras brasileiras raramente tomam vinho, ou qualquer outro estimulante. Nas ocasiões solenes, quando se bebe a saúde, somente tocam a taça com os labios, por mera formalidade. Durante os varios anos em que residí no Brasil, nunca assisti a um caso de senhora suspeita de tal vicio, que, a seus olhos constitue a mais horrivel censura que pode ser feita ao carater. “Está bebado” pronunciado em tom alto, e quasi parecendo um pito, por uma mulher brasileira, é uma das mais severas e secas reprehensões que podem fazer. Em alguns pontos do país, a expressão para um bebado, é “Um baieta inglês”; e o termo para um individuo tocado, nas provincias do norte é: “Ele está bem inglês”. O contraste entre a geral sobriedade de todas as classes brasileiras e o constante estado de bebedeira dos estrangeiros e a comum “animação” de outros, é extremamente lamentavel.

As esposas no Brasil não suportam maridos bebados, porem alguns velhos preconceitos mouros as tornam objetos de muito ciume. Ha entretanto um progresso nesse sentido, e, muito mais frequentemente do que outrora, são as mulheres vistas fora das igrejas, das salas de baile e dos teatros.

Entretanto, devido a opinião dominante de que as mulheres não devem aparecer na rua, a não ser protegidas por um parente do sexo masculino, — a vida das senhoras brasileiras é triste e monotona, o bastante para tornar melancolica uma dama europeia ou americana.

Desde manhã cedo, todo o pessoal de casa está em movimento, e o principal trabalho caseiro termina antes das nove horas. Depois disso, as damas vão para as janelas, durante algumas horas, “se refestelarem”, conversar com

suas vizinhas, e esperar o leiteiro e as quitadeiras. O primeiro traz o leite, num veículo de novo aspeto, para o estrangeiro, — ou que pelo menos ele nunca viu usado para esse fim antes de conhecer o Brasil. A vaca é o carro de leite! Antes que o sol se levante, a vaca, acompanhada de seu bezerro, é levada de porta em porta por um camponês português. Pequena campainha pendurada no pescoço da vaca anuncia a sua presença. Uma escrava desce com uma garrafa e recebe certa porção do líquido alimentício, pela qual paga cerca de 6 pence ingleses. Pode-se pensar que desse modo, toda adulteração é evitada. O inimitável “Punch” diz ou escreve que, si no mundo dos homens, “a criança é o pae do homem” no mundo de Londres a bomba d’agua é o pae da vaca, a julgar pelo resultado, isto é pelo leite vendido naquela grande metropole. Ai de nós! a Humanidade é a mesma no Brasil e em Londres. O leite pode ser obtido puro, diretamente da vaca, si a gente fica fiscalizando da janela a operação; de outro modo a nossa garrafa é cheia do conteúdo de uma vazilha de estanho, trazida pelo portuense, que, muitas vezes, introduz a devida proporção de agua, que brotando do alto do Corcovado, veio rolando atravez do Aqueduto até a fonte da esquina da rua.

As quitadeiras são as vendedoras de verduras, laranjas, goiabas, maracujás, ou frutas da “flor da paixão”, mangas, doces, canas de assucar, brinquedos etc... Elas vendem a sua mercadoria com uma voz vigorosa, e os diferentes pregões com que atraem a atenção do público lembram os de Dublin e Edimburgo. O mesmo tom nasal e alto diapassão podem ser notados em todos elles. As crianças ficam encantadas quando avistam na rua as pretas com o favorito taboleiro cheio de doces e brinquedos. “Lá vem ella”, a quitadeira, com o seu filhinho africano amarrado nas costas, e o taboleiro na cabeça, gritando:



A quitandeira

Chora menina, Chora menino
 Papae tem dinheiro bastante
 Compra menina, compra menino!",

e, atendendo a esse convite, os meninos e as meninas correm a comprar doces, duplamente açucarados, com evidente destruição de seus dentes e sucos digestivos. Note-se de passagem, que nenhuma profissão tem mais sucesso no Rio que a de dentista. Finalmente, faz sua aparição no fundo da rua o vendedor de sedas, e gazes, que é o encanto do dia de uma senhora brasileira. Anuncia a sua chegada com o bater do seu *côvado* (pau de medir), seguido

de um ou mais pretos conduzindo caixas na cabeça. O vendedor sobe as escadas, certo de ser bem recebido; pois si as damas não teem necessidade alguma de seus artigos, teem necessidade de divertir-se, examinando-os. Os negros depositam as caixas no chão e retiram-se; então o habil italiano ou portuguez vai tirando da caixa uma coisa após outra; e julga-se agindo com rara inhabilidade si não consegue dominar a dama economica de modo a torna-la possuidora pelo menos de um artigo barato. Quanto ao pagamento, não ha necessidade de pressa — ele voltará na proxima semana, ou venderá a prestação. Exatamente como a senhora achar melhor, somente ele gostaria que a senhora possuísse *aquelle* vestido, que vae tão bem no seu corpo; pensou logo na senhora assim que o viu e o preço, quasi *nada*; em seguida mostra-lhe uma caixa de rendas, feitas justamente para ela, um novo padrão para as pontas da toalha, para os travessieiros, e enfeites para roupas de baixo.

Algumas famílias possuem negrinhas para fabricarem rendas, cujo fio vem de Portugal, e os seus orgulhosos senhores tiram grandes proveitos trocando os produtos das almofadas das pretas por artigos de vestiário. Uma especie de trabalho de agulha, em que se mostram excellentes, é o chamado *crivo*; feito, sobre desenho, com fios de linha, e como que serzido, num padrão. As toalhas que se oferecem aos hospedes depois do jantar são da mais trabalhosa execução, consistindo num larga barra de crivo, terminando em franja, de larga renda brasileira.

Estes vendedores ambulantes, italianos e portuguezes, vendem os mais belos e custosos artigos. O guarda-roupa de uma dama brasileira é quasi todo elle escolhido e comprado em casa, pois mesmo quando não compra no *mascate*, despacha um preto para a rua do Ouvidor ou Quitanda e encomenda um sortimento de artigos, e escolhe em casa o que precisa. As mais modernas damas agora começam a usar chapéu, que são porem sempre tirados na Igreja. Quasi todas as senhoras fazem os seus proprios vestidos ou

pelo menos cortam-nos e arranjam-nos para as escravas costurarem, pelos ultimos figurinos de Paris. Sentam-se no meio de um circulo de negrinhas, pois sabe bem que, si “o olhar do mestre engorda o cavallo” da mesma forma o olhar da patroa faz a agulha andar mais depressa. A dama brasileira responde a descrição de uma boa mulher no ultimo



O encanto das senhoras brasileira

capitulo dos proverbios: "Levanta-se quando ainda é noite, e, dá os encargos a suas servas; faz belos tecidos (crivos e rendas) para vender; e apesar de suas mãos não serem feitas exatamente para a roca e para o fuso, todavia elas olham bem para os afazeres domesticos e não comem o pão da ociosidade". Exceptuando, já se vê, o tempo gasto na janela.

Podemos inferir que os habitos dos servos eram os mesmos no tempo de Salomão que no Brasil de hoje. A julgar pelo menos pela serie de contrariedades que dão às suas senhoras. Uma dama de alta classe no Brasil declarou que havia perdido inteiramente a sua saude na interessante occupação de repreender negrinhas, de que possuia algumas dezenas, e não conhecia que occupação lhes dar afim de evitar que vadiassem. Uma senhora, de familia nobre, pediu um dia a uma amiga minha, que lhe dissesse se conhecia alguém que desejava lavar roupa fora, pois ela tinha nove escravas preguiçosas em casa, para as quais não tinha occupação. Contou melancolicamente a sua historia, dizendo "É um principio nosso não vender nossos escravos, são os tormentos da minha vida; não consigo arranjar trabalho bastante para conserval-os fora da vadiação e da preguiça." Uma outra disse: "Os meus pretos são a minha morte".

A escravidão no Brasil, deixando de lado, qualquer consideração moral, é a mesma que encontramos em todo o mundo, isto é, uma instituição dispendiosa e, em todos os sentidos, muito pouco econômica. Quando consideramos o trabalho descuidado e indifferente dos escravos, e, levamos em conta a fraqueza da carne do senhor, penso muitas vezes que este último é o mais para lamentar. Toda crueldade que possa ser infringida aos pretos pelos brancos, é amplamente compensada pelos vicios introduzidos na familia, e os aborrecimentos dados aos senhores. Uma das principais tarefas da vida de uma senhora brasileira é a fiscalisação dos

escravos, que manda à rua para fazer compra e carregar água.

Os Mercados.

Os mercados do Rio são abundantemente supridos de toda especie de peixe, entre os quais muitas especies delicadas, desconhecidas no Norte. Pagam-se altos preços pelas especies mais finas. As chamadas “garoupas” são muito procuradas como prato de resistencia para as ceias e noites de baile, 50\$000 (cerca de 25 dolares) chega a ser pago por um peixe nessas ocasiões. Um peixe é sempre o emblema de uma casa de *pasto*, ou restaurante comum, no Rio.

O mercado, junto do Largo do Paço, é um ponto agradável de se visitar nas horas frescas da manhã. Ramos de flores perfumam o ambiente, e as verduras e frutos vistosos contrastam com o rosto escuro das imponentes negras minas que os vendem. “Qual é o preço disto?” — “Quanto o Sr. dá?” — é a resposta infalível; e aí daquele que oferece o primeiro preço de inocente comprador, na sua tentativa de negociar com essas *damas* de ar majestoso, cuja apparencia parece indicar que, para elas, vender ou não vender é igualmente indiferente, está abaixo de suas preocupações.

Os frutos indígenas do país são excessivamente ricos e variados. Além das laranjas, limas, côcos, e abacaxis, bem conhecidos entre nós, ha mangas, bananas, frutas de conde, maracujás, jambos, mamões, romãs, goiabas, araçás, cambucás, cajús, cajás, mangabas, e muitas outras espécies, cujos nomes são hebraico para os ouvidos do Norte, mas que sugerem a um brasileiro a idéia de frutos ricos, refrescantes e delicados, cada qual com o seu sabor peculiar e delicioso.

Com tal variedade capaz de suprir a todos os desejos, quer digam com as necessidades quer com os luxos da vida, ninguem se pode queixar. Esses artigos são encontrados profusamente nos mercados, e são, também, levados pela

cidade e suburbios por escravos e negros livres, que geralmente os carregam na cabeça em cestos. As pessoas, que desejam compra-los, têm apenas de chamar com uma espécie de assovio comprimido (alguma coisa pronunciada perfeitamente como em ingles "*tissue*") que elles geralmente interpretam com um convite para parar, e mostrar a sua mercadoria.

Num circulo fora do mercado, encontramos algumas lojas, cheias de aves e animais. Aí vêm-se alegres araras e palradores papagaios em perpetuo concerto com os barulhentos macacos e pequeninos micos. A pequena distância, vêm-se enormes pilhas de laranjas, cestas de outros frutos, prontos a serem vendidos aos retalhistas e às quitadeiras; balaios de vime cheios de galinhas e hastes de palmito para cozinhar. E' triste pensar-se que os que colhem tais palmitos, destroem uma graciosa palmeira, (*Euterpe edulis*); mas o que não estamos nós prontos a sacrificar a esses "Maelstrom" o estômago? Uma das belas arvores, que eu vi em Constançia (*35) a cincoenta milhas do Rio, pertencia a essa espécie. Não era reta, porém, como de costume, graciosamente curvada, e quando vista na sua forma delicada e com o seu cimo tufoso dominando a floresta tropical, ella apresenta um espetaculo de incomum beleza; eu, dia a dia, visitava o lugar em que a vira pela primeira vez para fazer na sua contemplação o meu suprimento de beleza.

Lá vem o preto cozinheiro, José ou Cezar, de cesto no braço, contando pelos dedos, e curvando-se para uma preta etiópica, de dentadura branca, pedindo que ella abaixe o preço, pois tem apenas poucos vintens, tirados de seu senhor para gastar, e, quando voltar para casa, precisa tomar um pouco de cachaça, "para matar o bicho". Que terrivel animal é esse, nunca me disseram, mas certamente, a julgar pelo grande esforço que requer para ser morto, deve ser de notavel resistencia à morte — uma especie de fenix entre os animais!

Uma vez feitas as compras que deseja de peixes, verduras, frutas e indispensáveis galinhas, o preto dirige-se para a rua onde estão os açougues. Compra alguma carne de vaca, magra porém não deteriorada, uma imitação de carneiro, facilmente confundida com o bode patriarcal, ou, uma macia e polposa substancia, considerada grande delicadeza, e que é a carne de uma infortunada vitela, que apenas teve o tempo de olhar o ceu azul, e ser mandada para a faca do carniceiro. Depois o preto dirige-se a *venda* para comprar a pequena dose destinada ao seu *bicho*, e volta para casa, muito bem humorado para preparar o almoço.

Alimentação diária.

Em muitas familias uma chicara de café forte é tomada ao amanhecer, seguindo-se uma refeição substancial. O jantar é geralmente servido aproximadamente a uma ou duas horas — pelo menos onde ainda não foi adotada a hora dos estrangeiros. A sopa faz parte comumente dessa refeição, seguindo-se-lhe carne, peixe, juntamente com massas. Exceto no jantar de cerimônia, um excelente prato, muito apreciado pelo estrangeiro, encontra sempre lugar na mesa brasileira.

Compõe-se de *feijão*, (feijão preto do país) misturado com carne seca e toucinho. *Farinha* é espalhada por cima, ou, preparada como uma pasta



Uma barganha

espesa. Essa farinha é o pão para milhões de pessoas, e é o principal alimento dos pretos em todo o país, que a consideram como prejudicada em seu paladar quando comida sem ser com os dedos.

E' um excelente e nutritivo alimento, com que podem suportar as mais pesadas tarefas. O café e o mate, tomam-se, muitas vezes, depois do jantar, tendo-se generalizado ultimamente, o uso do chá. O chá "nacional" pretende rivalizar com o da China; mas o mate, embora não geralmente usado nas provincias do norte e do centro do Brasil, é considerado mais saudavel do que o chá por ser menos excitante dos nervos.

Algumas familias, na ceia, teem peixe frequentemente; mas em outras, nada de substancial se toma depois do jantar, retirando-se as pessoas muito cedo para dormir. O Rio está tão quieto às 10 horas da noite, como as cidades europeias às 2 da madrugada. Mesmo os frequentadores de teatro fazem muito pouco ruido, pois andam geralmente a pé, — pelo menos os que residem na cidade. — Tanto os lugares de diversões publicas dependem dos pedestres, que, si a noite é chuvosa, é comum adiar o espetaculo até outra noite. Deve ser lembrado que uma chuva de meia-hora transforma as ruas do Rio em verdadeiros canais, pois toda a sua drenagem é superficial. Num dia de aguaceiro, os pretos "de ganho", que estão na esquina de cada rua, fazem boa colheita, carregando as pessoas às costas, através desses cursos d'agua improvisados. As vendas em hasta publica são annunciadas muitas vezes sob essa condição — "si o tempo permitir".

Um dos maiores prazeres para a população preta do Rio, é a necessidade de buscar agua no *chafariz*, ou nas bicas d'agua que estão na esquina de quasi todas as ruas. Os pretos ai, indolentemente, vadiam, com sua pipa em baixo do braço; e feliz é o preto congo, quando vê uma longa cauda de seus patricios esperando pela sua vês junto à torneira. Então, as novidades de seu pequeno mundo são objeto de conversa, no meio dos risos dos etiopes; ou fazem um pe-

queno namoro com Rosa ou Joaquina, da rua visinha; ou, então, são discursos improvisados por algum desses pretos de azeviche da Angola, cuja voz, para sua maior tristeza, não é de modo algum pianissima. Ha um outro negócio, ao ar livre, muito mais proprio deles: muitos deles vão matar o bicho, na venda proxima, enquanto a agua enche as pipas dos que chegaram primeiro.

Algumas donas de casa, entretanto, que acham que os seus cozinheiros estão *sempre* esperando pela agua, arran-

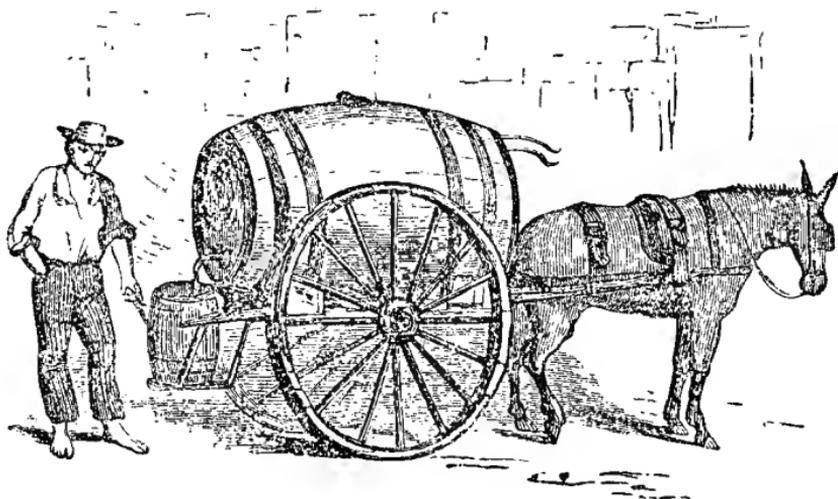
jam-se com os carregadores dagua, que perambulam pelas ruas, guiando uma imensa pipa, montada sobre rodas, e conduzida por uma mula. Esse veículo, durante os incendios, que ocorrem raramente, é requisitado para substituir as bombas contra incendio. Esses aguadeiros são geralmente naturais de Portugal ou dos Açores, e parecem eminentemente dotados pela natureza para serem cortadores de lenha ou carregadores de agua. Eles carregam a agua até em cima das escadas, e derramam-na em largas bilhas de barro, que



A censura da preta de Angola

lembram os potes dagua nas bodas de Caná, na Galiléa. Os enormes vasos de barro são arrumados sobre prateleiras em lugares por onde passa uma corrente de ar, e o liquido elemento dentro deles adquire uma frescura que, si não é igual á agua gelada dos Estados Unidos, é deliciosamente fria. O gelo no Brasil, é um luxo muito caro, trazido exclusivamente da America do Norte, e não usado geralmente nem mesmo

no Rio e, portanto, desconhecido no país. As maçãs de Boston e o gelo são ambos muitíssimo estimados; mas o gelo era regeitado como também prejudicial a saúde, na época de sua primeira introdução em 1833. Tanto assim que o primeiro carregamento foi um prejuizo total para os seus introdutores. Atualmente, as maçãs e o gelo vendem-se por bom preço; e, no mês de Janeiro, as quitandeiras podem ser ouvidas gritando em voz alta, — “maçãs americanas”, que elas vendem por cinco ou seis vintens, cada uma.



O aguadeiro ilhéu

Diversões familiares.

A senhora fluminense tem, de vez em quando, alguma folga na sua faina de andar fiscalizando escravos e tomando conta da casa: é quando o marido as leva para Petropolis ou Tijuca, ou lhes dá algumas semanas de ar livre, em Constançia (*35) e Nova Friburgo. Tais visitas não são, entretanto, tão frequentes, como as desejariam elas. As senhoras devem contentar-se com as festas, a opera e os bailes, como um fato extraordinario no meio do seu ciclo usual de deveres. Uma

reunião noturna, no Rio, significa geralmente um baile. As relações familiares com as famílias da mais alta sociedade é coisa difícil de ser conseguida pelos estrangeiros; mas quando um estrangeiro é admitido, sente-se verdadeiramente em família, e toda cerimonia é posta de lado. Em tais reuniões caseiras, passam-se as noites, muitas vezes, fazendo musica, dançando-se e jogando prendas. Vêm-se cavalheiros da mais alta posição social perderem o seu ar serio e entregarem-se de coração a inocentes folguedos. Um jogo chamado "pilha tres," é um dos favoritos, e é quasi tão primitivo e barulhento como o "gatinho procura um canto". Um cavalheiro americano informou-me que, certa ocasião, tomou parte nesse brincado com o Ministro do Imperio, com a Viscondessa, (sua esposa) dois senadores, um ex-Ministro plenipotenciario, tres encarregados de negocios estrangeiros e as senhoras e crianças da familia. Ninguem sentia qualquer perda de dignidade por deixar assim de lado, por alguns instantes, a sua gravidade costumeira, parecendo todos se divertirem no mais alto grau.

Os brasileiros têm familias numerosas, e não é incomum verem-se dez, doze, ou quinze filhos de uma mesma mãe. Vi um senhor — um plantador — na provincia de Minas Gerais, que era um dos vinte e cinco filhos da mesma mãe. Fui mais tarde apresentado a essa digna matrona, no Rio de Janeiro.

Estou convencido de que ha muito sentimento domestico entre os brasileiros. As festas de familias e os anniversarios são celebrados com entusiasmo. Embora o padrão da moralidade geral seja muito mais baixo do que nos Estados Unidos e na Inglaterra, acredito que seja superior ao da França, e ha um sentimento domestico difundido em todas as classes, que tende a fazer do brasileiro um homem mais amante da ordem que os gaulezes. Com uma religião pura, essas excelentes qualidades teriam feito dele um ente infinitamente superior a esses.

O menino brasileiro — Sua educação.

A educação do menino brasileiro é melhor do que a de sua irmã. Ha, contudo, uma grande dose de superficialidade: — Ele é transformado num “pequenino velho” artes de ter doze anos de idade, com o seu chapéu duro de seda preta, colarinho em pé e bengala; e, na cidade, anda como si todos estivessem olhando para ele, e como si o houvessem enfiado num colete. Não corre, não trepa, nem roda o arco ou atira pedras, como as crianças da Europa e da America do Norte. E’ mandado na mais tenra idade para um *colegio* onde cedo adquire o conhecimento da lingua francesa, e os rudimentos comuns da educação em portuguez. Embora os pais residam na cidade, fica interno no collegio e somente em certas occasões é visitado. Aprende a escrever em boa caligrafia, o que é um dom universal entre os brasileiros: e a maioria dos meninos das classes superiores são bons musicos, tornam-se adeptos do latim, e muitos deles, segundo dizem, falam ingles com certa fluencia.

O dia de exames era, antigamente, um grande dia, quando os pequenos estudantes mostravam-se apertados nas suas roupas, espessas, e sua mente “abarrotada” para o efeito da solenidade. Os meninos desempenhavam seus papeis, e os varios *professores*, exaltando as suas proprias funções, liam discursos “memoriam” diante dos pais maravilhados; tudo isso era realizado sob o patrocínio de um santo, padroeiro da escola, coroando-se os bons alunos, que ocupavam um assento mais alto durante as sessões. O collegio então entrava em ferias durante algumas semanas, e, de novo, se iniciavam as aulas para os “pequenos cavalheiros” estudantes. Tais coisas, porem, sofreram grandes mudanças para melhor, e muitos collegios são agora habilmente dirigidos.

Os diretores desses estabelecimentos, quando dotados de boas capacidades administrativas, ganham muito dinheiro. Um deles, com que fiz relações, após alguns anos de ensino,

depositou nos bancos vinte contos de reis. Os professores nem sempre moram no collegio, mas ensinam por hora percebendo uma certa quantia estipulada, podendo, assim, ensinar em certo numero de escolas durante o dia. A lingua inglesa tornou-se por tal forma um "desideratum" no Rio, que todos os collegios têm o seu "professor inglês".

Ultimamente tem havido grandes melhorias nos collegios, bem como nas escolas publicas. Os professores são fiscalizados por uma comissão sob as ordens do superintendente da instrução publica, sendo obrigados a comparecer na Academia Militar, para serem examinados nas suas habilitações para ensinar. Si passam nesses exames, que são muito rigorosos, recebem licença para ensinar, pelo que têm que pagar uma certa taxa; tambem os diretores devem sofrer um exame, se a comissão o julgar conveniente; e não podem dirigir os seus collegios, sem o certificado. As autoridades educativas tambem se arrogam o direito de visitar as escolas particulares, a qualquer hora do dia ou da noite, para examinar a proficiencia dos alunos, em qualquer epoca do ano, fiscalizar seus dormitorios, sua alimentação e tudo que diga respeito ao seu bem estar intellectual ou material; não é isso uma simples ameaça, mas as escolas são de fato visitadas e algumas se reformaram mais rapidamente do que o desejariam. O sistema de abarrotamento foi realmente sustado, e o Imperio tomou sob sua fiscalização a instrução ministrada tanto nas aulas particulares como nas publicas. Essa inovação educacional, na capital do Imperio, deve-se às medidas energicas tomadas pelo Visconde de Itaborahy, e pelo Dr. Manoel Pacheco da Silva, que presentemente é o diretor da primeira instituição classica do Rio de Janeiro, o Imperial Collegio de D. Pedro II. A nota da reforma já soou; os deveres atinentes aos professores e alunos foram plenamente investigados e a revolução se processou, apezar das queixas dos professores, que foram demitidos como incompetentes, e dos pais, que acham que seus filhos são rigidamente exami-

dados, sem serem promovidos nas escolas publicas sinão depois de provas decisivas de real adiantamento.

Ha um sistema de educação primaria que abrange todo o Imperio, mais ou menos modificado pela legislação de cada provincia. O Governo geral, durante os anos de 1854-II educou 65.413 crianças: — ha provavelmente muito mais do que informa o relatorio official, pois algumas são educados em estabelecimentos particulares, ou sob a direção de autoridades provinciaes. Quando, entretanto, consideramos o numero de escravos e de indios no Brasil, e refletimos que o sistema das escolas primarias está ainda na sua infancia, aquele total representa uma porcentagem animadora. Ha grandes defeitos nessas escolas elementares, mas, de ano para ano, vêm melhorando. Parece haver um certo interesse entre os homens cultos e os estadistas sobre o melhor plano de ensino a ser adaptado ao país. Esse interesse não se limita às classes superiores dos cidadãos; uma vez no interior, fui despertado das minhas meditações por alguém batendo em minha porta; abri-a apressadamente, e vi um respeitavel brasileiro, que me informou ser um mestre escola e que, sabendo que havia um americano na aldeia, prestes a partir naquela mesma manhã, ousara chegar àquella hora matinal (o sol apenas piscava sobre os coqueiros) para me perguntar se lhe podia dar alguma informação a respeito dos sistemas americanos de ensino, ou, mandar-lhe alguns documentos sobre o assunto. Na mesma localidade, outro professor falou-me dos relatorios de Horace Mann sobre as escolas primarias de Massachusetts!

Uma grande ignorancia domina ainda grande parte da população e, embora muitos anos ainda tenham que passar antes que um toleravel grau de conhecimento se tenha propriamente difundido, todavia o começo já foi feito e o proverbio francês se verifica aqui, como em outros pontos “ce n'est que le premier pas qui coûte”.

Na cidade do Rio de Janeiro, a instrução é dividida em primária, secundária e particulares (colegios). O Colegio

de D. Pedro II, as Academias Militar e Naval, a Faculdade Medica, assim como o Seminario Teologico de S. José, estão tambem sob a direção do Estado. Nas escolas particulares, estão matriculados cerca de 5.000 alunos.

Instrução Superior.

Cursando um desses estabelecimentos, os jovens brasileiros, chegam ao ponto mais alto de sua instrução. Um estabelecimento a que já nos referimos, e que ultimamente despertou maior interesse do que todos os demais, na capital do Brasil, foi fundado nos ultimos meses do ano de 1837, sob a denominação de Collegio de D. Pedro II. E' destinado a dar uma completa educação escolastica, e corresponde, ao seu plano geral, aos liceus estabelecidos na maioria das provincias, embora a sua dotação e patrocínio sejam provavelmente superiores aos de qualquer outro estabelecimento congênere. Na sua fundação houve uma ativa competição para constituir o seu professorado, composto de 8 ou 9 membros. Todos os postos, segundo se diz, foram preenchidos dignamente. A concurrencia de estudantes foi muito consideravel, para a constituição das primeiras turmas. Um ponto de grande interesse relacionado com essa instituição é a circunstância de que os seus estatutos prevêm expressamente a leitura e o estudo dos sagrados Evangelhos em língua vernacula. Algum tempo antes da fundação do Collegio a Biblia, era adotada em outras escolas e Seminarios da cidade, onde não ficaram menos consideradas depois de um exemplo tão digno de imitação da parte do collegio do Imperador. O reverendissimo Sr. Spaulding (*36) (que foi companheiro do Dr. Kidder, no Rio de Janeiro), applicou-se em fornecer biblias a um professor e a uma classe inteira de estudantes, tendo isso feito com grande satisfação por meio de uma oferta das Sociedades Biblicas e Missionarias.

As Academias Militar e Naval são destinadas à instrução sistematica dos jovens que vão para esses cargos públicos. Aos 15 anos de idade, todo rapaz brasileiro, que conhece os ramos elementares de uma educação geral, assim como a lingua franceza de modo a poder com facilidade traduzi-la no idioma nacional, pode applicando-se pessoalmente, ser admitido em qualquer um daqueles estabelecimentos. Tenho testemunhado raras cenas mais interessantes do que a reunião desses jovens para assistirem aulas da manhã. Isso faz reportar às Universidades do Norte, tal o vigor e o espirito manifestado pelos estudantes brasileiros, em seus exercicios ou competições, ou na explicação de qualquer ponto difficil da geometria e mecanica que levavam prontos para os seus mestres.

O exercito regular do Brasil é de cerca de 22.000 homens, a Guarda Nacional compõe-se nominalmente de mais de 400.000 homens.

A Academia Naval antigamente funcionava à bordo de um navio de guerra, ancorado no porto, e, assim introduzia-se desde cedo os seus alunos na vida do mar. (1865, a Academia foi transferida para a cidade).

A Academia Imperial de Medicina ocupa um grande edificio junto do Morro do Castelo, e é frequentada por estudantes em numero de mais de 300 em seus diferentes departamentos. Um corpo de professores, alguns dos quais educados na Europa, ocupam as diferentes cadeiras, e, pela sua reputação, garantem aos estudantes brasileiros um desenvolvido curso de preleções e estudos. A instituição está estreitamente ligada ao Hospital da Misericordia que, a qualquer hora, lhes oferece um vasto campo para observações medicas.

O Seminário Teológico de S. José exerce menor atração na juventude brasileira do que qualquer outro estabelecimento de educação no Rio.

O moço brasileiro.

O joven brasileiro (falo naturalmente do filho de familia de alta posição social) depois de deixar o collegio entra para a Academia Médica, ou, si tem inclinação guerreira, torna-se um aspirante ou um cadete, ou, possivelmente entra para o Seminario de S. José. Si tem vocação para o direito, é mandado para a Escola de Direito, de S. Paulo ou Pernambuco. O joven brasileiro não aprecia coisa nenhuma que seja vulgar, prefere ter uma fita dourada em volta de seu boné, um alto salario garantido, aos cuidados e trabalhos do escritorio. Os ingleses e alemães são os importadores, os portuguezes os trabalhadores, os franceses cabeleireiros e vendedores de modas, o italiano é o vendedor ambulante, o ilheo portuguez é o dono da venda, e o brasileiro é o cavalheiro. Todos os lugares que dependem do governo estão repletos de jovens adidos, desde os cargos diplomaticos até algum rendoso cargo na Alfandega. O brasileiro, sentindo-se superior a essas mesquinhas da vida, é um homem de lazeres, e, olha por baixo, com perfeita satisfação de si proprio, o estrangeiro que está sempre sobrecarregado, preocupado, atarefado. O brasileiro de 25 anos é um requintado. Veste-se pela ultima moda de Paris, usa uma bela bengala, seus cabelos são os mais macios e alisados que a escova pode fazer, seus bigodes irrepreensiveis, seus sapatos do modelo mais vistoso e do menor tamanho, seus diamantes brilhando e seus aneis excepçionaes: em suma, ele faz um alto conceito de si proprio e de sua indumentaria. O seu tema de conversação pode ser a opera, o proximo baile, ou alguma joven dama cujo pai tenha muitos *contos de réis*.

Apezar de tantos requintes, muitos destes homens, na vida pratica — no circulo diplomatico, na côrte, na Camara dos Deputados ou no Senado — demonstram não ser deficientes, tendo talento e capacidade. Todos eles, quasi, sa-

bem tornear uma frase, rimar quando querem ou fazer um belo discurso, “ore rotundo” acompanhado dos *apoiados* dos seus companheiros. Alguns poucos tornam-se belos eruditos, e são, em maior numero do que se pensa, bons leitores de boas obras. Muitos deles viajam durante um ou dois anos, são educados na Europa ou nos Estados Unidos. O interesse que os brasileiros, com D. Pedro II à frente, estão atualmente manifestando pelas sociedades cultas, — cujos membros são recrutados nas proprias classes acima mencionadas, — demonstram que, “o moço-velho” de 12 anos, de todo não se transformou, embora muito de supérfluo, brilhante e superficial se possa dizer do brasileiro que joga cartas, baila, e frequenta a opera, como parte essencial de sua existencia. De tais homens não se pode esperar muito de eficiente, para constituir a estrutura de grandes estadistas. Contudo o país tem feito admiravel progresso e deve-se acrescentar que, de tempos em tempos, se elevam alguns das baixas classes da sociedade, verdadeiros homens de energia, que se tornam pioneiros, pois nada ha relacionado com a origem ou a cor de um homem que o conserve inferior no Brasil.

Não deve pensar o leitor que o brasileiro assim descrito não é o retrato da grande maioria dos cidadãos do Imperio, porque apenas representa as classes altas geralmente encontradas nas cidades. Ha exceções; porem a mesma religião e o mesmo modo de pensar deram, em maior ou menor grau, certa semelhança a todos os que constituem as mais altas camadas da sociedade, donde provêm os magistrados, os funcionarios, os diplomatas e os legisladores. O seu maior defeito não é a falta de uma educação polida, mas a falta de uma moralidade profunda e de uma pura religião. Sem elas, um homem pode ser amavel, requintado, cerimonioso; mas, a ausencia delas o torna irresponsavel, insincero e egoista. Como a nação é feita de individuos, deve ser um ardente desejo de todos os cristãos e filântropos que esses povos do Sul, que tão favoravelmente são feitos para

progredir como nação, devem ter alguma cousa que seja muito superior a um mero requinte de educação.

Os deveres do cidadão.

Os deveres dos cidadãos brasileiros vêm claramente definidos na constituição e nas leis ordinarias do Imperio. Cada cidadão do sexo masculino que atinge a maioridade tem o direito de votar, si possui uma renda de 100\$000. Os frades, os domesticos e os individuos que não têm semelhante renda bem como, naturalmente, os menores, são excluidos do voto. Escolhem-se os deputados à Assembléa Geral por meio de eleição, por um periodo de 4 anos. O Senador, que tem a sua posição vitalicia, é eleito de modo algum tanto diferente dos Deputados. Os eleitores, escolhidos por sufragio universal, colocam suas cedulas para os candidatos que aspiram à cadeira senatorial. Os nomes dos três que alcançam a mais alta votação na lista são mandados ao Imperador que escolhe um dentre eles e assim aquele que foi escolhido pelo povo, pelos eleitores e pelo Imperador assume o seu posto por toda a vida na Camara Brasileira dos Pares. Parece haver grande sabedoria em todas essas medidas conservadoras, e a excellência das mesmas ainda é mais enaltecida quando examinadas as diferentes leis e requisitos que regulam as eleições e os candidatos nas nações da America espanhola. A Camara dos Deputados compõe-se de 111 membros, e o Senado, de acordo com a Constituição, deve conter a metade desse numero. Os legisladores das provincias são escolhidos diretamente pelo povo.

Eleições.

Uma eleição no Brasil não é muito diferente de uma eleição nos Estados Unidos. O Rio de Janeiro é dividido em 10 ou 12 freguezias, ou distritos. Uma lista de votantes em cada freguezia é organizada e publicada, algumas

semanas antes da eleição, designando o Governo funcionarios e fiscais para cada uma delas. As eleições são feitas nas Igrejas. Quando um americano exprime a um brasileiro a sua surpresa em relação a essa aparente inconsistencia, num país catolico, — onde a importancia dada ao templo visivel é tão grande como se ele fosse, a propria entrada do ceu, — nenhuma resposta satisfatoria é obtida. A única teoria, pela qual o fluminense tenta explicar o facto, é a suposição de que quando o Governo Constitucional foi adotado, pareceu conveniente emprestar solenidade ao acto do voto, pois os homens, no edificio sagrado, e diante do altar dominar-se-iam contra atos de violencia de que estariam mais bem abrigados na igreja do que em qualquer outro edificio secular.

A experiência, contudo, mostrou que os odios politicos sobrepuzam toda a veneração religiosa; pois dizem que, em certas ocasiões, em algumas das provincias, os eleitores desesperados agarraram os castiçais das velas e as delicadas imagens dos altares, para convencerem à força a cabeça dos seus adversarios.

Uma caixa em forma arredondada, com o aspeto de uma arca de couro, é cercada pelos funcionarios e fiscais; o voto é entregue ao presidente; o nome do votante é anunciado e a cédula é então depositada na urna. Grupos formados por populares, ativos eleitores e distribuidores de votos, podem-se ver no interior e nas cercanias da Igreja, como os bandos de “*unterrified*” nas proximidades dos postos eleitorais nos Estados Unidos. O governo tem grande poder nas eleições atravez dos seus numerosos agentes, mais, muitas vezes, sofre derrotas. A autoridade suprema tem o direito de anular uma eleição em caso de violencia ou processo fraudulento.

Partidos politicos.

Os partidos politicos eram os *de dentro* e o *de fora*, isto é o governo e a opposição. Os principais partidos

tinham antigamente o seu programa muito fechado, sob os nomes de Saquaremas (Conservadores) e Luzias (Progressistas). Esses nomes derivam de duas freguezias sem importancia das provincias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Os liberaes (1866) estão agora de *dentro*.

Esses partidos por muitos anos lutaram pelo poder, e por questões de principio, tão ardentes foram as suas lutas que, às vezes, parecia bater-se mais pelo mando do que pelo successo de seus principios. Os Luzias se comprometiam a promover o bem estar do Brasil, com adoção de leis e regulamentos para os quaes os Saquaremas não julgavam o país preparado. Ambos lutaram por muitos anos tendo em suas mãos alternadamente as redcas do Governo. Finalmente triunfou o partido Saquarema, que em 1848 a 1864, esteve á frente dos negocios publicos. (1866, os partidos chamam-se agora Liberal e Conservador).

Em 1854 os dois partidos quasi se reconciliaram, havendo poucos dissidentes. Isto foi devido à sabia politica dos Saquaremas. Fizeram muito bom emprego de sua grande influencia, adotaram algumas idéas dos seus adversarios e, promoveram em empregos officiais muitos dos Luzias, que eram homens de conhecida habilidade e probidade.

Essa reconciliação foi na maior parte devida a tatica politica do falecido Marquez do Paraná, que era um politico habilissimo, e fluente orador. Era um exemplo de homem de talento conquistando pelo seu engenho e energia as mais altas posições na graça do monarca e do povo. Sabia bem como empregar a intriga, e o seu carater moral não era, de modo algum, sem macula; comtudo, por ocasião de sua morte, em Setembro de 1856, o espirito partidario foi posto de lado, as faltas do homem, esquecidas, e apenas lembrados a sua energia e o seu talento.

Estadistas brasileiros.

Entre os notaveis politicos e oradores do Brasil, pode-se contar o Marquez de Olinda, (Pedro de Araujo Lima) que foi educado na Universidade portuguesa de Coimbra, e tem dedicado mais de 30 anos de sua vida ao serviço do país. Foi regente durante a minoridade do Imperador, e, por varias vezes, membro do gabinete.

O Marquez de Abrantes, (Miguel Calmon du Pin) habil diplomata consumado financista, e notavel orador, foi em diferentes periodos membro do gabinete, tornando-se ainda mais conhecido por uma obra em que relatou a sua missão diplomatica na Europa. O Marquez de Abrantes foi presidente de uma das uteis e importantes sociedades do Brasil, — a “Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional” — sociedade particular de homens cujo objeto é fazer progredir os interesses agricolas, mecanicos e minerais do país pela importação de maquinismos modelos, pela correspondencia com agricultores e fabricantes de todo o mundo, pelo combate à indiferença e indolencia e todas as desastradas rotinas da agricultura, e pelo desenvolvimento dos recursos do país. (Morreu em 1865).

Entre os Estadistas veteranos pode-se mencionar o Senador Vergueiro (que foi regente durante a minoridade de Pedro II) que materialmente fez progredir a prosperidade de seu país, promovendo, à sua propria custa, a imigração europeia. Um retrato mais minucioso desse nobre octogenario encontra-se em outro capitulo (Morreu em 1860).

O Visconde do Uruguay (Paulino José Soares de Souza) foi antigamente orientador da politica brasileira, tendo sido Ministro das Relações Exteriores quando o cruel ditador Rosas foi vencido pelos exercitos aliados do Brasil e da Argentina e expulso de Buenos Aires. (Morreu em 1866).

O Visconde de Itaboray (Joaquim José Rodrigues Torres), é um habil financista, que foi por varias vezes

membro do gabinete. Deve-se-lhe a reforma do Tesouro publico, assim como a criação de um Banco Nacional. Recentemente empenhou-se em promover os interesses da educação e reformar instituições publicas. Suas vistas acerca de vapores e estradas de ferro são bastante estreitas.

O Visconde de Abaeté (Antonio Paulino Limpo de Abreu), foi muitas vezes Ministro das Relações Exteriores, sendo um brilhante e persuasivo orador.

O Visconde de Sepetiba (Aureliano de Souza Oliveira) que tambem, por varias vezes, foi membro do gabinete, foi um dos primeiros que promoveu a organização de companhias para levar avante diversas empresas de progresso interno. (Morreu em 1855).

O atual (1857) Ministro da Marinha, (João Mauricio Wanderley) foi presidente durante 3 anos da provincia da Baía, e dirigiu seus negocios com tanta energia e prudencia que foi investido da honra de ser convidado pelo Imperador a tomar parte no Gabinete. (Agora é o Barão de Cote-gipe).

Zacarias de Góes e Vasconcelos, primeiro presidente da nova provincia do Paraná, é um brilhante orador, tendo sido convidado para membro do gabinete que subiu em 1853. (E' chefe do gabinete em 1864-66).

Luiz Pedreira do Couto Ferraz, embora relativamente joven, foi chamado a posições de alta dignidade e confiança, e em 1854, a 1857, exerceu o importante posto de Ministro do Imperio.

O Marquês de Caxias, (*37) ministro da Guerra do Gabinete que por tantos anos esteve à frente do governo, — foi, pela morte do Marquês de Paraná, colocado pelo Imperador no Ministerio das Finanças. E' um cavalheiro de grande habilidade, afavel em suas maneiras, e notavel como comandante em chefe dos exercitos brasileiros na guerra contra Rosas, e, em 1865-66, contra o Paraguai.

O Visconde de Jequitinhonha, (Montezuma) (*38) como politico, diplomata, jurisconsulto, figura entre os primeiros

homens do Imperio. (1865, tem pronunciado fortes discursos pela emancipação dos escravos).

O Brasil tem sido bem representado nos países estrangeiros, e seu corpo diplomatico não é, como o dos Estados Unidos, recrutado entre os meros partidarios políticos, mas seus membros são feitos para o seu posto, pela educação, disciplina e promoção gradativa, à maneira da carreira diplomatica da Inglaterra e da França.

Entre eles, nenhuma figura mais alta do que o Barão de Penedo, (*39) que representou o Brasil, nos Estados Unidos, de 1852 a 1855. Esse distinto cavalheiro, como advogado no Rio de Janeiro, muito se notabilizou, e, é atualmente Ministro junto à Corte de St. James. E' um homem de variada cultura e vistas largas de verdadeiro estadista.

Esses são apenas alguns dos principais homens do Imperio, impedindo-nos a falta de espaço de mencionar muitos outros.

Os titulos de nobreza foram por nós citados varias vezes, nas paginas anteriores, e pedem uma explicação.

A nobreza no Brasil não é hereditaria, porem "benemerito" e, não confere interesses de terra ou influencia politica. Si um brasileiro se distinguu pela sua capacidade como estadista, seu valor ou sua filantropia e recebe privilegio de nobreza, do Imperador, o seu filho não se torna por isso, nobre, o titulo se perde para a familia, com a morte do seu possuidor. Os titulos de nobreza são seis: Marquez, Conde, Visconde com *Grandeza*, Barão com *Grandeza*, Visconde e Barão. Ha tambem seis ordens dignitarias. (35).

(35) Nota de 1866: — Em outro capítulo, fazemos menção de outros estadistas brasileiros, porém não podemos deixar de referir aqui os seguintes: Visconde de Camaragipe, chefe conservador de Pernambuco; Sr. Sinimbú (*40), juiz, senador e ministro; Sr. Paranhos, illustre como senador, diplomata, ministro, e orador; Sr. Souza Franco, senador pelo Pará. O Sr. Otaviano ocupa alta posição entre

os escritores, oradores e diplomatas. Os irmãos Ottoni são bastante conhecidos, um como chefe político, outro como promotor de diversos melhoramentos internos. Silveira da Motta, honrosamente conhecido pelos seus projetos sobre a emancipação dos escravos. Nabuco, como ministro e senador, é um cavalheiro de grande prestígio. Saraiva, ex-ministro dos Negócios Exteriores, é um homem habil, franco e enérgico; já foi dono da situação, e os interesses do Brasil durante a guerra do Paraguai receberam novo impulso pela mudança de gabinete que trouxe Saraiva ao poder. Sr. Sá e Albuquerque é um jovem estadista de grande futuro. O Barão do Prado, possuidor de rara cultura científica, presidiu dignamente a Câmara em 1864-65. José Bonifácio, Pedro Luiz, Junqueira, e muitos outros, são novas personalidades que surgem. Martinho Campos é um deputado de grande independência e vistas largas. A. C. Tavares Bastos, o mais moço dos estadistas brasileiros, tem atraído muita atenção, dentro e fora do país, pela sua política liberal em relação a reformas do comércio, educação e administração. Entre os principais diplomatas, ainda não mencionados, estão os dois Lisboa, um em Paris e outro em Bruxelas, e o Sr. d'Azambuja, por largo tempo sub-secretario de Estado, atualmente em Washington. O Sr. C. F. Ribeiro, deputado pelo Maranhão, é um ex-aluno de Yale.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 33bis) Barão do Andaraí.

(* 34) Dr. Manuel Pacheco da Silva, Diretor do Colégio de Pedro II.

(* 35) Constancia, na Serra dos Órgãos, situada provavelmente próximo do atual "Quebra-Frascos" em Terezópolis, Estado do Rio. A fazenda do Sr. Marsh, depois ocupada pelo "Hotel Bessa", fica no atual Alto de Terezópolis e é referida por todos os historiadores da cidade fluminense; mas, nem mesmo no seu maior historiador, Armando Vieira, ha referências ao hotel do Sr. Heath, na então localidade de Constância.

(* 36) Sobre o Rev. Spaulding, lê-se, no "Expositor Christão" de julho de 1936, em artigo sobre a história do Protestantismo no Brasil, o seguinte: "Justin Spaulding, juntamente com Daniel P. Kidder, John Dempster e J. F. Thompson e outros pioneiros que, de 1836 em diante, levaram avante a obra iniciada por Pitts".

(* 37) Luiz Alves de Lima e Silva, depois Duque de Caxias.

(* 38) Francisco Gê Acaiaba de Montezuma.

(* 39) Francisco Ignacio de Carvalho Moreira.

(* 40) Damos por extenso os nomes citados nesta nota: João Luiz Vieira Cansação de Sinimbu, José Paranhos (Visconde do Rio Branco), Francisco Octaviano de Almeida Rosa, Benedito e Teófilo Ottoni, José Antonio Saraiva, José Bonifácio, o Moço (sobrinho do Patriarca), Pedro Luiz Soares de Souza e Luiz José Junqueira Freire.

CAPÍTULO XI

Praia Grande e S. Domingos.

O Rio de Janeiro, algumas vezes denominado a *Corte* pelos brasileiros, si bem que situado na provincia do mesmo nome, é a Capital sómente do Imperio. Praia Grande, do lado oposto da baía, é que é a capital da provincia do Rio de Janeiro. A primeira está num distrito neutro, como o distrito de Columbia nos Estados Unidos, e todas as leis dessa metropole, como as de Washington, emanam do Governo Geral.

Barcas-ferreas, semelhantes às dos Estados Unidos, atravessam de meia em meia hora, a baía, entre a Corte e Praia Grande, tocando na pequena povoação de S. Domingos. A travessia é feita em 30 minutos, e proporciona uma bela vista da entrada do porto, de todo o litoral do Rio e dos seus varios ancoradouros. Essas barcas americanas foram introduzidas pelo Dr. Rainey (*41)

Praia Grande e S. Domingos estendem-se em volta de uma baía semi-circular, contando provavelmente cerca de 16.000 habitantes. Devido ao socego e barateza de vida que aí se desfrutam, muitos preferem esse lado da baía à "urbs fluminis" para residência. Tive aí, frequentemente, serviços religiosos e o sabado parece mais um dia de repouso do que no Rio, onde tantas lojas ficam abertas, e a população geralmente se entrega a diversões. Em relação à observância do dia de repouso, os brasileiros não são mais escrupulosos do que os seus correligionarios da França e da Itália. Paradas militares frequentemente se realizam nesse dia, como em qualquer outro; e as operas, teatros e bailes são provavelmente mais frequentados, do que durante as tardes dos dias comuns. Todos os estabelecimentos estrangeiros se fecham; porem muitos dos nacionaes e quasi

todos os pertencentes a pequenos negociantes franceses fazem tantos negocios, pelo menos de manhã como na segunda-feira ou nos sábados. Deve-se, porem, levar em conta, em favor dos brasileiros, que se fizeram grandes progressos a esse respeito. Antigamente não se fechava nenhuma casa de negocios, ou escritório, no domingo, e esse dia, durante alguns anos, era o preferido na semana para realizar leilões publicos. Estes foram porem suprimidos pelas autoridades, e, em 1852 numerosos negocios dirigidos por brasileiros foram por um convenio interrompidos no que respeita às vendas em hasta publica; mas, esses motivos não foram de modo algum tão notaveis como a supressão de leilões. Na discussão que se levantou a respeito do descanso de sabado, o bispo do Rio de Janeiro e os principais jornaes, tomaram parte ativa. Não obstante todas essas melhorias, o dia do Senhor é ainda dia de divertimentos e negocios, pelo menos no que diz respeito aos brasileiros; e sua profanação é tal que choca mesmo os que não estão acostumados com a rigorosa observancia desse dia, na Inglaterra, na Escocia, ou nos Estados Unidos.

Em Praia Grande e S. Domingos, vêem-se belas *chacaras* e quietos e sombrios recantos, cuja deliciosa fragrância e frescor contrastam agradavelmente com os bancos da barca a vapor.

Vinte minutos de passeio pela praia nos levam a sitios muito pouco habitados, onde se pode ver cafeerios, com suas frutas em forma de cereja, as mangueiras de nobre cimo abobadado, cujos frutos são tão apreciados pelos ingleses das Indias orientais, e laranjeiras cuja carga amarela e rica nunca se torna monotona para a vista, nem demais para o paladar.

A mandioca.

Aí, também, podem ver-se campos de mandioca, planta que está tão associada à alimentação do Brasil, como

o trigo aos climas setentrionais. Essa planta (*Jatropha manihot* L.) é a principal alimentação farinacea do Brasil, merecendo por isso uma descrição especial, sendo a sua peculiaridade a coexistencia de um veneno mortal com qualidades altamente nutritivas. E' indigena no Brasil, e foi conhecida pelos índios, muito antes da descoberta do país. Southey observa: "Si Ceres merece um lugar na mitologia dos gregos, muito mais mereceria a deificação aquele índio que dizem ter ensinado aos seus contemporaneos o uso da mandioca". E' difícil imaginar como os selvagens puderam descobrir que um tão salutar alimento podia ser preparado com a raiz da mandioca.

Essa preparação se faz raspando a raiz até alcançar uma fina polpa, por meio de ostras, ou com instrumento feito de pequeninas pedras agudas, colocadas em um pedaço de casca de arvore, de modo a formar uma raspadeira primitiva. A polpa é então triturada ou moida com pedra, sendo o sumo cuidadosamente espremido, evaporando-se a mistura resultante ao fogo. A operação é julgada prejudicial à saude e os escravos que se incumbiam dela juntavam flores de *Inhanbi*, e raizes de *Urucú*, à farinha que comiam, (para fortalecer o coração e o estômago).

Os portugueses desde cedo inventaram moinhos e prensas para tal fim. Costumavam espremer a mandioca em tinas, e colocavam-na onde não pudesse sofrer dano algum. Nesses lugares, segundo contam, um inseto branco se gerava do sumo mortífero, inseto este não menos mortal, com que as mulheres nativas, às vezes, envenenavam os maridos, e os escravos os seus senhores, misturando-o ao alimento. Um emplastro de mandioca, feito com o sumo, era considerado excelente para tumores. Era ministrado para vermes e aplicado às feridas, para comer a carne estragada. Alguns venenos tambem, assim como a mordedura de certas cobras, tinham na mandioca um soberano antídoto. O simples sumo era usado para limpar ferro. As qualida-

des venenosas estão confinadas na raiz, pois as folhas da planta são comidas, e o proprio sumo pode ser inócuo, pela fervura, ou pela fermentação em vinagre, ou ficando em repouso até tornar-se doce bastante para ser tomado como mel.

A raiz crua, não se pode conservar por mais de três dias, e a minima fermentação estraga a farinha. Piso observou grandes devastações entre as tropas de animais, que a comiam nesse estado. Ha dois modos de preparação, pelos quais pode ser facilmente conservada. As raizes são partidas em baixo d'água e, depois, endurecidas ao fogo. Quando se precisa emprega-las, são moidas em pó fino, que, misturadas com agua, se tornam parecidas com creme de amendoas. O outro método era o de macerar a raiz n'água, até que apodrecesse, e então levar-a a secar ao calor da fumaça; isto produzia, quando socado em pilão, uma farinha tão alva quanto alimenticia. Dessa forma é que frequentemente a preparavam os selvagens. A preparação mais delicada, porem, é espremer-a atravez de uma peneira, e levar imediatamente ao fogo, numa vasilha de barro. Si, em seguida, é granulada, constitue excelente alimento, tomado frio ou quente.

O modo nativo de cultivo era rude e sumário. Os índios derrubavam as arvores da floresta, deixavam-nas ao relento, até ficarem secas bastante para poderem ser queimadas, e, em seguida, plantavam a mandioca entre os tocos das antigas arvores. Comiam a farinha sêca por um modo que frustraria todas as tentativas de imitação. Tomando-a entre os dedos, jogam-na dentro da boca, com habilidade tal que não perdem um grão. Nenhum europeu conseguiu ainda executar esse feito sem encher de pó o rosto ou a roupa, com grande divertimento para os selvagens.

A mandioca fornece-lhes tambem elementos para as bebidas de seus banquetes. Preparavam-na por um engenhoso processo, que os selvagens tiveram bastante argucia

para inventar, mas nunca pureza bastante para regeitar. As raízes eram cortadas em fatias, fervidas até amolecer e retiradas para esfriar. As mulheres moças mastigavam-nas, depois do que voltavam a colocá-las na vasilha, que enchiam dagua, e, mais uma vez fervidas, eram mexidas durante o tempo todo. Quando este processo se tinha continuado por tempo suficientemente longo, o seu conteúdo era derramado em vasos de barro de grande tamanho, enterrados no meio do chão das casas. Os vasos eram fechados hermeticamente, e, passados dois ou três dias, dava-se a fermentação. Tinham uma velha superstição, que a preparação não prestaria para nada se feita por homens.

Quando chegava o dia das bebidas, as mulheres acendiam fogueiras em volta dos vasos, e serviam a poção quente em meias cuias, que os homens vinham dançando e cantando receber, esvaziando-as sempre de um trago. Nunca comiam nessas ocasiões, porem bebiam sem parar, até chegar a ultima gota da bebida, e, tendo esvaziado todos os vasos de uma casa, passavam para a seguinte, até que acabassem de beber em todas as casas da aldeia. Essas reuniões costumavam ser feitas uma vez por mês. Lery assistiu a uma que durou três dias e três noite. Assim o homem, em todas as idades e paises, dá prova de sua depravação, convertendo às dádivas de uma bondosa Providência, em meios de sua propria destruição.

A mandioca é difficil de cultivar, — as especies mais comuns requerem de 12 a 18 mezes para amadurecer. Suas raízes têm grande tendencia a se espalharem. Pedacões cortados da planta são fincados em grandes morros, que ao mesmo tempo contrariam aquela tendencia e fornecem à mandioca o solo seco, que ela prefere. As raízes, quando desenterradas, apresentam uma textura fibrosa, correspondendo no aspeto aos da nossa cenoura branca. O processo de preparação consiste primeiro em lavar as raízes, depois retirar a casca, feito o que as fatias são cortadas a mão em

contato com uma serra circular, movimentada pela água. O material pulverizado é, em seguida, colocado em sacos, alguns dos quaes são sujeitos a ação de uma prensa ou parafuso, para expulsão do liquido venenoso. As massas, assim solidificadas por pressão, são cortadas e trituradas, em pilões. A substancia é depois levada a fornos abertos, ou, prateleiras côncavas, aquecidas por baixo, onde é constante e rapidamente misturada até ficar completamente seca. A apparencia da farinha, quando bem preparada, é muito alva e bela, embora as suas particulas sejam um tanto grosseiras; encontra-se em todas as mezas brasileiras formando grande variedade de pratos saudaveis e gostosos. A fina substancia depositada pelo suco de mandioca, quando conservada e deixada repousar por algum tempo, constitue a *tapioca* do commercio, tão bem conhecida nas cozinhas da Norte America e da Europa, e que atualmente constitue um valioso produto de exportação do Brasil.

Outra especie, denominada *aipim*, (Manihot Aipim) é commum no Brasil. E' destituída de qualidades venenosas, e é comida, cozida ou assada, sendo um pouco inferior à batata ou à grande castanha da Italia. Alem disso, tem a vantagem de exigir apenas oito meses para amadurecer, embora não possa ser convertida em farinha.

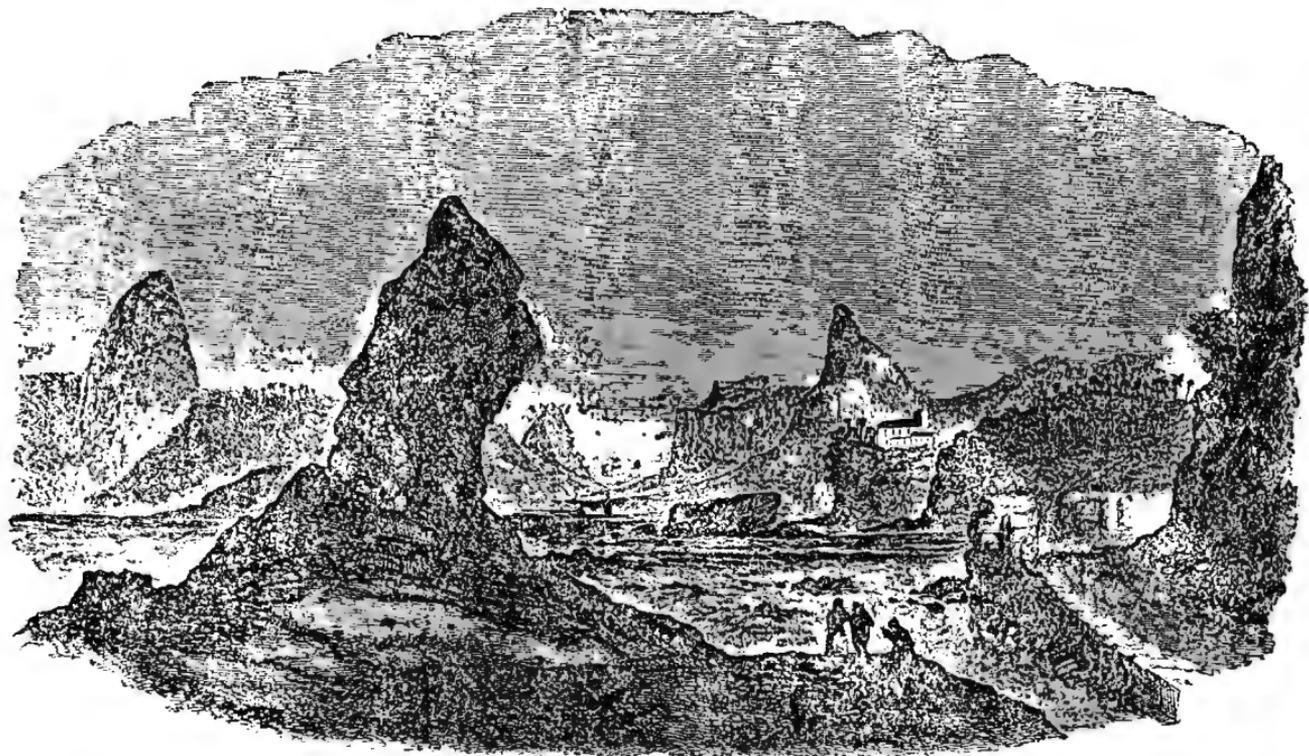
Ponta da Areia — Ingá.

Não longe da Praia Grande existe a fundição e fabrica de maquinas e estaleiros de Ponta da Areia, onde 400 ou 500 mecanicos e operarios sob a direção de europeus e brasileiros, realizam trabalhos importantes de grande tamanho. No anno de 1854, alem de caldeiras e alambiques, esses estabelecimentos construíram quatro vapores, com suas maquinas, e atualmente estão nos seus estaleiros mais dois vapores e uma barca.

A parte mais atrativa porem, deste lado da baía, é a pacifica e bela rua do Ingá e tambem a Praia de Icarai.

Descansamos num logradouro, — se assim se pode chama-lo — encimado por graciosas arvores de sombra, e, do outro lado, quasi escondido por sebes de mimosas, parreiras, trepadeiras floridas, plantas altas e cactus de flores brilhantes, entre elles avistando-se os tetos vermelhos e os arabescos azues das casas de campo brasileiras. Em poucos minutos alcançamos a praia de Icaraí, onde a brisa do mar atira as ondas, em escuma brilhante, contra a praia coberta de conchas. O espetaculo do fundo desse panorama é de indescritivel beleza e grandeza, e a vista das montanhas circundantes e do Rio de Janeiro, que se aninha ao sopé das mesmas, trouxeram-me a mente as observações do Sr. Hillard, em relação à Napoles e Edinburgo, quando diz: — “As obras das mãos humanas estão subordinadas aos grandes e dominadores aspetos da natureza que as circunda e cobre... as linhas e os contornos magnificos da paisagem sobrepujam a propria cidade”.

Quando contemplava do escabroso penhasco do Ingá as ondas rolando em baixo, — a graciosa baía de Jurujuba em forma de lagoa na nossa esquerda, a ilhota da Boa Viagem, na nossa frente, coroada com sua pitoresca capela, tão cara aos marinheiros e beijada pela brisa das palmeiras, eu, silenciosamente, me maravilhava contemplando, alem no mar, o vulto gigantesco do Pão de Açucar, dos Três Irmãos, da Gávea com o seu cimo largo, o colunar Corcovado, e a distante Tijuca, — e pude avaliar as emoções daquele dedicado escritor quando reconheceu a impossibilidade de descrever o panorama italiano, de que o brasileiro é igual em beleza, e superior em sublimidade. O que o dr. Hillar disse dos majestosos arredores de Napoles é duplamente verdadeiro, applicando-se à vista que se tem do Ingá: “Que palavras poderiam analisar e descrever as partes e as minucias desse panorama sem rival! ou, traçar a magica teia de beleza em que se tecem os palacios, as vilas, florestas, jardins, montanhas, e o mar! Que pena seria capaz de descrever



Vista de Ingá, São Domingos e Baía do Rio de Janeiro

as curvas suaves, as delicadas ondulações, os contornos ondeantes, as escarpas escabrosas e as alturas distantes, que, pela sua combinação, são tão cheias de graça e de expressão ao mesmo tempo! As palavras aqui são instrumentos imperfeitos, que devem ceder seu lugar ao lapis e ao buril. Mas nenhuma tela poderá reproduzir o brilho e a côr, que pairam em torno desta região encantadora. Nenhuma habilidade poderia exprimir os tons mutaveis das montanhas distantes, o constante agitar-se das ondas, em movimento, as faixas de purpura e verde, que se espalham na superficie das aguas calmas, os poentes de ouro e alaranjado, e, os veus aereos de rosa e ametista, que, se estendem sobre os morros, nos céus matutinos e vespertinos”.

Semelhante espetáculo, pode ser *sentido*, porem não descrito.

Dámos agora, a volta da praia e deixámos a magnifica “Vista do Ingá” procurando os morros coloridos de tons avermelhados que ficam no fundo da baía de Jurujuba; veremos com frequencia nessas excursões trechos do solo recentemente revolvidos.

Os tatús.

Quem os revolveu foram os *tatús* (“armadillos”); com o seu focinho pontudo, suas fortes garras, esse pequeno animal, armado de um escudo, admiravelmente se adata à operanção de cavar buracos, o que faz com tão maravilhosa rapidez, que é quasi impossivel apanha-lo cavando a terra em que se esconde. Os caçadores, em tais circunstancias, recorrem ao fogo, e obrigam pela fumaça o tatú a sair do seu esconderijo. Não conseguindo suportar a fumaça da madeira queimando, o pobre animal foge pela abertura recentemente feita, enrola-se em si mesmo, e é facilmente capturado, sendo a sua delicada carne enviada logo para a cozinha. Esse poder de enrolar-se em si proprio tão completamente dentro de sua carapaça, dá-lhe um aspeto semelhan-

te ao da pedra redonda ou do côco, o que constituiu um cuidado da bondosa Providencia. O tatú não pode correr com rapidez, e, quando atacado por aves de rapina, ele se enrola como uma bola de neve, e oferece apenas uma superficie uniforme impropria aos bicos, e ás garras, ou então, perseguido pelos cachorros ou algum pequeno quadrupede, “engole-se a si mesmo” e rola pelo morro abaixo. Tenho, diante de mim, um exemplar de tatú que foi pegado nessa posição enrolada, e posto imediatamente em agua fervendo, o que o conservou na interessante posição. Tão pouco parece-se então com o animal vivo, cujo aspeto natural é alongado, que nenhum amigo, a quem o mostrei, pode adivinhar o que era, quasi todos tomando-o por uma extranha nóz brasileira.

As faluas.

Regressando ao Rio de Janeiro, pode-se variar o modo de condução tomando passagem numa *falua*. E' uma especie de bote, com velas latinas, pesando vinte ou quarenta toneladas. E' manejada por um patrão, que cança e torna exaustos os pobres pretos remadores. Quando faz calma-ria, os negros mais que semi-nús, lentamente movimentam seus longos remos, e esses são tão pesados que, para obter um impulso, são obrigados a trepar numa especie de banco diante deles, e assim levantando e deixando cair os remos ao som de uma monotona cantiga africana, formam um dos aspetos mais peculiares do Rio. Muitos passageiros das classes mais pobres viajam nessas falúas, porem elas são principalmente usadas no transporte de carga leve, entre as varias povoações da margem da bacia. Se tomarmos a falua na Saude, atravessaremos grande quantidade de navios, ancorados no porto.

O commercio brasileiro.

O grande interesse do commercio brasileiro atrai um imenso numero de navios, de todas as partes do mundo. O proprio Brasil possui a segunda frota do mundo occidental, e suas fragatas a vapor e transportes de guerra prestaram capital serviço na vitoria sobre o tirano Rosas de Buenos Aires. Desde 1839, que o Brasil conta com linhas de vapor, que percorrem todas as quatro mil milhas do seu litoral, mas foi somente em 1850, que se estabeleceu a comunicação por meio de vapores com a Europa. Foi então que a "Royal British Mail Steamship Company", cujos navios partiam de Southampton, iniciou as suas viagens mensais. Em 1857, o Brasil teve por algum tempo seis diferentes linhas de navegação a vapor ligando a Inglaterra França, Hamburgo, Portugal, Belgica e Sardenha.

Linhas de navegação para os Estados Unidos.

Os Estados Unidos, que até aqui foram o grande rival comercial da Inglaterra no Brasil, não possuem uma só linha de vapores para qualquer país da América do Sul; e, ao passo que a Inglaterra está colhendo grandes rendas em ouro, a balança do commercio cada ano pesa contra nós. Apesar disso ser tão evidente, parece extranho que o governo da União, que tem auxiliado a desenvolver os nossos interesses mercantis, subsidiando as linhas de vapores que se dirigem a outras terras, se haja mostrado muito tardo em relação à America do Sul, e principalmente esquecido do Brasil.

O commercio inglês com o Brasil, desde a fundação de sua primeira linha de vapores em 1850, aumentou as suas exportações de mais de 100%, ao passo que os Estados Unidos exigiram treze anos para fazer o mesmo progresso. O seu commercio total com o Brasil aumenta de 225%, desde

a inauguração da primeira linha de vapores. Cada ano, a balança do commercio vem aumentando rapidamente contra nós. Em 1860-61, os Estados Unidos exportavam para o Brasil, 6.018 contos, ao passo que os Estados Unidos importaram do Brasil 22.547 contos; ou, em outras palavras, um só ano de commercio com o Brasil produz, contra nós, o saldo de 16.528 contos, que temos que pagar a uma pesada taxa de cambio. A Inglaterra em 1864, vendeu ao Brasil 40.612 contos, e, comprou-lhe apenas 33.079 contos tornando assim o Brasil seu devedor. Porque esse desastre financeiro contra nós? Os vapores inglezes, a energia e o capital desse país, e a nossa negligencia fizeram desse modo progredir o commercio da nossa rival.

O nosso governo, e os nossos commerciantes, apesar de seus orgulhosos empreendimentos, nada fizeram para animar o commercio com o Brasil. Comprando, como nós o fazemos, metade da sua safra de café, e a maior parte da sua borracha, devia haver um esforço de nossa parte para introduzir efetivamente muitos productos de nosso país, que podemos fornecer tão bem como a Inglaterra. O nosso algodão comum é melhor do que as imitações manufaturadas em Manchester, que ainda são rotuladas "Lowell, drillings" e "York Mills, Saco, Me." Podemos fornecer muitas especies de ferramentas e outros artigos mais baratos e de melhor qualidade do que os ingleses. Os poucos esforços feitos individualmente (como é o caso de varios commerciantes americanos) para introduzir máquinas economizadoras de trabalho, fabricadas nos Estados Unidos, já deram como resultado o estabelecimento de numerosas casas brasileiras no Rio de Janeiro, onde se podem adquirir varios artigos com o expressivo nome de "*artigos norte americanos*".

Em 1856, os Estados Unidos adquiriram um terço da exportação total do Brasil, mas as importações dos Estados Unidos para o Imperio foram apenas um decimo da importação brasileira. Esse assunto exige estudos individuais e

oficiais do governo dos Estados Unidos. Não entra nos meus propositos estender-me mais longamente sobre ele, porém os estatísticos e os economistas, bem como aqueles que estão empenhados no commercio, encontrarão nas publicações estatisticas muitas informações a respeito das nossas relações commerciaes com o Brasil; ainda neste assunto, mencionarei os esforços empregados por varias pessoas, que figuram entre os primeiros que previram os beneficios resultantes da communicação a vapor entre o Brasil e os Estados Unidos.

Ao Sr. William Wheelwright, Esq. (energico fundador e emprehendedor da Pacific Mail, na costa occidental da America do Sul, comprador da Copiapo Railway, e atualmente principal contratante da construção da grande "Argentine Central Railway") cabe a honra de ter sido quem primeiro sugeriu uma linha de vapores entre Nova York e o Rio de Janeiro. John Gardiner, Esq. por muitos anos commerciante no Rio de Janeiro, fez ultimamente proposta ao Congresso dos Estados Unidos, 1851-52, para efetivar esse desejado objetivo. Em 1854, o Dr. Thomas Rainey, atual diretor-geral, da "Ferry Company" do Rio devotou particular atenção a esse assunto. A' sua propria custa viajou duas vezes de Washington ao Rio de Janeiro visitando o Amazonas e as Indias Occidentais, apelando para o executivo e os estadistas de cada governo e chamando atenção para o importante fato que havia esclarecido após pacientes investigações. Esses fatos foram publicados nas primeiras edições desta obra, e são muitos persuasivos e convincentes, tendo fornecido aos amigos dos dois países os mais fortes argumentos para ligar por meio do vapor os dois maiores países da America. O Dr. Rainey, associado aos Srs. R. N. Stratton, S. L. Mitchell, e outros, propuzeram ao Congresso dos Estados Unidos (1857-58), estabelecer uma linha de Nova York e Savannah até Pará ou Maranhão, unindo assim a qualquer desses portos a linha de vapores da "Brasil Pocket Company". Essa medida foi regeitada apenas por oito votos.

Em 1852, o segundo autor da presente obra ficou tão impressionado com a evidencia que testemunhou no Rio de que o commercio do Brasil estava fugindo das mãos dos Estados Unidos, que escreveu uma carta sobre o assunto ao "Jornal do Comercio" de Nova York, e, desde então, continuou a agitar na Imprensa a questão das comunicações a vapor entre os dois países, tratando-a também nas Camaras de Comercio, em audiências publicas nos Estados Unidos, e em visitas ao Brasil, mantendo também correspondência com estadistas brasileiros, até que não se tornou mais necessario agitar o assunto.

A. C. Tavares Bastos, (o joven estadista brasileiro a que já nos referimos) em seu ensaio intitulado "Cartas do Solitario", e em suas comunicações á imprensa diaria do Rio e sua persistente advocacia no Parlamento, muito fez entre os seus concidadãos para esclarecer a opinião pública a respeito do mesmo assunto.

Entre os amigos da medida dominava a idéa de que os interesses do continente occidental deviam ser os mesmos; que a politica dos países da America do Norte e do Sul devia ser, tanto quanto possivel, americana e não européa e que, para isso, se devia dar toda atenção aos laços de união mantidos pelo vapor; só assim se poderia cultivar as íntimas relações de amizade e mutua confiança que resultariam no progresso material do Novo Mundo. As comunicações com o Brasil e, consequentemente, com toda a America do Sul, são excessivamente dificeis. Não temos outro meio de enviar cartas e transportar passageiros a não ser por embarcações a vela, que são demoradas, incertas e muito pouco dispostas a se adaptarem aos interesses de um rival.

Quasi todos os passageiros e cartas vão a Liverpool, daí a Southampton, ou ao Continente, e só depois são enviadas ao Brasil ou Rio da Prata, e Ilhas Barlavento, a uma distancia de cerca de 9.000 milhas. Os nossos comerciantes não só tinham que enviar suas encomendas por esse

percurso, que é o menos natural possível, mas eram também compelidos a se submeterem ás mais hostis desvantagens, ficando quasi a mercê de seus rivais da Europa. E' pois para lamentar que o Congresso de 1857-58 não tivesse tido tempo para resolver a respeito da proposta que lhe foi feita. Mas foi apenas uma questão de tempo. Em Junho de 1865, o Senado do Brasil aprovou o projeto (apresentado á Camara dos Deputados em 1864), baseado numa lei do Congresso Norte Americano, assinada pelo presidente Lincoln, a 28 de Maio de 1864, com as seguintes resoluções: que o Brasil se una ao Governo dos Estados Unidos para garantia de um subsidio comum a uma linha de vapores, que faça doze viagens de ida e volta por ano, de Nova York ao Rio de Janeiro, tocando em S. Tomaz, Pará, Pernambuco e Baia. Obteve esse contrato a "United State and Brasil Mail Steamship Company".

Atraz da Ilha das Enxadas ancoram os vapores da "Royal Mail," os da França e os de Liverpool, depois de fazerem a mais agradável das viagens (si excetuarmos uma apenas) que conhecemos na navegação oceânica. Tenho viajado por muitos mares mas somente uma outra viagem conheci que, igualadas as circunstancias, se compara a essa viagem do Rio de Janeiro á Inglaterra. Fica-se fora de vista da terra apenas seis dias, no maior trecho, (de Pernambuco ás Ilhas de Cabo Verde) enquanto o numero médio de dias no mar, sem parar, é de dois e meio. Do Rio á Baia, são apenas três dias de navegação a vapor sobre as aguas equatoriais; e as dez ou doze horas na segunda cidade do Imperio dá muito tempo para passeios restauradores ou cavalgadas pelos seus arredores. Em menos de dois dias, desembarca-se em Pernambuco, onde se passa de doze a vinte horas fazendo uma provisão de belas laranjas e abacaxis (otimos contra o enjôo) e adquirindo alguns papagaios gritadores ou micos tagarelas, para presentear os amigos europeus. Em seguida, partimos para S. Vicente, Cabo Verde, onde ficamos duas horas, e, rumando em seguida

para o Norte, em 48 horas, contemplamos, depois de cento e cinquenta milhas de percurso, o alto pico do Tenerife, erguendo-se a mais de 1.300 pés do nível do oceano. Ai nos regalamos com pêcegos, peras, figos, deliciosos cachos de uvas, em suma todos os frutos da zona temperada. Atravessamos as Canarias, trinta horas depois estamos em Funchal, onde se repete a dose de frutas; dá-se um passeio pela praia (si o boletim de saude foi julgado bom) e, depois de ser importunado algumas horas pelos vendedores ambulantes e fruteiros, dizemos adeus à pitoresca Madeira; ao cabo de três dias, navegamos na embocadura do Tejo e ancoramos em frente de Lisboa. Deixando Portugal, navegamos ao longo de sua costa e da Espanha, e em três dias desembarcamos em Southampton. Sómente outra viagem iguala a essa, e aqueles que andam em busca do novo, do estranho e do belo, podem com facilidade e barateza satisfazer seus desejos, realizando uma excursão de Southampton ao Rio, ou vice-versa. (1866, Tenerife e Madeira, não são mais portos de escala).

A viagem a vapor de Nova York ao Rio, (via Ilhas de S. Thomaz, Pará e as belas cidades de Pernambuco e Baía) iguala em prazer o percurso da Europa ao Brasil. Os vapores dos Estados Unidos ancoram junto à Ilhas das Enxadas.

Nesse ancoradouro, de ambos os lados da Ilha, nos navios costeiros e nos maiores navios mercantes, podem-se ver os pavilhões de Espanha, Portugal, Italia, Russia, Hamburgo, França, Belgica, Bremem, Austria, Dinamarca, Suecia, Inglaterra, Estados Unidos, Republicas Sul Americanas e Brasil. Esses navios são obrigados a ancorar a distancia suficiente um do outro, para poderem movimentar-se livremente ao sabor das marés de modo que as embarcações possam passar, à vontade, entre eles.

Situado acessivelmente, como é, o porto do Rio de Janeiro na mais importante rota das nações, com a sua baía

sem rival, não somente quanto à beleza, mas também quanto à segurança que oferece aos navegantes, essa cidade tornou-se um ponto de escala para muitos navios que não fazem commercio com o Brasil. Aqueles que sofrem avarias, nos perigos que o mar apresenta entre o equador e o Cabo da Boa Esperança, geralmente aportam ao Rio, para reparos. Muitos filhos do oceano, em seus navios desmastrados ou fazendo agua, rumam para esse porto como uma ultima esperança. Ao mesmo tempo, quasi todos os navios de guerra e muitos mercantes, que navegam em torno do Cabo Horn ou do Cabo da Boa Esperança, vêm ao Rio para tomar agua e provisões. Assim, no curso de seus negocios, e, na sua missão de providencia incessante, os missionarios, quer vindo ou voltando de sua patria, passam frequentemente no Brasil um pequeno espaço de tempo, e, difficilmente podemos saber o que vale mais: — si o privilegio de gosar de sua companhia e conselho, si o de estender até ele a hospitalidade cristã, que nem sempre se espera receber num país estrangeiro. Apreciámos muito essas visitas, de que por muito nos haveremos de lembrar, pela qual parece termos entrado directamente em contato com a Russia, a India, as Ilhas de Sandwich, e a Africa do Sul e Central, países onde por muito tempo trabalharam as pessoas com que estivemos.

Tais circumstancias ilustram muito bem a posição central e a importancia do porto do Rio de Janeiro, que forma um ponto de convergencia para os navios que vêm de todos os portos dos Estados Unidos e da Europa, e vão nas suas viagens de regresso, para a Australia, a California e as ilhas do Pacifico.

Assistência religiosa aos marinheiros.

Anualmente, mais de doze mil marinheiros, viajando sob os pavilhões da Inglaterra, e dos Estados Unidos, se encontram no Rio de Janeiro. Essa classe de homens exige a melhor atenção dos cristãos filantropicos. Quando a peste

visita o Rio de Janeiro, estão certos de ser atacados, antes de quaisquer outros. A imprevidencia dos marinheiros é proverbial, e a sua dissipação e negligencia são bem conhecidas. Uma maior proporção de marinheiros morre anualmente em comparação com qualquer outra classe, e por isso realmente requerem os mais vivos esforços em seu beneficio, quer moral quer fisicamente falando.

Os esforços que tenho feito em relação aos marinheiros do Rio, de quando em vez, não foram inteiramente perdidos. A "American Seamen's Friend Society", nobre instituição que levou a Igreja a todos os pontos do mundo para os norte-americanos e ingleses, estabeleceu uma capellania nesse porto. Ha mais de vinte anos, nenhuma igreja foi construída, pois os regulamentos particulares do porto são tais que os navios têm que ancorar a certa distancia da praia; dai ser usual realizar os serviços religiosos a bordo de varios navios surtos no porto. A flâmula de Belem, com o seu pombo branco, é hasteada no mastro principal e, quando desfraldada pelo vento, como o sino de uma igreja, embora mudo, pode chamar os duros marinheiros dos varios ancoradouros a comparecer ao tabernáculo flutuante, para aí juntarem seus inos de louvor, ou ouvirem, em distantes climas, as lições da verdade sagrada. Durante numerosos anos, foi minha missão, juntamente com outros deveres no litoral, exercer o posto de capelão americano. Era meu costume, quando o porto se achava em boas condições sanitarias, visitar os navios ingleses e norte-americanos todas as sextas-feiras, conversando com os officiais, dando uma palavra de conselho aos marinheiros, e deixando em cada mão um aviso com o nome do navio em que a flamula de Belem tremularia no domingo seguinte. Quando a febre amarela dominou, diariamente eu assistia aos doentes no hospital, e ia aos navios administrar o conforto do Evangelho, aos marinheiros doentes e moribundos. Pobres companheiros! Muitos passaram desta vida para a Eternidade, sem conseguirem mandar uma mensagem de despedida aos seus ami-

gos distantes; mas, sempre pude saber o endereço de seus parentes, enviar-lhes as palavras do moribundo, que muitas vezes eram repletas de fé e esperança em Cristo.

Nesse circulo de deveres, fui materialmente auxiliado pelo Sr. Leopoldo, guarda-mor da Alfandega, que, com grande bondade, abriu uma exceção em favor do capelão, permitindo-me visitar todos os navios do porto sem uma licença especial diaria (36).

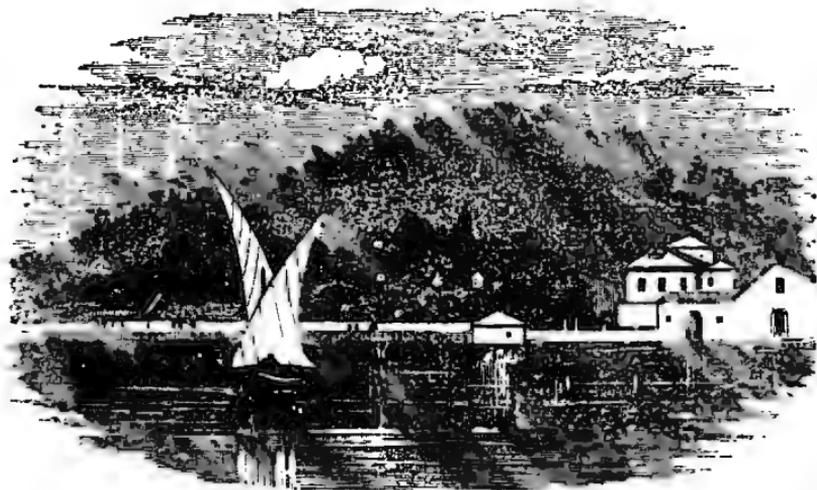
O cemitério inglês.

Do ancoradouro até o Cemiterio Inglês da Gamboa, a distancia por agua é de pouco mais de uma milha; e, muitas vezes, tive que exercer a melancolica profissão desde o ancoradouro até às verdes muralhas daquele quieto e retirado repouso para os mortos. Nesse belo e segregado recanto, dorme mais de um Ministro plenipotenciario ou Almirante. Homens de posição eminente juntamente com cidadãos ingleses e norte-americanos desconhecidos, alemães, franceses, suecos, e representantes da marinha mercante de quasi todas as nações, dormem aí o seu ultimo sono. Nenhuma outra parte do Rio de Janeiro exerce sobre mim maior impressão. Quer quando aí lia o solene serviço funebre, para muitos ouvirem, ou quando, acompanhado apenas do sacristão ficava de pé diante dos tumulos recém-abertos, ou, sozinho, percorria as suas alamedas sombrias. Esse cemiterio pertence aos ingleses; mas nenhum pedido de consul de qualquer outro pais para um defunto ser enterrado, é regeitado.

Embora os ingleses, quer no seu país, quer no Rio, tenham feito muito para preparar e embelezar um local con-

(36) Essa gentileza será mais bem apreciada quando o leitor for informado de que, pelas estreitas leis portuarias do Brasil, ninguém, a não ser um funcionário da Alfândega, pode visitar, sem licença, um navio que está descarregando. A penalidade para cada infração é uma multa de 50 dólares.

veniente para os seus mortos, tristemente esquecem os vivos que chegam ao Rio de Janeiro. Há um serviço regular para os que residem na cidade, mas para os 6.000 marinheiros que viajam até este porto, debaixo do pavilhão inglês, nenhuma providencia foi tomada. Os deveres do capelão inglês, limitam-se às praias; embora, às vezes oficiais da marinha inglesa e capitães de seus navios mercantes vão até a igreja, o marinheiro é esquecido. Deve-se dizer: ali está a capela, deixem visita-la os homens que não estão acostumados ao som dos sinos da igreja e cujas propensões não se voltam especialmente para Deus. Não se abalam em navegar uma milha nas aguas da baía, e, em seguida, percorrer uma



Cemitério Inglês da Gambôa

outra sob o clima tropical de uma cidade estranha, para chegar à Casa do Culto, que eles não sentem estreitamente ligada pelos laços comuns da sua terra. Para tais homens, não só a "Bethel Union" inglesa, como também outras benemeritas associações ligadas á Igreja estabelecida ou dissidente, fornecem possibilidades de um culto regular.

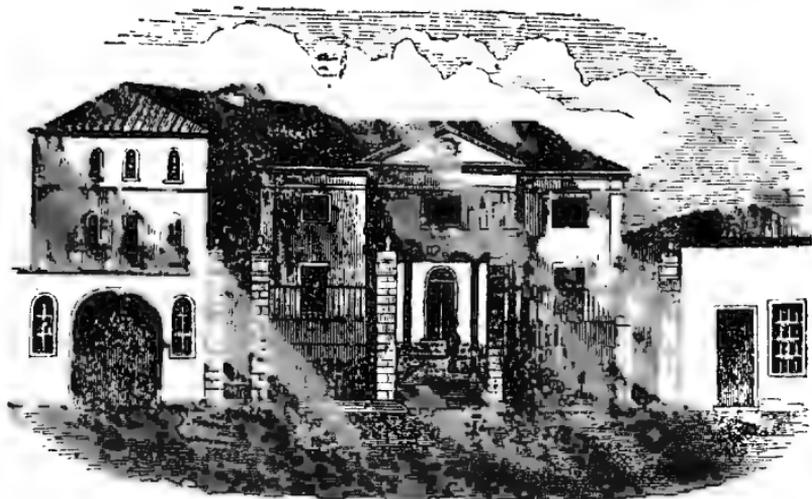
Si, os homens não procuram o Evangelho, devemos encaminhá-los para ele, e a maior parte dos obreiros das vinhas do Senhor encontrarão muito que fazer entre os marinheiros ingleses no porto do Rio de Janeiro. As classes mais baixas dos operarios ingleses, os mineiros ou os empregados na construção de estradas de ferro, aumentam annualmente; é de se esperar que os esforços para melhorar a condição moral dos operarios residentes, tão auspiciosamente iniciada na Saude, possam ter sua continuação na ampla parquia aquática, que sempre se encontra flutuando na encantadora baía. Estou certo de que aqueles que tratam disso terão uma tarefa mais esperançosa em trabalhar para o bem das almas dos marinheiros do que para as almas dos pagãos. Enquanto eu não tive um só soldado recolhido, desses distantes postos, acredito que nenhum terreno é mais animador do que cuidar do bem estar material daqueles que navegam nos mares. Os marinheiros devem ser considerados um "serviço pesado", mas têm nobres e generosas qualidades, e grandes possibilidades. Isso faz com que a Igreja cristã não descance até que todos os portos importantes do estrangeiro possam instituir o culto para os marinheiros. (1866, o Cemiterio da Gamboa é de exclusividade dos ingleses).

A Igreja inglesa.

A Igreja Inglesa está situada na rua dos Barbonos (*42) próximo ao Largo da Mãe do Bispo. Esse pequenino edificio foi erigido em 1823, quasi imediatamente depois da independência do Brasil. Os serviços aí são feitos todas as manhãs de domingo, às 11 horas, e os residentes ingleses experimentam um sentimento domestico quando se encontram reunidos com os seus concidadãos para ouvirem o belo e sagrado serviço, a que estão acostumados na terra de seu nascimento. E' contudo penoso pensar que tão poucos desfrutam a oportunidade que essa capela proporciona para se

ouvir a verdade. A frequencia porem aumentou depois da chegada do Rev. Sr. Preston. Comparada com todas as outras igrejas inglesas, que visitei em muitas terras estrangeiras, a do Rio de Janeiro é a menos frequentada.

Ha numerosos cemiterios católicos, nas vizinhanças da cidade, pertencentes a varias Irmandades. Os enterros no Brasil são feitos com grande pompa. Antigamente os en-



Capela inglesa

terramentos eram feitos nas proprias igrejas, mas desde 1850 não ha mais tumulos intra-muros. As carruagens e os batedores, seguidos de uma longa serie de carros conduzindo amigos, constituem o cortejo; não se vê mais o ceremonial que antigamente se seguia a uma morte na familia brasileira. Ha mais exhibição do que na Europa, e provavelmente muito mais do que na Inglaterra, após a reforma dos enterros. A criança morta, muitas vezes ornada com flores, é levada ao tumulo num coche aberto, com colunas douradas. Os condutores do coche, os homens que vão a pé, bem como os quatro palafreiros, montados nos cavalos brancos, ves-

tem libré vermelha. Os costumes proíbem a presença de mulheres num enterro, assim como o comparecimento dos parentes mais próximos. Si morto tem mais de 10 anos de idade, os parentes próximos conservam-se em casa, durante oito dias, sendo que no primeiro se mantem um profundo silencio. Quando os amigos vão apresentar suas condolencias, a saudação habitual dos que entram é: "Permite-me apresentar meus pezames pela perda que acaba de sofrer?" O silencio é então conservado por ambas as partes, e, passados alguns minutos, o visitante se retira.

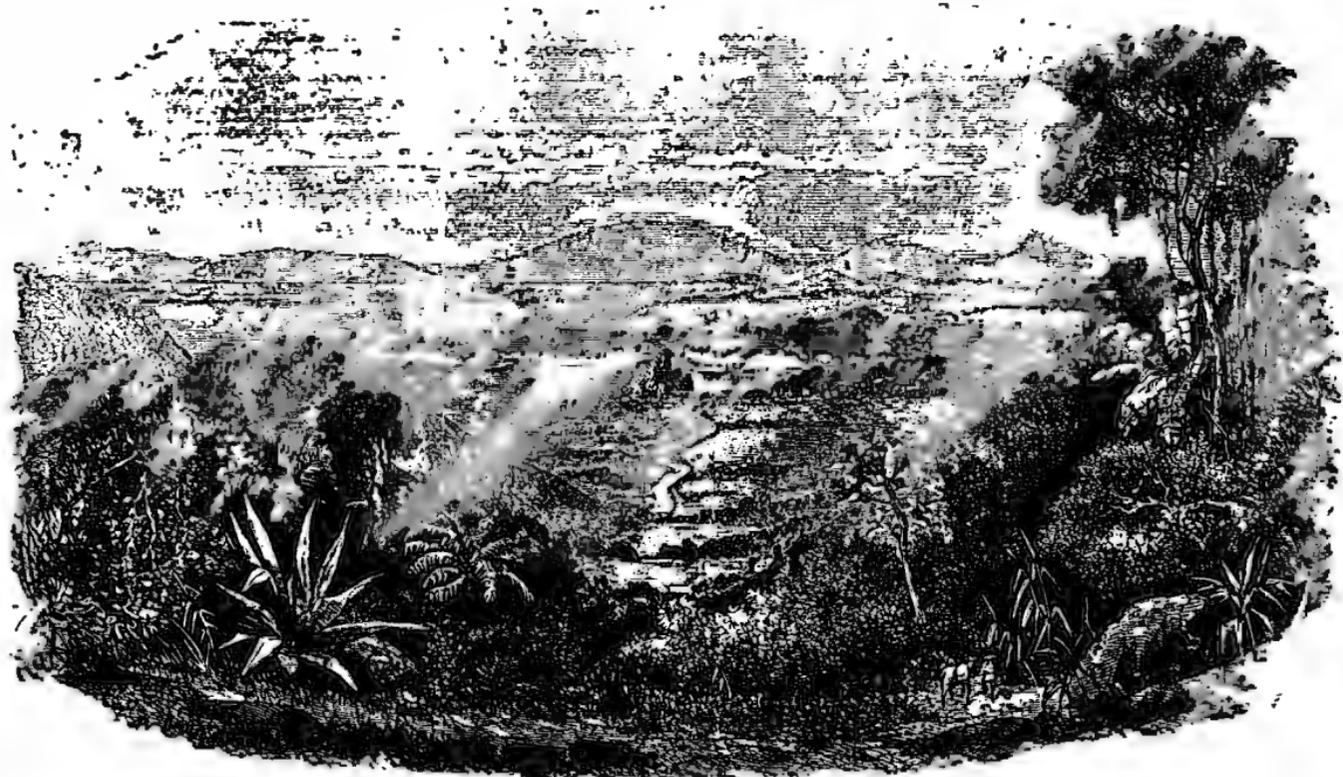
A Tijuca.

Do cemiterio da Gamboa, avista-se a serra da Tijuca, e, entre os muitos passeios perto da cidade, nenhum ultrapassa em interesse uma excursão a cavalo nessas montanhas. Passa-se pela longa rua do Engenho Velho, (*43) alinhada de residencias das familias mais ricas, cada qual cercada de sua *chacara* com a sua vegetação constante de mangueiras, laranjeiras, e palmeiras, misturadas a flores dos mais brilhantes coloridos no fim da qual alcança-se a base da montanha. Ai se vêem muitas vilas pitorescas, com varandas na frente, tendo muitas vezes na entrada um grande portão de ferro, onde, às tarde, a familia se senta, e distrae as suas horas de lazer vendo passar os transeuntes. Essas residencias de campo são construidas em estilo que condiz com o clima quente. O frontão e as cornijas das casas são ornamentadas de arabescos, num fundo azul vivo. Nenhuma chaminé fumegante deforma os telhados; as paredes brancas reluzem entre a folhagem escura, ou formam forte relevo contra os flancos abrutos da montanha. As familias do lugar moram geralmente na planicie ou proximo da estrada, sempre cheia de atrativos; porem os ingleses, fieis ao seu carater nacional, galgam a montanha, e constroem o seu ninho entre as nuvens.

Chegando-se a uma fonte mineral, chamada “Água Ferrea”, deixam-se os trilhos por uma forma mais agradável de viajar fornecida pelo cavalo ou pelas mulas. E’ verdade que os invalidos, e em especial as pessoas que sofrem do coração, podem pedir quatro mulas para conduzi-las na ascensão mais íngreme da montanha, mas todos os que possuem olhos, gosto e saúde devem aproveitar a oportunidade para o seu passeio a cavalo. E’ difficil falar serenamente dos panoramas dos arredores do Rio. Nenhuma pena pode exatamente descrever as vistas que os olhos encontram a meio caminho das montanhas; um bom cicerone que mantém a nossa atenção fixada nas flores que adornam o barranco do lado esquerdo da estrada, até atingir uma parte mais baixa do matagal, de repente, puxa o nosso cavallo, exclamando: — “Olhe,!” uma maravilhosa vista desvenda-se aos nossos olhos. Ali estão desdobradas, diante de nós, como um panorama fantastico, a baía com as suas ilhas, as montanhas distantes no fundo do claro céu azul, — um despenhadeiro escuro pela direita, rolando as suas águas em linhas de prata, — que sobressaem nas suas encostas lisas, e, à esquerda uma alta montanha, coberta de cafesaís, com suas folhas reluzentes; na planicie embaixo, ergue-se uma montanha isolada, e, mais além, está a formosa cidade, com os seus edificios brancos, tranquilamente circundando os morros verdes da Conceição, S. Bento e Sto. Antonio. Somente um grande painel a óleo poderia dar uma justa idea desse panorama; e foi aqui que um pintor inglês escolheu seu posto de observação para as suas paisagens tropicais. Leutsinger possui as melhores fotografias do Rio de Janeiro.

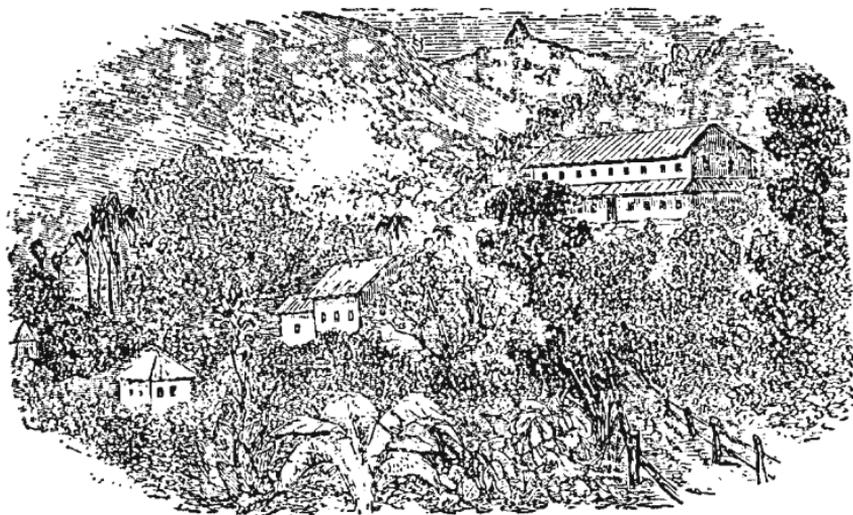
O Hotel Bennett.

Depois de uma longa contemplação, retirámo-nos apenas satisfeitos pela metade e o panorama desapareceu de nossas vistas na outra vertente da montanha mas logo em



Vista do Rio de Janeiro, tirada da Tijuca

seguida descobrimos o mar, patenteando-se ao longe, diante de nossos olhos no declive oposto. Poucos minutos mais e alcançamos a residência do sr. Bennett (*44 bis) um inteligente Inglês que construiu nesses belos sitios um hotel, onde



Hotel Bennett, Tijuca

muitos estrangeiros residentes no Rio passam os meses quentes do verão. Aí, embora apenas a oito milhas da Praça do Comercio, longe do calor e do barulho da cidade, pudemos passar nossos dias e nossas noites confortavel e tranquilamente. Nenhum mosquito vem interromper o sono, com seus zumbidos; nenhum insecto, dos chamados, aqui, *baratas*, corre pelos nossos pés quando nos achamos nas varandas, mas não se imagine que exista aí um silencio absoluto. Pelo contrario, o ar ressôa com os ruidos dessa parte da natureza animada, que gosta de perturbar as horas noturnas. Dominando todos os ruidos, ouve-se a musica "stacatto" do sapo ferreiro, cujo corpo volumoso a mão de um homem não pode abranger, e cada som que ele produz sôa aos nossos ouvidos como o bater do martelo na bigorna,

ao passo que os sons produzidos pelos outros grupos notavelmente se assemelham ao mugido de bois distantes.

Não muito longe da casa do Sr. Bennett, estão as plantações de café do Sr. Lescene, e do Sr. Moke, que figuram entre as primeiras do gênero cultivadas no Brasil; e, como são as únicas fazendas próximas da cidade, nenhum estrangeiro deve deixar de fazer o seu passeio, logo que chega, aos encantadores vales em que elas se encontram.

Cascatas.

As excursões partindo do hotel do Sr. Bennett são as mais variadas e interessantes. Para subir a Pedra Bonita, e contemplar o panorama montanhoso e o longínquo encontro do céu com o oceano, basta o delicioso trabalho de poucas horas. O encanto da Tijuca é que, ao passo que o seu clima é invariavelmente um clima de Junho e a sua vegetação é tropical, ela possui as borbulhantes cascatas e barulhentas quedas d'agua da Suíça. Passeando daí em direção ao Rio, voltando para a esquerda, poucos minutos nos levarão a um límpido regato, que corre como uma faixa, descendo os flancos da montanha, e, enviam

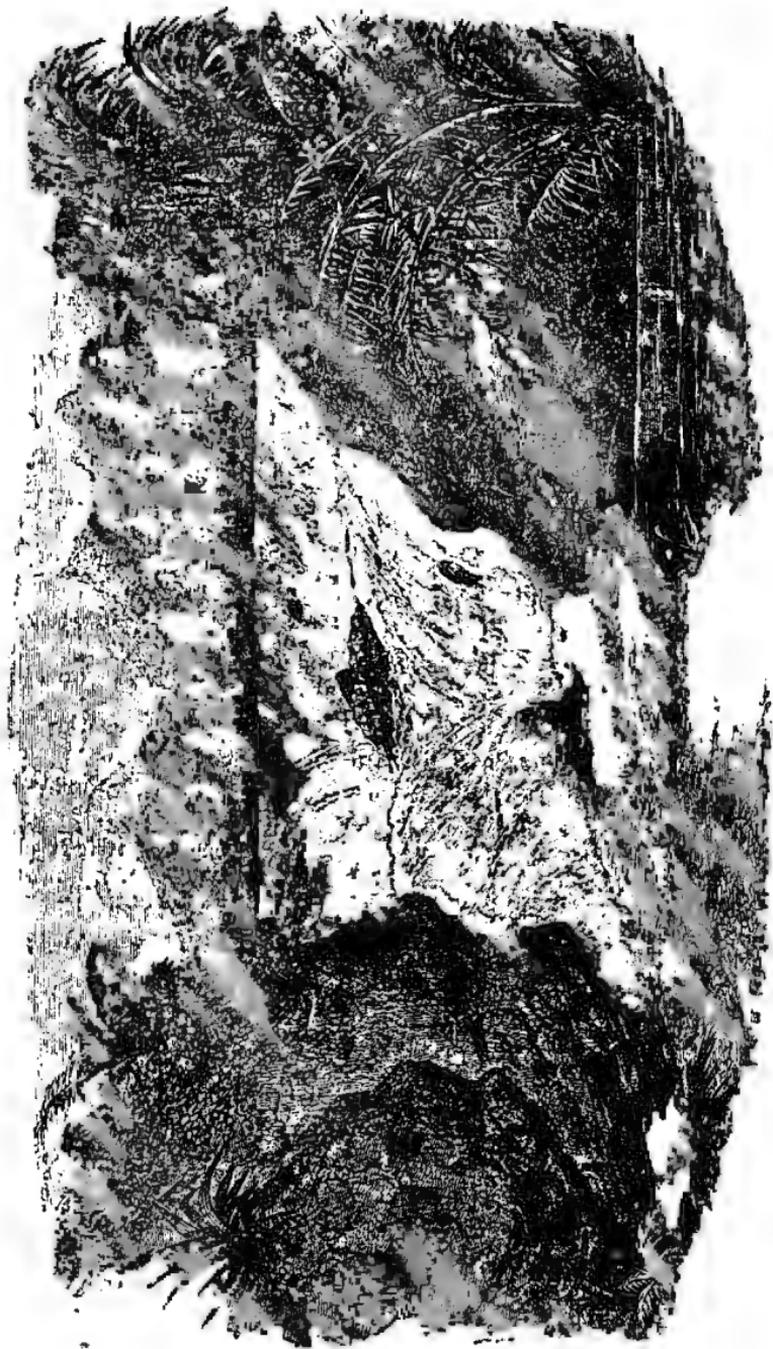
“Altas notas, para todas as matas em redor,
Quando os raios da manhã se afastam,
É caladas estão todas as vozes humanas.”

Essa bela cascata, segundo dizem, cae de uma altura de 300 pés, lembrando os cursos d'agua entremeados de saltos do vale do Ródano, ou as graciosas cascatas de Atenais, que descem dos cumes alpinos para o doce vale de Maglan. Ou, então, caminhando a cavalo meia hora em sentido oposto ao da pensão montanheza, alcançamos um trecho de mata virgem, onde, saltando dos cavalos, subimos a montanha, passando por bananais e florestas, até alcançarmos as aguas espumosas da cascata grande. Nesse lugar, o rio da Tijuca dá um salto de 60 pés sobre um plano inclinado de pedra,

apresentando, quando o volume de aguas aumenta, um aspecto imponente; mas quando o curso da agua é somente alimentado pelas limpidas fontes da serra, a cascata escorre num lençol transparente, deixando ver as rochas em baixo. O rio prossegue seu caminho num leito de pedra, abaixo da montanha, e perde-se no lago em que se espelha a gigantesca pedra da Gavea.

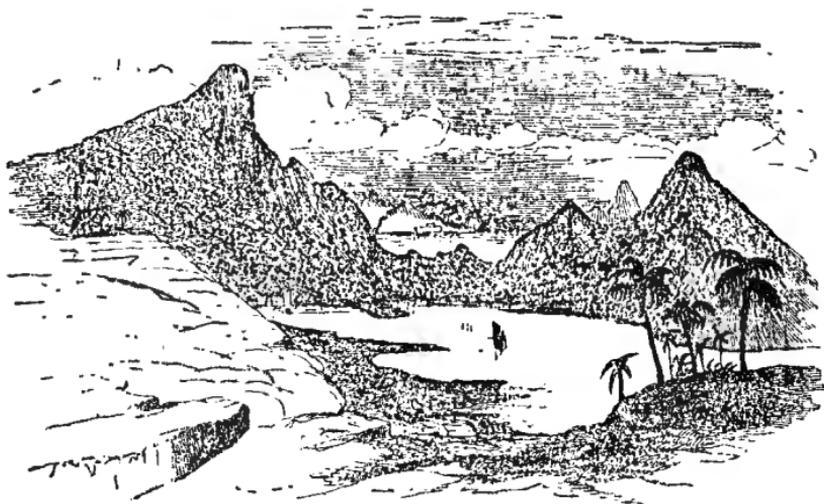
O sr. Ewbanck, que costuma ser muito correto nos fatos que menciona, desviou-se curiosamente de sua costumada precisão ao afirmar que foi “nesse segregado refugio que o bispo do Rio esteve durante as perturbações que se deram com os franceses protestantes, ao tempo de Colligny”. Nenhum bispo do Rio existia ao tempo dessas perturbações. O único bispado do Brasil foi durante muitos anos o da Baía. Os franceses foram finalmente expulsos da baía do Rio de Janeiro em 1567, e só depois disso é que foi fundada a cidade de S. Sebastião ou Rio de Janeiro. O sr. Ewbanck foi sem duvida mal informado por alguém de que os recantos proximos da Cascata Grande mostram ainda muralhas erigidas para o bispo quando os franceses tomaram posse do Rio. Isso sim, é perfeitamente verdadeiro: em 1711, depois da desastrosa derrota do comandante francês Du Clerc, (1710), Du Guay Trouin chegou com a sua esquadra vingadora ao Rio de Janeiro, e em tais proporções foram feitos os seus preparativos que os habitantes fugiram para as montanhas da Tijuca, e aí permaneceram até que a cidade foi tomada e saqueada, só voltando depois que Trouin partiu levando o seu pesado tributo.

Mas, se o sr. Ewbank foi levado a erro quanto à data do acontecimento, em compensação deu-nos uma bela e expressiva descrição dos deslumbrantes saltos da Tijuca, descrevendo-os como os viu num piquenique que realizou nas suas pedras escorregadias: “A nossa mesa se estendia nas margens do regato; e aí nós nos banqueteámos e repousámos, num cenario que excedia o salão de refeições de Plinio Laurentino, abrigado do sol por para-sóis naturais, afastados



Cascata Grande — Tijuca

das cenas barulhentas da vida artificial, sem nenhuma preocupação que nos perturbasse; com o espirito tão leve como as nossas vestimentas, riamos, conversavamos e mergulhavamos os nossos corpos no regato cristalino, como faziam aqueles que viveram na idade de ouro. Flora adornava os arbustos pendentes; Pomona, à distancia, nos olhava; Zephiros brincavam em volta de nós e as Naiades — se é que existem Naiades — saltavam na cachoeira jogando espuma em cima de nós”.



Lagoa Rodrigo de Freitas

A Gávia.

Da Tijuca pode-se fazer uma bellissima excursão em volta da Gavia, montanha cujos flancos possuem curiosos hieroglifos, que, por muito tempo, ocuparam a atenção dos sábios. Esses caractéres se assemelham aos dos romanos; porém a melhor explicação de sua existencia nessa muralha ingreme é que a natureza os tenha esculpido, com as chuvas e o sol, e talvez em tempos remotos, com pequenos arbustos, cujas sementes, depositadas pelas aves de alto vôo, cres-

ceram nas frestas até que as suas raízes mergulhadas permitiram a chuva penetrar nas partes friáveis da rocha.

Essa excursão pode-se prolongar até uma praia, banhada pelas ondas que circundam o Jardim Botânico, acima do qual, de um dos morros mais baixos, descortina-se um panorama não ultrapassado pelo dos lagos Como e Maggiore. O abruto Corcovado apresenta-nos um novo aspeto quando visto dessa serena lagoa Rodrigo de Freitas (*). As altivas palmeiras do Jardim Botânico, vistas dessa altura, parecem arvores de um jardim de brinquedo de criança. A serra, que atravessa a baía do Rio, toma todos os tons que vão do purpura até o azul, durante o dia, e, quando o sol ao entardecer dardeja seus raios através do Pão de Açúcar e dos Irmãos, a distante fortaleza de Sta. Cruz ergue-se rubra das águas e das montanhas.

Uma senhora minha amiga, que desenhou para mim a figura representada junto, acompanhou a dadiwa com essa observação relativa às tintas exóticas dessa região tropical: "Anos de familiaridade nunca destruíram em mim o encanto e o maravilhoso desses tons, que um pintor hesitaria em colocar sobre a sua tela para mostra-la aos habitantes de uma região menos exuberante".

Menor, porém, é a dificuldade, de transferir para o desenho a preto, os contornos desnudados dessas montanhas de formas tão peculiares, que tão abundantemente se apresentam nas cercanias da Provincia da capital do Imperio; e as muitas cenas, que representamos neste capitulo de "O Brasil e os Brasileiros" e que servem para documentar as minhas afirmações, mostrarão o absurdo e também o descuido das descrições dadas, mesmo nas ultimas edições americanas por Mc. Culloch das visinhanças do Rio de Janeiro, as quais segundo ele, "são constituídas por grande numero de planicies"!

(*) No original: Lagôa das Freitas.

Jardim Botânico.

O Jardim Botânico, para onde pudemos agora facilmente descer, está situado num local romantico, que se alcança da cidade por uma bela garganta, que nos leva, através de Botafogo, passando sob as sombras do Corcovado. Não é um jardim de flores, porem antes um "Jardin des Plantes", onde um raro exoticismo, que vai das mais delicadas parasitas até às mais altivas palmeiras, se patenteia à nossa observação. Aí, pudemos contemplar tufos de cinamon, a arvore-do cravo, acres de chá da China, "Nogaras da India", fruta, pão, cacau, e arvores de canfora, alem de muitas outras que são objeto de grande curiosidade. Havia aí uma arvore, meio escondida pelas copadas mangueiras, que visitei muitas vezes, com especial emoção. Era uma pequenina "*maple*", norte americana. Quando olhava para essa pequena arvore exotica nas terras distantes, onde as rajadas do inverno não batem contra as suas folhagens, onde nem mesmo o frio do outomno pode revesti-la destes variados tons que as flores do clima tropical difficilmente ultrapassam, — senti simpatia pelo beduino do deserto que, contemplando a palmeira no "Jardim das Plantas" de Paris, se transportava, por sobre montanhas e mares, até à terra do seu nascimento.

O mais surpreendente aspeto do Jardim Botânico para um estrangeiro do Norte é a longa alça de palmeiras reais, (*Oreodoxa regia*), por onde se entra, junto ao grande portão, e que, pela sua regularidade, extensão e beleza, não tem rival. E' uma colunada corintia natural, cujos graciosos capiteis, verde-brilhante, parecem suportar uma porção da abobada azul, que se arqueia sobre eles.

Os ultimos raios do sol já colorem de purpura os picos graniticos em volta de nós, e, depois de um galope pela rua de S. Clemente, ladeada de vilas, atingimos Botafogo; as lampadas já estão tremeluzindo e derramam a sua luz sobre o contorno dessa graciiosa enseada, onde anualmente se

realizam alegres regatas. Cinco minutos mais e saltámos do cavalo em frente ao Hotel dos Extranjeiros, tendo assim realizado o completo circuito da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro (37).

(37) Nota para 1866: — Quem não tenha visitado a Tijuca antes de 1855, não pode fazer uma justa idéa dos varios melhoramentos que se fizeram nesse local encantador. Os trilhos da Companhia Tijuca conduzem os passageiros da Praça da Constituição até o sopé da montanha, num percurso de 7 milhas. Junto do ponto terminal existem muitas lindas chacaras e vilas pertencentes a brasileiros, entre as quais, destacando-se pelas suas dimensões e bom gosto, a do Sr. Militão Máximo de Souza. A partir desse ponto, pode-se conseguir cavalos e, depois de um belo passeio a cavalo morro acima, por uma nova estrada, chega-se á Bôa-Vista, onde numerosas e belas residências de ingleses e brasileiros foram recentemente construidas. Por uma estrada serpenteante, á direita da estrada principal, vae-se ter á mais bela de todas as casas do Brasil, pela sua pitoresca situação, conforto e solidês de construção. É a casa de residência de William Ginty, Esq. (* 44) Onde em outro ponto qualquer do mundo, encontra a gente todos os recursos reunidos do gás (da própria canalização da cidade), agua corrente, belos jardins, num pico de 1.300 pés de altura, coberto de mataria verdejante! O Sr. Bennett ampliou grandemente as acomodações do seu excelente hotel (* 44bis), e pelas suas habilidades como horticultor e outras importantes qualidades, tornou a sua casa, situada em plena montanha, mais atrativa do que nunca. O geólogo ainda encontrará nela outro atrativo: o fato de ter sido em frente da mesma casa que, pela primeira vez, em maio de 1865, o Prof. Agassiz descobriu blocos erráticos e "drift", provas das geleiras nos trópicos em algum periodo geológico remoto.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 41) Dr. Thomas Rainey.

(* 42) Rua dos Barbonos, atual Evaristo da Veiga.

(* 43) Rua do Engenho Velho, atual Haddock Lobo.

(* 44) Nos antigos "Guias" do Rio de Janeiro, como por exemplo, o de Valle Cabral (1884) figura, entre os passeios da Tijuca, o "Retiro do Ginty", provavelmente a chácara que pertencera ao Diretor da Companhia de Gás do Rio de Janeiro, na época em que foi escrita a presente obra. *

(* 44bis) No Almanaque Laemmert de 1868 figura o hotel do Sr. Bennett com a denominação "Hotel da Tijuca". Essa casa, memoravel na história cultural do Brasil, pois está ligada a varios estrangeiros célebres vinculados ao Brasil (Agassiz, Hartt, Gottschalk) ficava a meio caminho do Alto da Boa Vista e da estrada da Cachoeira, tendo vistas sobre o Atlantico.

CAPÍTULO XII

O Campo de Sant'Ana.

O trajeto comum, para as carruagens que vêm e vão em direção à Gamboa, é pelo Campo de Sant'Anna. Dos lados dessa vasta praça erguem-se muitos edificios publicos importantes. A estação da Estrada de Ferro, um vasto quartel, a Camara Municipal, o Museu Nacional, o Palacio do Senado, o Ministerio das Relações Exteriores e uma grande Casa de Opera podem ser vistos em diferentes trechos do parque.

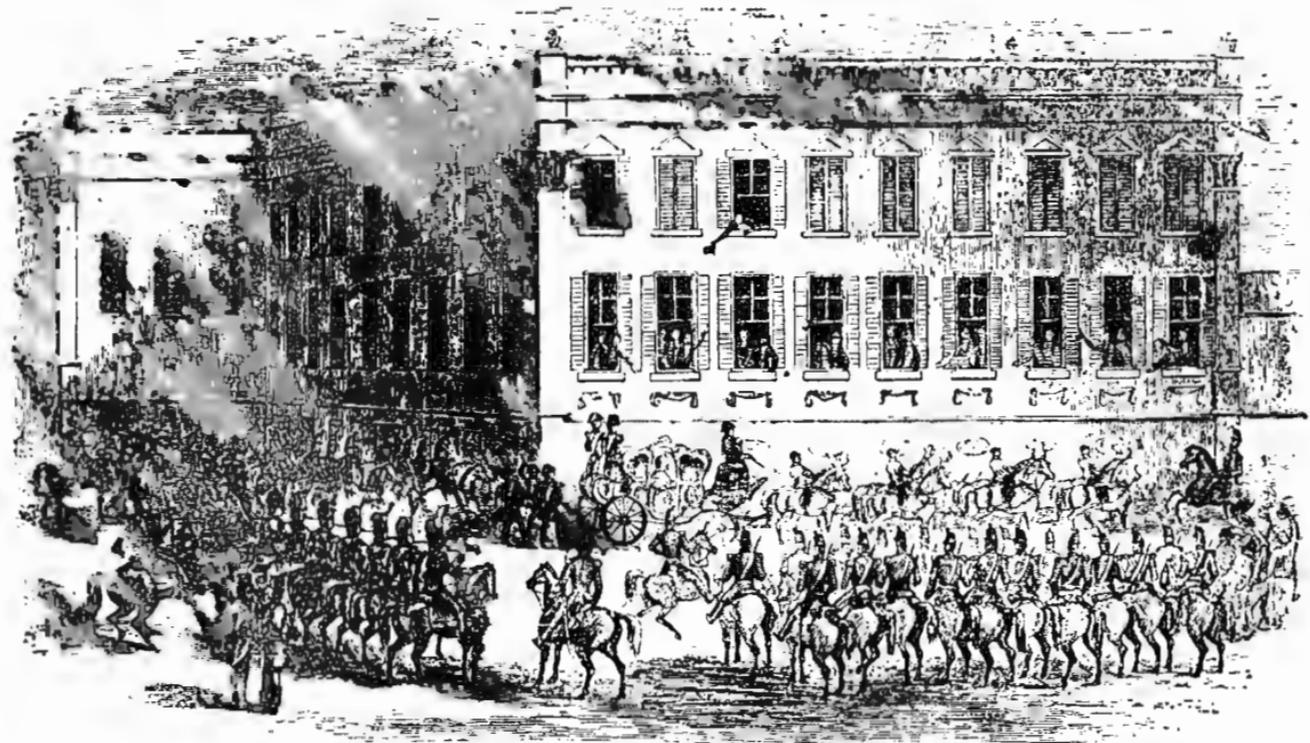
Abertura da Assembléia Geral.

Assiste-se aí na data de 3 de Maio a uma animada cena, quando as sessões da Assembleia Geral são abertas pelo Imperador em pessoa. O sequito, que vem de S. Cristovão até o palacio do Senado, não é ultrapassado em efeito scenico por qualquer outro de igual gênero na Europa. Os guardas a pé, com suas lanças, os dragões e "hussards" em seus pitorescos e brilhantes uniformes, as bandas militares a cavalo, as grandes carruagens officiais, com seus seis cavalos ajaezados, seus cocheiros e postilhões vestidos de libré, a carruagem da Imperatriz puxada por oito cavalos cinzentos, — a magnifica carruagem Imperial, puxada por igual número de cavalos brancos, ornados de plumas "Principe de Galles" e a longa cavalgada das tropas, — formam um fausto digno do Imperio. Os seis carros puxados por seis cavalos são dos officiais da casa imperial, S. Magestade D. Tereza vem rodeada por suas damas de honra, com vestidos e caudas de verde e ouro. Pensando que algumas belas leitoras podem ficar satisfeitas com os detalhes da "toilette" de D. Tereza, alguém mais acostumado do que eu com

cssas particularidades das vestimentas femininas, disse-me que o "habillement" da Imperatriz, nas ocasiões solenes é forrado de setim branco, pezadamente bordado a ouro, com uma profusão de ricas rendas caindo sobre o corpete e formando as mangas. São presas umas às outras com magníficos diamantes. A cauda é de veludo verde com bordados de ouro, correspondentes ao da saia. Seu diadema, com os cabelos penteados formando grandes anéis na testa, é uma coroa de diamantes e esmeraldas, em forma de flores, erguendo-se em forma de diadema sobre a testa, e da qual caem brancas plumas de avestruz, graciosamente, até os ombros. Uma almofada grande com fitas combinadas de diferentes cores, escarlate, púrpura, e verde, cruzam o busto desde o hombro direito até a cintura, sobre a qual um porção de esmeraldas e diamantes de primeira agua, espalha-se cobrindo-lhe todo o colo. O sorriso da Imperatriz é de uma doçura cativante, não apenas nessas ocasiões solenes porem sempre, quer essa princeza napolitana acompanhe o seu augusto Esposo, numa festa noturna, quer quando, com uma única acompanhante, concede audiéncia aos que desejam prestar homenagem à S. Majestade.

O Imperador é realmente um Saul, — cabeça e hombros acima do seu povo; e, em sua vestimenta official, com a coroa sobre a sua bela e delicada cabeça, e o cetro na mão, quer recebendo as saudações de seus suditos, quer abrindo as Camaras Imperiaes, é um belo exemplar de humanidade. Sua altura, quando descoberto, é de 6 pés e 4 polegadas, e sua cabeça e o seu corpo são belamente proporcionados: de um relance pode-se ver, por aquele cerebro bem desenvolvido e por seus belos olhos azuis, que não se trata de um mero manequim colocado no trono, mas, pelo contrario, de um homem que *pensa*.

A abertura das Camaras é sempre feita pelo Imperador em pessoa. Ele lê uma breve fala do trono, expondo as condições e as necessidades do Imperio, e, em seguida, declarando aberta a sessão, desce do estrado, seguido em



Senado (Abertura anual da Assembléa Geral por D. Pedro II)

cortejo, até a carruagem Imperial, por todos os dignitários da corte e membros da Assembléa. O cortejo volta a S. Cristovão, passando através de ruas decoradas com tapeçarias de seda carmezim e brocados de setim. Não ha, nessa cerimonia a mesma assistencia entusiastica que comparece à posse de um novo Presidente dos Estados Unidos, porem as circunstancias são diferentes: a "fala do trono" do Imperador corresponde apenas à mensagem anual do Presidente, não havendo occasião para as manifestações de jubilo que fazem parte integrante de uma posse. O principio monarchico está profundamente arraigado no coração dos brasileiros, e, na sua adatação a este povo e este país, é infinitamente superior à republica.

Parece-nos proprio, ao tratar da abertura da Assembleia Geral, dar o esboço dos acontecimentos que se seguiram ao advento do atual Imperador.

Recordando a História.

Estamos lembrados que foi no Campo de Sant'Anna que os cidadãos, reunidos em Abril de 1831, pediram a D. Pedro I que restabelecesse o Ministerio, que merecia a preferencia do povo. Diante da recusa do Monarca a esse pedido, repetida e respeitosaente instado pelos seus proprios magistrados, varias divisões do exercito e da Guarda Nacional juntaram-se ao povo. Um ajudante foi enviado ao Palacio de S. Cristovão para receber a resposta definitiva, que foi dada sob a forma da abdicación do monarca, em circunstancias, que fazem jús à nossa mais alta admiração.

O ajudante, (Miguel de Frias Vasconcelos) voltou a todo galope de S. Cristovão com o decreto de abdicación nas mãos. Foi recebido com as mais animadas demonstrações de jubilo, e o ar da manhã ressoou com os vivas a D. Pedro Segundo.

A Regência.

Logo de manhã cedo, todos os deputados e senadores da metropole, juntamente com os ex-ministros de Estado, reuniram-se na casa do Senado, e nomearam uma Regência provisoria, (*45) composta de Vergueiro, Francisco de Lima e o Marquez de Caravelas, que deviam administrar o país até à nomeação de uma Regencia permanente, (*46) regulada pela Constituição. O filho do antigo Imperador, em favor do qual foi feita a abdicção, ainda não contava seis anos de idade: — entretanto, foi levado em triunfo pela cidade, e a cerimonia da sua aclamação como Imperador foi preparada com todo entusiasmo que se possa imaginar. Durante a successão desses acontecimentos, o corpo diplomatico esteve reunido em casa do Nuncio Apostolico, para resolver sobre a attitude que devia tomar, diante da revolução vitoriosa. O Sr. Braun encarregado de negocios norte-americanos comunicou não poder estar presente a essa reunião, percebendo que o seu especial objetivo era proteger os interesses da realza. Aqueles que se reuniram, entretanto, concordaram em enviar uma mensagem às autoridades existentes, na qual, depois de afirmar que a segurança de seus concidadãos perigava no meio dos movimentos populares que se estavam desenrolando, pediam, para aqueles um mais explicito gozo dos direitos e imunidades concedidas pelas normas e tratados das nações civilizadas. Mais tarde resolveram procurar o ex-Imperador, em comissão, para ouvirem de seus labios si de fato ele havia mesmo abdicado!

Essas medidas eram altamente offensivas ao novo governo, sendo consideradas como uma interferencia não solicitada. O governo ficou altamente satisfeito com a attitude mantida pelo sr. Braun assim como pelo sr. Gomez, encarregado de negocios da Colombia, que discordaram da politica dos agentes diplomaticos. O Ministro de Estado observou que a conduta de ambos havia sido a de “verdadeiros americanos”.

O 9 de Abril foi designado para o primeiro dia de recepção de D. Pedro II, embora o ex-Imperador ainda estivesse no porto. Um Te-Deum foi cantado na capela Imperial, as tropas foram passadas em revista, e uma imensa massa popular, carregando folhas da arvore nacional como um emblema de lealdade, enchia as ruas. Retiraram-se os cavalos da carruagem imperial para que se pudesse carregar à mão o soberano infante. Quando foi conduzido a Palacio, e, chegou à janela, uma inumeravel multidão passou diante dele. Depois recebeu os cumprimentos pessoais do corpo diplomatico, nenhum de seus membros estando ausente, não obstante a recente visita a bordo da fragata Warspite.

O novo governo ofereceu cavalheirescamente a D. Pedro I um navio official, para a sua viagem. Ele declinou do oferecimento, em virtude da demora e das despesas necessarias, fazendo notar, ao mesmo tempo, que os seus bons amigos, os Reis da Inglaterra e da França, podiam bem oferecer condução, para si e sua familia, o que realmente havia sido feito pelos seus respectivos comandantes navais no porto do Rio de Janeiro.

A 17 de Junho, a Assembleia Geral procedeu às eleições da Regencia permanente. Foram eleitos Lima, Costa Carvalho e João Braulio Muniz. A Assembleia Geral esteve inteiramente occupada, durante a primeira legislatura, em acirrados debates sobre a reforma constitucional.

O Sr. Antonio Carlos de Andrade presidia a Camara dos Deputados; José Bonifacio, que havia sido designado pelo Ex-Imperador como tutor de seus filhos, foi recomissionado pela Assembleia, tendo essa corporação decidido que a nomeação Imperial estava invalidada. Aceitando essa incumbencia o notavel brasileiro declarou não querer receber nenhuma compensação pelos serviços que podia prestar nesse importante cargo, declaração que ele manteve com o espirito de verdadeiro patriota.

Não obstante a grandeza da revolução que tão rapidamente se tinha operado, a tranquilidade publica não foi alterada.

No dia 7 de Outubro, chegaram os despachos officiaes trazendo as congratulações do Governo dos Estados Unidos pela nova ordem de coisas. Foi a primeira demonstração dos sentimentos de outra nação que a Corte do Brasil recebeu, causando assim uma especial satisfação.

No mês de Abril de 1832, occorreram, no Rio de Janeiro dois levantes militares e, no mes de Julho seguinte o Ministro da Justiça, em seu relatorio publico, aproveitou a ocasião para denunciar o veneravel José Bonifacio como suspeito de ter sido conivente naquelas perturbações. O relatorio de uma comissão da Camara dos Deputados pediu a sua demissão, sem sequer ouvi-lo. A Camara votou-a por absoluta maioria, porem o Senado discordou, e cahiu o projeto de exilar o Andrada. Os regentes enviaram a sua demissão à Assembleia Geral. Uma deputação da Camara dos Deputados pediu-lhes que se conservassem nos cargos. Anuíram ao pedido, porem organizando immediatamente um novo Ministerio.

No ano seguinte, porem, a opposição triunfou, não mantendo aquellas injustas acusações a José Bonifacio, porem restituindo o velho patriota às suas funções de tutor do joven Imperador.

O ano de 1834 foi assinalado por importantes transformações feitas na Constituição do Imperio. Uma dessas criava Assembleas anuais nas provincias em substituição aos conselhos geraes até então existentes. Os membros das Assembleas Provinciais deviam ser eleitos de dois em dois anos. Outra modificação abolia a regência trina, e novamente conferia esse encargo a um só individuo, eleito de quatro em quatro anos.

Realizou-se em seguida a eleição para o Regente unico, e o Senado adiou por longo tempo a proclamação do candi-

dato eleito; porem afinal soube-se que a escolha recaira em Diogo Antonio Feijó, de S. Paulo, que recebera grande maioria de votos. Feijó, embora padre, por muitos anos esteve empenhado em questões politicas e, dois anos antes, fôra eleito senador. Um dos ultimos atos da administração precedente fôra a sua designação para bispo de Mariana, diocese situada na rica provincia de Minas. Feijó empossou-se como Regente unico no dia 12 de Outubro de 1835. No dia 24, fez uma judiciosa proclamação ao povo brasileiro expondo os principios que pretendia respeitar na sua administração.

Resolvida a agitada questão da Regencia, os negocios assumiram um aspeto mais permanente. Varias nações estrangeiras, por essa ocasião, elevaram a categoria de seus agentes diplomaticos. Os Estados Unidos desejaram fazer o mesmo, mas não o fizeram.

Em 1836, o governo, entre outras sugestões em beneficio do povo, propoz o emprego de missionarios Moravios, para catequizar os indios do interior. Essa medida, juntamente com outras provenientes da mesma administração, recebeu a mais rancorosa e áspera opposição por parte de Vasconcelos, veterano politico de grande habilidade e eloquência fora do comum, mas de principios duvidosos e pouca moralidade. Não obstante a habilidade e a força de Vasconcelos, as principais propostas da administração passaram. Houve um empréstimo de 2.000 contos de reis, (200 mil libras), para, aliviar temporariamente o Tesouro, e simultaneamente rebeliões ativas e francas se iniciavam no Rio Grande do Sul e no Pará. A influencia delas, porem, a custo se sentia na capital, onde tudo parecia tranquilo e prospero. A Assembleia Geral mostrou-se demorada em tomar providencias para dominar aquelas revoltas, e, nas vespers de entrar em ferias, Feijó, prolongou as sessões por um mês, para que "os membros da Assembleia pudessem cumprir o seu dever". Os movimentos para abolição da Regencia, e entrega do Governo ao jovem Imperador, já se haviam iniciado, desde os

primeiros dias. Com o tempo e com as circunstâncias favoráveis, tornaram-se mais ostensivos.

Na administração, Feijó não fazia calculos para se tornar popular. O seu carater partilhava da intransigência dos antigos romanos. Quando resolvia uma attitude, seguia-a contra toda a opposição. Não inclinado a fazer ostentação de si proprio, tambem não aprovava exhibições alheias. Não praticou nem cultivou a arte comum de lisonjear a vontade do povo. Muitas vezes mudou seus ministros, porem raras veses, ou nunca, os seus conselheiros. Afinal, tão embaraçado se encontrou entre a rebelião do Rio Grande e a opposição facciosa, que impedia as suas medidas para reprimi-la, que resolveu resignar o cargo.

A 17 de Setembro de 1837, Feijó abdicou, e o partido da opposição assumiu o poder. Pedro de Araujo Lima, então ministro do Imperio, assumiu a Regencia em cumprimento de um dispositivo constitucional, embora Vasconcelos (*47) fosse o principal fator da nova ordem de coisas. Nenhuma comoção se verificou, e era evidente que a força do novo governo consistia na sua união. Uma diferente politica foi adotada em relação ao menino Imperador. Feijó assumira um ar distante e cerimonioso; a nova administração tornou-se super atenciosa. Muitas despesas foram feitas com festejos publicos e as inclinações do povo, apaixonadamente amante de pompas e de exhibições de realza, começaram a ser plenamente satisfeitas. Em Outubro de 1838, foram apurados os votos da nova eleição, e Lima foi eleito Regente. Sua principal função era amparar a minoridade do Imperador.

Si o proprio Regente esperava este ou outro resultado, logo se viu que a dignidade do seu cargo era totalmente eclipsada pelas novas honras tributadas ao joven Imperador. As frequentes mudanças de Ministerio, daí em diante, embaraçaram a diplomacia e o governo brasileiro, causando muitas insatisfações nos países estrangeiros, que não concordavam em ver as suas reclamações desprezadas seja por que motivo

fosse. Gradativamente, porem, os negocios internos e externos foram se ajustando.

Maioridade de D. Pedro II.

O ano de 1840 foi assignalado por novas e ostensivas modificações politicas, que resultaram na abolição da Regencia. O Imperador D. Pedro II contava então 15 anos. E o partido politico que se opunha à Regencia, juntamente com o Ministerio, esposaram um projeto de declarar a minoridade terminada, e elevar D. Pedro II à plena posse de seu trono. Esse projeto tinha sido varias vezes discutido durante os ultimos cinco anos, mas sempre fôra qualificado de prematuro e absurdo. Argumentavam que a Constituição limitara a minoridade do soberano à idade de 18 anos, e que era cedo demais para um joven assumir a tarefa de governar um tão vasto Imperio. Por outro lado, instava-se que, quanto às responsabilidades, a Constituição resolvera que ninguem se poderia associar ao Imperador em qualquer circumstancia. Por isso a abolição da Regência viria devolver naturalmente os poderes dos regentes a qualquer outro administrador. Havia, porem, uma diferença: o regente, como tal, gosava dos privilegios da propria realeza, sendo inteiramente irresponsavel. Essa circumstancia foi apresentada como sendo um grande e crescente mal. Por mais desejavel que fosse, para um soberano, possuir os atributos de irresponsabilidade, era esta uma coisa perigosa para um cidadão, acidentalmente elevado àquelas funções com o perigo de poder dispensar o bem e o mal sem esperar resposta pela sua conduta. Ao serem discutidos esses assuntos, muitos sentimentos despertaram; porem as pessoas mais bem informadas supunham que o Regente saberia derrotar o plano feito visando a sua queda.

O debate sobre a moção da Camara dos Deputados que declarava o Imperador em idade suficiente, iniciou-se no começo de Julho, e teve que lutar, principalmente, com objeções constitucionais. Os legisladores não tinham realmente, poder para emendar ou ir alem dos preceitos constitucionais.

Mas o plano estava concertado. Os ânimos se exaltaram e a paixão do povo começou a ser levada em conta. Prevaleceu a violência da linguagem, e as paixões pessoais começaram a manifestar-se, Antonio Carlos de Andrade, já descrito como um homem de grande saber e eloquência, porém ao mesmo tempo orgulhoso e indisciplinado, mostrou-se campeão do partido atacante, acusando o Regente, e o seu Ministerio de usurpação, principalmente quando, depois de 11 de Março, a princeza Imperial D. Januaria completou a idade legal. Seus esforços foram poderosamente contrariados mas a sua causa rapidamente ganhou adeptos, tanto na Assembleia como no seio do povo.

Galvão, havia pouco ainda ligado ao outro partido, fez um impressionante discurso afirmando ser a aclamação imediata inevitável. Alvares Machado pedia que se abandonassem agora as peias partidárias. “A causa do Imperador era a causa da Nação, e deveria receber a aprovação de todo aquele que amasse a sua Patria”.

Navarro (*48) um joven porcm influente representante por Mato-Grosso, seguiu-se com um violento discurso de opposição em que estigmatizava o Regente e todos os seus atos, usando a mais violenta linguagem. Quando estava no auge da sua arenga, exclamou de repente — “Viva a maioria de S. Magestade Imperial”! As galerias, apinhadas de gente, até então tinham guardado o mais religioso silencio: porém essa exclamação fez irromper uma salva de entusiasticos e prolongados aplausos. Navarro, não podendo mais se fazer ouvir, tirou o lenço do bolso, para responder aos vivas da galeria. Os membros do outro partido, que se sentavam junto dele, imaginaram ver um punhal em suas mãos e, não sabendo em que dariam as coisas, puzeram-se a fugir para salvar a vida. Seguraram Navarro, para conserva-lo calmo, mas ele, não percebendo a razão do assalto, furiosamente repleliu-o. Em alguns momentos, dominou a maior e mais descontrolada excitação; a ordem, porém, foi prontamente restabelecida.

Uma multidão achava-se do lado de fora, exigindo a elevação ao trono do jovem Imperador. Alguns chegaram mesmo a proclamar a sua maioridade nas praças públicas da cidade. O partido ministerial resistiu desesperadamente a esses estranhos movimentos na Camara, mas não podia dominar os debates.

Limpo de Abreu, (Depois Visconde de Abaete) ex-ministro, era favoravel à revolução, porem desejava que essa se processasse deliberada e concientemente, precedida no minimo do relatorio de uma comissão, que justificasse o passo acertado. Depois de muita opposição á medida, foi nomeada a comissão, seguindo-se uma calma momentanea. Durante a noite, ambos os partidos passaram em revista a situação. Os clubes e as lojas realizavam sessões, e a opposição se poz a conspirar. O Regente e o seu ministerio tambem se mantinham em conclave. Vasconcelos, senador por Minas Geraes, e veterano politico, homem porem que se tornara por muito tempo odioso em virtude de grande deliquescencia moral, foi chamado para conselheiro.

A sessão da Camara dos Deputados, no dia seguinte, foi aberta no meio da mais profunda anciedade. As galerias estavam apinhadas de gente. O relatorio da comissão foi anciosamente aguardado e imperiosamente exigido. Mas não appareceu.

Navarro acusou a maioria da comissão de estar traiçoeiramente pretendendo fazer delongas. Exigiu a declaração imediata, e sem maiores formalidades, da maioridade do Imperador. Apelou para as galerias e recebeu uma ensurdecadora resposta de vivas á D. Pedro II. Seguiu-se uma indescritivel confusão. O presidente da Camara tentou prosseguir na ordem do dia; mas foi impossivel. A questão absorvente teve que ser discutida. Os mais moderados membros da opposição desejavam que a elevação ao trono do joven Imperador fosse adiada até à sua data natalicia, 2 de Dezembro. Os mais violentos exclamavam vehementes contra qualquer adiamento. Os debates prolongaram-se de modo

pouco habitual. No meio deles, entrou um mensageiro, trazendo documentos do Regente. Foram lidos pelo secretario. O primeiro, foi a nomeação de Bernardo Pereira de Vasconcelos, para Ministro do Imperio! Ao ouvirem o nome de Vasconcelos, surgiram irreprimiveis protestos de indignação em toda a Camara. O secretario passou a ler o segundo documento, verificando-se que continha um ato de prorrogação, suspendendo a Assembleia Geral desde aquele dia até 20 de Novembro proximo futuro.

A confusão e a indignação chegaram então ao auge. O publico das galerias não poude mais ser dominado. Soltava uma torrente de imprecações contra a administração, misturadas com vivas pela maioridade de D. Pedro II. Antonio Carlos, Martin Francisco, (Os dois Andradas), Limpo de Abreu ergueram-se de pé e, um após outros, lançaram seu veemente protesto contra aquele ato de loucura da parte do governo. Acusavam o Regente de crime de traição, e declaravam que todo brasileiro deveria resistir contra as medidas despóticas. Apresentavam Lima como agarrando-se com unhas e dentes ao poder, que estava prestes a fugir-lhe das mãos. Denunciavam-no como usurpador, desejando sacrificar o monarca e o trono aos azares de uma guerra civil em todos os recantos do Imperio. Vasconcelos era retratado como um monstro, cujo nome significava toda especie de vícios e de crimes, sendo, alem disso, o peor inimigo que o Imperador tinha; mas estava nas suas mãos ser agora traído o joven monarcha!

O presidente da Camara tentou forçar o ato de prorrogação, porem foi impedido. Antonio Carlos de Andrade retirou-se então, apelando para que todo brasileiro patriota o seguisse, até às salas do Senado, situado no Campo de Sant'Ana, quasi a uma milha de distancia. Seus amigos da Camara e o povo em massa acompanhavam-no e a multidão foi aumentando pouco a pouco.

Com a chegada dos deputados ao Senado, as duas Casas immediatamente resolveram reunir-se em sessão conjunta, e

nomear uma deputação, tendo Antonio Carlos á frente, para procurar o Imperador e obter-lhe consentimento para a aclamação. Durante a ausencia da deputação, varios senadores pretenderam acalmar as paixões do povo. A multidão, fóra, havia aumentado e atingia agora alguns milhares de pessoas. Nenhum soldado appareceu; porem os cadetes da Academia Militar, com o calor de seus entusiasmos juvenís, tomaram as armas e prepararam-se para defender o seu soberano.

A deputação voltou, annunciando que, após os seus membros terem apresentado ao Imperador o estado de coisas na presente crise, S. Magestade consentiu em assumir as rédeas do governo, tendo ordenado ao Regente a revogação dos seus odiosos decretos, e, novamente resolveu que a Camara continuasse em sessão. Tempestades de aplausos seguiram-se a essas communicações. O entusiasmo do povo não conheceu limites. O paiz estava salvo, e nenhum sangue fora derramado! Os cidadãos congratulavam-se mutuamente, por esse triumpho pacifico da opinião publica.

As discussões da Assembleia assumiram um aspecto de revolução consumada, que fora tão singularmente iniciada. Lima passou a ser estigmatizado como o ex-Regente, e foi declarado incompetente para reunir as Camaras que ele tinha tentado suspender. O Marquês de Paranaguá, presidente do Senado, declarou que não havia nenhuma Camara atualmente em sessão mas que os membros de ambas compunham uma augusta Assembleia Popular, personificando a nação, e pedindo que o Imperador não fosse mais considerado um menor. Estava finalmente resolvido que assim permaneceriam em sessão permanente, até que S. Magestade pudesse comparecer e prestar, na presença dos membros daquela reunião, o juramento prescrito pela Constituição. A Assembleia por conseguinte permaneceu na Casa do Senado durante toda a noite. Um corpo da Guarda Nacional, os alunos da Academia Militar e numerosos cidadãos conservaram-se tambem em guarda.

Ao romper do dia, o povo começou novamente a se reunir, e perto de 10 horas da manhã, nada menos de 8 a 10.000 dos mais respeitáveis cidadãos rodeavam o Palácio do Senado. A essa hora, o presidente da Assembleia fez uma formal declaração dos motivos da convocação. Procedeu-se à chamada dos membros das duas Casas, e, verificando-se que havia um número legal, não só de senadores como de deputados, o presidente ergueu-se e disse:

“Eu, como órgão dos representantes da Nação, reunidos em Assembleia Geral, declaro que S. Magestade D. Pedro II está, neste momento, em sua maioridade, e em pleno exercício de suas prerrogativas constitucionaes. Viva a maioridade de S. Magestade o Sr. D. Pedro II! Viva o Sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional, e defensor perpetuo do Brasil! Viva o Sr. D. Pedro II!”

Milhões de vivas, dos membros da Assembléa, dos espectadores da galeria, e da multidão do Campo irromperam no ar em resposta, prolongando-se com indiscreto entusiasmo e alegria. Foram escolhidas as deputações que deveriam aguardar a chegada de Sua Magestade e preparar uma proclamação dirigida ao Imperio. As 3½ da tarde appareceu a comitiva Imperial: S. Magestade vinha precedido pelos dignatarios do Palácio, e acompanhado por suas Imperiaes irmãs. Ao verem o joven Imperador, o entusiasmo dos presentes excedeu a toda espetativa. Nada mais se pode ouvir durante toda a cerimonia do que a repetição dos vivas, ecoando em todo o Campo de Santana. S. Magestade foi recebido com todas as formalidades, sendo conduzido ao trono, junto do qual os membros do corpo diplomatico já se achavam com seus uniformes de gala. O Imperador, então, ajoelhou-se e pronunciou o juramento prescrito pela Constituição: depois que “o ato de juramento” foi lido em voz alta, e solenemente assinado, proferiu-se a seguinte proclamação, já redigida por Antonio Carlos de Andrada, e aprovada pela Assembléa:

“Brasileiros! — A Assembleia Geral Legislativa do Brasil, reconhecendo o auspicioso desenvolvimento intelectual com que a Divina

Providencia quiz dotar S. Magestade Imperial D. Pedro II, reconhecendo tambem os males inherentes que proviriam de um governo mal dirigido, — correspondendo, alem disso, ao unanime desejo do povo desta Capital, que julga estar em perfeito acordo com os desejos de todo o Imperio, — que é o de conferir ao nosso Augusto Monarcha, os poderes que a Constituição lhe assegura; em vista de tão importantes considerações, essa Assembleia julga conveniente, para o bem estar do país, declarar a maioridade de D. Pedro II, para que possa entrar no pleno exercicio de seus poderes, como Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. O nosso Augusto Monarcha acaba de prestar em nossa presença o solene juramento exigido pela Constituição.

“Brasileiros! As esperanças da Nação se converteram em realidade. Uma nova era baixou sobre nós. Possa ela ser de ininterrupta união e prosperidade! Possamos nos tornar dignos de tão grande benção!”

Depois que as cerimoniaes terminaram. S. Magestade dirigiu-se ao Palacio da Cidade acompanhado pela Guarda Nacional e pelo povo. Realizaram-se nessa noite, numerosas e esplendidas recepções, e a alegria de toda a cidade se manifestou por iluminações espontaneas do mais brilhante efeito.

Para surpresa de todos, a revolução se tinha completado. A Regencia estava abolida; dominava a calma; e D. Pedro II, a criança que, com 6 anos de idade, havia sido aclamado soberano de um vasto Imperio, — agora, aos 15 anos de idade, se achava investido de todas as prerogativas do seu trono Imperial. O joven Imperador era muito crescido para sua idade, porem não tinha ainda as harmoniosas proporções que presentemente tanto o distinguem. O seu espirito era, por natureza, completamente maduro. Como estudante, ele fora, pode-se dizer sem o menor exagero, notabilissimo em seus gostos applicação e rapidos progressos. O estudo das ciencias naturais, — não meras tinturas, porem, investigações as mais extensas e dificeis — constituia o seu maior prazer; e a facilidade, que tinha, para adquirir as linguas era tal, que podia já nesse tempo conversar nas principaes linguas conhecidas. Não foi, portanto, uma frase vazia a que Antonio Carlos de Andrade empregou quando se

referiu “ao feliz desenvolvimento intelectual” de sua joven Majestade Imperial. Ele não era um simples “menino Imperador”.

O ano precedente assistira à inauguração das linhas de vapor ao longo de todo o litoral do Brasil, de modo a permitir que os recentes acontecimentos desenrolados no Rio de Janeiro fossem logo conhecidos por todas as cidades da estensa costa do Atlantico, e, por meio de enviados especiais, em poucas semanas, as mais remotas partes do vasto Imperio estavam dando vivas a D. Pedro II.

As congratulações estavam na ordem do dia. Todas as sociedades, todas as instituições publicas de todas as provincias e de quasi todas as cidades, da capital até as mais distantes regiões do Imperio, apressaram-se, ao receber essas noticias, não somente em celebrar o acontecimento, com jubilo incontido, mas tambem a enviar uma deputação, que manifestasse ao proprio Imperador, o seu mais profundo sentimento de satisfação, pela proclamação de sua soberania, e seus mais ardentes votos pela sua felicidade e prosperidade.

Assim se fez, sem derrame de sangue, a terceira revolução popular do Brasil. A Constituição, com exceção apenas do artigo relativo á maioridade do Imperador, foi conservada intacta.

Quanto ao governo dos nove anos que precederam, pode-se dizer, sem duvida, que o governo da Regência foi um beneficio para o Brasil. Durante todo o periodo de sua existencia, ela lutou com serias dificuldades financeiras bem como contra a formidavel rebelião do Rio Grande do Sul, alem de levantes passageiros noutras provincias. Assim mesmo, o progresso entrou na ordem do dia, e, por varios meios, havia sido assegurado.

O governo pessoal do Imperador iniciou-se sob auspiciosas circunstancias. Foi objeto de um entusiasmo que nunca mais declinaria. Os dois orientadores do seu primeiro gabinete foram Antonio Carlos e Martin Francisco de Andrade, o irmão mais velho dos Andradas; José Bonifacio

não mais existia. Em 1833, depois da sua demissão de tutor do Imperador, retirara-se da vida publica, isolando-se na bela ilha de Paquetá, situada na baía do Rio de Janeiro, onde permaneceu até a sua morte proxima, em Niteroi, no ano de 1838.

Antonio Carlos, logo de inicio, franca e lucidamente expoz os principios em que a ação ministerial devia basear, na nova ordem de coisas. Esses principios eram seguros e solidos; e, reconhecida a energia dos Andradas, somada à dos seus companheiros, deve-se presumir que nenhum esforço foi poupado, para pôr tais principios em pratica.

A Nação estava rejubilante com a idéa da gloriosa revolução que se tinha realizado; porem os legisladores, cançados pelo recente paroxismo, caíram logo no seu velho metodo de fazer negociatas. A primeira medida da opposição foi a designação de um Conselho de Estado, cujos membros deveriam ter as funções de conselheiros especiais do Imperador. Esse Conselho tornou-se um motivo immediato e prolongado de discussão, mas não chegou a termo, senão no ano seguinte. Os negocios do Imperio caminhavam em seu curso natural. Quando o assunto da maioridade do Imperador perdeu o ar de novidade, os preparativos da coroação proxima tornaram-se tema de interesse universal e ilimitadas preocupações.

Coroação de D. Pedro II.

A primeira parte do ano de 1841 foi fixada para a coroação. Os preparativos para esse acontecimento foram realizados com grande antecedencia. Os convidados de honra e as despesas revalizavam entre si em pompa e ostentação. As embaixadas extraordinarias foram enviadas pelas diferentes côrtes da Europa, para cumprimentarem o trono brasileiro.

• Os diplomatas e os politicos tudo faziam para partilhar de tais honras, no momento. Enquanto isto se dava os artistas e os negociantes da metropole, tudo empregavam para

se assegurarem os lucros oriundos das festividades. Preços exorbitantes eram pedidos por qualquer artigo de ornamentação de luxo; mas, como tais artigos se tornaram realmente necessários, a pobreza ambiciosa não menos que a avareza invejosa foram obrigadas a se submeterem àquelas extorsões.

Antes da próxima sessão da Assembléa Geral, ocorreram dificuldades que seriamente embaraçaram a administração. Varias provincias resistiram à indicação dos novos presidentes, manifestando então tendências para a revolução. Mas, o mais serio mal provinha da rebelião longamente continuada do Rio Grande do Sul. Na ansiedade com que o gabinete desejava ver terminada essa guerra interna, Alvares Machado foi indicado como agente do governo para tratar com os rebeldes. Depositavam muita confiança na sua influencia pessoal junto aos rebeldes, e ele foi investido com poderes extraordinarios e extra-constitucionais. Mas, com todas as facilidades que se lhe ofereciam, os insurgentes recusaram assumir qualquer compromisso. Machado foi, então, nomeado Presidente da Provincia.

Nessas funções, em vez de empunhar um gladio de combate, como seus predecessores o haviam feito, ou pretendido fazer, Machado adotou medidas conciliatorias, preferindo entreter negociações com os rebeldes. Essa attitude foi estigmatizada como deshonrosa para o Imperio, e um tal alarido foi feito, em relação a ela, que excitou protestos geraes para que os interesses do trono não fossem traidos. Esses protestos eram, de fato, dirigidos contra o Ministerio. Pediu-se a mudança do mesmo, o que foi afinal conseguido. No dia 23 de Março, os Andradas e seus amigos, com excepção apenas de um, foram demitidos, sendo assim suplantados aqueles que tinham produzido a nova ordem de coisas, justamente em tempo para que seus adversarios se garantissem as decorações, e os emolumentos que, em breve, seriam distribuidos.

Mortificantes como foram em algumas de suas consequências, não causaram esses fatos o menor pezar aos Andra-

das, em relação aos seus desejos pessoais. Poderiam eles apelar para os primeiros dias de sua prosperidade politica, para provar a sua dedicação desinteressada pela Patria. Podiam agora, como então, retirar-se em honrosa pobreza, conservando os reclamos de um puro patriotismo como um tesouro mais precioso do que riquezas e titulos. Pertencia-lhes a honra que faria com que a posteridade indagasse as razões pelas quaes não receberam as honras que mereciam. Outros homens haviam chegado à ignominia de receber titulos que nunca mereceram.

Quando a Assembléa Geral se reuniu em Maio do ano seguinte, encontrou-se o expediente para adiar a Coroação. Assim, por mais dois mezes, os festejos antecipados, que continuaram a ser o motivo absorvente das conversações e dos preparativos em todas as rodas, desde o Imperador e as princezas, até as classes mais humildes. Afinal esse acontecimento tão anciosamente esperado, realizou-se a 18 de Julho de 1841. Foi magnifico, alem de toda a expectativa. O esplendor do proprio dia, milhares de brasileiros e estrangeiros enchendo as ruas, decorações custosas e de gosto, feitas nas praças publicas e em frente das casas particulares, os arcos triunfais, as estrondosas saudações das bandas de musica e dos canhões, a perfeita ordem e tranquilidade, que dominaram nos prestitos populares e nas cerimonias do dia, juntamente com tudo o que se poderia imaginar ou desejar de melhor, tudo pareceu combinar-se para fazer daquela ocasião uma das mais imponentes que já hajam ocorrido no Novo Mundo. O ato da consagração realizou-se na capela Imperial, e a ele se seguiu uma recepção no Palacio da cidade. As iluminações noturnas foram feitas com grande esplendor, tendo-se prolongado, por nove sucessivos dias, os festivais comemorativos daquele acontecimento.

Tanto quanto a pompa e exhibição podem promover a estabilidade de um governo e assegurar um respeito imorredouro pela corôa, tudo se fez no Brasil, nessa data, dentro das possibilidades do momento. Ha circunstancias, porem,

ligadas á pompa monarchica, e as prodigalidades das despezas dessa coroação, que não deixam de ser muito embaraçantes, para quem tem de lutar com as mesmas. As finanças do Imperio enfrentavam então as maiores difficuldades, e decreciam de dia para dia. O dinheiro gasto na realização desses grandes festejos, inclusive a despeza de 100.000 dolares com a coroa Imperial, foi tomado de empréstimo, aumentando assim a inmensa divida publica. Alem disso, o governo longe estava de ser estavel e firme, seus conselheiros estavam divididos, e a sua politica vacilante. A existencia desse estado de coisas constituia um ótimo pretexto para as esplendidas demonstraões festivas, acima descritas. Julgaram-nas assunto da maxima importancia, para rodear o trono com tal esplendor que pudesse parecer para sempre veneravel aos olhos do público.

Depois da coroação foram reiniciadas as sessões da Assembléa Geral. A 23 de Novembro foi aprovada uma lei, estabelecendo o Conselho de Estado. Este se modelou na base dupla de um ordinario e extraordinario Conselho privado, nos moldes ingleses. Entre os cavalheiros que compunham esse Conselho destacavam-se Lima, Calmon, Carneiro Leão, e Vasconcelos (*48 bis). Os proprios individuos que se opuzeram aos Andradas no periodo da maioridade do jovem Imperador e que foram postos abaixo, por aclamação, tinham, no curto espaço de um ano, não só conseguido conquistar, de novo, o favor publico, como tambem assegurar para si proprios nomeaões vitalicias da maior influencia.

Vasconcelos, na verdade, não procurava titulos. Eram mesquinhasarias que ele facilmente dispensava, para, com elas, gratificar seus companheiros. Mas amava o poder, e nem as mortificaões nem as derrotas desviavam-no do seu alvo. Finalmente, conseguia uma posição, que provavelmente estava de acordo com as suas inclinaões mais do que qualquer outra, na qual, como guia espirital do Conselho, a sua influencia se fazia largamente sentir.

A 1.º de Janeiro de 1842, o Ex. Sr. Hunter, (38) encarregado de negocios dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, apresentou suas credenciais de Ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario, cargo para que fora promovido. Essa differença foi prontamente correspondida pela nomeação do Ex. Sr. Lisboa, (* 49) como Ministro do Brasil em Washington.

Em continuação do presente esboço historico do Brasil, é penoso dizer que o ano de 1843 foi assinalado por varias e serias perturbações da ordem em diferentes pontos do Imperio. Principiaram pela eleição de deputados. Varias fraudes foram então cometidas, quer pela mudança do dia e da hora, quer pela transferencia dos lugares em que se deviam realizar as eleições. E o que era peor ainda: batalhões regulares e de homens armados introduziram-se no recinto da votação, enquanto a multidão dos votantes era trazida de outros distritos. Em summa, o suborno, a corrupção e a força triunfavam sobre o livre exercicio da opinião publica. Não se deve supôr que um partido fosse o unico culpado dessas medidas; pelo contrario, com o seguimento das coisas verificou-se que a opposição tinha sido bem sucedida, e que o partido ministerial estava em minoria. A conduta do Ministerio foi de tal natureza, embora agisse com alguma razoabilidade a fim de evitar a reunião regular da Assembléa decretando uma secção extraordinaria, que os ecos da rebelião foram ouvidos em provincias do Imperio que até então haviam sido das mais fieis e tranquilas. São Paulo e Minas Geraes levantaram-se e entraram no regimen de desordem; a mais profunda consternação dominou, e, até na capital, uma proclamação incendiaria foi afixada nas esquinas das ruas, convocando o povo para libertar o Imperador do domi-

(38) Nenhum diplomata estrangeiro deixou mais sinceros amigos que o falecido Sr. Hunter, de Rhode Island. Seus conhecimentos como universitário e sua afabilidade como cavalheiro conquistavam todos os corações.

nio que lhe tinham imposto, e para salvar, não só o trono como a Constituição, das ameaças de aniquilamentos.

É interessante notar que os brasileiros, em suas comições intestinas, sabiam colocar a censura no seu verdadeiro lugar, e sempre se uniam em torno de D. Pedro. Este, por outro lado, provou sempre, pelo seu carater e pelas suas medidas, ser digno de tal devotamento. O poder do Imperador no Brasil não se assemelha ao do monarca da Russia, mas é tão limitado como o do soberano da Inglaterra.

O governo se entregou a extremas medidas. A milicia foi convocada e proclamada a lei marcial nas três províncias sublevadas. Foi mantida, porem, a supremacia da lei. Os propositos do Imperio foram, durante algum tempo, muito velados, e de poucas promessas, mas, gradativamente a tempestade foi amainando. A ordem se foi restabelecendo sem reais hostilidades ou perdas de vidas humanas. As peores consequencias da rebelião foram sentidas nos distritos em que se deram, sendo que a confiança publica e as rendas nacionaes muito sofreram por sua causa.

As eleições, no findar do ano de 1842, ocorreram com mais tranquillidade, e a 1.º de Janeiro de 1843, o Imperador em pessoa abriu as sessões da Assembléa Geral, tendo nomeado novo Ministerio. Desde então até hoje, tem havido bruscas quedas dos partidos e das facções, e, embora sempre tenha havido certa soma de corrupção e falta de escrupulo nos negocios politicos da nação, nenhuma grave perturbação tem afetado o seu bem estar, tendo dominado sempre uma tendencia constante para a obediencia da lei. Em relação com isso, as dificuldades financeiras foram diminuindo e aumentando a prosperidade nacional.

Casamentos Imperiais.

Os mais notaveis acontecimentos publicos, que ocorreram no Rio de Janeiro, no ano de 1843, foram os casamentos imperiais, celebrados com grandes provas de regozijo e máximo esplendor.

Nos primeiros dias de Julho de 1842, o Imperador D. Pedro II havia ratificado um contrato de casamento com sua Real Alteza a Serenissima Princeza Sra. D. Tereza Christina Maria, augusta irmã de S. Majestade o rei das Duas Sicílias. O casamento se realizou em Napoles, e, a 5 de Março, uma esquadra brasileira, composta de uma fragata e duas corvetas, sahiu do Rio de Janeiro, rumo ao Mediterraneo, para conduzir a Imperatriz à sua patria futura.

Entrementes, a 27 de Março do mesmo ano, uma divisão francesa chegou, sob o comando de S. Real Alteza o Principe de Joinville, filho de Louis Philippe. Era essa a segunda visita que Joinville fazia ao Brasil. Logo depois de sua chegada, fez propostas matrimoniais a S. Imperial Alteza D. Francisca, terceira irmã do Imperador. As negociações habituais foram encerradas prontamente; a 1.º de Maio realizava-se o casamento no Palacio da Boavista, e, a 13 do mesmo mês, o principe e sua Imperial consorte partiram para a Europa.

A Imperatriz D. Teresa chegou ao Rio no dia 3 de Setembro, e foi recebida, não só com magnificas cerimônias, como tambem com sincera cordialidade da parte dos brasileiros.

Deve-se tambem mencionar que a irmã mais velha de D. Pedro II. D. Maria, rainha de Portugal, tambem já recebera como seu real consorte o principe Fernando Augusto de Saxe — Coburgo-Gotha; e a 28 de Abril de 1844, S. Imperial Alteza D. Januaria se casou com um principe napolitano, o Conde de Attila, irmão da Imperatriz do Brasil e do rei das Duas Sicílias. Assim, no decorrer de um só ano, a familia Imperial do Brasil contratou honrosas e lisonjeiras alianças com as côrtes da Europa.

Em 1844, o Brasil se rejubilou com o nascimento do principe Imperial D. Affonso; mas, a sua morte prematura, no ano seguinte, consternou a nação inteira. Em 1846 a princeza Izabel (atual herdeira presuntiva) nasceu e, em 1847, a sua irmã D. Leopoldina. Em caso de morte dessas princezas, e da resignação do Imperador sem outro sucessor,

a Constituição prevê que a mais velha das netas (D. Januária) será herdeira do trono Imperial.

Progresso do país.

Em 1850, o tráfico dos escravos (que se continuava, a despeito de solennes tratados) foi efetivamente abolido: e, logo depois, numerosos compradores do deshumano trafico — homens que até então tinham usufruído alta posição na sociedade — foram banidos.

No mesmo ano, deu-se a inauguração da primeira linha de vapores para a Europa; estando o Imperio atualmente ligado ao velho mundo, por nada menos de três linhas. Uma linha de vapores une atualmente as duas Americas.

Nos ultimos dez anos, o progresso do Brasil se tem desenvolvido. O seu credito publico externo é o mais alto possivel. Melhorias internas têm sido projetadas e executadas em grande escala; a tranquillidade tem dominado, não perturbada pelas pequenas sublevações provinciais; o espirito de partido vem perdendo a sua primitiva violência; a atenção de todos está mais do que nunca dirigida para os triunfos pacificos da agricultura e do comercio. A instrucção publica vem sendo mais amplamente difundida; e, embora muito falte fazer para elevar as massas, ainda assim o Brasil continuará a desenvolver os principios da sua nobre Constituição, e, si a educação e a moralidade dominarem no interior de seus limites, ele, no devido tempo, assumirá o seu posto na primeira fila das nações.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 45) A Regência Provisoria era constituída por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Francisco de Lima e Silva, e José Joaquim Carneiro de Campos (Marquez de Caravelas).

(* 46) A Regência Permanente era constituída por Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho (Marquez de Monte Alegre) e João Braulio Muniz.

(* 47) Bernardo Pereira de Vasconcelos.

(* 48) Antonio Navarro.

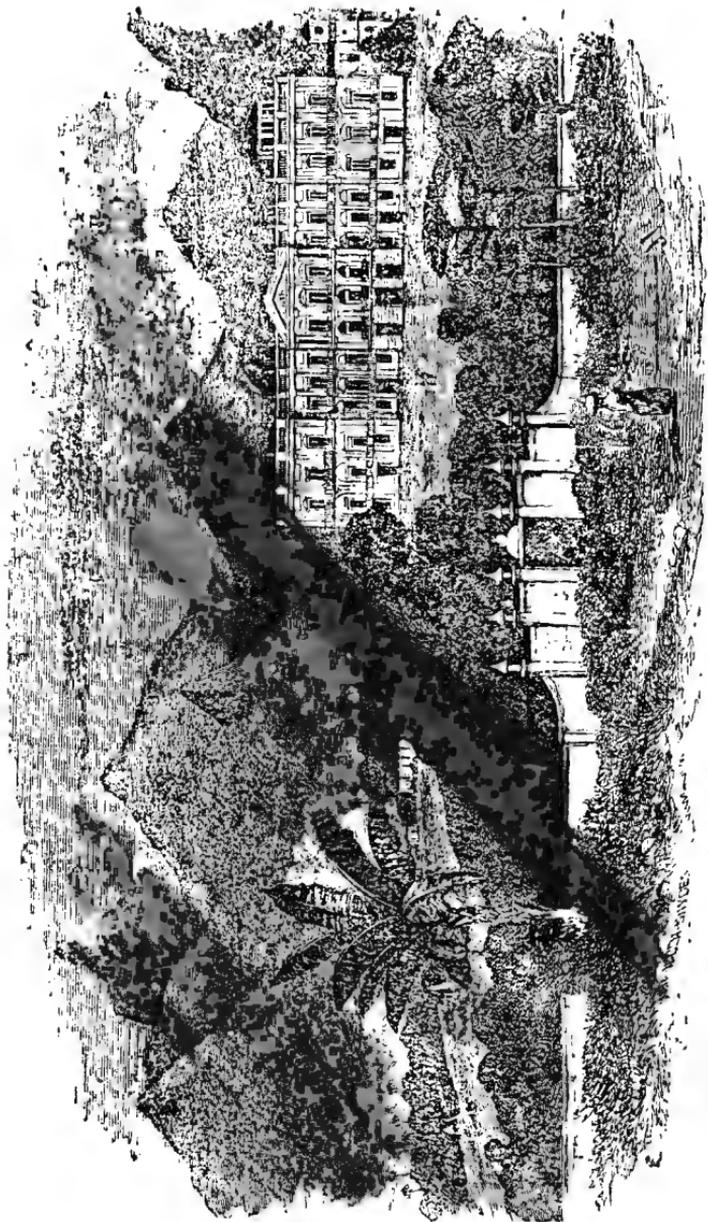
(* 48bis) Manuel de Araujo Lima, Miguel Calmon, Honorio Hermeto Carneiro Leão e Bernardo Pereira de Vasconcelos.

(* 49) Autor de "Memorandum sobre a questão de limites do Brasil", publicado em "Revista do Inst. Hist. Geogr. Bras." IX — 436.

CAPÍTULO XIII

O Imperador do Brasil.

Deve naturalmente haver interesse e louvavel curiosidade em conhecer o carater e as habilitações do monarca, que foi chamado pela Providencia para dirigir uma florescente nação. O Imperador do Brasil, em virtude das limitações da Constituição, não tem o proposito do dominio que é a herança de Alexandre II, ou o ideal de Napoleão III. A vida de algumas cabeças coroadas limita-se ao seu aspeto official; muito poucos dos governantes "Dei gratia" possuem meritos intrinsecos; são educados, requintados e podem ou não ser afaveis. Aos olhos do legitimista, a sua principal distinção é o sangue, que lhe corre nas veias, em gerações passadas de reis. Aquele, porem, que se coloca a meio do caminho entre o legitimista e o republicano rubro, considera com maior ou menor grau de veneração os representantes do poder executivo que vê no governo, e possivelmente é levado a ter certa admiração pelo carater amavel e benevolente que pode possuir quem se assenta sobre um trono. Porem é muito raro, na historia das nações, encontrar um monarcha que combine tudo o que poderia exigir o mais escrupuloso legitimista, e que seja limitado por todas as restricções que um constitucionalista possa almejar, e ainda possua os maiores dotes para o respeito de seus súditos e admiração do mundo, pelo seu talento congenito e suas aquisições em materia de ciências e literatura. Essa rara combinação se encontra em D. Pedro II. Em suas veias corre o sangue unido dos Braganças, Bourbons e Habsburgos. Pelo casamento, acha-se ligado às familias Reais e Imperiaes da Inglaterra França, Russia, Espanha e Napoles. Seu pae, D. Pedro II, era um energico Bragança, e sua mãe D. Leopoldina, uma Habsburgo, cunhada de Napoleão I.



Palácio Imperial da Boa Vista, em São Cristóvão

Seus parentes, como já se disse, são de todos os graus, desde o monarca constitucional ao mais absoluto ditador.

Seus poderes, modificados pela Constituição Brasileira, já foram considerados. Faltam-nos descrever como chefe, e os títulos principais que o recomendam aos olhos da sua nação e do mundo.

É desde muito um devotado à ciência da química, e, o seu laboratório em S. Cristovão assiste sempre a novas experiências. O comandante Strain, o nobre heroe da expedição Darien, cuja ciência é tão conhecida como sua bondade e bravura, informou-me que, visitando o Rio de Janeiro havia mais de dez anos, encontrara o Imperador inteiramente dedicando-se aos estudos dos fenomenos naturais. O Dr. Reinhardt, (* 50) — que passou muitos anos no Brasil como naturalista, visitou a capital do Imperio, quando D. Pedro II ainda não completara 19 anos. Este ouvira dizer que o sabio americano ia empreender uma exploração científica do Imperio, e mandou chamal-o para ajudar-lhe a executar algumas novas experiencias químicas, cuja descrição ele tinha estudado atentamente nas revistas scientificas europeias. O Dr. Reinhardt acrescentou, depois, que o joven monarca, no seu entusiasmo, não dava atenção ao tempo que passava, quando eles, num clima tropical e numa sala fechada, encerravam-se durante horas, para realizar fumegantes reações químicas.

Sabe-se bem no Rio de Janeiro que o Imperador é um bom engenheiro topografo, seus conhecimentos teoricos em perspectiva são as vezes postos em pratica: — o principe alemão Adalbert, no relato que publicou de sua visita ao Brasil, conta-nos que o Imperador presenteou-o com uma pintura muito correta devida á Imperial palheta. Mostra grande inclinação para o estudo filologico; ouviu-o falar três diferentes linguas; sei, por ouvir dizer, que conversa em mais três; e que traduz tambem todas as principais linguas europeias. A sua biblioteca é rica das melhores historias, biografias e enciclopedias. Houve quem notasse que difficil-

mente o estrangeiro pode iniciar uma palestra sobre assunto do seu proprio país que seja estranho a D. Pedro II. Não ha sessão do Instituto Historico Brasileiro a que não compareça; está familiarizado com a literatura moderna da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos num grau de minucia absolutamente surpreendente. Quando o apelo de Lamartine por auxilio foi transmitido sobre as ondas, foi o Imperador do Brasil que lhe prestou o maior auxilio material, subscrevendo 5.000 exemplares da sua obra, pela qual remeteu ao delicado poeta 100.000 francos. O seu poeta favorito é atualmente, entre os vivos, o Sr. Longfellow, por quem tem ilimitada admiração.

Na literatura e na ciencia, não se limita aos livros, mas uma parte de suas manhãs é dedicada à leitura das revistas estrangeiras e jornais, bem como às publicações do Brasil. O que porem, sae da sua propria pena é raramente visto; tenho porem, diante dos olhos, algumas linhas originais da mão do Imperador, que um membro do corpo diplomatico do Rio copiou do album de alguém, pertencente à Casa Imperial. Sem duvida não pretendiam vir a publico, porem a justeza de seus sentimentos, mesmo que em inglês não traduza toda a leveza do portuguez, pode ser apreciada pelos leitores desta obra: — (Ver apendice).

Em 1856, o Excelentissimo Sr. Luther Bradish, digno Presidente da “New York Historical Society”, na reunião de Julho dessa Associação, propos D. Pedro II, para membro honorario dessa culta corporação. A proposta foi secundada pelo marechal S. Bidwell, Esq., e não preciso dizer que a votação se deu por aclamação. A mesma sociedade, numa reunião seguinte, ouviu do reverendo Dr. Osgood, a seguinte observação a respeito do Imperador do Brasil: “D. Pedro II, pelo seu carater, seus gostos, applicação, e conhecimentos em literatura e ciencia, eleva-se acima da sua mera posição fortuita de Imperador, e, assume um lugar no mundo como um *homem*”.

O monarca brasileiro herdou o seu talento em linha reta. D. Pedro I era um homem de grande energia e capacidade, e D. Leopoldina não deixara de herdar aquela energia que caracterizava sua mãe Maria Tereza. Os primeiros estudos de Pedro II foram dirigidos pelo Franklin do Brasil — José Bonifacio de Andrada; e não sei si o seu gosto pela ciencia foi influenciado por esse admirador talentoso dos estudos naturais. Sua mente, desde cedo, ficou imbuída de seus problemas e, quando chegou a maturidade, como já vimos, não perdeu oportunidade para fazer acrescimos às suas reservas de conhecimentos.

A primeira vez que vi o Imperador, estava vestido em tra-
jes civis, acompanhado pela Imperatriz. Vinham numa car-
ruagem puxada por seis cavalos precedidos e acompanhados
pela guarda montada. Gosta de andar depressa, e quer a
cavalo, quer em carruagens, os seus camareiros e guardas
têm que conservar o passo distoando das manifestações
comuns de atividade entre os brasileiros. Dois dragões
precedem a todo galope a carruagem, e, ao som de seus chico-
tes, as ruas ficam livres de todos os obstaculos, transeuntes
e veiculos. Aconteceu, porem, em relação a mim, que os
musculos do pescoço de Suas Majestades deviam estar
excessivamente fatigados pelos seus frequentes passeios na
cidade e nos suburbios, para que o mais humilde de seus
súditos, ao sauda-las não fosse retribuido. O seu passeio
usual às tardes é pelo Catete e Botafogo, até o Jardim
Botanico.

Visita a um navio mercante norte-americano.

Um conjunto de circunstancias levou-me depois a ter
mais estreitas relações com S. Majestade do que as de um
mero observador de sua bela figura, passando rapidamente
diante de mim. Em 1852, durante a ausencia temporaria
do Sr. Fernand Coxe, secretario da legação dos Estados
Unidos no Rio de Janeiro, fui escolhido para ocupar o seu
lugar. E, finalmente, depois da sua resignação, fui nomeado

secretario efetivo. Em Setembro de 1852, tocou-me o dever de ir ao Palacio de S. Cristovão em companhia do governador Kent, o qual, na ausencia do Ministro Plenipotenciario, assumiu o posto de Encarregado de Negocios, somado ao de consul americano. A occasião exigia essa visita official do governador Kent, que, de acordo com a etiqueta da Côrte, ia agradecer à Sua Majestade ter aceitado o convite do comandante Foster, para visitar o navio "City of Pittsburg".

Esse grande navio mercante estava em viagem para a California, via Estreito de Magalhães, e, fazendo estação no porto do Rio de Janeiro para tomar carvão, o capitão convidou o Imperador e sua Corte, para uma excursão a bordo desse esplendido exemplar da arquitetura naval norte-americana. O Imperador, tendo manifestado sua aceitação, todos os preparativos foram feitos, e, às 11 horas da manhã, os canhões dos fortes dos navios de guerra anunciavam que a comitiva Imperial havia embarcado para o vapor. O dia não podia ser mais belo. O capitão Foster não poupava esforços para a ornamentação de seu belo paquete, de maneira digna de seus hóspedes. Flamulas e bandeirolas foram suspensas no mastro principal. As bandeiras da republica Norte Americana e do Imperio Sul Americano flutuavam unidas, enquanto que uma orquestra, no passadiço de bordo, irrompia os hinos nacionais do Brasil e da União Norte-Americana. Quando as embarcações chegaram ao "City of Pittsburg" o capitão Foster, tendo ao lado o encarregado de negocios americano, recebeu o Imperador e, dando-lhe as boas vindas, pôs o vapor às ordens de Sua Majestade.

D. Pedro II estava acompanhado pela Imperatriz, bem assim como pelos Ministros, a Casa Imperial e os officiaes superiores do Exercito e da Marinha. Todos estavam em grande uniforme, com exceção de S. Majestades.

A excursão foi de extraordinario interesse, o belo paquete de duas mil e duzentas toneladas, mergulhava a sua quilha atravez dos varios ancoradouros, até se aproximar dos navios de guerra; os canhões dos fortes saudaram-no à

sua passagem, e os navios de guerra não só soltaram suas barulhentas salvas, como manejaram o seu velame, tendo os marinheiros soltaço altos vivas a D. Pedro II. Enquanto isto, o Imperador examinava o "City of Pittsburg", das carvoeiras até às máquinas e, como eu me senti no dever de dar-lhes todas as explicações, tive oportunidade para observar o *homem*, esquecendo os aspetos formais do Imperador. D. Pedro não se contentava em ver apenas o exterior das máquinas, mas descia até os compartimentos aquecidos e cheios de óleo da parte inferior do navio, onde estavam alojadas as mais complicadas peças das máquinas, meia hora foi depois empregada em estudar os desenhos da parte mecânica do navio, que foram explicados minuciosamente pelo engenheiro chefe do navio, e pelo Sr. Grandy, engenheiro inglês ha muito tempo adido à Marinha brasileira.

Quando terminou o exame das máquinas, o Imperador, desejou visitar o tombadilho da terceira classe. Ora, os americanos são o mais vaidoso povo do mundo, e temiam que, nessa parte do navio D. Pedro não só se chocasse com a apparencia de alguns especimes muito grosseiros da humanidade, em sua viagem para as regiões do ouro, no litoral do Pacifico, como também que os ditos especimes não dessem a S. Majestade a recepção devida à sua posição, como chefe Executivo da mais poderosa nação sul-americana. Mas a atenção do Imperador não poude ser desviada para outro ponto, e o comandante, temeroso e tremulo, levou-o para o pessadiço da prôa. Aí, deitados em sacos de aniagem, viam-se os representantes da "Mose" de New York, da "Killer" de Filadelfia, de "Plug-Ugly" de Baltimore. O coração do capitão confrangeu-se de aflicção: tinha orgulho de seu navio e de seus illustres hospedes, mas muito pouco de alguns de seus passageiros, especialmente aqueles terriveis e indomaveis indivíduos, que, ainda, por cima, eram mais grotescos depois duma viagem do que num dia de eleição. O Imperador aproximou-se então daqueles "sovereigns" — aí de nós, bastante perto para poder sen-

tir o ar de sua “nobreza”, — então ocorreu uma cena, difficilmente descrita por palavras, que nunca se daria com outros autores que não fossem norte-americanos. Um dos estivadores, em que o fumo já de ha muito occupava a maior parte da boca e dos pensamentos, bruscamente levantou-se do sacco de aniagem, descarregou a sua saliva no mar e, de chapeo na mão, exclamou numa voz muito nitida e terrivel, — “Camaradas, três vivas pelo Imperador do Brasil!” Num abrir e fechar de olhos, todos os californianos estavam de pé e nunca, nas suas fogosas batalhas pela gloriosa “Democracia”, soltaram mais fortes e cordiais “hurrahs”, como nesse dia para D. Pedro II. A surpresa, o inesperado, as boas intenções e o entusiasmo de tudo isso, foram dos mais imprevistos. Os temores do comandante, porem, desapareceram, tinha atravessado a sua “pons asinorum” e podia agora respirar e rir francamente. O Imperador retribuiu a saudação improvisada com grande respeito e, com gravidade que condizia com aquella solene occasião.

A Imperatriz e seu sequito não ficaram menos satisfeitos com a comodidade dos salões e a rica decoraçào dos camarotes, do que o seu Imperial esposo com todos os equipamentos mecânicos de bordo.

O “City of Pittsburg” ficou sob o comando do Imperador, e, assim, viajamos algum tempo, embora o mal do mar tenha atacado fortemente uma boa parte da Côte. S. Majestade mostrava-se tão satisfeito, com o seu novo dominio flutuante, que não se resignou em perde-lo tão cedo; por isso, passámos dez milhas alem do Pão do Açucar, antes que fosse dada a ordem de regresso. O panorama do litoral montanhoso nunca me pareceu mais magnifico do que nesse brilhante dia de Setembro.

O capitão preparara uma suntuosa mesa de doces, mäs surgiu um obstaculo que parecia mais difficil de vencer do que o tombadilho da proa. O par Imperial não estava nem mesmo habituado a jantar com seu sequito, e até nas occasiões mais solenes eminentes Ministros Plenipotenciarios

nunca foram convidados a tomar parte na refeição, no mesmo salão de S. Majestade. Não havia precedente de uma merenda feita em um tombadillo de um navio americano e sobretudo a bordo de um simples navio mercante. Ninguém tinha então a idéia de consultar o Imperador, acerca de um assunto aparentemente tão insignificante, como o modo por que desejaría comer, e, portanto, o capitão Foster, que é tão simples quanto hospitaleiro, tomou toda a responsabilidade em suas mãos, e abriu um precedente. O "City of Pittsburg" fazia parte integrante dos Estados Unidos, e o seu comandante estava decidido a fazer as honras do seu país, como si estivesse nas margens do rio Hudson. Suas Majestades foram colocados em uma mesa separada, que, como seis outras no navio, ficou distante das outras, um intervalo de dois pés. A officialidade norte-americana ocupou a mesa junto; os ministros, e nobres sentaram-se em outra, enquanto que os camareiros ficaram próximos do Imperador. Talvez D. Pedro não tivesse feito qualquer objeção à vizinhança dos americanos considerando que todos eram "sovereigns". O capitão Foster, que fala bem o francês, propôs, com dignidade apropriada ao momento, a saúde de SS. Majestades; e tudo se passou, tão facil e felizmente, como si mil e uma cerimônias e precedentes tivessem sido respeitados e seguidos.

Entramos na baía, entre as salvas dos canhões e, ao por do sol a comitiva Imperial embarcou de volta nas lanchas officiais, tendo passado um dia que, mais tarde, ele declarara ter sido um dos dias mais agradaveis de sua vida. Repetidamente depois, tive occasião de ouvir SS. Majestades exprimirem suas recordações dessa excursão; estou certo de que nenhum dos amigos pessoais do capitão Foster sentiu mais profunda simpatia por êle do que D. Pedro II e D.^a Tereza, ao saberem, pelos jornaes, o triste destino do "City of Pittsburg", no porto de Valparaiso. (* 51)

Exposição de Produtos Norte-Americanos.

Em 1854, regressei por alguns meses aos Estados Unidos. Tendo tido varias vezes occasião de observar, na minha estada no Brasil, a ignorância aí dominante em relação aos Estados Unidos, e a recíproca ignorancia do povo norte-americano em relação ao Brasil, desejei tudo fazer que estivesse ao alcance de uma simples pessoa, para remover a impressão erronea, e conseguir um melhor entendimento entre os dois paises. Havia nisso mais altos objetivos em vista do que uma mera difusão de conhecimentos, e uma intensificação de commercio. E, agora, que dois anos se passaram desde a consecução dos meus propositos, tive a satisfação de saber que novos laços de reciprocidade tinham sido iniciados, que livros escolares haviam sido feitos para o Brasil em estilo americano, e que milhares de dólares foram depois de 1865 empregados na compra dos artigos que expuz.

Quero aqui intercalar, mesmo sujeitando-me a repetições, a maior parte de uma carta, dirigida ao "New York Journal of Commerce" e ao "Filadelfia Ledger", que dá um resumo dos esforços a que acima me referi. Devo de minha parte explicar que muitas pessoas não entenderam totalmente o meu empreendimento, e que, depois de ouvirem falar no seu successo, lastimaram não terem tido uma oportunidade de se fazerem representar na "Exposição" da capital do Brasil.

Rio de Janeiro, 23 de Maio de 1855.

"SRS. EDITORES.

(Depois de algumas observações preliminares, escrevi o que se segue:)

"O motivo que me animou a empreender esse negocio foi simplesmente o bem dos Estados Unidos e do Brasil. Quando trabalhei durante varios anos, como missionario no Rio de Janeiro, verifiquei haver grande ignorancia a respeito do nosso país, seu progresso, e seus recursos de produção. Tambem descobri uma recíproca ignorân-

cia dos Estados Unidos a respeito do Brasil. Neste país, nós somos conhecidos como uma raça arrojada e resistente, que consome dois terços da produção brasileira de café; pela qual, em troca, nós exportamos trigo e alguns artigos de menor uso. Nos Estados Unidos, o Brasil é muitas vezes classificado entre os países espanhóis da América. Poucas pessoas sabem que a língua portuguesa é falada no Brasil, e que este país é a única monarquia na América e o único governo constitucional do continente ocidental que tem andado para frente, com tranquilidade e prosperidade material, além dos Estados Unidos. Encontrei aqui artigos e publicações, inglesas, alemães e francesas, que estavam realmente de acordo com a moda, e isso se dava embora alguns artigos pudessem ser comprados mais baratos nos Estados Unidos; certifiquei-me, também de que os nossos navios voltam carregados de lastro, para buscar café, pagando para isto as mais exorbitantes taxas de cambio, quando os navios europeus trazem cargas que lhe permitem, em pagamento, receber os principais produtos do Brasil.

No Brasil, encontrei grande falta de livros didáticos. No Chile, em Nova Granada, vi livros espanhóis, publicados por Appleton, e desejaria ver a mesma coisa feita para a juventude do Brasil, onde grande atenção está sendo despertada para os assuntos de educação. Observei, no país, algumas associações científicas, que, em dignidade e dedicação às belas letras, podiam hombrear com a "New York Historical Society" e outras associações congêneres da nossa Pátria.

Era meu ardente desejo, primeiro — ver esses sete milhões de homens tolerantes possuindo uma profunda moralidade e uma verdadeira religião. Outro desejo meu seria ver homens de ciência estudiosos do Brasil ligados aos espiritos irmãos da nossa vigorosa terra; e contemplar bons compêndios nas mãos das crianças brasileiras, e ver as nossas fabricas, tendo mostruarios neste país, seu tão grande consumidor.

Em 1854, em virtude de enfermidade em pessoa de minha família, fui obrigado a deixar subitamente o meu campo de atividade para ir aos Estados Unidos. Aí, passados alguns meses, compreendi que estava obrigado a abandonar a terra da minha adoção. Foi para mim, entretanto, necessario voltar ao Brasil, afim de ultimar os meus negocios. Foi então que, pelos jornais, ofereci meus serviços para levar para o Rio de Janeiro, livre de despesas para os doadores, todos os artigos que enviassem para o meu endereço. Esses objetos, solicitei-os para o Imperador, para as associações científicas e literarias e para exposição publica. Como sacerdote, sabia que ninguem me acusaria de especulação. Durante dois meses, mais ou menos, fiz despesas à minha custa, para solicitar, em pessoa, os donativos, tanto pela imprensa como por meio de cartas. Lastimo dizer que muitas pessoas, que deveriam estar interessadas nessa tentativa, não se digna-

ram responder às solicitações de um nome desconhecido, não ficando por isso a exposição tão rica como seria de desejar, em algumas secções, embora tenha eu o prazer de declarar que houve alguns homens influentes, que emprestaram a responsabilidade de seus nomes ao projeto.

Final certo numero de artistas, editores, comerciantes e fabricantes, foram induzidos a enviar exemplares de livros, estampas, esculturas e objetos manufaturados, mas tudo isso foi pouco em comparação com a nossa contribuição para o proprio beneficio futuro dos doadores.

Os Srs. Corner & Sons, de Baltimore, generosamente puseram o seu navio à minha disposição, com passagem gratis. No mês de Março, o belo navio "Huntingdon" deixou Baltimore levando a minha bagagem. Robert C. Wright, Esq, dessa cidade, e o seu principal funcionario Sr. W. R. Jackson fizeram tudo ao seu alcance para facilitar a empreza, e a eles, mais do que a quaisquer outros, devo o sucesso obtido. Em Abril, chegámos ao Rio de Janeiro, e, durante três semanas, passei por tais vexames e delongas, que quasi desesperêi dos resultados da minha empreza. Devido á gentileza do Barão de Penedo, então Ministro brasileiro em Washington, e a uma carta do Exmo. Sr. William Trousdale, Ministro norte-americano, as minhas caixas e pacotes foram admitidos isentas de taxas. Os regulamentos da Alfandega deste país são excessivamente rigorosos, e tive de fazer uma descrição de cada objeto que trazia, para fins estatísticos do Ministerio das Finanças. Como não tinha lista dos artigos nem de seus respectivos valores, muitas das caixa contendo cem diferentes pacotes bem amarrados, entre os quais muitos objetos frageis, em suma, *tudo* teve de ser aberto pelos funcionarios, que não eram dos mais cuidadosos, fazendo-me sofrer fisica e mentalmente antes e depois dos exames. Não foi facil conferir tantas parcelas, e tive de restaurar com dificuldade alguns belos objetos depois que mãos desastrosas de certos funcionarios subalternos haviam atravessado com pregos esses objetos.

O Inspetor Chefe da Alfandega estava convencido, desde o dia da minha chegada até o dia do exame dos meus caixotes, que eu estava meditando algum plano contra as finanças do país; e abertamente falou a alguns negociantes que eu pretendia vender aqueles artigos. Essa cavalheiro mais tarde tornou-se meu afetuoso e atencioso amigo. Foi quando eu assistia pacientemente à abertura de caixa por caixa, e chegamos a uma que continha as esplendidas fotografias de Fredericks, & Gurney, que o Fiscal-Chefe chamou um outro e mandou chamar o Vice-Inspetor, este veio e, depois de expressar a sua admiração pela perfeição daquelas fotografias, mandou chamar o Inspetor-Chefe. Este cavalheiro deixou o seu estrado, que fica no grande vestibulo da Alfandega e encaminhou-se para os depositos. A sua admi-

ração não conheceu limites quando viu a fotografia em tamanho natural de Webster, o ultimo retrato do grande estadista. Daí data a cessação de suas suspeitas em relação aos meus projetos. Olhou com grande satisfação os belos mapas de Colton, deleitando-se no exame das admiráveis gravuras de notas bancarias, feitas por Dunforth & Wright, assim como as de Toppan & Carpenter, que contribuíram com algumas de suas mais belas amostras, em que se mistura o belo e o útil nas artes. O exame e o registro do conteúdo das minhas caixas, daí por diante, foram feitos com muita mais pressa em virtude da visita do Inspetor-Chefe.

Uma semana depois de me libertar da Alfândega, recebi uma ordem do Ministro do Imperio cedendo-me um grande salão no Museu Nacional para nele realizar a exposição. No mesmo dia fui a Palacio, comunicar ao Imperador que estava pronto, para recebe-lo às 11 horas da manhã do dia seguinte (16 de Maio) no Museu. S. Majestade recebeu-me e, segundo julguei então, com maior amabilidade do que seria de esperar de sua costumada atitude séria, e logo descobri, por uma observação que me fez, que era devedor à S. Ex.^a o Sr. Carvalho Moreira, de uma completa explicação a Sua Majestade de meu projeto, que da minha parte, era mais filantrópico do que comercial.

Essa noite não consegui dormir, tão atarefado estive com o arranjo de todos os pormenores da exposição. No dia seguinte, cinco minutos antes das onze, (Sua Majestade é notavel de pontualidade), ouvi os conhecidos toques de corneta da Guarda Imperial, e, antes que os meus auxiliares tivessem tempo de atender, as carruagens conduzindo D. Pedro e seus camareiros pararam em frente do Museu.

Auxiliados por alguns bons amigos, eu havia disposto os seiscientos diferentes objetos de forma tal que a exposição não deixou de ter uma certa imponência. As bandeiras norte-americana e brasileira caíam em graciosas dobras sobre os retratos de Washington, do Imperador e de seu Pai. Os mapas de Colton e de outros editores, as gravuras de Nova York, Filadelfia e Boston, cobaiam as paredes. Livros e pequenos artigos manufaturados ocupavam as mesas; papéis de paredes, belamente pintados e cadernos de amostras, de musselina de lã, viam-se suspensos, e grandes máquinas agrícolas foram arrumadas sobre estrados, adrede preparados.

S. Majestade começou a examinar com grande interesse todas as coisas, minuciosamente. Fez varias perguntas, manifestando o mais intimo conhecimento do progresso do nosso país. Encheu-se de admiração pelos exemplares de livros, gravuras em aço, e cromolitografias de Filadelfia, bem como pelos maquinismos agrícolas. De vez em quando, ouvíamos chamar um dos nobres ou camareiros que o acompanhavam para admirar esse ou aquele objeto uteis ou artisticos

expostos. Não era, porem, descuidoso em seu louvor, mas, pelo contrario, perfeitamente franco em suas criticas.

Sendo ele próprio um perfeito estudante em ciências físicas, e um bom engenheiro, examinou minuciosamente a esplendida publicação do "United States Coast Survey", da repartição da "United States Coast Survey" de Washington. Apreciou tambem no seu justo valor as varias obras científicas, que occupavam uma vasta mesa.

Durante meia hora esteve debruçado sobre o "Atlas de Química" de Youman, louvando a sua excelência e simplicidade. Quando examinava um trabalho sobre fisiologia, ouvi-o observando a superioridade de um tratado de craneologia, de autoria do Dr. Morgan; informou-me que possuía os escritos desse eminente estudioso do corpo humano. Era tambem muito lido nos imensos volumes do operoso, erudito e consciencioso Schoolcraft, cujos trabalhos sobre os aborígenes da America do Norte, haviam sido mandados pelos chefes dos Serviços dos Negocios Indigenas de Washington.

S. Majestade mostrou-se profundamente interessado pelos varios mapas, geografias e compêndios, enviados por Colton, Appletons, Woodford & Brace, T. Cowperthwait, e Barnes. As publicações belamente ilustradas de varias sociedades de beneficencia de nossa terra, foram oferecidas á familia Imperial e atraíram merecida atenção. O Imperador muito satisfeito se mostrou com os exemplares de gravura em madeira, que foram executados pelo Sr. Van Ingen, da firma Van Ingen & Snyder, que foram os habéis ilustradores da presente obra.

O rapido exame que fez dos maquinismos industriais e máquinas agrícolas, justificavam a reputação que D. Pedro II gosa a este respeito. Os papeis de parede Howell, feitos segundo os desenhos dos estudantes da Academia de Desenho de Filadelfia, e os belos tecidos de seda de Horstman, e de Evans, — que deviam ser classificados como verdadeiras obras de arte, mereceram grandes elogios.

Em seguida aproximou-se da mesa em que estavam os livros expostos por Appleton e Parry & Mc. Millan. Tomando nas mãos o "Republican-Court" ele disse — "Estou admirado de tanta perfeição em matéria de encadernação" respondi: "Poís nenhum desses volumes foi encadernado expressamente para ser visto por V. Majestade." As encadernações dos livros de Appleton, são soberbas. Ele abriu o livro "Homes of the American Authors" e surpreendeu-me com o conhecimento que tem da nossa literatura. Fez observações sobre Irving, Cooper e Prescott, mostrando íntima familiaridade com cada um deles. Seus olhos pousaram no nome de Longfellow, e perguntou-me com grande interesse: "Avez-vous les poèmes de Mr. Longfellow? Era a primeira vez que ouvia D. Pedro II manifestar um entusiasmo que, em sua emoção e simplicidade, lembrava o ardor do infante quando deseja possuir um objeto ha muito desejado. Respondi: "Creio que não, Majestade." — "Oh!

disse ele, sinto muito, pois tenho procurado em todas as livrarias do Rio de Janeiro, obras de Longfellow sem nunca as conseguir. Posuo muitas de suas belas poesias mas desejava possuir as suas obras completas; admiro-o imensamente. —” Essa tarde encontrei os livros enviados por Parry & Mc. Millan os “Poetas e poesias da America” — neste volume, ha um esboço biográfico de Longfellow assim como algumas poesias escolhidas de sua pena. Esse volume, juntamente com o “New Pastoral” de T.-Buchanan-Read, foram depois comentados e recebidos com o mais evidente prazer por S. Majestade.

Estava ausente do salão quando D. Pedro II observou as gravuras da “American Bank Note Company”. Quando voltei, achei-o empenhado numa discussão com seu primeiro camareiro a respeito de John Quincy Adams, — o camareiro (como aliás a maioria dos estrangeiros mesmo os mais instruidos) supunha que John Quincy Adams fosse o mais velho dos Adams. — O Imperador insistia em dizer que John Quincy Adams não era o antigo campeão da liberdade e o “comrade”, como ele o chamou, de Washington; — mas sim o filho de John Adams, que, como este, fora Presidente dos Estados Unidos.

Logo que fez um novo exame da “Republican Court”, e apontou para o camareiro a illustre mãe de John Quincy Adams, mostrou-se muito desejoso de ver um retrato de Jefferson. Um dos seus ajudantes encontrou um retrato muito bem gravado, pelo buril de Toppan & Carpenter, do sabio varão de Monticello. Quando o recebeu nas mãos, ouvimo-lo dizer, sem pedantismo ou afetação, mas com grande minucia e correção, o seu juizo sobre o carater de Jefferson comparado com o de Washington.

Aproximando-se de algumas belas litografias, publicadas por Williams & Stephens, de Nova York, apresentei a S. Majestade o “Young America” esse belo porem insubordinado rapaz, assim como ao “Uncle Sa’s Youngest Son, Citizen Know-Nothing”. Pensei que havia encontrado um assunto sobre o qual S. Majestade realmente não soubesse nada. Mas verifiquei que me enganara, pois ele contou, a um dos seus camareiros, algumas das travessuras desse joven, acrescentando que era um cidadão de algum poder de sabedoria a julgar pelas recentes eleições nos Estados Unidos (1865).

Assim passamos todo o dia, no exame e na explicação dos artigos norte-americanos.

Visita ao Imperador.

Poucos dias após o encerramento da Exposição, levei os muitos objetos destinados à familia Imperial ao grande palacete de Marquez de Abrantes, situado num dos mais belos recantos do Rio, na praia de Botafogo, que tanto lembrava o golfo napolitano. S. Majestade

estava passando, aí, algumas semanas, para tomar banhos de mar. Passei pela guarda do portão e, quando subi as escadas, fui visto pelo Imperador, que veio ao meu encontro, na porta de entrada, agradecendo-me cordialmente por tudo o que havia feito. Pedi-lhe que me concedesse alguns momentos até que chegassem os caixotes, pois tinha que lhe dar algumas explicações sobre a fechadura secreta dos excelentes baús, mandados para S. Majestade por Peddie & Morrison de Newark, N. J. Com a sua permissão, penetrei nos belos jardins, onde havia as mais ricas e raras flores do país, em perpetua florescência. O ambiente estava verdadeiramente saturado de doces perfumes. Havia aí fontes e estatuas, muitos pássaros de brilhantes plumagens, e, tudo na natureza e na arte, feito para alegrar os que vivem para o belo. Olhando para uma cena tão encantadora, tive um unico desejo, de que esta terra, para quem tanto Deus fez no ponto de vista da natureza, pudesse possuir as vantagens mentais e morais que pertencem aos mais ríspidos povos do norte, pela sua educação e religião.

Logo depois chegaram os pretos conduzindo as pesadas caixas, e um arado finamente trabalhado (presente de B. Myers de Newark, N. J.) tendo sido tudo por ordem do camareiro colocado numa antesala onde S. Majestade novamente os admirou e examinou. A primeira coisa que me perguntou, foi por "*Mr. Longfellow* (em "*Poets and Poetry of America*"). Em seguida, pelo "*Youman's Atlas of Chemistry*"; em seguida, me perguntou pelas belas amostras de cromolitografia (por Sinclair, and Duval de Filadelfia) e finalmente pela máquina a vapor que fizera a sua travessia de Cincinnati á Boston na ultima primavera. Dei-lhe um plano dessa máquina, que me fôra oferecido por um funcionario da Baltimore Sun Office. Ele imediatamente tomou-o em suas mãos e começou a explicar a maneira por que funcionava a um sabio francês que estava de visita ao palacete. Durante uma hora, ficou ocupado em passar revista aos produtos do nosso país. Chamou a Imperatriz, que tambem exprimiu o seu agradecimento da forma mais elevada, quando lhe mostrei os belos livros que haviam sido enviados para ela e as princesas. S. Majestade a Imperatriz não ficou sómente agradecida com os objetos, que despertaram os louvores de seu esposo Imperial, como tambem, juntamente com as suas damas de honra, mostrou-se feminina na satisfação manifestada pelos sabonetes de luxo, e outros artigos de toucador, enviados por H. P. & W. C. Taylor de Filadelfia e Colgate & Co. de Nova York. Muitos agradecimentos foram mandados dar àqueles que tinham tido a bondade de se lembrar da familia Imperial do Brasil. Deixei o palacete, convencido de que, no que dizia respeito ao Chefe do Governo brasileiro, eu obtivera o mais completo sucesso.

Com os súditos de S. Majestade, o empreendimento não foi meos feliz. Nos dias 17 e 18, o Museu foi visitado por alguns milhares

de pessoas e os brasileiros não pouparam as demonstrações de admiração e surpresa.

Cada tarde eu passava totalmente ocupado em responder às muitas perguntas que me faziam de todos os lados. Não tenho a menor duvida de que uma exposição completa das artes e manufaturas norte-americanas, organizada por homens de negócios e que tenham meios para leva-la adiante, redundará em aumientar mil vezes os lucros do comércio americano.

Quando eu passava entre as pessoas que estavam examinando os varios artigos, ouvi referencias que me convenceram ser apenas necessário conhecer os produtos do nosso país para começar a importá-los em grande escala. Durante a realização da exposição depois do seu encerramento recebi muitos pedidos de livros, gravuras, papeis pintados e retratos de Muncester. Ainda esta manhã tive uma encomenda para uma maquina de espremer cana de açúcar, e uma grande prensa litográfica. As minhas respostas, em todos esses casos foram sempre: "não sou um comerciante, não estou aqui para este fim, não tenho interesses pecuniarios de qualquer natureza no caso, mas as firmas temem seus correspondentes na America."

Na tarde de 16, a "Sociedade Estatistica do Brasil" realizava uma reunião no mesmo salão em que se achavam expostos os produtos dos Estados Unidos. O Visconde de Itaboraí, que a presidia, convidou-me a fazer uma comunicação a essa sociedade. Senti-me muito feliz em ter oportunidade de explicar meus planos a essa reunião de cavalheiros, onde encontrei a maior simpatia; francamente exprimiram o seu desejo de verem os Estados Unidos e o Brasil mais estreitamente unidos, e suas opiniões foram publicadas pela imprensa, tornando mais conhecidos do publico os motivos da minha tentativa.

As contribuições de Washington, do Bureau of the Court Survey, e do Patent-Office, e a esplendida publicação do "North American Indians", a que Schoolcraft devotou a sua vida, foram considerados pelas associações de estudos históricos, como grandes aquisições para as suas bibliotecas. Em relação a isso, não devo omitir a menção de algumas importantes obras de medicina, enviadas por Lippincott, Grambo & C^o. que foram oferecidas à Academia Imperial de Medicina. Dessa associação recebi carta de agradecimentos, que me mostrou que as contribuições de varios doadores haviam sido apreciadas na sua justa medida. O Instituto Historico Geografico do Brasil publicou, na imprensa diaria, a lista das obras historicas e de outra natureza, bem como os catalogos da sua biblioteca, na parte que havia sido aumentada com as referidas aquisições.

Já ocupei espaço demasiado do vosso jornal, e peço apenas permissão para acrescentar algumas palavras.

Não afirmo que a exposição tenha constituído uma coleção perfeita do que podem produzir os Estados Unidos. Muito longe disso; mas, pelo interesse que despertou numa cidade de 300.000 habitantes, pelos louvores espontaneos da imprensa diaria, e pelos pedidos que me vieram de varios pontos da cidade, para que a exposição continue, tenho o direito de pensar que uma impressão favoravel foi deixada, e acredito que desse pequeno negocio nós podemos concluir legitimamente que existem no Brasil os mais favoraveis mercados para as diferentes manufaturas do nosso país. Requer paciência e capital, e talvez algum risco no principio, mas acredito que, no final, os empreendedores serão recompensados. Um ou dois americanos, ha poucos anos atraz, começaram a importar maquinismos agrícolas norte-americanos, e mantêm atualmente um commercio regular desses artigos. Si se puder estender a importação, e este povo compreender o que produzimos, o nosso comércio rapidamente crescerá. Não se precisam especuladores, porem homens de negocio, moralizados, sérios e comprehendedores, que tudo farão para fornecer os melhores artigos, pelos mais baixos preços.

Em conclusão, sem desejar provocar espetativas que não serão realizadas, ou sem desejar sobrestinar o que foi feito nessa exposição, posso apenas dizer que, embora deficiente, alcancei com meus esforços as minhas boas intenções de fazer o bem, e, quando deixar o Brasil, para voltar à obra do meu Senhor, na minha pátria terei ao menos o consolo de ter contribuido para tornar mais estreitas as relações entre a mais poderosa nação da America do Sul, e a grande republica do Norte.

Sou, ilmo. sr. respeitosaemente,

às suas ordens,

J. C. FLETCHER."

Visita ao Palacio de S. Cristovão.

Um incidente divertido, ligado à exposição, se deu na minha ultima estada no Rio com os presentes destinados ao Imperador. Depois da "*Exposição*" tive que partir do Rio de Janeiro, e estive viajando em outras partes do Imperio. No mês de Julho, voltei das provincias do Sul e verifiquei que os Srs. Merian, de Springfield, Massachusets, haviam enviado uma soberba edição do dicionario completo de Webster. Eu tambem possuia alguns livros destinados à biblioteca pessoal do Imperador. Um relato da apresenta-

ção destes volumes foi feito numa carta particular ao Sr. J. P. Branchard de Boston de onde extraiu os trechos seguintes:

“Os donativos de Srs. Merian chegaram durante a minha ausencia nas provincias do Sul; mas, logo que voltei, procurei-os na Alfândega, e levei-as a palacio, immediatamente. Já era naturalmente muito tarde para figurarem na exposição do Museu Nacional; mas, como o estado de S. S. tinha sido pobremente representado em Maio, tive o prazer de possuir essa amostra das edições de Massachusetts, esse monumento da paciencia e do escrupulo de operosidade de um homem que tanto fez para definir e classificar a lingua inglesa.

Foi dois dias antes da minha partida para a Baía e Pernambuco, que pude reservar algumas horas para ir à Quinta Imperial da Boa Vista — o Palacio S. Cristovão. — E' costume ir-se até aí numa carruagem puxada — *no minimo* — por dois cavalos; mas, encontrando um tilburí novo e de boa apparencia, com um cocheiro mulato muito vistoso, tomei esse veiculo e com “Webster Dictionary”, o Hawthorne's “Mosses from an Old Manse”, Longfellow e “Hyperion” pouco depois rodava pelas ruas ladeadas de jardins do Engenho Velho, até o palacio. O palacio S. Cristovão está situado num dos mais pitorescos arrabaldes do Rio de Janeiro. Fica em grande relevo, destacando-se das altas montanhas verdes da Tijuca, e rodeado pelas mais belas arvores dos tropicos. Tudo nele contribue para torna-lo uma deliciosa residência. Quando rodava pela longa avenida de mangueiras, vi a carruagem de um dos Ministros bamboleando com os seus palafreiros de libré; a minha instalação parecia muito mediocre em comparação com essa brilhante equipagem, mas senti que os três livros, que levava comigo, agradariam S. Majestade, muito mais do que todas as carruagens da côrte.

Desci à porta do palacio depois que o Ministro entrou, e fui conduzido até uma ante-sala pelo camareiro, a quem dei a conhecer o fim da minha visita e a natureza dos meus volumes. Não desejando confiar a minha preciosa carga a um subalterno, eu mesmo carreguei os três tomos comigo, o que aliás não era uma carga leve. Depois de atravessar muitos corredores, cheguei a uma galeria larga e ampla, que olhava para uma área, onde lindas fontes estavam jorrando e florecendo as mais escolhidas e cheirosas plantas.

Supuzera que fosse um dia de audiência particular; porem a longa galeria estava cheia de cavalheiros em traje de cerimonia, — nobres juizes da Suprema Côrte, Ministros e Encarregados de Negocios, officiais em grande uniforme, alguns dos quaes cobertos de decorações. Soube então pelo Sr. Leal, e pelo Encarregado de Negocios de Napoles que a data de 13 de Julho era aniversario

da princeza Imperial Leopoldina, e que esses cavalheiros tinham ide felicitar SS. Majestades por esse aniversario. Escolhi meu lugar, no fundo da fileira dos que esperavam, pensando que não tinha escolhido bem o dia em que S. Majestade estivesse menos ocupado. Mas eis que aparece D. Pedro II, com a sua bela estatura máscula, dominando todos os outros. Estava vestido de preto e, com exceção de uma estrela que brilhava em sua lapela esquerda, a sua vestimenta era simples e seu bom gosto ainda se tornava mais visível em contraste com os brilhantes uniformes da côrte.

Imaginei que S. Majestade recebesse primeiro as congratulações da vistosa multidão que estava entre ele e o pastor tão simplesmente vestido. Julgue o Sr., então, da minha surpresa quando ele, simplesmente curvando-se, passou pelos muitos titulares e representantes das côrtes estrangeiras, e dirigiu-se diretamente para o Webster, o Hawthorne e o Longfellow. Com um agradável sorriso cumprimentou-me, e levou-me para uma arcada onde se viam flores e uma limpida fonte. Ali examinou os livros e fez os maiores elogios ao dicionário. Não só pelo belo estilo em que foi preparado pelos editores mas pelo carater quasi encicopedico da obra. Falou de Hawthorne como de um autor de quem já ouvira falar, e mostrou-se muito satisfeito em possuir o "Moses from an Old Manse". Chamei sua especial atenção para a "Celestial Railroad", que motivara uma alusão do Banyans no seu guia para a cidade celestial. Desde o mês de Maio que o Imperador procurava todas as obras do Sr. Longfellow, mas não tinha acrescentado á sua biblioteca nenhuma produção em prosa desse autor. Considerou, portanto, "Hyperion", uma interessantissima aquisição.

S. Majestade conversou longamente sobre os objetivos que me trouxeram ao Brasil e exprimiu a sua gratidão pelas lembranças que tinha recebido dos cidadãos dos Estados Unidos. Afirmei-lhe que desejava visitar as provincias do Norte, e voltar em seguida para a minha terra natal. Ele exprimiu os habituaes desejos de boa viagem, etc., mas, com grande ardor, disse-me, ao concluir: — "Sr. Fletcher, quando o sr. voltar ao seu país, tenha a bondade de dizer ao Sr. Longfellow quanto prazer me deu, e, dizer-lhe tambem "*combien je l'estime, combien je l'aime!*"

Assim terminou, pelo menos na parte que me competia, o empreendimento que eu iniciava (39).

(39) Nota de 1866: — Por varios modos tento sido informado dos bons resultados desses esforços realizados em 1855 no Rio de Janeiro. O segundo autor da presente obra visitou por quatro vezes o Brasil depois de 1855, e teve muitas ocasiões de manter íntima conversação com D. Pedro II, e pode testemunhar o con-

tínuo interesse do Imperador por obras que tratem de assuntos morais, literários e artísticos. Com Longfellow e o poeta "quaker" Whittier tem mantido relações mais íntimas, tornando-se familiarizado com as suas manifestações poéticas, e, por mais de uma vez, traduzindo com felicidade os seus poemas, cujas cópias autografadas lhes envia. Pelo seu profundo interesse pela ciência, pela sua correspondência com o Prof. Agassiz, esse eminente sábio veio ao Brasil, achando-se atualmente empenhado em longas explorações dos ricos tesouros que contem a natureza do Brasil. Que as mais satisfatórias relações, não só literárias como políticas, continuam a existir entre os Estados Unidos e o Brasil, torna-se evidente quando se leva em conta que o Imperador tem como representantes seus nesse país cavalheiros tão insinuantes como o Barão de Penedo, o Sr. M. Lisboa, falecido Ministro brasileiro nos Estados Unidos, e o Sr. Azambuja, actual representante de S. M. I. em Washington.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 50) Johannes Theodor Reinhardt, botânico dinamarquês.

(* 51) Foi largamente noticiada a visita do Imperador D. Pedro II ao navio norte-americano "City of Pittsburg"; julgamos interessante acrescentar, ao relato feito por Fletcher na presente obra, os seguintes trechos extraídos do "Jornal do Comércio" de 11 de set. de 1852: "O City of Pittsburg é dos maiores vapores que têm entrado neste porto... Terminado o minucioso exame (em que SS. MM. indagaram principalmente da maneira por que trabalhava a hélice), o vapor principiou a mover-se, e pouco depois, posto andasse só á meia força, marchava quasi dez milhas (chegando até ás alturas da Ilha Redonda. ...SS. MM. aceitaram um copo d'água que lhes ofereceu o capitão do vapor, e agradeceram com afabilidade ás saudes que se fizeram ás suas augustas pessoas e á familia imperial. A banda de música da fragata "Constituição", que se achava a bordo do vapor, executou com bastante precisão diferentes peças. ...As duas horas e um quarto da tarde, retiraram-se SS. MM., acompanhadas dos Srs. ministro da marinha, da guerra e da justiça, e pouco depois saía barra a fora o vapor "City of Pittsburg" em viagem para a Califórnia".

Em artigo assinado por "un officiel de l'Armée", e escrito com o propósito de evitar explorações políticas em torno da visita imperial no "Jornal do Comércio" de 17 de setembro de 1852, depois de noticiar com minúcia a forma por que foi recebido o Imperador do Brasil num navio mercante da República Norte Americana, onde se leem referências á presença do então secretário interino de legação Rev. Kidder e sua Senhora, o artigo assim termina: "entre la galanterie de l'hommage républicain rendu á LL. MM. II., car c'est évidemment ce caractère que portait l'invitation du capitain américain, cette visite me parait empreinte de la plus large signification et de la plus haute portée, considerée comme une marque de déférence et de grandé sympathie échangée entre la grande République et le grande Empire"...

CAPÍTULO XIV

Literatura brasileira.

Possuindo os brasileiros um governante dotado de tais gostos literarios e científicos, certamente que terão feito maiores progressos nesse sentido do que antigamente.

Em virtude da politica restritiva de Portugal, nenhuma tipografia poude ser introduzida no país, até 1808. O gosto geral pelas leituras teve que principalmente se limitar aos periodicos e a traduções de novelas francesas. Os autores não são numerosos no Imperio; mas tem havido, nos ultimos anos, certo numero de historias provinciais de valor, contribuições scientificas e uma ou duas tentativas sobre historia geral do Brasil. As livrarias estão cheias de obras francesas sobre ciencias, historia e demasiada "filosofia infiel".

Ha contudo um editor official muito fecundo em detalhes interessantes. Refiro-me aos relatorios anuais dos Ministerios do Imperio, Finanças, Justiça, Negocios Estrangeiros, Guerra e Marinha. São todos bem escritos e bem impressos, contendo valiosissima materia para os estadistas, os estatisticos e os leitores em geral. O relatório do Ministro da Justiça, deve ter exigido uma soma de trabalho desconhecida pelos funcionarios dos Estados Unidos ou da Inglaterra; pois todos os casos, que são levados à Justiça, em cada uma das vinte Províncias, deve receber sua revisão e ser colocado na propria mesa do Ministro. Crimes, idades, sexo e nacionalidade dos criminosos, são dados juntamente com os castigos. Somados a isso, assuntos de disciplina penitenciaria, e os varios interesses dos negocios ecclesiasticos não são esquecidos.

Imprensa.

A literatura periodica do Rio, de poucos anos para cá, melhorou de aspeto, com a publicação de uma revista medica e uma publicação trimestral estrangeira e brasileira. Esta ultima tem sido dirigida com grande espirito de iniciativa literaria, prometendo ser de grande utilidade para o país; mesmo assim, porem, destina demasiado espaço às traduções. Si os brasileiros tivessem tempo para escrever e fizessem um esforço de pensar por si proprios, os estrangeiros, em breve, achariam que a sua produção é interessante e valiosa, e atribuir-lhe-iam o valor que merece ter.

A imprensa, sendo livre, duvido que qualquer jornal dos Estados Unidos, da Inglaterra, ou de outros países da Europa, contenha tantos comunicados dos assinantes como os do Rio de Janeiro. Como esses comunicados devem ser acompanhados de dinheiro à vista, o jornalismo no Brasil é uma instituição bastante rendosa. Alguns dos artigos editoriais, do "Jornal do Comercio", do "Correio" (* 52) e do "Diario", podem ser favoravelmente comparados com os de Nova York ou Londres. O Correio tem um corpo editorial competente, e é uma folha de ótima leitura.

O aspeto dos periodicos do Rio é semelhante ao dos parisienses, apenas os diarios brasileiros são maiores, em tipo mais claro e impressos em papel superior. O rodapé de cada folha contem a leitura leve, o que se chama aqui o *folhetim*; e, todos os domingos, o "Correio Mercantil" publica varias colunas de "pacotilha", "O Jornal do Comercio", o "Mercantil", o "Diario do Rio de Janeiro", e o "Diario Oficial" são mais bem impressos do que os diarios franceses.

A imprensa diaria do Rio é muita prolifera. São diariamente publicados quatro jornaes, alem de varios tri-semanais, e, um numero variado de seis a dez folhas, semanais e irregulares. Durante as sessões da Assembléa Nacional, os relatorios verbais dos trabalhos e debates dessa

corporações são publicados na integra, como os do Parlamento inglês e do Congresso Americano, na manhã seguinte em que são feitos.

O "Jornal do Comercio", já referido, conta com a maior circulação e está sobre a direção do Sr. Castro, o tradutor em português da Historia do Brasil de Southey, secretariado pelo Sr. A. D. O "Correio Mercantil" é propriedade de Muniz Barreto e Cia., tendo como redator-chefe, o sr. Octaviano (* 53) um dos melhores escritores do Brasil. O sr. Barreto merece muito de seu país pelos esforços que tem feito para elevar o tom da imprensa. O "Diario do Rio de Janeiro" é editado por Saldanha Marinho, eminente politico do partido liberal, auxiliado por um eficiente corpo de redação. O "Diario Oficial" foi criado pelo governo em 1862. O seu atual editor é o sr. Tito Franco de Almeida, que outrora editava com grande capacidade o "Jornal do Pará". Todos os principais diretores dos três ultimos jornais, são membros da Camara dos Deputados. O "Anglo Brazilian Times" é uma folha ingleza quinzenal, editada pelo Sr. Souley e possui mais vivacidade que as publicações brasileiras, sendo um valioso complemento dos jornais do Rio. Ha um interessante diario agricola, publicado sob os auspicios da "Sociedade Imperial de Agricultura", que merece ter ampla circulação. A primeira publicação desse genero, "O Agricultor Brasileiro" foi iniciada pelo sr. N. Sands. em 1854; só um volume foi publicado.

A tipografia mais adiantada é a dos irmãos Laemmert, na rua dos Invalidos; a maquina impressora da Tipografia Universal produz belos trabalhos em artes graficas. O assunto das columnas de anuncios dos varios periodicos é renovado quasi que diariamente e é muito lido por grande numero de leitores em geral, pelo gosto picaresco e pela variedade que apresenta. Aí vêm noticiados varios costumes peculiares à sociedade brasileira, incluindo os avisos ecclesiasticos e de irmandades, que já mencionámos no capitulo anterior e, o patrocínio das numerosas loterias autorizadas pelo governo. Frequentemente fundam-se companhias para

a compra de bilhetes e as pessoas distantes ordenam aos seus correspondentes a aquisição dos mesmos. Afim de evitar subsequentes trocas ou disputas, o comprador anuncia pelos jornais o numero do bilhete comprado, e qual a quantia, como por exemplo: "M. F. S. comprou por ordem de J. T. Pinto, dois meios bilhetes numeros 1513, e 4.817 da Loteria em beneficio do teatro de Itaboraá. O tesoureiro da companhia "Amigos da Boa Sorte" comprou, por conta dessa companhia, os meios bilhetes numeros, 3.885 e 5.430 da loteria da Cathedral de Goiaz". Segundo tais costumes, pessoas que desejam publicar objetos perdidos costumam anuncia-los em nome de uma companhia, para compra de bilhetes de loteria, e as vezes isso se estende por doze linhas.

Os brasileiros têm um modo muito eficiente de cobrar dividas, que deve ser conhecido pelos credores das outras partes do mundo. O recibo se encontra no seguinte aviso:

"O Sr. José Domingos da Costa é solicitado pagar, na Rua de S. José 35, a quantia de 600\$000. E, no caso de o não fazer dentro de três dias, a sua conduta será exposta neste jornal, juntamente com a forma pela qual essa divida foi contraída."

Um outro aviso mostra que até o clero nem sempre é poupado:

"Sr. Editor: Depois que o vigario de certa paróquia, no dia 8 do corrente, terminou a missa, com toda a costumada afetação, voltou-se para o publico, e disse com ar de mofa: "Como não temos festival, vamos ler a liturgia, etc. A isso responderei que o reverendo vigario conhece bem as razões por que não houve festival. Esteja ele certo, entretanto, que quando desaparecerem as intrigas, o festival se realizará, mas si está com pressa, que o realize à sua propria custa, já que quem reza o Padre Nosso é que deve ter os beneficios."

Assinado: *O inimigo da Hipocrisia.*

Um mestre escola, depois de anunciar os seus predicados profissionais, assim conclue: (Os grifos são dele).

“Os alunos das primeiras classes, aprendem diferentes ramos de ciencia e literatura, incluindo inglês, francês, portuguez e latim. Os da segunda classe recebem uma educação completa, consistindo em leitura escrita, gramática, arimética, e doutrina cristã. Não estando o diretor habituado a fazer esplendidos avisos e reclames na imprensa diaria, para lançar poeira nos olhos do publico, apenas pode prometer que, sendo pai de numerosa familia, e sabendo os cuidados e atenções que as crianças exigem para a sua moral e educação, saberá cumprir o seu dever de acordo com isso.”

Uma ultima amostra ilustrará os casamentos precoces, que se realizam frequentemente no Brasil; eu desafio que em qualquer outro país se forneça um paralelo ao seguinte aviso, que appareceu no “Jornal do Comercio” do Rio de Janeiro em 1852:

“Precisa-se de uma senhora, branca, de afiançada conduta, e com intelligencia bastante para fazer companhia a uma menina casada de menor idade a qual precisa de algumas instruções proprias ao seu estado. Quem estiver nessas circumstancias, anuncie por esta folha para ser procurada.”

Distribuição de Bíblias.

Já fizemos varias alusões à completa liberdade de imprensa no Brasil e podemos agora mencionar, relacionadamente com isso, que ha um interessante exemplo do uso dessa liberdade para os avisos em bem da propagação da biblia no Brasil assim como para boa execução dos esforços feitos para a difusão das Sagradas Escrituras. O meu colaborador, Dr. Kidder na primeira parte de sua tarefa religiosa no Brasil, empenhou-se pela maior circulação da Bíblia. Prefiro dar a sua opinião, com as suas proprias palavras. Depois de falar da influencia geral de Portugal sobre o Brasil, ele escreve:

“Portugal nunca publicou a Biblia, ou permitiu a sua circulação, a não ser acrescida das notas e comentarios, aprovados pelos censores inquisitoriais. A Bíblia não vem numerada entre os livros que podem ser admitidos em suas

colônias, quando essas se acham sob seu absoluto dominio; todavia, os brasileiros, nos seus costumes politicos adotaram uma Constituição liberal e tolerante. Embora ela faça da religião Catolica Apostolica Romana a religião do Estado, permite que todas as outras formas de religião sejam mantidas e praticadas, salvo em edificio "tendo a forma exterior de um templo". Tambem proibe perseguição no terreno das idéias religiosas. Gradativamente, as vistas esclarecidas dos grandes assuntos de tolerancia e liberdade religiosa tornam-se mais disseminadas entre o povo, e, por isso, muitos estão preparados para bem receber qualquer movimento que lhes prometa dar o que ha tão longo tempo estão sistematicamente esperando: O Evangelho da verdade para o seu proprio uso pessoal. Exemplares expostos a venda, e anunciados nos jornais, encontram muitos compradores não só nas cidades como tambem nas provincias distantes.

Nas casas das missões, muitos exemplares são gratuitamente distribuidos; e em varias ocasiões, ha o que se pode chamar uma verdadeira invasão de pedintes, do volume sagrado. Uma dessas, ocorreu logo depois da minha chegada. Soube que havia chegado um suprimento de biblias e que a nossa casa estava literalmente cheia de pessoas de todas as idades e condições de vida, — desde o homem de cabelo grisalho até a buliçosa criança, desde o cavalheiro da alta sociedade, até o pobre escravo. A maioria das crianças e dos escravos vinha como portadores, trazendo pedidos escritos, de seus pais, ou senhores. Esses pedidos eram invariavelmente redigidos em linguagem respeitosa, e muitas vezes implorante. Varias foram as viúvas pobres, que, sem dinheiro para comprar livros para seus filhos, desejavam o testamento para a que elles o lessem na escola. Um outro pedido veio de um dos ministros do governo Imperial, pedindo fornecimento de biblias, para toda uma escola fora da cidade.

Entre os cavalheiros, que compareceram em pessoa, viam-se varios diretores de colegios, e muitos estudantes de

diferentes graus. Traduções em francês, em inglês, assim como em português, eram muitas vezes procuradas pelos amadores dos estudos linguisticos. Nós distribuímos os preciosos volumes de acordo com o nosso criterio, com alegria mas também com temor. Sendo este o primeiro movimento geral do genero, estávamos, às vezes, inclinados a recear que algum plano tivesse sido combinado para destruir os livros ou para nos envolver em qualquer dificuldade. Essas apreensões foram, porem, contraditadas, por todas as circunstancias, que puderam ser por nós observadas; e todos aqueles que puderam fazer a sua aquisição apezar da nossa intransigencia, ouviram, com profunda atenção, tudo o que tivemos ocasião ou habilidade de dizer a respeito de Cristo e da Biblia.

Não se deve, entretanto, supôr que tão grande soma de verdade evangelica pudesse ser espalhada de uma vez entre o povo, sem excitar grande ciume e comoção entre alguns padres. Não obstante isso, contavam-se alguns dos representantes dessa classe entre os proprios candidatos a receber a Biblia. Um sacerdote, já de certa idade, que nos procurou em pessoa, e recebeu exemplares especiais em português, francês, e inglês, ao retirar-se disse-nos: — “Nunca vi se fazer coisa semelhante neste país”.

Um outro enviou-nos um pedido em francês, para que lhe remetessemos “L’Ancien et le Nouveau Testament”. Em três dias, foram distribuidos 200 exemplares, e as nossas reservas acabaram, mas os pedintes continuavam a chegar, podendo-se avaliar que quatro vezes aquele numero podia ser atendido. Tudo que pudemos responder a essas pessoas era informar onde a Biblia podia ser procurada ou vendida, e antecipar um novo suprimento no futuro.

Não ficamos desapontados com a opposição que surgiria ante essa manifestação do desejo do povo pelos Evangelhos. Uma serie de baixos ataques foram feitos, contra nós

por certa publicação, que pelo seu estilo, bem dizia do caracter dos seus autores. (Vide nota * 72)

.....

“Essa especie de opposição quasi sempre teve o defeito de despertar maior procura pela Biblia, sendo que muitos individuos, que vinham procura-la em nossa casa nos declararam que a sua atenção tinha sido atraida pelas tentativas fanaticas e desarrazoadas dos oppositores. Eles condemnaram a idéa como absurda e ridicula, que os homens pudessem ditar-lhes o que deviam ler, fazendo uma cruzada inquisitorial contra a Biblia. Desejavam poder mostrar que tinham liberdade religiosa e estavam decididos a te-la. Expressaram a sua contrariedade em relação à ignorância e fanatismo, que caracterizam alguns desses pretensos juristas da religião, que devia orientar a sua vida pelas exigencias da palavra Divina.

Os nossos amigos, consultados a respeito, quasi que invariavelmente nos aconselharam não dar atenção aos baixos e virulentos ataques que nos foram feitos, com os quais o publico de modo algum sympathizava, e que todas as pessoas inteligentes compreenderiam a sua injusta finalidade. Tais artigos se refutariam por si proprios, e iriam ferir mais os seus autores do que a nós.

Os resultados confirmaram essa opinião. Um cavalleiro “Um Portuguez”, disse-nos com particular entusiasmo: — “Não dêem atenção a essas coisas, continuem na missão sagrada em que se empenham, espalhando a verdade pelo povo”. — Com esse conselho concordamos, e fazemos agora a agradável reflexão que reservamos as nossas energias e o nosso tempo, a mais altos objetivos que a refutação das falsidades sem base e rancorosas, que foram ditas contra nós. Sabemos bem que essa opposição não foi tanto contra nós, como contra a causa da Biblia, com que nos indentificamos, e ficamos satisfeitos de permanecer tranquilos, esperando a salvação de Deus”. E mais agradável ainda foi

assistir aos resultados da onipotente Providencia que torna cada vez mais os homens tributarios da palavra Divina.

A maldade desses opositores, infieis à verdade, excitou a curiosidade de numerosas pessoas, em examinar si realmente a palavra de Deus não era proveitosa para a instrução e para a doutrina. Os resultados de semelhantes exames, em todas as mentalidades puras, pode ser facilmente previsto. Assim, as verdades inspiradas encontraram livre curso em centenas de familias e dezenas de escolas, que puderam realizar a sua boa tarefa sobre a mentalidade e o coração do povo.

Alguns exemplos dos efeitos felizes e imediatos da propagação da Bíblia chegaram ao nosso conhecimento; mas está reservado à Eternidade revelar a extensão total do beneficio. Quando viajámos posteriormente, em provincias distantes, verificámos que os volumes sagrados postos em circulação no Rio de Janeiro, nos haviam precedido algumas vezes, e onde quer que hajam chegado despertaram um tal interesse que fizeram o público pedir novos exemplares.

Ha outros meios, alem dos periódicos, para o progresso dos brasileiros em assuntos de ciência e belas letras.

Aos varios collegios, escolas e academias descritas em outro capítulo, devemos acrescentar certo número de instituições públicas e associações cujo programa é cultivar a literatura e a ciência, bem como difundir conhecimentos.

Biblioteca Nacional.

A Biblioteca Nacional contem 100.000 volumes. Consistem principalmente nos livros que pertenceram originalmente à Real Biblioteca de Portugal e que foram trazidos por D. João VI. A coleção é anualmente aumentada por doações e auxílio governamental. Foi mandada abrir ao público pelo monarca português, e, desde então, recebeu um regulamento apropriado, livre de acesso a todos os que desejem frequentar o seu salão de leitura. Essa biblioteca está aberta diariamente de 9^h horas da manhã até ás 2 da

tarde; antigamente a sua entrada era pela rua que fica ao lado do Convento do Carmo; o governo, porem, acaba de adquirir a confortavel casa de residencia do Sr. Viana (* 54) ótимальmente situada nas proximidades do Passeio Público, onde as acomodações serão sem dúvida superiores ás que até então tem tido. Quando funcionava no velho edificio, apresentava um interessante aspeto ao visitante. Mesas cobertas de pano, sobre as quais se dispunha material para escrever, e armações para suportar grandes volumes, estendendo-se no salão de extremo a extremo. As prateleiras, erguendo-se do chão até o alto teto, estavam cheias de livros de todas as línguas e idades. Podia-se pedir qualquer obra que a biblioteca possuísse, e tomar um assento para ler e tomar notas á vontade. Os periódicos da capital e varios magazines europeus estavam sempre á disposição do leitor. Não sómente esse compartimento, como também várias alcovas e salas contíguas do outro lado, estavam repletas de livros. A coleção também tem sido aumentada com valiosas doações particulares, entre as quais a dos livros pertencentes a José Bonifacio de Andrada merece especial menção.

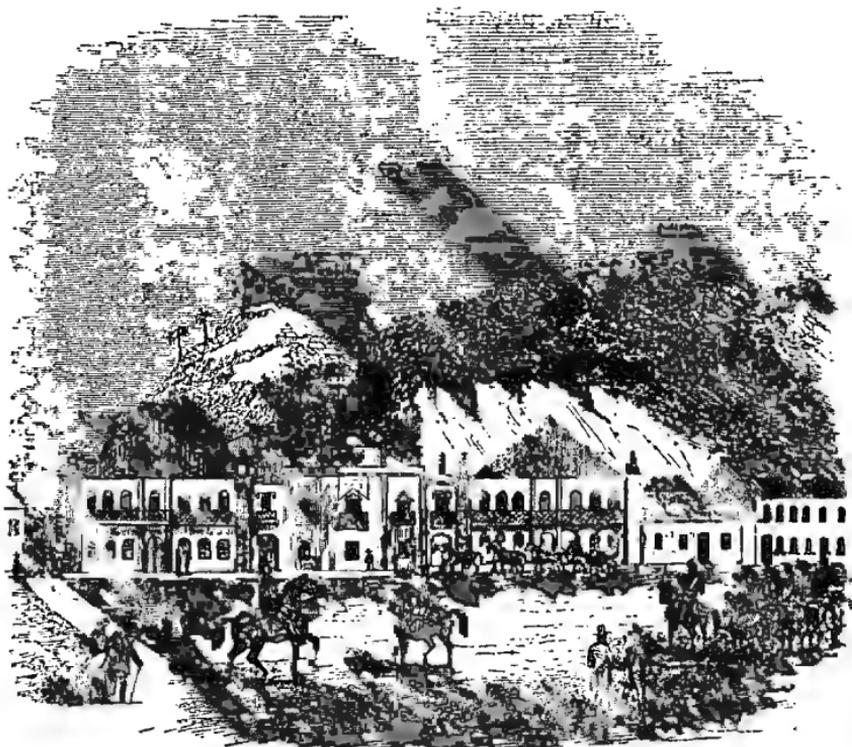
A franquia ao público de uma biblioteca como essa não pode deixar de exercer uma benéfica influência sobre os gostos literários e os conhecimentos dos estudiosos da metrópole, o que, gradativamente, se vai estendendo a toda a comunidade. Enquanto o estudioso do Rio de Janeiro encontra na Biblioteca Nacional quasi tudo o que pode desejar no terreno da literatura antiga, pode também ter acesso ás obras mais modernas por intermédio das bibliotecas por subscrição.

Os residentes ingleses, alemães e portugueses fundaram bibliotecas para seu uso exclusivo. A dos ingleses é bastante extensa e rica.

Museu Nacional.

Entre as instituições oficiais deve-se salientar o Museu Nacional, situado no Campo de Sant'Ana, e que é franquea-

do ao público, e grande número de pessoas utilizam-se dessa agradável e instrutiva instituição. A coleção dos minerais teve o seu valor aumentado com a doação feita pelos herdeiros de José Bonifácio de Andrada. Presentearam o Museu com toda a valiosíssima coleção que, na sua longa carreira pública o seu chefe teve a rara oportunidade de organizar.



Museu Nacional

No primeiro período de sua vida profissional, José Bonifácio foi professor de Mineralogia na Universidade de Coimbra, em Portugal, onde publicou vários trabalhos que lhe grangearam fama entre os cientistas da Europa. Durante toda a sua vida esforçou-se por colecionar modelos de máquinas e aparelhos mecânicos, juntamente com gravuras

e moedas; seus herdeiros não poderiam ter disposto mais magnanimamente de tudo o que ele lhes deixou do que doando-o á nação. A secção de Mineralogia é bem organizada, mas contém muito maior número de amostras estrangeiras do que nacionais. A mesma falta de curiosidades brasileiras faz-se também sentir em outras secções embora na das reliquias indígenas exista, desde a época da instalação do Museu, uma rica coleção de peças de vestiário e adornos feitas de penas provenientes do Pará e Mato Grosso. Constantemente se estão fazendo acréscimos e melhorias nas coleções. Todavia, ainda se pode afirmar que, enquanto as coleções de Munich, Viena, Paris, São Petersburgo, Londres e Edimburgo foram enriquecidas com esplendidos espécimes brasileiros, o Museu Imperial do Rio de Janeiro só dá uma pálida idéa dos produtos do maior interesse, minerais, vegetais e animais, em que é tão abundante o Império.

Foi aqui que contemplei um belo exemplar vivo da grande hárpia das florestas amazônicas.

Academia Imperial de Belas Artes.

Há uma Academia Imperial de Belas Artes, fundada em 1824, por decreto da Assembléa Nacional. Presentemente conta com um diretor e quatro professores, — de pintura e paisagem, de arquitetura, de escultura e de desenho —, e um número correspondente de substitutos. Esse estabelecimento é franqueado a quem deseje instruir-se em qualquer daquelas secções, sendo frequentado anualmente por cerca de setenta estudantes matriculados, o maior número na secção de desenho. Essa Academia também custeia a estadia de certo número de seus melhores alunos em Roma, onde tem ampla oportunidade para estudar as produções clássicas e a arte antiga e moderna.

Conservatorio de Musica.

O “Conservatorio de Música” é uma academia oficial onde se ministra instrução de música instrumental e vocal a

ambos os sexos, por professores competentes. Há também um "Conservatório Dramático", a cuja comissão de censura foram submetidas, em 1854, 250 peças, das quais 170 foram aprovadas, 24 emendadas ou rejeitadas, e 33 foram julgadas de qualidade tal que não sómente foram rejeitadas como condenadas por inqualificáveis.

Associações — Instituto Histórico e Geográfico

As Sociedades Imperial de Agricultura, de Estatística, e Auxiliadora alistam muitos cidadãos dedicados á causa pública assim como bons escritores. Mas a associação que, pelo seu carater, dignidade e número de socios, é a primeira de toda América do Sul é o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado no Rio de Janeiro em 1838, e que, mais do qualquer outra associação, tem despertado o espírito literário do Brasil. Esse Instituto adotou para programma fundamental colecionar, organizar, e publicar ou conservar, os documentos illustrativos da história e da geografia do Brasil. Varias personalidades de destaque profundamente se interessaram por essa instituição desde a sua fundação. O governo lhe dá também valioso auxílio. A Assembléa Geral votou um subsidio anual para ajuda-la em seus propósitos, e o Departamento dos Negócios Estrangeiros envia instruções aos adidos das legações brasileiras na Europa para que procurem e copiem documentos de interesse existentes nos arquivos das diversas cortes europeas, relativos ao passado histórico do Brasil. Por esse meio, vem sendo despertada a iniciativa individual e o espírito de inquerito e pesquisa vem sendo animado nas diferentes partes do Império e do estrangeiro, tendo se conseguido já interessantes resultados.

No primeiro ano de sua existência, o Instituto contou com perto de quatrocentos membros efetivos e correspondentes, e conseguiu colecionar tresentos manuscritos. Os mais interessantes foram já publicados, juntamente com valiosos

discursos e ensaios da autoria de seus membros. Duas sextas-feiras de cada mês são dedicadas às reuniões sociais; e nenhum de seus membros ou patronos é tão pontual e manifesta mais profundo interesse por todos os seus trabalhos do que Dom Pedro II. O órgão do Instituto é a Revista Trimestral, ou Jornal (* 55) que publica por extenso as atas das sessões, juntamente com os mais importantes documentos lidos durante essas ocasiões. Tivemos particular interesse pelos artigos que ela encerra sobre as tribus aborígenes da America do Sul, assim como pelos esboços biográficos dos brasileiros mais notáveis. O presidente do Instituto é o Visconde de Sapucaí.

Considerada em conjunto pode-se perguntar si a lingua portugueza possui mais valiosa coleção de miscelâneas que as que se acham reunidas nas páginas da "Revista Trimestral ou Jornal do Instituto Historico Brasileiro".

Funcionalismo.

Quasi todos os homens de maior notabilidade do Brasil pertencem às profissões liberais. Qualquer coisa assim do genero de um eminente mecânico ou comerciante ocupando alta posição official, creio que nunca se viu. Ha certos funcionários que teem seus vencimentos pagos pelo Governo de acordo com um regulamento que merece ser aqui referido. Os professores de alguns estabelecimentos officiais, e possivelmente os adidos de algumas repartições do governo, recebem um determinado pagamento anual. Não devem ser muito elevados esses vencimentos; mas, depois de exercerem suas funções durante um dado número de anos, o funcionário, si a sua conduta foi correta, pode aposentar-se e recebe do Tesouro Imperial uma quantia igual aos vencimentos somados em todo o seu tempo de serviço. E' um forte estímulo ao fiel cumprimento das obrigações, que evita talvez que os demagogos inescrupulosos andem em busca de empregos para recompensar atividades partidarias. E' assim

que os funcionários de segunda categoria do governo brasileiro adquirem um perfeito conhecimento das difíceis formalidades dos varios departamentos administrativos; e as mudanças de ministérios não acarretam dificuldades para um novo Gabinete que tem de guiar a máquina governamental. A moda brasileira parece estar mais de acordo com bom-senso do que o princípio de rotatividade que domina nos Estados Unidos.

Justiça.

Num outro capítulo se encontra o programa de estudos que se segue na principal escola de direito do Império. A administração da justiça é muito mais simples do que na Inglaterra e nos Estados Unidos. Ha quasi que os mesmos magistrados e juizes, com denominações diferentes. O "delegado" ou "subdelegado" é nosso juiz de paz, o "juiz municipal" corresponde ao juiz circulante ou o juiz presidente da Corte das causas ordinarias; o "juiz dos órfãos" é o juiz de herdeiros; o "juiz de direito" é o juiz da Suprema Corte. Ha juizes superiores distritais em todas as provincias, e um "Supremo Tribunal de Justiça", que corresponde à Suprema Corte dos Estados Unidos.

Da prática que teve o governador Kent em lidar com os tribunais brasileiros e da interessante correspondência do Rev. Charles N. Stewart, escolho os seguintes fatos sobre a maneira de se conduzir um julgamento criminal no Rio de Janeiro. A parte acusada é levada primeiro á presença do sub-delegado, em cujo distrito foi cometido o crime. E' sujeito a um interrogatorio verbal, e suas respostas, juntamente com as perguntas, são registradas. Indagam do acusado a idade, profissão, etc., tão minuciosamente como o entenda o magistrado. Não é obrigado a responder, mas o seu silencio pode ser interpretado desfavoravelmente. O interrogatorio do detido é seguido pelo das testemunhas, que juram colocando a mão sobre uma Bíblia. O juramento é do mais solene e impressionante aspeto, e, nesse assunto, pelo menos,

os brasileiros nos dão uma bela e necessária lição. Todos se levantam — tribunal, funcionários, advogados e assistência — permanecendo de pé em profundo silêncio durante a cerimônia. Quando o juri se retira, há também grande manifestação de respeito, — todos de pé até que os doze membros do juri tenham deixado a sala de julgamento.

O sub-delegado, depois do interrogatorio preliminar, decide si o acusado deve ser submetido a julgamento, e submete os papeis com a sua decisão a um funcionário superior que geralmente a confirma, e o acusado é solto ou mantido em prisão.

Nas causas civeis, a não ser quando de grande importancia, o juri não constitue uma parte da administração judiciária. E' constituido, então, por doze cidadãos. "Quarenta e oito são obrigados a responder ao termo, sendo a lista de jurados para cada julgamento escolhido por sorte, os números tirados por uma criança, que mostra a papeleta ao juiz presidente. Nas causas principais, a recusa pode ser feita sem motivo declarado. Juramentado e constituido o juri, o acusado é novamente interrogado pelo juiz — ás vezes longa e minuciosamente — não sómente quanto aos atos como quanto aos motivos. Passa-se então á leitura do relatorio do processo inicial, inclusive as declarações de todas as testemunhas. Si uma das partes o deseja, a testemunha pode ser de novo inquirida, si estiver presente; mas não são as testemunhas obrigadas a comparecer ao tribunal, como no nosso país. Por essa razão, o interrogatorio do acusado e das testemunhas no processo preparatório é muito importante e essencial. Em muitos casos, o julgamento se faz e decide inteiramente baseado no relatorio apresentado" (de "Brazil and La Plata").

A distribuição dos lugares na sala de julgamento é algum tanto diferente da que se observa geralmente nos Estados Unidos. O juiz, com o seu auxiliar, senta-se num dos lados da sala, e o promotor do outro. O juri, ao envez de estar dentro de uma divisão de madeira, toma assento em

duas mesas semicirculares colocadas á esquerda e á direita do juiz. Os advogados não ficam de pé quando se dirigem ao corpo de jurados, mas, como os professores em dia de exames, fazem seus discursos "ex-catedra". Os advogados não empenhados na causa que desejam assistir ao julgamento, ocupam uma espécie de assento reservado que se parece com a "box" destinada aos criminosos nas salas de julgamento inglesas e norte-americanas.

O veredito, que adiante transcrevemos, é o de um caso de homicídio ocorrido em 1851 no Rio de Janeiro. O julgamento se realizou na primavera de 1852, e a ata é transcrita de um dos diários da capital, e dá uma clara e concisa idéa da natureza das questões propostas pelo juiz, e da facilidade com que um júri pode chegar a uma rápida conclusão sobre a culpabilidade ou inocência de um acusado.

(No caso presente, o primeiro júri absolveu o réu. O juiz-presidente apelou para a Corte de Relação, composta de todos os juizes, em número de doze. Essa côrte, ouvida a respeito, sustentou a apelação e ordenou novo julgamento).

1 — Matou o acusado B., em data de 23 de setembro do ano p. p., descarregando uma pistola, o italiano C., no hotel D.?

Resposta: Sim (por doze votos).

2 — Cometeu ele o delito durante a noite?

Resposta: Sim (por oito votos).

3 — Cometeu o acusado o crime com superioridade de armas, de forma que a vítima C. não se pôde defender com probabilidade de repelir a agressão?

Resposta: Sim (por onze votos).

4 — Cometeu o acusado o crime empregando disfarce ou surpresa?

Resposta: Não (por sete votos).

5 — Há circunstâncias atenuantes do crime em favor do acusado?

Resposta: Sim (por oito votos).

Pelo artigo 18, par. 3, do Código Criminal: "Si o acusado comete o crime em sua própria defesa", e mesmo, par. 4: "Si o acusado comete o crime ou agressão em represalia ou vingança de injurias ou ofensas que haja sofrido".

6 — Reconhece o júri que o acusado cometeu a ação (ou agressão) em defesa própria?

Resposta: Sim (por sete votos).

- 7 — Estava o acusado certo do perigo de que pretendia escapar?
Resposta: Sim (por sete votos).
- 8 — Estava o acusado absolutamente sem outros meios de defesa menos perigosos?
Resposta: Não (por oito votos).
- 9 — A ocasião para o conflito foi provocada pelo acusado?
Resposta: Não (por oito votos).
- 10 — Teria o acusado praticado qualquer ato que motivasse o conflito?
Resposta: Não (por oito votos).
- 11 e 12 — como (9 e 10), relativos á família do acusado, si algum de seus membros provocou, etc., respondidas: “Não” (por doze votos cada uma).

Diante desse veredito, a Corte julgou B. culpado, sentenciando-lhe doze anos de prisão com trabalhos forçados, e custas.

Foi feito novo apelo á mesma Côrte da Relação; foi perdoado pelo Imperador, em 1852, a pedido do Ministro Plenipotenciario do seu país, secundado por outros.

O seguinte caso oferece certo interesse legal: em Fevereiro de 1853, um preto foi levado a julgamento pelo juri pela acusação de usar uma navalha. Não consta que o preto tenha praticado ou tentado praticar qualquer agressão; mas o seu crime foi de usar arma proibida. Durante o julgamento, appareceu um homem de côr branca, reclamando o negro como seu escravo. Essa reclamação fez parte do processo em julgamento, e o juri foi instruido para decidir si o acusado era livre ou escravo do reclamante. Decidiu, pelo voto de desempate do juiz, que era livre, e, por dez votos, que era culpado pelo crime. Foi condenado a um mês de prisão como homem livre. Assim, obteve ele uma sentença que lhe garantia a liberdade e teve que passar um mês como hóspede de uma prisão. Feliz navalha para ele!

E' impossivel, numa obra como esta, entrar na plena apreciação do modo pelo qual se cumprem as leis no país. De tempos a tempos, surgem muitas acusações de corrupção, contra os membros da administração, e em alguns casos é

fora de dúvida que existe corrupção. Pessoas que teem tido seus bens aguardando decisão dos Juizes de Órfãos queixam-se de que esses bens ficam muito reduzidos até que a decisão do juiz se torne conhecida. Ha estrangeiros que se queixam do que eles qualificam como má-fé, insinuando mesmo que alguns magistrados não estão acima da corrupção.

Não seria tambem justo comparar a administração das leis no Brasil e na Inglaterra; mas não me arreceio em dizer que em nenhum outro país da America do Sul há maior segurança pessoal e mais correta distribuição da justiça que no Império do Brasil. De ano em ano os diferentes códigos vêm sendo mais bem assimilados; o numero de homens eminentes na profissão do direito tornou-a, no ponto de vista da capacidade mental, uma das primeiras entre as profissões liberais.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 52) "Correio Mercantil".

(* 53) Francisco Otaviano de Almeida Rosa.

(* 54) João Pereira da Rocha Viana, que alugou o prédio de sua propriedade, no Largo da Lapa (então número 46), para nele se instalar em 1858 a Biblioteca Nacional, tendo esta ocupado, a princípio, salas do então Convento do Carmo, na rua do Carmo, com entrada por um beco que ia ter á então Rua Direita.

(* 55) "Revista Trimensal de História e Geografia, ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro".

CAPÍTULO XV

Clima do Brasil.

Aqueles que têm a sua experiência tropical feita na Índia Oriental ou na costa oeste da África, não podem fazer uma justa idéa do delicioso clima da maior parte do Brasil. E' como si a Providencia tivesse designado esta terra para servir de cenario a uma grande nação. A Natureza amontou aqui as suas mais generosas dádivas: brisas frescas, montanhas elevadas, vastos rios, e abundante irrigação pluvial, são tesouros que sobrepuzam longe as cintilantes pedras preciosas e os ricos minerais que abundam dentro dos limites deste extenso território. Nenhum "siroco" ardente passa sobre esta formosa terra, para seca-la e desola-la, e nenhum vasto deserto, como na África, separa suas férteis províncias. Esse temível flagelo, o terremoto — que faz com que homens fortes se mostrem fracos como crianças, e que vive constantemente assolando as cidades da América Espanhola, — não perturba os habitantes deste Império. Ao passo que em grande parte do México, e tambem na costa oeste da América do Sul, — de Copiapó até o 15º de latitude sul, — não se tem notícia de chuvas, o Brasil é refrescado por copiosos aguaceiros, e é dotado de largos e caudalosos rios, cataratas e cursos dagua. O Amazonas, — ou, como os aborigenes o chamam, Pará, "o pai das aguas", — com seus importantes afluentes, irriga uma superficie igual a dois terços da Europa; o São Francisco, o Paraíba do Sul, os vastos afluentes do Prata, sob a denominação de Paraguai, Paraná, Cuibá, Paranaíba, e uma centena de outros cursos de menor vulto, banham o fertil solo e levam suas águas ao oceano, atravessando as regiões sul e leste do Império. Olhe qualquer um para o mapa do Brasil, e conven-

cer-se-á de que este país está destinado pela Natureza a sustentar milhões de homens.

Com efeito, deve haver alguma razão para esta generosa irrigação, esta fertilidade do solo e salubridade do clima.

O Tenente Maury — que parece ter tomado quasi literalmente “as asas da manhã” para voar até as mais distantes paragens maritimas — mostrou concludentemente porque o Brasil é tão favorecido em relação ás mesmas latitudes de outros países. A América do Sul é como um grande triângulo irregular, cujo lado mais extenso está sobre o Pacífico. Dos dois lados que ficam sobre o Atlântico, o mais longo, que se estende do Cabo Horn ao Cabo S. Roque — tem três mil e quinhentas milhas, e está dirigido para sudeste; enquanto o mais curto — olhando para nordeste — tem uma extensão de duas mil e quinhentas milhas. Esta configuração tem um poderoso efeito sobre a temperatura e irrigação do Brasil. O Prata e o Amazonas resultam dela, e dos ventos, chamados monções, que sopram sobre os dois lados atlânticos do grande triângulo. Esses ventos, que varrem do nordeste e do sudeste, vêm carregados, em sua travessia sobre o oceano, de umidade e de nuvens. Levam seu vapor d’agua sobre as terras, distilando das alturas, uma refrescante umidade sobre as vastas florestas e as montanhas, até que finalmente esbarram nos elevados Andes, e na sua rarefeita e fria atmosfera são totalmente condensados, e descem em copiosas chuvas que permanentemente alimentam os cursos de dois dos mais importantes rios do mundo. Os ventos que prevalecem na costa do Pacífico são norte e sul. Nenhuma umidade é levada do oceano para a vasta barreira de montanhas à vista das ondas, e daí a grande aridez da hipotenusa do triângulo. Observei trinta dias seguidos as costas, oeste e leste da América do Sul, e a primeira parecia um deserto comparada com a segunda.

Nenhum outro paí tropical é em média tão elevado como o Brasil. Embora não haja montanhas muito altas, exceto no limite extremo oeste, mesmo assim todo o Império tem

uma elevação média de mais de setecentos pés acima do nível do mar.

Esta grande elevação e as fortes monções combinam-se para produzir um clima mais frio e mais saudavel do que as latitudes correspondentes da África e Ásia Meridional. O viajante, o naturalista, o mercador, e o missionário não têm perdidos os seus primeiros meses de prazer ou lucro nem o seu organismo prejudicado pelas febres.

A temperatura média do Brasil — que se estende aproximadamente do quinto grão de latitude norte ao trigésimo terceiro grão de latitude sul (quasi uma região intertropical) é de 88° Fahr. segundo as diferentes estações do ano. No Rio de Janeiro, — segundo a autoridade do Dr. Dundas, — a temperatura média de trinta anos foi 73°. Em Dezembro, (que corresponde a Junho no Hemisfério do Norte,) máxima 89 1/2 °; mínimo, 70°; média 79°. Em Julho (mês mais frio) máxima, 79°; mínima, 66°; média 73 1/2 °. Posso acrescentar, de minhas próprias observações por vários anos, que nunca vi 90° no tempo de verão, a mínima no inverno (Junho, Julho e Agosto) foi de 60°, e isto cêdo pela manhã.

O calor do verão nunca é tão oppressivo como o que muitas vezes experimentei, nos dias quentes de Julho e Agosto, em Nova York e Boston, onde frequentemente a alta temperatura de 104° ou 105 Fahr. tem sido atingida. Deve, entretanto, ser admitido que tres meses de temperatura variando entre 73° e 89° seria intoleravel não fosse a fria briza marítima no litoral que geralmente começa às onze da manhã, e a deliciosa briza terrestre que tão suavemente areja a terra, até que o sol da manhã brilhe acima das montanhas. No interior, as noites são sempre frias; e pode-se acrescentar que, a umas cem milhas do litoral, o clima é inteiramente diferente.

Excursões.

O Rio está felizmente situado de modo a permitir facilidade de acesso às regiões elevadas. Uma viagem de uma hora leva-nos às cascatas e á temperatura sempre fresca da Tijuca; com seis horas a vapor, estrada de ferro e diligência chega-se à cidade de Petropolis nas montanhas; em vinte horas estamos no seio das sublimidades da Serra dos Orgãos e das tranquilas e refrigerantes sombras de Constançia, onde, na pensão Heath podemos estar longe da poeira, do barulho e da etiqueta que são os constantes acessórios da capital comercial e política do Brasil. Podemos novamente mudar nossa rota e subir as montanhas até as elevadas terras onde estão situadas as prosperas cidades de Nova Friburgo e Canta Galo, com suas adjacentes e florescentes plantações de café. Todos esses são delectaveis sitios de recreio, cada ano mais frequentados.

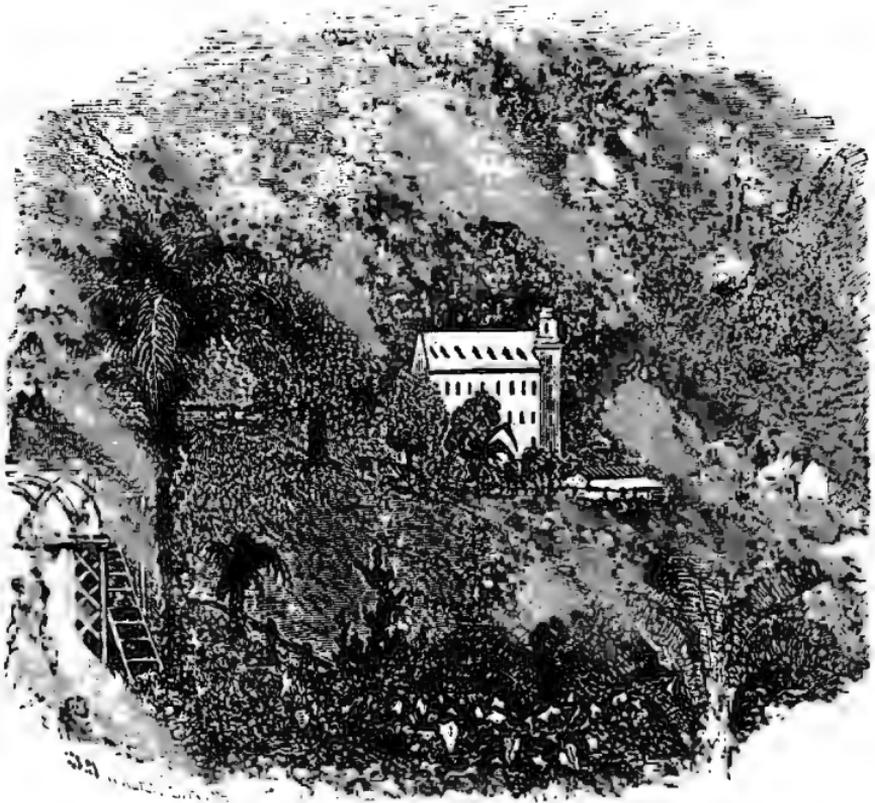
Santo Aleixo.

Não longe da estrada comum para Constançia, está o formoso vale de Santo Aleixo, onde um americano estabeleceu uma fábrica de tecidos de algodão, no meio do mais bello cenário tropical. Para alguns seria uma profanação que essas solidões fossem perturbadas por outro som que não o murmurio das aguas que vêm da Serra, ou os cantos dos pássaros e o som estrídulo da cigarra; mas talvez haja poucos que não se mostrem satisfeitos em ver a indústria tomando o lugar da indolência, e os que assim não pensam talvez nada sejam capaz de fazer em amor das coisas belas.

Visitei Santo Aleixo muitas vezes, experimentando a boa hospitalidade de seu director, que, através de muitos obstáculos, tinha afinal triunfado em estabelecer a primeira fábrica de algodão bem sucedida na província do Rio de Janeiro.

Minha última visita a Santo Aleixo foi feita em tais condições de tempo que sou levado a da-la como exemplo do

que se pode esperar de certas estações do ano. Embora na província do Rio de Janeiro não haja estação chuvosa propriamente dita, contudo, muitos visitantes da capital não se es-



Fábrica de Santo Aleixo

quecerão muito depressa das chuvas torrenciais tornadas duplamente sensíveis pelas toscas goteiras em tubo (vê-las na gravura do Senado) que outrora derramavam uma verdadeira cascata em miniatura em cima dos transeuntes. Mas de tais goteiras pode-se agora dizer que o seu papel terminou, e por uma lei municipal estão agora onde o *entrudo* está, — entre as curiosidades do Rio que têm apenas uma existência histórica.

A forma comum de se chegar a Santo Aleixo é tomar o vapor que vai até Piedade, e daí, em carruagem, atravessar o segregado vale até oito ou dez milhas do daquele ponto de desembarque. Na referida visita, eu estava acompanhado por numeroso grupo de amigos, entre os quais o Sr. M., digno diretor e um dos donos da Fábrica.

Deixámos o Cais dos Mineiros (não longe do Convento de São Bento) no rústico vaporzinho que navega entre o Rio e a margem superior da baía. A manhã estava clara, mas fomos logo colhidos por uma tempestade com trovões. Que chuva! Em zonas temperadas julgamos saber o que significa chuva. Que engano! E' brinquedo de criança quando comparada às torrentes dos trópicos. Não havia camarotes e as cortinas, embora pela metade, cumpriram o seu dever. Na sua violência alagava-nos as roupas, encharcava-nos os pés, e batia nas escotilhas como num dia de borrasca abordo de um navio.

Quando estávamos suficientemente molhados, a chuva diminuiu e levantaram-se as cortinas. E ainda bem! pois o mau tempo tinha obrigado a toda a confusa multidão de troupeiros a ocupar juntamente com os seus animais, a coberta na frente do vapor; e as exalações que saem dos sujos condutores de animais, dos desalinhados arrieiros, e dos negros molhados, não eram das mais agradáveis para a porção feminina da nossa companhia.

Improviso de mestiço.

O tempo da travessia se passou olhando para o sublime cenário e ouvindo os improvisos de um mulato que ia para uma festa em Magé, para lá vender o seu engenho mais os seus doces. Ele contava longas histórias em verso, e imitava diferentes vozes com admirável habilidade. Quando pediram para cantar um improviso sobre Paquetá, a linda joia insular em frente a qual estávamos passando, êle imediatamente lançou-se em uma torrente de versos, descrevendo as

belezas da ilha, cantada também nas falhas e defeitos de seus habitantes, e numa satírica tirada digna de Juvenal verberou costumes do povo que frequentava as festas religiosas anualmente celebradas em suas alvas praias. Ele concluiu com um elogio a José Bonifácio de Andrada, que aqui terminara seus dias. Numa palavra, si Corina o tivesse ouvido, a inveja a teria salvo do desgosto de morrer de amor. Salvo a galhofa, o talento do homem era de superior qualidade, e os harmoniosos e fluentes versos mostravam a adaptação da lingua Portuguesa à composição rítmica.

Depois de uma apressada refeição num tósco hotel da roça, perto do desembarcadouro de Piedade, preparamo-nos para a viagem pela estrada. Na frente seguiu a nossa equipagem. Devo, em justiça ao nosso digno hoteleiro, dizer que seu belo veículo americano tinha recebido sérios estragos e, por isso, só pode mandar-nos as suas mulas, alugando-nos o melhor veículo que pode encontrar na vila de Magé. Sentimos um leve remorso nos graves estragos que a nossa entrada no veneravel veículo deve ter-lhe causado, parecendo ter servido de refúgio temporário para algum divertido poleiro. Mas não devemos falar mal do velho carro. Virgem tanto de pintura como de lavagem, vencia longe a "Immortal" de Sydney Smith, que, sem dúvida, era conservada em perfeita limpeza por seus asseados cocheiros de Yorkshire. Mas por causa das duas boas parelhas de animais conformamo-nos com a rudeza do veículo. Quatro belas mulas precipitavam-se pela lama e pela agua; compreendi então quão filosófico era evitar o transtorno de levar a carruagem. A carruagem em que passeia em Hyde Park o Conde D' Orsay ou o Conde de Harrington, numa simples milha, teria ficado como a nossa. Passamos a váu pequenos rios, e regatos recentemente formados; arrastavamo-nos morros acima e vales abaixo; neste instante o cocheiro fez um habil desvio junto de um barranco para evitar um profundo buraco do outro lado, e foi obrigado a passar por baixo de umas árvores cujos ramos pendentes nos deram uma

forte ducha. Após várias milhas de semelhante viagem, parámos numa venda para dar descanso e agua aos animais, antes de galopar pelas ladeiras. E continuamos a caminhada.

“On, on we hastend’d, and we drew
Their gaze of wonder as we flew!

Formavam-se nuvens negras de tempestade condensando-se sobre nós. A noite e a chuva brasileira caíram afinal! O que antigamente era a capota da carruagem foi transformado numa espécie de pia, com um buraco no meio, pelo qual vasava a agua. Felizmente, nós tínhamos um guarda chuva; este foi introduzido no orifício, e assim a corrente foi desviada de nossas pobres cabeças.

No meio de tudo isto o cocheiro deu um alto assovio, e a esse sinal surgiram quatro figuras escuras de uma cabana ao lado da estrada. Uma senhora do grupo descreveu depois as suas impressões românticas dessa cena, da seguinte forma:

“O que meus companheiros sentiram não sei; mas eu bem pude avaliar o que seria para mim, pobre e fraca mulher, deixar-se roubar, ou, pelo menos, assaltar! Um dos homens saltou sobre o carro com um imenso cacete em suas mãos, e os outros o seguiram, proferindo uma série de gritos estranhos e indesejáveis epítetos, todos porém dirigidos contra as mulas; e, como sabia que as peles e os crâneos desses animais eram mais espessos do que os meus, fiquei consolada. Um grupo foi mandado empurrar o carro numa íngreme subida; e que seja sabido por todos aqueles que ainda não conhecem a idiosincrasia dos animais, que, quando consideram uma tarefa exorbitante, não ha opinião que os convença de pôr ombros á obra. Não duvido que eles gritassem por Jupiter, mas êle não os ajudaria; e assim continuam a gritar, ou deixam que o veículo os puxe; convenha-se que nas bordas de um precipício não é esse um agradável modo de viajar. Assim, depois que cada mula tinha claramente aprendido, do quarteto berrante, a consideração que lhes votava, atingimos o alto. Com que gosto descemos neste lindo vale onde a fábrica levanta suas brancas paredes! Depois nós a observamos sob um sol claro, e a observação de Southey que “a própria natureza detesta uma fábrica, e recusa revestir suas paredes com trepadeiras”, é aqui contraditada, pois o formoso vale em cujo solo esse edificio assenta, emprestaria graça a qualquer construção.

Quão cordial foi a saudação de boas vindas que nos deu a linda dona da casa, Virginia, que veio ao nosso encontro quando chegámos, todos exhaustos! Alegrementemente narramos o nosso susto e as nossas aventuras, e deu-se novamente a velha historia:

“She loved us for the dangers we had pass'd,
And we loved her that she did pity them.”

“Byron não podia conceber uma senhora comendo, — é tão pouco etéreo! Rigorosamente considerado, é uma singular operação: — atirar bocados diversos num buraco da cara utilizando o seu queixo como si fosse um moinho. Portanto, foi unicamente a parte masculina do grupo que participou do presunto Westphalia, frango assado, e outras gulodices preparadas pela boa hospedeira. Tais processos não iriam bem com os sentimentos poéticos da minha celestial natureza!”

Na manhã seguinte examinámos a localidade. A casa do proprietário ficava a uma pequena distância da fábrica, e ambas foram realmente aparelhadas nos Estados Unidos, donde vieram as diferentes partes em pedaços que se armaram no Brasil. O pinho empregado na casa, apesar dos conselhos em contrário, provou ser superior em durabilidade ao pinho norueguês. Um prado verdejante desce desde a casa até um claro e rápido regato, que, depois das chuvas, pode bem ser chamado um rio; mas em tempo seco é facilmente atravessado por sobre as pedras que lhe cobrem o leito. O Sr. M. procurou longa e penosamente um curso d'água que nunca secasse, mesmo na estação mais seca. Por fim descobriu esse pequeno rio, e aqui construiu a sua moradia. Os morros elevam-se arredondados, cobertos com a mais exuberante vegetação; aqui e ali uma magnífica palmeira se ergue como um chefe acima de seus companheiros; mais adiante, as montanhas estendem-se e confundem-se com o azul claro do céu. Sobre os ramos cantam pássaros de ricas plumagens, que parecem, ao amanhecer, convidar as exuberantes sensitivas a despertar do repouso da noite. Foi, na verdade, difícil para mim conceber que a pequena planta sensitiva que tinha visto em casa como figurando entre as mais delicadas das plantas exóticas, aqui se reproduzia em

formas quasi gigantescas. Sua família é abundante no Brasil, e o bosque que circunda a residência do Sr. M. é realmente formado de árvores que quietamente dobram suas folhas em repouso ao cair da tarde, para serem despertadas



Uma casa "yankee" no Brasil

unicamente pelo sol da manhã e pelo canto dos pássaros. As amigas cidadinas da Sra. M. costumavam dar-lhe pêsames por ter sido levada tão longe da sociedade, para esse vale solitário; mas foram socegadas em suas demonstrações de simpatia quando informadas que nenhum sinal de solidão domina nesse doce recanto. Aqui se encontra companhia nas majestosas montanhas "abruptamente escarpadas", nas matas floridas, nas vestes da floresta, e na música que sai dos regatos e das fontes.

A recordação de Santo Aleixo nos ficou como um agradável sonho, ou como as imagens radiosas dos solitários vales e cintilantes aguas na base do *Dent du Midi*, que não ficam, porem, a um dia de passeio da margem superior do lago de Genebra.

O Sr. M. merece os maiores elogios por seus perseverantes esforços que conseguiram manter aqui essa primeira e bem sucedida *fábrica* de tecidos de algodão na provincia. Outros se têm esforçado por estabelecer fábricas similares, movimentadas a vapor, na cidade; mas todos falharam. Não apenas teve o Sr. M. que lutar com a natureza, mas provavelmente seus maiores contratempos lhe advieram das delongas officiais. Quanto aos operários, a fábrica os vai buscar na colônia alemã de Petrópolis. Outro, que não eu, pagou um justo tributo aos méritos do Sr. M.; posso sinceramente subscrever os sentimentos que se contêm nas suas palavras: — “Embora seja apenas na fabricação dos tecidos comuns de algodão que os fabricantes podem competir com as mercadorias inglesas e americanas, êle (o Sr. M.) ainda merece uma medalha de honra do Govêrno, e o auxilio de todo o Império, não apenas pela fundação da fábrica, mas pelo exemplo de vida — diante de uma provincia de habitantes indolentes e vadios — dado pela energia “yankee”, engenhosidade, infatigavel esforço e inflexivel perseverança.” (O Sr. M. morreu em 1857).

Constância — Serra dos Órgãos.

De Santo Aleixo a Constância (vide nota * 35) é um confortavel passeio de um dia, — si bem que o modo comum de ir até esse local seja — partir ao meio dia do Rio no vapor, chegar a Piedade às tres horas, onde as mulas e os guias estão esperando os que foram bastante precavidos para anunciar por carta dirigida ao “*Jolly Heath*” a sua intenção de passar alguns dias no seio da Serra dos Orgãos. Algumas horas através de terras baixas leva-nos, passando pela cidade de Magé até Frechal, (ou Freixal), onde os cansados ou vadios gastam muitas vezes uma noite numa sórdida hospedaria, cercados por um bando de crianças, (o proprietário é pai de vinte e três meninos), e por grandes tropas de mulas, que, carregadas de café, estão a caminho do vapor em Piedade. Mas para os que gostam de um exhaustivo passeio

pelas montanhas acima, numa estrada com certos trechos pavimentada à moda das antigas estradas romanas calçadas de lagedos — os que desejam sentir uma atmosfera matinal que em frescura lembra a de uma zona temperada, — para esses Barreira será o lugar de descanso. Nesse local se encontra a cancela fiscal (“barreira”) dessa bela trilha montanhosa para animais que deve ter sido construída por elevada soma de dinheiro, pois que várias milhas são calçadas como as ruas de uma cidade.

Zigue-zagueamos sobre os flancos íngremes da Serra, vendo em baixo os cimos de majestosas árvores florestais cujo nome são pouco comuns, e cuja aparência é tão curiosa quanto pitoresca e bela. O Dr. Gardner, (* 56) que fez o mais completo exame da flora da Serra dos Orgãos, registrou em suas interessantes viagens as riquezas vegetais dessa escarpada cadeia, e aqueles que se interessam por *Palmeiras*, *Cassiae*, *Lauri*, *Bignonias*, *Myrtaceae*, *Orchideae*, *Bromeliaceae*, *fêtos*, etc. etc. devem percorrer as páginas de seu livro que, embora necessariamente deficiente em história, política, e condições atuais do Brasil, é a mais desprezenciosa e encantadora obra jamais escrita sobre o aspecto natural da região tropical que estamos considerando.

Nos meses de Abril e Maio (Outubro e Novembro no Brasil), apenas as cores outonais de nossas magníficas matas norte americanas, podem comparar-se ao espetáculo das florestas da Serra dos Orgãos. Então, as várias espécies de *Laurus* estão florescentes, e a atmosfera está carregada do rico perfume de suas delicadas e alvas flores. As *Cassiae*, então produzem seus milhões de flores douradas, e imensas árvores — cujos nomes nativos seriam menos inteligíveis, embora menos pedântescos, do que seus nomes botânicos de *Lasiandra*, *Fontanesia*, e outras da família *Melastoma* — estão floridas, e, combinando uma rica cor de púrpura ao mais brilhante amarelo, ostentam, juntamente com arbustos lindamente floridos, “flores de mais variadas cores do que o manto de Gris poderia conter”. De tempos em

tempos uma bombax (a *Chorisia speciosa*) lança seus soberbo cimo semi-esférico, coberto de milhares de lindas e grandes flores côm de rosa, que contrastam deliciosamente com as massas de verde vivo, púrpura e amarelo que ornarn as árvores circundantes. Tesouros florais se amontoam de todos os lados. Lianas silvestres, torcidas nas mais fantásticas formas ou pendentes em graciosos festões, — flores da paixão, bignonias, e fúcias em sua magnificência nativa, — fetos, cuja elegância de forma é apenas excedida pelo alto e graciosamente curvado palmito, que é a própria incarnação da linha da belesa, — orquídeas, cujas flores são de uma côm tão suave como a flor do pecegueiro, ou tão brilhante como os cravos vermelhos de fogo, — curiosas e excentricas epífitas envolvendo rochedos nús ou os galhos caídos de antigos monarcas das florestas — tudo forma uma cena que arrebatava um naturalista, e confunde com as suas riquezas os não iniciados, que entretanto apreciam a belesa e o esplendor que por toda parte espalha a mão divina. A forte sensação que se experimenta ao penetrar numa vasta estufa cheia das mais estranhas plantas exóticas de rara descrição e de flores ricas em perfume, é a que multiplicada por mil, dominou o meu espírito quando contemplei pela primeira vez esse cenário de montanhas cobertas de matas semelhantes, mas havia ainda um sentimento tal de liberdade, incompatível com a sensação que se contém na palavra “domínio” que não consigo defini-lo. Na província de Minas Gerais, de um ponto de vista culminante, contemplei uma vez uma majestosa mata florida; e os morros e planícies onduladas que se estendem ao longe no horizonte, pareciam estar envolvidos num manto lendário de púrpuras e de ouro.

Barreira.

A Barreira está situada no seio duma natureza fortemente agreste e sublime; pois os picos dos Orgãos, que se elevam a milhares de pés acima, lembram as agulhas que se

erguem fantasticamente das geleiras do Monte Branco; e as cascatas tumultuosas, que saltam estrepitantes são comparáveis às cinco bravias torrentes montanhosas, “furiosamente alegres”, que correm no Vale de Chamouny. Estava certa vez na Barreira durante uma tempestade tropical, e os espumantes e grandes rios, que se precipitam com tremendos saltos da propria região de terríveis relâmpagos e nuvens, loucamente arremessadas contra as imensas massas de granito, como si as tivessem soltado de suas poderosas cadeias e aberto caminho pelo fundo vale abaixo, bramando sons que repercutiam em cima nos picos gigantescos, dando-me um novo comentário à sublime descrição do Apocalypse: “E ouvi um som do céu, como o som de muitas aguas e como o som de um grande trovão”.

Da Barreira subimos em ziguezague até o alto da serra, onde está situada a antiga fazenda do sr. March. Sua residência tantas vezes visitada por Langsdorf, (* 57) o célebre navegante russo, Burchell, (* 58) o viajante africano, e Gardner, o celebre botânico — pode ser agora colocada entre as coisas que se foram; pois o espírito de lucro criou nesse elevado vale um novo ponto de reunião para os fluminenses, e a exploração de lotes de terreno nas Montanhas dos Orgãos estava prosperando quando deixei as costas do Brasil. Espero que a tentativa prospere, pois nesse local as pessoas entediadas e fatigadas das cidades, encontrarão frescura, salubridade e socego no seio do mais grandioso dos cenários.

Antes de se alcançar a casa de campo do Sr. March e a primitiva casa de montanha do Sr. H-n, (cuja hospitalidade muitos visitantes do Brasil terão ocasião de lembrar), subimos por uma das vertentes mais ingremes dos orgãos. Dali descortina-se uma vista de enorme extensão, — e montanhas, planícies, baía e oceano, — abrangendo, dizem, um panorama de mais de duzentas milhas de circunferência, no meio do qual, embora distante, a capital do Império é vista resplandecendo entre seus soberbos e verdejantes arredores. O ponto donde se observa esse panorama é apropria-

damente denominado "Boa Vista" (* 59). Tão arrebatado ficou o Rev. Charles N. Stewart com a grandeza do cenário, que pos em duvida que, na sua combinação de montanhas, vales e aguas — pudesse ter rival; acrescentando que, em sua longa experiência em vários continentes, apenas lembra-se de uma outra vista que se lhe aproxime: é a passagem "através das montanhas de Granada, até se avistar o "Vega", com a cidade, as muralhas e as torres do Alhambra, e as alturas cobertas de neve do Nevada, dominando tudo, splendidamente iluminadas pelas côres quentes do pôr do sol".

No alto da Boa Vista o clima é muito mais frio do que no Rio. No mês de Junho o termometro tem sido observado cair a 32º Fahr. justamente antes do raiar do dia; mas isto é raro: 40º pela manhã e 70º na porção mais quente do dia é o regime de inverno: e no verão, 60 e 80 são os dois extrêmos. Em Janeiro e Fevereiro (Julho e Agosto dos trópicos meridionais), violentas tempestades de trovões ocorrem muitas vezes, — geralmente á tarde, — e passam, deixando a tarde deliciosamente fresca.

Aqui e em Constançia (* 60) dão quasi todas as frutas e vegetais europeus e, como em Madeira e Tenerife, a maçã e a laranja, a pera e a banana, a uva e o café, podem ser vistos crescendo juntos. O sr. Heath retira uma boa renda da produção de suas hortas; e, no Rio, a linda couve-flor, (tão difficil de cultivar nos trópicos), os melhores espargos, e a maior parte das alcachofras, ervilhas, cenouras, etc., vêm de Constançia, e são apreciadas como raridades nessa região, como ananás na Inglaterra, cuidadosamente cultivado em estufas. Dois "shillings" ingleses se pagam no Rio pelas maiores couve-flores de Constançia. Essa espécie de plantação, parece-me, podia ser aumentada em número na parte superior da Serra, onde são muito férteis os pequenos vales, tão bem irrigados por pequenos cursos de agua límpida e fria. Si pudessem ser tratados com o cuidado, esforço e perseverança com que o Sr. Heath tem realizado o seu cultivo, não podiam deixar de ser lucrativos para os

seus proprietários, proporcionando um grande benefício à progressiva cidade do Rio de Janeiro.

Como as montanhas de Tijuca e as curiosas montanhas ao redor do Rio, a cordilheira dos Orgãos é toda composta de granito. O solo aluvial é muito profundo e rico nos vales, e sob este existe a mesma argila avermelhada, xistosa, ferruginosa, que é tão comum em todo o Brasil.

O cenário torna-se menos selvagem depois de Boa Vista; parecíamos ter passado para o clima das planícies, emquanto ao nosso lado as palmeiras, fetos, cactus, tilandsias etc., demonstrem que não estamos além dos limites do Capricórnio. Plantas rastejantes e pendentes, flores e folhagens resplandcentes, ainda se mostram abundantes. Acontece às vezes que horriveis macacos fazem um grande barulho sobre as nossas cabeças, ou um bando de brilhantes papagaios passa velozmente sobre os altos bambús, graciosamente curvados, que são uma feição típica da paisagem. Esses gigantes do grupo das hervas so frequentemente encontrados nestas montanhas, com oitenta a cem pés de altura e dezoito polegadas de diâmetro. Não crescem verticalmente, nem muitas vezes só, mas, em vastos grupos, crescem a cinquenta e sessenta pés, e curvam-se suavemente para baixo, formando abóbadas muito sombrias e lindas.

Olhando para traz, temos uma vista dos Orgãos e o aspecto que apresentam é inteiramente diferente do abrupto e pontudo perfil que mostram quando vistos da baía. Da nossa posição e altitude parecem montanhas agudas e lisas, elevando-se acima de um oceano de folhagem. A cadeia de que se destacam é ainda mais alta, e mais maciça em seu carater. Poucas pessoas subiram essas montanhas, ou eram naturalistas ou destemidos caçadores. O Dr. Gardner fez provavelmente aqui a sua mais completa exploração científica, e acima destas alturas Heath perseguiu muitas vezes a desgraciosa anta e o flexivel jaguar. A preguiça, horriveis macacos, a lontra brasileira, um pequeno veado (*Cervus nemorivagus*), e duas espécies de javalis, podem ainda um dia

constituir atrações para o naturalista e o "sportman"; mas de ano em ano, se vão tornando mais raros. Entre as aves, ha muitas variedades, notaveis por sua brilhante plumagem, algumas muito procuradas por sua delicadeza, o jacú e a jacutinga sendo as mais estimadas.



Serra dos Órgãos

A dificuldade na ascensão dessas montanhas consiste no emaranhado do mato rasteiro, na abertura das filas de grandes fetos e bambús reptantes, afóra o declive íngreme da Serra. O caminho da anta, todavia, torna a empresa muito mais praticavel do que por outro processo. O Dr. Gardner, depois de duas tentativas, — a última feita vários

anos depois da primeira, — atingiu o ponto culminante da cadeia. Essas montanhas — conhecidas em geografia como fazendo parte desses Andes Brasileiros, que são a *Serra do Mar*, e como Serra dos Orgãos — têm tido a altitude diversamente avaliada, variando de cinco mil e setecentos pés a oito mil pés. O naturalista acima mencionado fez o único cálculo de sua altitude de que tenho noticia e, embora seja apenas aproximado, dou-o na nota embaixo da página tão interessante pela maneira pela qual chegou às suas conclusões. De acôrdo com êle, a altura do pico mais alto é de sete mil e quinhentos pés acima do nivel do mar (40).

Da casa do Sr. March, um trote vivo de uma hora nos leva à vista de Constancia. O sr. Heath, quando espera convidados, vai ao seu encontro numa porteira dentro de sua fazenda, cerca de meia milha distante de sua residência, cuja principal construção levanta-se do meio de pequenas cabanas como um grande "chalet" bernês. As casas meno-

(40) Na primeira subida o Dr. Gardner acidentalmente quebrou seu barômetro antes de ter feito uma simples observação; mas, quando da sua última excursão, atingiu a altura do cume, com a ajuda do termômetro fez o cálculo da maneira assim lembrada: "Ao meio dia o termômetro indicou 64° na sombra, e achei que a agua fervia a uma temperatura de 198°; pelo que estimei a altura da montanha acima do nivel do mar como sendo de 7800 pés. Um registro do termômetro — observada durante a nossa estada nas regiões superiores da Serra e no nivel da fazenda do Sr. March — deu uma differença média de temperatura entre os dois lugares de 12° 5'. O Barão Humboldt avaliou o decrescimo médio de calor dentro dos trópicos em 1° para cada 344 pés de altura, e considera esta proporção como uniforme acima de uma altura de 8.000 pés, além do que é reduzida a tres quintos desta quantidade, até a altura de 20.000 pés. Todavia, desde que foi encontrado que, em geral, o efeito da altura acima do nivel do mar, em diminuição de temperatura, está, em todas as latitudes, quasi na proporção com a altura, o decrescimo sendo de 1° de calor para cada 352 pés de altitude: isto daria 4.000 pés para a altura do pico mais alto das Montanhas dos Orgãos acima da fazenda do Sr. March; e, como esta tem 3.100 pés acima do nivel do mar, temos para a maior elevação total 7.500 pés." — ("Travels in Brasil", de Gardner, segunda edição, p. 405. Tradução brasileira nesta coleção). (N. do Tr.).

res ficam cheias, no verão, de hóspedes que sobem para gozar o ar frio de Canstancia e a ducha forte da cascata que se precipita do morro em frente. Nesse quieto vale sem saída, o homem do Norte revê, nas rosas aveludadas e nas violetas a primavera de sua terra distante. Não longe da porta da frente, quando nos aproximamos do edifício



Hotel Heath, Constância

principal, ha um grande tufo de roseiras de uma espécie pequena, crescendo em profusão selvagem. A angélica, o jasmim do Cabo e o delicado heliotropio enchem o ar de perfume; e estas e os parreirais com suas madre-silvas, atraem os pequenos beija-flores, que cintilam à luz do sol como pedras preciosas aladas das mais vivas cores.

Quem é que tendo estado em Constancia esquecerá os confortos materiais de que o cerca o sr. Heath?

É um dos poucos lugares de descanso para a saúde e recreio que tenho visitado, onde o proprietário parece mais um convidado entretendo seus amigos do que um hospedeiro importunando seus hóspedes. Suas anedotas mantêm uma constante alegria, enquanto suas aventuras entre as florestas e as montanhas do Brasil são cheias de ensinamentos. Acompanhou Gardner em muitas de suas excursões, e tem sido um perfeito Nemrod. Quando abundavam as felixonças, os vizinhos mandavam chamar na certa Heath para vingar as depredações de seus rebanhos; e muitas vezes um bom tiro de seu rifle dava cabo de um lindo jaguar — o monarca dos felinos no Mundo Ocidental — melhor do que matilhas de cães de caça ou espingardas brasileiras o poderiam fazer. Informou-me que ha muitos anos passados, sua primeira visita a Constancia foi em busca duma anta que tinha feito tal estrago nos campos de milho, pertencentes a fazenda de March, de que era então o feitor. O número destes imensos animais que êle matou nos últimos anos, em Constancia, foi de trinta e dois. Isto foi sómente como dever de officio; si o tivesse feito como negócio podia ter “posto no sacco” mais antas, jaguares, javalis, etc., em um ano, do que, em qualquer tempo, Gordon Cumming ou Gerard em suas gigantescas caçadas nas selvas de Cafraria ou da Algeria. (Heath faleceu em 1864).

A anta ou tapir.

Foi muitas vezes um motivo de admiração para mim que a anta, o maior animal da América do Sul fosse tão pouco conhecida. O seu interesse ainda aumenta pelo fato de que, embora uma de suas espécies exista no Velho Mundo, esta só foi descoberta muto depois do Tapir Americano, pois a anta malaia, que difere muito pouco de seu con-

genere ocidental, só foi descrita depois do governo de Sir Stamford Raffles em Java.

A anta forma um dos traços de união entre o elefante e o porco. Seu focinho se prolonga numa espécie de proboscídio, e, com exceção da tromba do elefante, a que se assemelha é o mais longo apêndice nasal pertencente a qualquer quadrúpede. E', todavia, privado daquela espécie de pequeno dedo com que a natureza enriqueceu a tromba do leviatã terrestre. Este curioso animal tem muitos parentes fósseis, mas apenas tres espécies vivas (duas delas pertencentes à América do Sul) foram até agora descobertas.

A anta é largamente distribuída na América do Sul, a leste dos Andes, e, especialmente abunda nas regiões tropicais. Parece ser um vegetariano noturno, — dormindo durante o dia, e, ainda à noite, nutre-se dos renovos das árvores, gomos, frutas silvestres, milho grosso, etc., etc. E' de côr castanha profunda, próxima do preto, medindo três e quatro pés de altura, e de cinco a seis de comprimento. O pêlo do corpo, com exceção da crina, é curto, e tão preso à superfície que é raramente percebido a curta distância. Seu poder muscular é enorme; e isto, com o duro e espesso couro (quasi impenetravel à bala de mosquete) que defende seu corpo, habilita a anta a romper através a espessura da mata em qualquer direção que queira. O jaguar frequentemente salta sobre ela mas é muitas vezes desalojado pela atividade da anta, que se arroja entre os arbustos e árvores pequenas e esforça-se por esfregar o inimigo contra os ramos espessos. Sua marcha habitual é uma espécie de trote; mas algumas vezes galopa, embora grosseiramente e com a cabeça baixa. Gosta muito d'água, e no alto da serra dos Orgãos há poços onde pode livremente espojar-se. Sua atitude é pacífica, e, si não é atacada, não molestará o animal; mas, quando excitada pelos cães do caçador, pode infligir-lhes terriveis dentadas. O sr. Heath informou-me que toda vez que ela apanha um cão com seus dentes, a

carne é completamente arrancada dos ossos do canino importuno. A carne da anta é sêca, e é muitas vezes comida pelos índios do interior, por quem é caçada com lanças e flechas envenenadas. Refugia-se n'agua e não é apenas um bom nadador, mas parece quasi anfíbio, estando habilitado a aguentar-se longo tempo em baixo da superfície d'agua; daí ser algumas vezes chamado *Hippopotamus terrestris*. As maiores que o sr. Heath matou, pesavam quatorze arrobas portuguezas, (cerca de quatrocentas e cincoenta libras), embora existam, sem dúvida, muito maiores nas regiões amazônicas. Os naturalistas dividem a anta americana em duas espécies, — a das regiões baixas e a das montanhas, — esta, encontrada nos declives orientais dos Andes, difere apenas um pouco da outra espécie já representada e descrita.

O javali.

O javali é muitas vezes encontrado nas selvas do Brasil; e este pequeno suíno nativo é o maior brigão que se possa imaginar. Nem os homens nem os cães inspiram-lhe respeito; pois atacará a ambos com impunidade. E' gregario nos seus hábitos, e, com seus companheiros, ataca mais violentamente, não se importando com a superioridade do inimigo. E', acredito, um dos poucos animais que não têm medo da detonação de armas de fogo.

Ha muito lindos e afastados passeios a pé e a cavallo nas visinhanças de Constancia, e frequentemente o Sr. Heath acompanha seus convidados aos lugares agrestes e românticos que aqui são abundantes. Subi uma vez com dois companheiros ao topo da montanha que se vê, à direita do esboço de Constancia (pag. 326); e, embora tenha feito muitas ascensões entre os Alpes e Apeninos, nunca experimentei tanta fadiga e dificuldade como nesta ocasião. Eramos os primeiros, com uma exceção, a escalar essas alturas e a contemplar a admiravel vista em redor. Fiz depois um esboço da Serra dos Orgãos de um ponto de vista

algumas milhas distante da residência do Sr. Heath, e onde os picos apresentam a aparência de irregulares dentes de serra; e pôde então apreciar melhor do que antes os termos espanhóis e portugueses (*Serra* e *Sierra*) dado às montanhas.

O aludido esboço (que, porem, não foi gravado) foi desenhado na primeira página de um livro que reli na Serra dos Orgãos, e que desde então me acompanhou nas minhas viagens pelo continente sul americano. Este livro era uma edição inglêsa do "Students's Manual" de Todd, — uma obra que deleitou a minha infância, que me transmitiu sua força de decisão no colégio, e cujo agradável estilo, lindas ilustrações e saudavel pensamento fizeram dele o mais agradável companheiro quando eu já não dependia mais de tutores e governantes.

O Sr. Heath certa vez nos acompanhou, através uma pequena faixa de floresta, a um vale distante de Constancia, a não mais de duas milhas. Do lado das matas olhamos abaixo para um vale, cuja estreita extremidade estava próxima a nós. Além, cada um lado dos espigões da montanha, que formavam o vale, estavam os cafeeiros verde e os lindos arbustos de chá chinês. Muito abaixo de nós, quasi encobertos entre grandes bananeiras e laranjeiras, percebemos as telhas vermelhas de uma vivenda. Desce-mos por um pequeno caminho a esta habilitação meio escondida, e fomos apresentados ao proprietário, dois irmãos suíços, que, depois de terem servido no exército inglêz, reformaram-se com uma boa pensão, e aqui, em socego, estavam gosando a vida em um dos mais saudaveis e mais agradaveis lugares do mundo. O irmão mais moço não ia à cidade ha dezoito anos. Visitara os Estados Unidos quando jovem, mas apenas a porção que constitue o limite norte de New York. Emquanto estavamos conversando com êles, um bando de papagaios selvagens lançara-se sobre as janelas abertas, chilrando prazeirosos e comendo as sementes de girassóis que esses bondosos solteirões tinham espalhado

para êles. Dos lados do terreno de café (onde os grãos são espalhados para secar) alinhavam-se grandes laranjeiras, cujos ramos curvavam-se para baixo com sua carga dourada; varias roseiras projetavam-se em festões pelos arbustos. pelas árvores e casas, espalhando a agradável fragancia dos seus cachos carregados de botões e flores; o murmúrio dos regatos misturava sua suave e alegre música ao ruido atenuado de uma queda d'água distante, e toda a cena estava impregnada de tanta paz e felicidade, que o "Vale Feliz" da imaginação do Dr. Johnson, parecia encontrar aqui a sua duplicata no mundo da realidade.

O "Vale Feliz".

Fiz muitas agradaveis visitas a esse lindo lugar, e o amavel vale cada vez mais me encantou. Na casa de campo dos dois suiços encontrei os melhores periódicos em Francês, Alemão, Inglês e Português, cujas linguas eles falavam correntemente. O contraste, foi, porem, mais marcante, quando conversamos sobre Grindenwald, Martigny, o Riga, e as costas de Lago Lemman, cujas fieis pinturas estavam suspensas das paredes, e depois olhamos pela janela sus-uma paisagem de perene florescencia e de inalteravel verdura. Levaram-me para o seu jardim, onde estavam, por prazer, cultivando rosas (que crescem com dificuldade no Brasil) e vinhas trazidas das partes mais quentes da sua Suíça.

Durante uma de minhas visitas, informaram-me que tinham comprado esta plantação de um senhor residindo agora no Estado de Indiana, e ficaram surpresos quando lhes informei de que este Estado era a minha terra natal. Tinham mantido ativa correspondência com o antigo proprietário, que me representavam como um amigo da música e de Goethe, mas de quem, desde 1849, não tinham recebido noticia e temiam que tivesse caído vítima do cólera, que tinha passado através o Vale do Mississipi durante o men-

cionado ano. Desejaram que eu escrevesse a um amigo para saber si o Sr. R. já falecera ou estava vivo: por essa razão, escrevi a um dos professores do South Hanover College, em Indiana; e meu correspondente assegurou que o Sr. R. pertencia ainda ao mundo dos vivos. O Professor T. visitou-o, e encontrou o Sr. R., um veneravel alemão de mais de setenta anos; mas o seu gosto pela música não tinha diminuido, e estava pronto a batalhar por Goethe em qualquer momento. Não se tinha esquecido de seus amigos no Brasil, mas, por alguma causa desconhecida, não tinha escrito para êles; e daí suas apreensões. Quando, todavia, ouviu a descrição do "Vale Feliz" na resplandecente região do Cruzeiro do Sul, a visão de suas rosas, frutos dourados, imarcessivel verde e seus regatos murmurantes, surgiu tão nitidamente diante dele, que, idoso como era, sua juventude pareceu renovar-se, e resolveu voltar uma vez mais àquela que foi a sua primeira e linda casa no Novo Mundo. Não sei si realizou a sua resolução, mas posso prontamente imaginar quão poderosamente pode-se ser excitado pela lembrança das belezas, que são inseparavel desse tranquillo vale da Serra dos Orgãos.

Em Julho de 1865, visitei outra vez o "Vale Feliz", à convite do irmão mais moço, a quem encontrei um alegre e vigoroso homem de setenta e tres anos. O irmão mais velho empregara o ultimo ano (1857) de sua vida, em uma tentativa de fundar uma colônia perto de Teresopolis, cidade construida depois de 1855 nas antigas plantações de March. O Sr. Rinke nunca voltou ao Brasil: em 1860 visitou os retiros de Goethe e Schiller, e morreu em Lucerna, Suíça, de um resfriado apanhado enquanto fazia uma peregrinação aos cenarios de "Wilhelm Tell" de Schiller. O "Vale Feliz" não perdeu nenhum de seus encantos. Muito possa ainda viver o Sr. Fischer para goza-lo! (* 61)

Em um dos meus passeios matinaes na plantação de Heath, fiquei muito surpreendido com uma árvore alta que crescia perto do caminho. Seu tronco estava um pouco in-

clinado, — mas tinha uma parte perfeitamente em pé, porem sua principal atração era o longo e veneravel musgo que pendia de seus ramos espalhados e era suavemente baloiçado pela briza da manhã carregada de perfumes. Sentei-me para esboça-lo, e enquanto absorto nessa operação, fui despertado por um alto chilrear; num instante um bando de passaros brilhantemente coloridos, em curioso vôo, veio da mata visinha e baixou sobre a árvore solitária. Embora os movimentos do seu vôo fossem extremamente desgraciosos, eram mais vivos quando saltavam de galho em galho. Mantinham um constante chilrear, como si se estivessem reunindo para combinar seus projetos para o dia. Logo percebi que, não obstante sua brilhante plumagem, que fazia a soberba árvore parecer carregada com grandes laranjas douradas, eram tão extraordinários em aparência como pesados no vôo. Seus bicos podia-se ver, eram do mais desproporcionado comprimento, o que, todavia, não impedia seus movimentos ativos entre os ramos nodosos e os musgos pendentes. Depois, tendo estabelecido os seus arranjos para o dia, tomaram um voto unanime, que foi proferido em um tal grito a *viva voce* que as proprias montanhas ressoaram com suas notas rudes e estranhas.

O tucano.

Este foi o meu primeiro conhecimento com o *tucano*, que em sua aparência é um dos mais excentricos membros da tribu dos animais de pena. As penas do peito do *Ramphastos dicolorus* são da mais brilhante côr de laranja, cromo, e rosa carregado e formam uma nota dominante nas vestimentas e ornamentos de penas dos índios selvagens do interior. No século dezesseis as illustres damas das côrtes da Europa consideravam como seus mais esplêndidos e pitorescos vestidos os enfeitados com as penas do peito do tucano. Sua lingua é longa, sólida, e é coberta e guarnecida com pequenas penas imitando pelos. Tem uma singular maneira de tomar o alimento. Observei um em estado

de domesticação comendo milho; êle tomava um grão com seu imenso bico, sacudia a cabeça, suspendendo o seu longo apêndice, e, por uma série de rápidas sacudidelas, o grão era lançado através a sólida lingua até à garganta.

O tucano pertence aos pássaros trepadores, e está classificado com os papagaios, picanços e cucos. Seus pés, providos de dois dedos na frente e dois atrás, é admiravelmente adaptado à finalidade de trepar e apreender. Seu bico não é absolutamente macio e pode-se dizer que tem a estrutura de um favo de abelha; por isso é que é leve. Este longo apêndice, aparentemente pesado, parece ser dotado de grande sensibilidade e bem suprido de nervos, e o seu dono pode ser muitas vezes visto esgravatando o curioso órgão com os dedos.

Waterton (* 62) fala de uma espécie de tucano do Norte do Brasil (os tucanos são apenas encontrados na América Tropical) que “parecia julgar que a sua beleza pudesse ser aumentada franjando a sua cauda, à qual faz sofrer a mesma operação que o nosso cabelo sofre num barbeiro, apenas com essa diferença, — que êle usa seu próprio bico (que é serrilhado) em lugar de um par de tesouras. Logo que sua cauda está crescida começa aproximadamente a uma polegada da ponte das duas plumas maiores a cortar as penas de ambos os lados do eixo, fazendo uma fenda de cerca de uma polegada de comprimento; o macho e a fêmea adornam suas caudas dessa maneira, o que lhes dá uma aparência distinta entre todas as outras aves.

O tucano é o mais grotesco espécime da ornitologia, e o Aracari, (*Pteroglossus*), com seu imenso bico e olhos esbugalhados, parece um melancólico Jaques, ou um filósofo alemão de óculos, que se desterrou para longe do convívio dos homens, para especular sobre as misérias da natureza humana e proclamada excelência dos

“populous solitude of bees and birds
And fairy-form'd and many-color'd things.”

O estudante de história natural pode encontrar muito com que se satisfaça na serra dos Orgãos. Ha muitas cobras lindamente coloridas, (apenas, algumas delas, muito venenosas), grande variedade de lagartos, curiosos sapos e rãs, — que, como alguém já disse — vão das pequenas espécies arborícolas, não tendo mais de uma polegada de comprimento, às especies maiores que dão quasi para encher um chapéu. Lindas borboletas rivalizando com as flores que de tempos em tempos visitam, ou com suas brilhantes asas refletidas nas pequenas poças em cujos bordos descem em inumeraveis bandos. Grandes ninhos de vespas, bem como folhas tropicais, adornam os ramos das árvores. Em alguns lugares, besouros como pedras preciosas prendem-se às folhagens e flores dos arbustos baixos, e á noite o ar é iluminado com pirilampos que Gardner compara, em brilho, a “estrelas que caem do firmamento e flutuam em redor sem um lugar de descanso”.

Os vagalumes.

Uma tarde, passeava da casa de Heath em direção ao “Vale Feliz”, quando, sem prolongar o meu passeio longe nessa direção, penetrei numa floresta e continuei meu caminho para a borda de um precipício, ou antes uma espécie de cratera concava, cujo centro estava a mil pés abaixo de mim e cujos barrancos estavam cobertos de árvores. A noite estava escura, e tinha caído tão repentinamente depois de um breve crepusculo, que eu não dera por ela. Antes de voltar, permaneci por alguns momentos olhando para baixo na escuridão cimeriana do abismo em frente a mim; e, enquanto contemplava, uma massa luminosa pareceu partir justamente do seu centro. Observei-a quando flutuava, iluminando no seu lento vôo, as longas folhas da *Euterpe edulis* e a folhagem mais miuda de outras árvores. Veio diretamente para mim, alumando a escuridão em redor, com seus três focos de luz, que podia agora ver distintamente. Eram *Pyrophorus noctilucus*, tão bem conhecidos de

todos os viajantes das Antilhas e da América tropical. É um inseto de côr castanho escura e o corpo é sempre coberto por uma curta pubescência castanho clara. Quando anda ou está em descanso, a principal luz que emite vem dos dois tubérculos amarelos; mas, quando as asas estão expandidas no momento do vôo, uma outra mancha luminosa aparece na extremidade posterior do abdomen. Estas luminosidades — que se supõe serem fosfóricas em sua composição — são tão consideráveis que o pirilampo é muitas vezes empregado nas regiões onde é abundante como um substituto da luz artificial.

Nas montanhas da Tijuca li as páginas bem impressas do “Harper’s Magazine” com a luz de uma destas lâmpadas naturais colocadas por baixo de uma taça de vidro comum, e com clareza pude dizer a hora da noite, e distinguir as figuras muito pequenas que marcavam os segundos de um pequeno relógio suíço. Os índios antigamente usavam-nos em vez de archotes nas suas expedições para caçar e pescar e quando viajando durante a noite costumavam amarrá-los a suas mãos e a seus pés. Em alguns lugares dos trópicos são usados pelas senhoritas para adornar suas madeixas, ou seus mantos, amarrados dentro de uma fina gaze; e devido a elas, as portadoras de vagalumes tornavam-se na verdade “luminosas estrelas destacadas”. Era deste pirilampo (que se assemelha, em tudo, salvo a côr, ao “*snapping-bug*” do Vale do Mississipi) que Prescott, em sua “Conquista do México”, narra o terror que inspirava aos espanhóis em 1520. “O ar estava cheio de “cocuyos”, (*Pyrophorus noctilucus*), uma espécie de escaravelho grande que emite uma intensa luz fosfórica de seu corpo, bastante forte para permitir ler-se com auxilio dela. Essas luzes errantes, vistas na escuridão da noite, eram vistas pelos assediados como um exército carregando archotes”. Tal é a observação de uma testemunha de vista, — o velho Bernal Diaz.

O iguana.

Em um dos meus passeios a Canta Galo, vi em uma estrada o grande lagarto chamado *iguana*. Nada ha nesse reptil de aspeto asseiado que me possa causar aversão; a sua pele, de pequena escamas brilhantes, assemelha-se ao mais belo trabalho de contas. Vi muitas vezes no Rio espetados e caçados perto da cidade; pois a carne é estimada como de muito bom sabor, — assemelhando-se em sua aparência e gosto a esse bom bocado para os epicuristas, que é uma perna trazeira da rã. As representações usuais do *iguana* não são fieis; representam-o tão horrendo em aparência como o imaginário dragão de peito enfundado e lingua dardejante do qual o bom S. Jorge libertou tantas devotas virgens. O *iguana* tem de três a cinco pés de comprimento, e é ovíparo. Uma senhora, membro de minha família, possuía um, que era seu animal de estimação e favoreceu-me bondosamente com algumas notas a seu respeito. Insiro-as aqui integralmente:

“Pedro (o *iguana*) proporcionou-me muitos divertimentos. De sua estreita semelhança com a familia das cobras, foi difficil tirar aos estranhos a impressão de que era venenoso. Tal não se dá com os *iguanas*. Seu único meio de defesa é a poderosa cauda; e um caçador disse-me que teve uma costela de cão posta a descoberto por um golpe de cauda que um *iguana* lhe deu. O meu pobre animalzinho, todavia, não era belicoso, estando ha muito no cativeiro. Ele me foi doado como um presente de Natal por um amigo, e logo tornou-se manso para poder andar em liberdade. Tinha cerca de tres pés de comprimento, e alimentava-se de carne crua, leite e bananas. Tinha uma cesta em meu quarto, e quando êle sentia o tempo frio refugiava-se no colchão de minha cama, onde, pela manhã, seria encontrado no maior conforto. Uma tarde nós o procuramos em todos os seus usuais esconderijos, e com tristeza convencemo-nos de que êle estava perdido; mas, ao amanhecer, duas polegadas da sua cauda pendurada para fóra da fronha do travesseiro, indicou-nos onde tinha passado comodamente a noite! Meu cachorrinho espanhol e êle estavam brigados. No momento que Chico appareceu, quis lançar-se para morder Pedro; mas Chico pensou, como muitos outros, que a melhor parte do mérito é a discreção. Assim êle fugiu do *iguana* tão depressa quanto possível. Então Pedro foi lenta-

mente para o agradável lugar do chão e fechou seus olhos para um sono. Quando o inverno (um inverno como a última parte de um Maio do norte) chegou, êle tornou-se quasi entorpecido, e permaneceu sem comer por quatro mēses. Êle de quando em vez quer se expor ao sol, mas volta logo para o seu cobertor de lã.

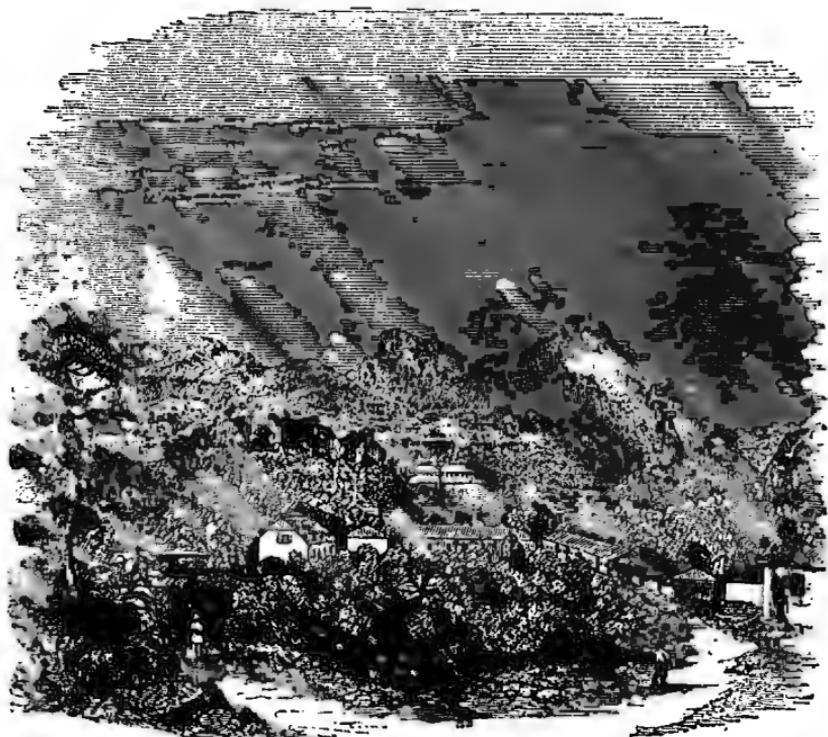
Frequentemente tomava-o em meus braços, sendo muitas vezes um meu convidado especial; mas não posso dizer que fosse muito apreciado pelos outros. Era em vão que eu elogiava as suas lindas manchas pretas e brancas, parecendo contas, os seus brilhantes olhos parecendo joias e suas elegantes unhas. Meus amigos o admiravam, mas conservavam-no à distância. Eu tinha uma espécie de malicioso prazer em coloca-lo de repente em baixo dos pés do séxo forte, e o tenho visto provocar em oficiais de marinha maiores sintomas de terror do que lhe teria produzido o troar de uma artilharia de um navio inimigo ou um recife a sotavento. Mas, ai de mim, pouco duram as coisas agradáveis. Durante os mēses de verão Pedro sentia dentro de si reviver seu antigo amor pelas florestas, e muitas vezes fazia uma sortida até os lindos caminhos do morro da Gloria. Em uma destas ocasiões êle encontrou um malvado francês. Pedro, o acariciado por mim e o temido dos outros, não conhecia o terror. O malvado deitou-o por terra. Foi em vão que uma filhinha do Consul B. tentou salva-lo, gritando "Il est à Madame": um outro golpe fraturou seu crâne! Meu empregado correu apenas em tempo de salvar seu corpo de uma ignominiosa frigideira — mas sua vida estava extinta. O assassino fugiu, e Rosa voltou com o cadaver do meu pobre favorito. Quando cheguei em casa êle me foi apresentado com a sua comprida lingua em forma de forquilha, pendendo de sua boca. Foi mandado, enrolado em crepe preto, para um vizinho que muito apreciava "fricassés" de lagarto, pois quem o viu mimado e acariciado, não teria appetite para come-lo!

"Assim findou-se a historia do pobre Pedro, depois de uma vida de agradável cativo; e talvez, pudesse ser dito dele, como de muitos outros. "Êle foi mais temido do que amado!"

Nova Friburgo.

De Constancia até Nova Fribourgo, ou Morro Queimado, ha, um caminho entre montanhas e florestas, que é algumas vezes seguido por viajantes que desejam visitar a vila acima citada. A rota mais frequentemente atravessada é por vapor do Rio de Janeiro, da baía até o Rio Macacú, e acima deste curso até o Engenho do Sampaio. Daí podemos ir por carro ou em mula para a florescente cidade de

Porto das Caixas, que é lugar de reunião geral das tropas de mulas que trazem café e açúcar para as colônias suíças de Nova Friburgo e Canta Galo e grande parte da região circunvisinha. Aqui são também desembarcadas as mercadorias que voltam da capital para a troca de produtos:



Proximidades da Vila de Nova Friburgo

Além de sua importância comercial, Porto das Caixas é notável por ser a residência da família do Visconde de Itaboraí (Senhor Joaquim José Rodrigues Torres). O viajante encontra aqui uma boa hospedaria, mantida por um francês, cujos preços, embora não tão moderados como no interior do país, podem, com outras despesas, interessar aos

viajantes que possam vir depois de mim. Encontrei em meu livro de notas a seguinte nota para mim e companheiro:

“Hospedaria de M. Boulanger. — Dois jantares, duas velas, duas camas, café para dois, dois almoços, e o estábulo para duas mulas, 7\$200” (cerca de dezesseis shillings ingleses).

Na excelente hospedaria do Sr. Lowenroth, em Nova Friburgo, paga-se 2\$000 (um dolar) diários por tudo. Em Canta Galo, trinta milhas mais para o interior, paguei 6\$000 diários, para mim, o guia e três mulas. Na de Pedro Schott (Um regular chalet *Tête noire*, de construção tósca), situado em um lugar agreste e retirado a meio caminho entre a baía e Nova Friburgo, para dois jantares, duas camas, duas lâmpadas, e o estábulo para duas mulas, — 4\$500 (dez shillings e dois pence). Em Constancia e em Petrópolis paga-se 4\$000 (nove shillings) diários, o preço de um hotel de primeira classe nos Estados Unidos. Deve ser observado, todavia, que o vinho nunca é extraordinário, e, como isto é obtido a um preço barato direto de Lisboa e Porto, figura em todas as mesas. Indo-se para a fértil província de Minas Gerais, anotei que para mim e o companheiro gastamos em Petrópolis 16\$000, (quasi nove dolares), e na próxima noite em uma pequena estalagem chamada Ribeirão pagamos pelas mesmas acomodações 4\$000 (dois dolares e vinte cents). No litoral, sempre achei a vida muito cara para os estrangeiros. Mais para o interior, os preços diminuem. Em Ponta do Jundiá, na província de S. Paulo, jantar para dois e guia, e pasto para tres animais, o preço era apenas de 1\$500 (tres shillings e cinco pence ingleses). Os brasileiros viajam a um preço um quarto mais baixo do que o norte americano ou o europeu. Raramente poisa numa hospedaria, mas, quando considera a viagem do dia terminada, se são duas ou seis horas da tarde, vai a um rancho, dá algumas mão-cheias de milho à sua mula, e depois solta-a para pastar. Então, si não tem nenhum empregado com elle — junta-se com os outros ocupando o mesmo rancho, e fei-

jões, carne seca, misturada com um pouco de toucinho, e bem endurecido com farinha de mandioca, forma uma substancial sopa, que tem café por complemento, vinho tinto de Lisbôa, ou agua de um regato próximo. Tenho dormido em um couro crú estendido na poeira de um rancho, tão bem como na macia cama do melhor hotel de Nova York. Os ranchos (meros telheiros cobertos de telha) são encontrados em todo o país, e, como os "*caravanserais*" do Oriente, são muitas vezes construidos pelas autoridades; mas em muitas ocasiões foram construidos por algum vendeiro, que nada cobra para o abrigo assim concedido aos tropeiros e a milhares de sacas de café e açúcar na sua viagem para os mercados do litoral. O vendeiro, todavia, não deixa de contar com os seus hóspedes, pois os tropeiros necessitam feijões, carne, farinha, cachaça, e café para si próprios, e milho para suas mulas. Assim, uma cilha de besta extraordinária, um manto de sela, uma faca de ponta, e uma espada de ferro, são muitas vezes procurados; e o vendeiro português acumula assim propriedades, e em tempo torna-se um fazendeiro, mas não abandona a loja, que sempre lhe traz boa recompensa.

Quem desejar fazer longas viagens no Brasil faria bem em comprar suas próprias mulas. Cavalos e mulas (estas são muito mais prestativas) podem ser alugados ao preço de 5\$000 a 10\$000 (onze a vinte e dois shillings ingleses) por cada cincoenta milhas, ou por um combinado trajeto.

Café.

As plantações de café dos terrenos elevados de Nova Friburgo e Canta Galo figuram entre as melhores na provincia do Rio de Janeiro: muitas delas pertencem a Suiços e Franceses que vieram para o Brasil á convite de Dom João VI, em 1820; mas a colonia da qual formavam parte acabou-se, e os mais energicos dentre eles tornaram-se proprietários. O Barão de Nova Friburgo tem imensas plantações na visinhança de Nova Friburgo, onde não

emprega apenas escravos, mas muitos imigrantes de Portugal, Açores e Madeira. Sua residência na vila de onde deriva seu título é um grande solar construído com gosto. Uma capela protestante de pequenas dimensões é presidida por um velho sacerdote luterano que veio para o Brasil com os primitivos colonos alemães. Poude, contudo, perceber que havia apenas pouca vitalidade cristã entre este povo. Luteranos da antiga "*Church-and-State School*" são os últimos a propagar o evangelho. Ha mais esperança de alguns dos novos pastores das colônias alemãs mais recentemente estabelecidas.

Em Nova Friburgo há um bom número de excelentes escolas, sendo a principal o "Instituto Colegial" do Sr. John H. Freese. Este senhor dedicou muitos anos à instrução nesse frio e saudavel lugar, e muitas centenas de jovens fluminenses, receberam aqui a educação em inglês e francês, assim como em lingua portugüesa. Encontrei com os alunos do Sr. Freese em diferentes partes do Império, e sempre manifestaram uma inteligência geral superior a dos alunos de outros estabelecimentos congeneres. Suas "Noções Gerais ácerca da Educação da Mocidade Brasileira" mostram que êle dava muita atenção ao assunto de educação.

Canta Galo.

Entre Nova Friburgo e Canta Galo o cenário é notavelmente alpino, e tantas são as suas plantações que lembram prontamente os doces vales da Suíça. Na vizinhança de Canta Galo encontrei um número de inteligentes alemães, suíços e franceses, cujas plantações de café proporcionavam-lhes os mais lucrativos rendimentos. Não fiquei nada surpreendido com uma bondosa oferta de um alemão que manifestou o princípio de sua hospitalidade por perguntar-me si eu não tomaria "*ein grog*", e ficou tão espantado com a minha recusa, como eu com o seu oferecimento.

Na casa das plantações do Sr. D., um suíço de Zurich, fui cercado por muitas reminiscências de sua pátria; e em-

quanto contemplava seus bem cultivados campos, que se estendiam diante de sua casa, podia quasi supôr-me em alguns dos verdes vales do Oberland, que em grandes pinturas, enfeitavam as paredes do salão. A ilusão tornou-se mais completa quando a noite escondeu todas as palmeiras e cactus florescentes, e eu ouvia apenas os sons das linguas francêsa e alemã, ou, ao piano, as notas singelas do "Ranz des Vaches", agradaveis noturnos, e as majestosas melodias de Mendelssohn e Beethoven. Eu podia com dificuldade acreditar-me a centenas de milhas no interior do Brasil. Contudo, imaginei que não estava na terra de Tell quando voltei para Canta Galo precedido por um negro de libré, que levava (nas costas de um cavalo) uma tocha chamejante, cujos fachos de luz iluminavam, pendentes, nimosas, bignônias, e compridos e curvados bambús.

O antigo proprietário do hotel em Canta Galo é um alto francês que foi do corpo da guarda de Napoleão I, fato esse que, em seu melífluo francês, juntamente como as rudes e frescas pinturas, logo nos informa.

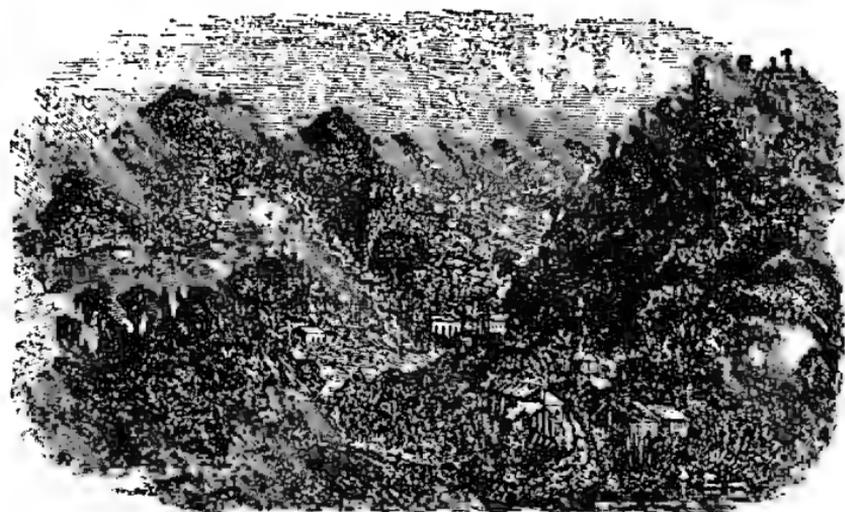
Voltando dessa excursão, ha uma magnífica vista de toda a baía, que se estende desde essas montanhas até uma centena de milhas em redor. Os mais importantes portos nas bordas desta baía são Magé, Piedade, Porto da Estrela e Iguassú. Nestes vários lugares grandes quantidades de produtos são remetidos por tropas do interior e embarcadas em vapores e faluas para a capital.

Uma vista de olhos no mapa mostra a Baía do Rio de Janeiro com suas numerosas ilhas, de várias formas e tamanhos. A Ilha do Governador é a maior, medindo vinte milhas de leste a oeste. Essas ilhas são na maioria habitadas, e bastante cultivadas. Si ainda alguma coisa pode ser acrescentado ao grandioso cenário desta magnífica baía, referimos o grande número de pequenas embarcações que são vistas constantemente atravessando-a, ponteando a verde superfície da água com suas velas esbranquiçadas. De manhã

á tarde podem ser vistas, navegando em todas as direções, barcos abertos ou cobertos, canoas, lanchas, faluas e sumacas.

Petrópolis.

Uma das mais atrativas residências para os habitantes do Rio, durante a estação quente é a colônia de Petrópolis ultimamente fundada, situada a cerca de tres mil pés acima do nivel do mar. Uma agradável travessia a vapor entre pi-



Vale Suíço, próximo de Petrópolis

torescas ilhas leva-nos a Mauá, ponto extremo da primeira estrada de ferro construída no Brasil, que o Império deve à iniciativa desse ilustrado e patriótico brasileiro, Irineu Evangelista de Souza' que, na inauguração dessa estrada de ferro, foi feito Barão de Mauá pelo Imperador. A estrada tem cerca de dez milhas de extensão, e vai até à raiz da Serra, onde as carruagens, cada uma puxada por quatro mulas, re-

cebem os viajantes. A subida se faz por uma excelente estrada, que foi construída pelo Governo com enorme dispêndio, e lembra um dos caminhos do Simplon. Em alguns trechos, a encosta das montanhas é tão escarpada, que tres voltas se comprimem num espaço pequeno bastante para permitir que se seja ouvido quando se fala para as pessoas que estão nas carruagens que vão em direção oposta. Quando se alcança o alto, antes de descer para o vale em que está a cidade, descortina-se uma magnífica vista diante de nossos olhos. Toda a baía e a cidade do Rio, com as planícies de Mauá, através das quais se lança a diminuta estrada de ferro, estão delineadas em baixo.

No ano de 1837, o Dr. Gardner escreveu. "Passámos pela pequena e miserável vila do Corrego Seco". (* 63) Atualmente é Petrópolis. Toda a região vizinha foi ha tempos adquirida pelo Imperador D. Pedro I, com a intenção de formar uma colônia alemã. Esse projeto foi interrompido pela sua abdicação, mas foi executado por seu filho, o atual Imperador. Contem atualmente dez mil habitantes, e por toda parte se vêem lindas residências de opulentas famílias do Rio que vão para lá durante o verão. Nada pode exceder a beleza de seus arredores. Estradas ladeadas por "vilas", partem do centro da cidade, entre morros ainda cobertos de florestas virgens. Muitos destes, habitados por colonos alemães, têm o nome de lugares da sua terra natal, e o coração é agradavelmente transportado para cenas do Velho Mundo. A estrada para os distritos mineiros atravessa Petrópolis, e as tropas e mulas, carregadas de café, açúcar, e algumas vezes ouro, estão continuamente passando para as margens da baía, onde as suas cargas são transferidas para faluas e vapores para serem transportadas até à cidade.

O palácio do Imperador fica no centro da cidade, e quando terminado e circundado por terrenos cultivados, apresentará um belo aspeto. Pequenos rios cortam as ruas e são atravessados por pontes, aumentando ainda mais o aspeto típico do lugar.

Ha igrejas Católicas Romanas e Luteranas, grandes hotéis, e muitas lojas. O Barão de Mauá tem aqui uma vivenda agradavelmente situada no encontro de dois regatos da montanha. (* 64) Vários estrangeiros do corpo diplomático e outros têm "vilas" em diferentes pontos, — procurando o inglês geralmente as alturas.

Os colonos pertencem à classe inferiores alemãs, e trazem consigo alguma arte porem pouca educação. Parece difficil em qualquer clima tropical evitar a diminuição da morai e da energia dos emigrantes, e isto se pode particularmente observar em países de escravos. O colono deprimido, considerando-se superior ao africano, enxerta os vícios do último na raça européia, e assim decai até um grau inferior ao negro. O alemão no Brasil tem a necessidade de um povo profundamente moral que o cerque para ajudá-lo a elevar-se; por conseguinte não é de admirar si ele vai decaindo cada vez mais na escala da civilização. Muito, todavia, está sendo feito pelos alemães de Petrópolis. O sacerdote, como o pastor da igreja e o superintendente das escolas, toma um profundo interesse na prosperidade espiritual e intelectual de seus compatriotas.

Não é possível obter-se uma vista inteira da cidade de Petrópolis de uma só vez, porque está espalhada em vários vales entre os morros. Caem mais chuvas aqui do que no Rio, e os tenues regatos tornam-se torrentes tumultuosas, e tropas de mula têm que caminhar milhas de lama. Esta umidade conserva o ar frio e refresca as flores que se ajuntam em redor das vivendas caiadas de branco que resplandecem em seu fundo verde escuro. A vista que aqui publicamos foi tomado no vale Suíço, onde, ouvindo-se os acentos alemães dos aldeões, a imaginação podia levar-nos a acreditar que estavamos na Europa, não fosse a agitação das palmeiras e o sussurro das bananeiras a lembrar que nos achamos sob um sol tropical.

Petrópolis vai anualmente crescendo de importância. Seu clima saudavel e aprazivel torna-la-á um grande e ele-

gante ponto de reunião para os habitantes da Capital do Império, e talvez não estará longe o dia em que se torne a segunda cidade da província. Fica na entrada da fértil província de Minas Gerais, e, si se pensasse num projeto de construir uma via férrea para galgar a montanha, seu crescimento seria ainda mais rápido. Si o Barão de Mauá visittasse os Estados Unidos e examinasse as estradas de ferro da Pennsylvania, ou a Estrada de Ferro de Baltimore e Ohio, êle se animaria em prosseguir nos seus projetos. O Professor Agassiz considera os triunfos da engenharia dessa estrada de ferro como de primeira ordem no mundo. A estrada abaixo de Presidente Ottoni ainda está sendo prolongada para o interior. A estrada particular União e Industria é única na América do Sul. Começa em Petrópolis, e estende-se até Juiz de Fóra em Minas Gerais, e é atravessada por diligências e caminhos de frete. Os Srs. Lage (*65) e João Baptista Fonseca são os diretores chefes da estrada União e Industria (41).

(41) Nota de 1866 — Depois que este capítulo foi escrito, algumas das mais importantes medidas para o desenvolvimento dos recursos do Brasil foram realizadas, com enorme gasto, mas que dia por dia estão mostrando seus resultados. Durante o gabinete do falecido Marquês do Paraná, o Sr. Pedreira do Couto Ferraz, Ministro do Império, contratou a construção da Estrada de Ferro Pedro II; a grande estrada macadamizada chamada União e Industria; e a Estrada de Ferro Santa Galo, presentemente com vinte e cinco milhas de extensão. O primeiro trecho da Estrada de Ferro Pedro II foi aberto em 1857. O contrato passou então de mãos inglesas para americanas, os Srs. Roberts, Harvey e Harrah. O Major Ellison, de Massachusetts, foi o engenheiro chefe da estrada. Os trens correm presentemente até Ponto Desengano, no Rio Paraíba. O grande tunel que termina perto de Mendes foi aberto em Dezembro de 1865. A Estrada de Ferro Pedro II passou agora para as mãos do governo brasileiro, e o sr. William Ellison é seu engenheiro chefe. O Sr. Jacob Humbird e o Sr. Carneiro Leão são os principais contratantes.

NOTAS DO TRADUTOR

(* 56) Gardner, ver nota ao Capítulo I.

(* 57) George Heinrich von Langsdorff, alemão de nascimento, esteve pela primeira vez no Brasil em 1803-4, e depois, em 1813; organizou em 1825, com Riedel, Hassé, Florence, Adriano Taunay, Rugendas (desenhista), uma expedição científica ao nosso país. Escreveu "Bemerkungen auf einer Reise un die Welt in den Jahren 1803 bis 1807", Frankfurt S/M, 1822.

(* 58) William John Burchell, 1782-1863, botânico inglês; esteve no Brasil de 1825 a 1830.

(* 59) "Alto da Boa Vista", garganta entre os vales do Paquequer Pequeno (vertente do Paraíba) e do Soberbo (vertente da Guanabara), a poucos quilômetros de distância do Alto de Terezópolis; conservou essa denominação até 1920, mais ou menos, sendo depois substituída pela atual designação de "Alto do Soberbo".

(* 60) Sobre Constançia, ver nota ao Capítulo X. Quanto á excelência, desde então proclamada dos produtos da região, já no "Jornal do Comércio" de diferentes datas do ano de 1855, leem-se repetidos anúncios da "Feira de Terezópolis", a "nova povoação" fluminense, oferecendo variadas frutas européas.

(* 61) O nome dos dois irmãos suíços, encontrados por Fletcher no "Vale Feliz", conserva-se ainda hoje, em Terezópolis, na "Cascata Fischer".

(* 62) Charles Waterton "Wanderings on South America".

(* 63) O Córrego Seco chama-se hoje Rio Palatinato; é afluente do Rio Quitandinha, o qual, por sua vez, se lança no Rio Piabanha, junto ao "Palacio de Cristal", em Petrópolis.

(* 64) A casa de Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, está localizada próximo á junção das atuais avenidas Piabanha e Barão do Rio Branco (mais conhecida por Westphalia) em Petrópolis na confluencia dos rios Piabanha e Quitandinha.

(* 65) Mariano Procópio Ferreira Lage, a quem se deve, entre outros benefícios, a construção da Estrada União e Industria, ligando Petrópolis a Juiz de Fora.

★ *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda. à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, à rua dos Gusmões, 639, em outubro de 1941.*